Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

PROBLEMATIZAR PARA EDUCAR – O PAPEL DA REFLEXÃO NA CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Carla Alexandra Teixeira Carvalho

Orientadores:

Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira

Doutora Ana Maria Paula Marques Gomes

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

Porto,

setembro de 2012

DEDICATÓRIA

À minha irmã, Joana Carvalho, que foi a minha primeira “aluna” e despertou em mim o gosto de ensinar.

RESUMO

O estágio vivenciado, neste ano letivo, proporcionou momentos de intervenção pedagógica, semelhantes à nossa futura atividade profissional, em contexto do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, como docente de dupla habilitação. Toda a intervenção educativa partiu de situações de observação e identificação das necessidades da turma, que se traduziram nas planificações de aulas, concretização e avaliação das mesmas. Com este processo, agimos intencional, crítica e reflexivamente, tentando promover e desenvolver nos alunos, experiências pedagógicas ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras.

A intervenção educativa é um período fundamental no processo de formação profissional, pois, é nela que se experienciam, descobrem e desenvolvem as competências básicas, que nos tornaram aptos para a profissionalização, nomeadamente ao nível do grupo, instituição e comunidade.

O presente relatório reflete esse processo, assim como, toda a teoria que o justificou, contextualizou e consolidou a prática pedagógica. Desta forma, realizou-se um estudo de natureza qualitativa, de carácter intensivo, com recurso a duas amostras – turmas do 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico – com características de investigação ação. Neste processo, a partir da observação e da utilização de diferentes instrumentos de recolha e registo de dados, aliados a momentos de reflexão constante, foi-se construindo um processo de formação e aprendizagem.

Ser profissional com dupla habilitação é uma realidade, recente (Decreto-Lei 43/2007), que implica desafios e adaptações para toda a comunidade educativa. O conceito de continuidade, sequência de aprendizagens, e, articulação entre estas duas valências serão objeto de estudo, sendo comprovados pelas evidências, ao longo deste relatório.

Palavras - chave: 1º e 2º ciclo do Ensino Básico; professor reflexivo; intervenção educativa; prática pedagógica; avaliação; profissional com dupla habilitação

ABSTRACT

The teaching practice experienced, this school year, has provided moments of pedagogic intervention alike our future professional activity, in the context of the first and second cycle of basic education, as a teacher with double qualification. The whole educational intervention has been grounded on the observation and identification of a classes needs, translated into the planification of teaching sessions, as well as carrying out and evaluation of the latter. Throughout this process, we have acted intentionally, critically and reflexively, aiming the promotion and development of active, significant, diversified, integrated and socialising pedagogic experiences in pupils.

The educational intervention is a fundamental period in the professional training process, as basic competences are put into practice and enhanced, which are essential to prepare us as professionals in particular at the level of the group, institution and community.

This report reflects this process, as well as, all theory that has justified and contextualised it and consolidated the pedagogic practice. Thus, an intensive study of a qualitative nature has been carried out based on two samples - classes of the first and second cycle of basic education - with characteristics of action research. Supported by the observation and use of instruments of data collection and analysis, combined with constant reflection, a process of training and learning has been built.

Being a professional of double qualification is a reality, that is new (law 43/2007), which implies challenges and adaptation for all the teaching community. The concept of continuity, sequence of learning, and the articulation between these two, represent the aim of the study, being validated with evidence, throughout this report.

Key words: First and second cycle of basic education; reflexive teacher; educational intervention; pedagogic practice; evaluation, professional with double qualification.

AGRADECIMENTOS

Este é o resultado de um trabalho que representa o culminar de um percurso académico, que envolveu muito esforço e dedicação. Para o concretizar, foi necessário enfrentar e superar desafios que, para os ultrapassar o apoio de pessoas importantes foi imprescindível. Assim, gostaria de deixar aqui os meus agradecimentos a todos aqueles que de forma direta ou indireta, acompanharam esta caminhada, essas pessoas são:

À Doutora Ana Gomes e Doutora Ana Luísa Ferreira, pelas completas disponibilidade e dedicação, ocorridas em todos os momentos de orientação e partilha de saberes, por todo o apoio incondicional nos diferentes momentos de estágio e esclarecimento de todas as hesitações e dúvidas, que tanto me fizeram evoluir.

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti que, durante estes anos, contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal.

Aos professores cooperantes, Maria João Schumacher, Elisabete Alcobia, Olga Costa, Paula Costa e Rui Sampaio, por acreditarem em mim e me fazerem evoluir, através das suas experiências e práticas profissionais.

Às instituições onde o estágio foi realizado, pelo acolhimento e disponibilidade que sempre manifestaram.

À minha família, em especial aos meus pais e irmã que tanto me apoiaram nesta etapa, mesmo estando noutro país.

À Joana Santos e à Inês Guedes, por todos os bons e maus momentos que passamos juntas, tornando este percurso especial e significativo.

Aos meus amigos, que estiveram sempre ao meu lado, fazendo-me sempre animar quando estava menos entusiasmada.

Finalmente, aos alunos do 1.ºB e do 6.ºA, que independentemente das idades lançaram-me uns dos maiores e melhores desafios da minha vida.

A todos, muito obrigada!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO....8
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO....8
I.I O que é educar?....8
I.II Perspetivas Educacionais....13
I.II.I Modelos Pedagógicos....13
I.II.II A conceção construtivista....18
I.II.III Professor reflexivo....20
I.III Normativos Legais do 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico. 22
I.III.I Objetivos Gerais do Ensino Básico....22
I.III.II Estrutura Curricular do Ensino Básico 23
I.II.III Organização curricular do 1.º CEB 23
I.II.IV Organização Curricular do 2.º CEB 24
I.II.V Objetivos específicos do 1.º e 2.º CEB....25
I.III Perfil do professor do 1.º e 2.º CEB – articulação entre os dois ciclos....26
CAPITULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS....28
II.I Tipos de Estudo 28
II.II Amostra....29
II.III Instrumentos e Procedimentos 30
CAPÍTULO III - CONTEXTO ORGANIZACIONAL....33
III.I Caracterização do contexto....33
III.I.I As instituições....33
III.I.II Os grupos....38
III.II Intervenção Educativa....43
III.II.I Observar....44
III.II.II Planear/Planificar....45
III.II.III Agir/Intervir 49
III.II.IV Avaliar....55
III.III Avaliação das Aprendizagens 57
CAPÍTULO IV - REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO....63
CONSIDERAÇÕES FINAIS....68
BIBLIOGRAFIA....70
SITOGRAFIA....72
LEGISLAÇÃO....72

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Processo educativo 10

Figura 2 – Modelo Diretivo (centrado no professor) 15

Figura 3 – Modelo Não-Diretivo (centrado no aluno) 16

Figura 4 – Modelo Interativo (centrado no aluno e no professor) 18

Figura 5 – Uma perspetiva sobre o ensino eficaz 43

Figura 6 – Dimensões a considerar no estudo e na análise de práticas de ensino 62

LISTA DE ABREVIATURAS

Ciclo do Ensino Básico – CEB

Classificação Internacional da Funcionalidade Incapacidade e Saúde (Crianças e Jovens) – CIF-CJ

Direção Regional de Educação Norte – DREN

Ensino Básico – EB

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti – ESEPF

Instituição Privada de Solidariedade Social - IPSS

Lei de Bases do Sistema Educativo – LBSE

Ministério da Educação – ME

Missão e Visão Educativa – MiVE

Movimento da Escola Moderna - MEM

Necessidades Educativas Especiais – NEE

Plano Anual de Atividades – PAA

Plano Curricular de Escola – PCE

Plano Curricular de Turma – PCT

Plano Educativo Individual – PEI

Projeto Educativo – PE

Regulamento Interno – RI

Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I: Organização do sistema educativo

Anexo II: Estrutura Curricular do Ensino Básico

Anexo III: Caracterização da amostra, segundo os PCT e inquérito por questionário

Anexo IV: Organigramas dos Órgãos de Direção e Coordenação das Instituições

Anexo V: Registo Fotográfico das Estruturas Externas e Internas das Instituições

Anexo VI: Exemplos de Registos de Observação

Anexo VII: Inquérito aplicado aos Professores do 1.ºCEB

Anexo VIII: Registo Fotográfico das atividades realizadas para comunidade na Instituição A

Anexo IX: Reflexões

Anexo X: Planificações

Anexo XI: Instrumentos de Avaliação

Anexo XII: Resultados das avaliações de aprendizagem

Anexo XIII: Materiais Utilizados em algumas aulas

Anexo XIV: Atividades da Feira dos Minerais

Anexo XV: Registo fotográfico das atividades relativas à feira dos Minerais

Anexo XVI: Investigação " A utilização das TIC no 1.ºCEB

Anexo XVII: Grelhas de Avaliação

Anexo XVIII: Horários

INTRODUÇÃO

O presente relatório é o produto do processo de intervenção educativa e da reflexão do mesmo, no âmbito da Unidade Curricular, *Prática de Ensino Supervisionada II*, orientada e supervisionada pela Doutora Ana Luísa de Oliveira Ferreira e pela Doutora Ana Maria Paula Marques Gomes, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º e 2.º CEB, pela *Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti*, tal como preconiza o Decreto-Lei 43/2007, de 22 de fevereiro,

> "Na delimitação dos domínios de habilitação para a docência privilegia-se, neste novo sistema, uma maior abrangência de níveis e ciclos de ensino a fim de tornar possível a mobilidade dos docentes entre os mesmos. Esta mobilidade permite o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado, a flexibilização da gestão de recursos humanos afectos ao sistema educativo e da respectiva trajectória profissional. […] promove o alargamento dos domínios de habilitação do docente generalista que passam a incluir a habilitação conjunta […] para os 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico."

Ao longo do trabalho, serão evidenciadas as experiências vivenciadas em estágio, que apresentaram como objetivo o desenvolvimento de diversas competências essenciais à profissionalização, como a comunicação, ética e valores, pensamento critico e relação interpessoais, e outros mais específicos, a saber: caracterizar o estabelecimento de ensino do 1.º e 2.º CEB através da análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão; compreender a escola e a comunidade numa perspetiva sistémica, respondendo eficazmente às necessidades da comunidade; enquadrar-se na dinâmica da escola, tentando encontrar, dialogicamente, respostas múltiplas para os problemas sentidos pelas comunidades interna e externa; analisar a Intervenção Educativa com base num processo dialético teoria/prática, mediado pela investigação; aplicar de forma integrada os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa; planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa; dominar os métodos e técnicas relacionadas e adequadas ao processo de ensino/aprendizagem; recorrer a metodologias de investigação em educação para compreender e analisar práticas educativas; reconhecer a necessidade da continuidade pedagógica entre o 1.º e 2.º CEB; comparar o contexto do 1.º CEB e o contexto do 2.ºCEB, refletindo sobre as semelhanças e diferenças de uma intervenção educativa adequada.

Para a elaboração deste relatório, foi realizado um estágio dividido em dois períodos, o primeiro com a duração três meses (desde outubro de 2011 até janeiro de 2012), numa instituição de ensino particular de cariz religioso, na valência de 1.ºCEB, e o segundo com a duração de quatro meses (desde fevereiro de 2012, até junho de 2012), numa Instituição Privada de Solidariedade Social, na valência de 2.ºCEB, ambas situadas no distrito do Porto. Nestes meses, foram recolhidos dados através da observação e identificação das necessidades dos grupos, para posteriormente, planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa, de forma intencional, ou seja, envolvendo, constantemente e continuadamente, a problematização e reflexão, por parte dos estagiários, por isso a justificação da escolha do título para este trabalho. Para a compreensão dos contextos, foram analisados os documentos da instituição: Projeto Educativo, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades e Projeto Curricular de Turma. Relativamente à observação e avaliação, foram utilizados os seguintes instrumentos: grelhas de observação, notas de campo, registos diários, reflexões e conversas informais com os professores.

A grande finalidade da prática pedagógica visa evidenciar as competências profissionais adquiridas ao longo da formação da prática de ensino supervisionada, elaborando um relatório estruturado em função dos seguintes tópicos: O capítulo I, *Enquadramento Teórico,* pretende clarificar algumas noções que estão implícitas e sustentam toda a intervenção educativa, e, que contribuíram para a construção da profissionalização; no capítulo II, *Procedimentos Metodológicos*, serão salientados os tipos de estudo, a amostra, as técnicas e os instrumentos e procedimentos de investigação que se utilizaram ao longo do estágio, de forma a adequar a prática aos grupos em questão; no capítulo III, *Contexto Organizacional*, será feita uma análise comparativa entre os dois contextos educativos, incidindo sobre a caracterização das instituições e dos grupos, de seguida, serão apresentadas noções que estão relacionadas com a intervenção educativa, como a preparação, planificação, intervenção e avaliação, e, por último a referencia à avaliação de aprendizagens, mais especificamente sobre os tipos, estratégias e instrumentos de avaliação utilizados; por fim, no capítulo IV, *Reflexão sobre a Construção da Profissionalização*, será elaborada uma reflexão crítica sobre todo o processo vivenciado em estágio, nas duas valências, articulando a teoria com a prática, mencionando os contributos para o desenvolvimento pessoal e profissional, tendo sempre por base a prática reflexiva, ou seja, o exercício da reflexão, antes, durante e após a ação, para a regulação da atividade docente.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

> "A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas. […] É preciso investir positivamente os saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceptual." (Nóvoa, 1992:27)

Sabendo que o presente relatório reporta as evidências da prática pedagógica, ocorridas no âmbito de estágio, este capítulo apresenta os suportes teóricos, que justificam a mesma. Embora, ao longo da nossa intervenção, tenhamos recorrido a várias referências bibliográficas, aqui só serão citados aqueles que predominaram e contribuíram para a construção das competências desenvolvidas neste estágio, e, para a elaboração deste relatório. De facto, já o decreto-lei 43/2007 de 22 de fevereiro valoriza a prática de ensino supervisionada, indicando que é

> " […] o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade".

Desta forma, será iniciado o capítulo tentando dar resposta a uma questão que impõe uma certa complexidade, devido à grande dificuldade que se encontra em definir o conceito educação e as ações que estão implícitas no ato de educar (ensino, aprendizagem, papel do professor, entre outros), tentando, deste modo, clarificar, muito brevemente, alguns conceitos fundamentais.

I.I O que é educar?

A implementação desta questão surge, da necessidade de delinear certos conceitos, que norteiam a nossa prática e, que durante o percurso formativo fomos

confrontados, habitualmente, com a mesma. Ainda mesmo antes de proceder à resposta, evidenciamos um pequeno facto, que surge como resultado de uma simples observação, fruto de um interesse pessoal pela temática relacionada com a formação de professores, que foi realizada ao longo destes anos, mas que consideramos pertinente para a compreensão deste conceito. Assim, se retrocedermos um pouco no tempo, quando nos questionavam, principalmente logo nos primeiros anos da Licenciatura, a razão pela qual efetuámos a escolha deste curso, obtínhamos as seguintes respostas: pelo gosto de crianças (resposta dada pela maioria dos alunos) e pelo gosto de ensinar. Porém, ao longo dos anos letivos, a resposta foi sendo alterada, devido à frequência das unidades curriculares e respetiva carga teórica, que nos levou a compreender que, embora para exercer esta profissão, obviamente, se tenha que gostar de crianças, o ato de educar é muito mais complexo, do que se possa pensar. Agora num patamar mais avançado, quando pensamos nestes conceitos, não só surgem questões como apresentamos inicialmente "o que é educar?" mas também "O que é a educação? O que queremos com a educação? Para que queremos educar? O que queremos ensinar?" em suma: é necessária uma atividade intencional por parte do professor.

Neste sentido, convém explicar as diferenças entre alguns termos, pois, apesar de apresentarem significados diferentes, por vezes são utilizados incorretamente. Raramente se emprega a palavra educação sem lhe limitar imediatamente o sentido, ou seja, quando a utilizamos remetemos inconscientemente para a palavra Escola, porém, a educação faz-se inicialmente na família e posteriormente em todos os meios que a criança experiencia. Tal como Cabanas (2002:52) defende, o conceito de educação "é como um poliedro de muitas faces". Desta forma, A. Lalande defende que a educação é um "processo que consiste numa ou várias funções que se desenvolvem gradualmente pelo exercício e se aperfeiçoam. Educar é também o resultado desse processo" (Cabanas, 2002:57), já John Dewey salienta que é "uma constante reorganização ou reconstrução da experiência" (Cabanas, 2002:57), Ramiro Marques define como "o processo de desenvolvimento e realização do potencial intelectual, físico, espiritual, estético e afetivo existente em cada criança. Também designa o processo de transmissão da herança cultural às novas gerações". (Marques, 2000:54) por fim, a Liga Internacional da Educação Nova conclui que "a educação consiste em favorecer um desenvolvimento tão completo quanto possível das aptidões de cada pessoa, quer enquanto indivíduo, quer como membro de uma sociedade regida pela solidariedade. A educação é inseparável da evolução social, constituindo uma das

forças que a determinam" (Cabanas, 2002: 57). Com estas, possíveis, definições conseguimos compreender a ambiguidade deste termo. Porém, todas consideram educação como uma "acção de educar", ato consciente, que permite o desenvolvimento de aptidões humanas, que potencializam o maior nível de perfeição pessoal.

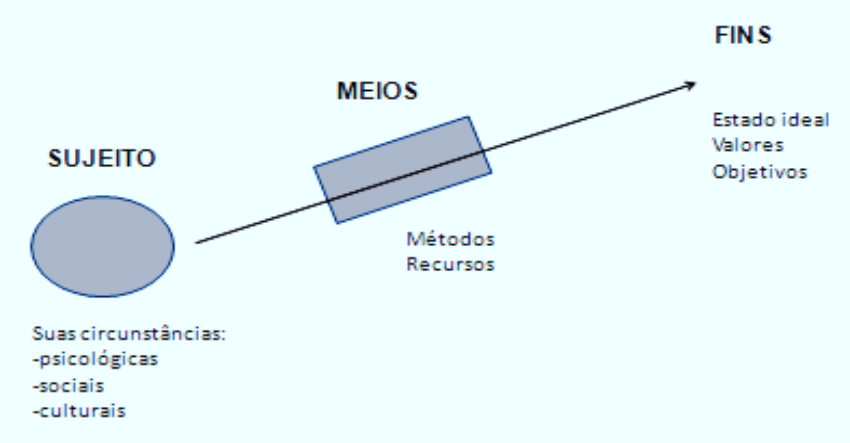


Figura 1 – Processo educativo – *in* Cabanas (2002)

Concluindo, tal como a gráfico (Figura 1) demonstra, a educação é como um processo, ou um conjunto de atos educativos (encadeados), de aperfeiçoamento (movimento ascendente, indicado pelo vetor) em que, um sujeito ascende a níveis superiores na sua existência. O fator principal do processo é a meta para onde aponta o ato, ou seja, as finalidades educativas que, correspondem ao estado pretendido e idealizado, nos quais se estabelecem alguns objetivos da educação. Para tal, é necessário ter o conhecimento exato do sujeito e das suas potencialidades, para que, se possa esboçar os meios para alcançar os fins. Desta forma, sempre que pensarmos no que é educar, não nos podemos esquecer deste esquema e das relações existentes entre os mesmos: sujeito, meios e fins.

Em Portugal, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, existem três tipos de educação (Anexo I) a saber: Educação pré-escolar (dos 3 aos 6 anos), a educação escolar (dos 6 anos até ao final do Ensino Superior) e a educação extraescolar (ensino realizado fora do contexto formal da educação). Dentro da educação escolar existem vários níveis (graduais) tais como: educação básica (primeiros 9 anos de escolaridade), educação secundária (10.º,11.º e 12.ºano de escolaridade) e o ensino superior (com os graus de bacharel, licenciado, mestre e doutor).

Até agora, falamos do conceito de educação, acabando por definir o que é educar. Mas, tendo em conta que o mestrado realizado é em ensino do 1.º e 2.º CEB, o que se pretende quando falamos em ensinar? Não será, portanto, o mesmo que educar?

Segundo, Ramiro Marques (2000), o ensino consiste no "processo pelo qual o professor transmite ao aluno o legado cultural em qualquer ramo do saber […] anda associado à transmissão de saber já construído" (Marques, 2000:58). De acordo com as pedagogias construtivistas, o ato de ensinar deve subordinar-se à aprendizagem e esta ao desenvolvimento. O professor adquire novos papéis, como facilitador de aprendizagens, dinamizador de situações problemáticas e orientador de projetos.

Fala-se assim, em modelos de ensino, ou seja, no conjunto coerente e articulado de teorias, métodos e técnicas de ensino que partem de correntes filosóficas e pedagógicas comuns visando dar resposta: como o aluno aprende, como aprendem segundo uma determinada metodologia e, para que aprendem, em suma, que criança queremos educar. Os modelos devem apresentar uma coerência lógica entre as finalidades educativas as metodologias, as técnicas e os instrumentos de avaliação. Desta forma, serão descritos os dois grandes modelos e métodos de ensino que ocorreram ao longo da histórica da educação, considerados por diversos autores como a "antítese perfeita" (Rocha, 1988:209):

-A *escola tradicional*, em que o ensino se encontra centrado no professor e nos programas de ensino, é caracterizada por não valorizar as necessidades individuais da criança, por fazer uso do método expositivo e uma avaliação seletiva. Segundo este paradigma, a mente humana assemelha-se a "uma tábua onde nada há e onde o escritor pode escrever e o pintor pintar aquilo que quer, desde que, saiba da sua arte" (Coménio, 1976: 107) O professor ensina de forma diretiva e os alunos aprendem de forma passiva. O ensino privilegia a transmissão de conhecimentos e a aprendizagem por receção. As principais características do ensino são a memorização, repetição e a realização de exercícios, a escola é desta forma, uma "verdadeira oficina de homens" (Coménio, 1976: 155). Porém, este ensino não deve ser tomado por um ensino de baixa qualidade, embora, " tenda a desvalorizar o desenvolvimento emocional da criança e manifeste pouca preocupação pelas competências de pesquisa e de resolução de problemas […] pode ser útil na transmissão de informação e de conhecimentos básicos" (Marques, 2000:59). Os principais defensores deste método são J.A.Coménio e J.Herbart.

-Com o desenvolvimento das teorias maturacionista e cognitivista da aprendizagem, surge, na primeira metade do século XX, o *método ativo*, defendido por pedagogos como Montessori, Dewey, Decroly e Freinet. Distinguem-se dos métodos tradicionais pelo

> "facto de aqueles se centrarem nos interesses dos alunos, tendo em vista o desenvolvimento do seu potencial, a formação livre da sua personalidade e o desenvolvimento de competências metacognitivas e de descoberta do saber […] caracterizam-se uma maior individualização das tarefas de aprendizagem, valorização do trabalho em pequenos grupos, papel facilitador e orientador do professor e respeito pelos ritmos de cada aluno" (Marques, 2000:94).

O modelo da escola nova surgiu na primeira metade do século XX, caracterizado pelas mudanças educacionais cujo centro se desloca do professor e dos programas de ensino, para o aluno e as suas necessidades e interesses (segundo Declory, centros de interesse, ou seja, agrupar à volta da criança temas que interessam à mesma). A criança passa a adquirir identidade, ou seja, "um ser com vida e interesses próprios e a defesa da ligação da escola à vida e ao meio" (Marques, 2000:116). De acordo com Dewey, "a educação há-de dar à criança, o domínio de si mesma, a independência, a possibilidade de se adaptar às modificações do meio – mas também a de criar e utilizar as modificações necessárias" (Rocha, 1988: 63), desta forma, existe o respeito pela personalidade da criança, sendo o ensino adequado ao ritmo e ao estádio do desenvolvimento da mesma. Em suma:

> "Cada criança possui certo número de potencialidades que devem germinar na sociedade e para benefício dela: [O problema da educação consiste em descobrir esse capital e em o utilizar de maneira a criar modos de acção definidos, hábitos morais. Para tanto, o educador deverá fornecer as condições que, simultaneamente, estimulem e controlem estas tendências e impulsos] " (Rocha, 1988:63).

Neste sentido, a Educação Nova prepara a criança, para ser um futuro cidadão cumpridor dos seus deveres para o seu próximo, a nação e a Humanidade, sendo igualmente consciente da sua dignidade enquanto homem.

Após termos vincado estes contrastes, compreendemos que ao longo dos tempos, as teorias da educação foram alvo de alterações, fruto de uma evolução compreensível devido às diversas práticas exercidas e pela própria conceção de criança, tal como Dewey afirma " o ponto essencial não é Educação Nova contra a Educação Antiga, Educação Progressiva oposta a Educação Tradicional, mas sim o apoio a tudo aquilo que, sob qualquer forma que seja, é digno do nome de Educação. O problema diz respeito à educação sem mais" (Rocha, 1988:209).

Nas descrições anteriores foi mencionado o conceito de aprendizagem, que aparece como parte integrante do ensino. Surge, desta forma, assim a questão: o que é aprender?

> "Aprender significa que qualquer individuo estabelece relações epistemológicas diferenciadas com o saber, as quais deverão ser compreendidas, no entanto, em função das relações sociais e identitárias que aquela mesma relação supõe e suscita […] aprender é tornar-se capaz de regular essa relação e encontrar a distância conveniente entre si e os outros, entre si e si mesmo; e isso, em situação" (Trindade, 2002: 16-17).

No âmbito do ensino, Charlot (citado por Trindade, 2002) nomeia três finalidades do ato de aprendizagem: a da constituição de um universo de saberes – objeto, a da necessidade de saber agir perante situações concretas e, a da necessidade regular relações de natureza interpessoal em que se encontra envolvido. Assim, qualquer tipo de aprendizagem subentende que os alunos se encontrem motivados em atividades que estimulem a sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Existem vários tipos de aprendizagem, no entanto, para este relatório destacaram-se os seguintes: *Aprendizagem por descoberta*, quando um aluno descobre, com algum grau de autonomia os conhecimentos, sendo um agente ativo na construção de conhecimento, ou seja, aprende a aprender, este tipo de aprendizagem está relacionado com a pedagogia interativa, que será abordada posteriormente (ver ponto I.II.I); *Aprendizagem por receção,* quando o aluno recebe o conhecimento já preparados para serem assimilados, ou seja, o ensino está centrado no professor que através de uma planificação faz passar ao aluno o conhecimento que faz parte do programa de ensino, este tipo de aprendizagem está associada à pedagogia diretiva, abordada posteriormente (ver ponto I.II.I).

I.II Perspetivas Educacionais

I.II.I – Modelos Pedagógicos

Entende-se por pedagogia, a ciência da educação das crianças e a arte e a técnica de ensinar, ou seja, é a reflexão sobre as teorias, os modelos, os métodos e as técnicas de ensino para lhes apreciar o valor e lhes procurar a eficácia. Destina-se a melhorar os procedimentos e os meios com vista à obtenção dos fins educacionais.

Existem três modelos pedagógicos - modelo diretivo, modelo interativo e o modelo não diretivo - que permitem, ao professor, refletir e modelizar as sua prática pedagógica, de forma a atribuir-lhe mais sentido e tendo por base um referencial de atuação, que oriente a intervenção, principalmente nos primeiros anos de trabalho.

O modelo diretivo "privilegia a abordagem de competências e conhecimentos básicos através de aulas altamente estruturadas e basicamente orientadas para metas e objetivos definidos com rigor […] requer ambientes de aprendizagem altamente estruturados pelo professor de uma planificação e de uma avaliação muito rigorosas" (Marques, 2000:105).

Segundo Gouveia, *et al.* (2007), este modelo caracteriza-se pela palavra "impor", e por conseguinte poderá ser denominada por "Pedagogia do Modelo e do desvio em relação ao modelo" (Gouveia, *et al*., 2007: 10) devido ao facto, do saber estar concentrado do lado do professor (Figura 2). Defendido por J.A.Comério e J.Herbart, este modelo, dita "imposição", não se destina apenas à transmissão de conhecimentos mas também, ao modo como se organizam, preparam, sistematizam e avaliam os atos educativos. Becker (2008: 45) descreve o ambiente de uma sala de aula em que "O professor fala, e o aluno escuta. O professor dita, e o aluno copia. O professor decide o que fazer, e o aluno executa. O professor ensina, e o aluno aprende". As bases teóricas são fundamentais neste modelo, que posteriormente, o professor irá adequar à sua realidade, pois "acredita que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno" (Becker, 2008:45).

Tendo em conta as dimensões do saber, privilegia-se o saber (teórico) em relação ao saber – fazer (prático). Os alunos, como não são possuidores de informações objetivas e científicas, não são considerados peças fundamentais do processo educativo, ou seja, o aluno é caracterizado como "tabula rasa não somente quando ele nasceu como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado em sua grade curricular, ou nas gavetas de sua disciplina" (Becker,2008:46). Neste sentido, as metodologias pedagógicas utilizadas, serão condicionadas e toda a motivação é extrínseca (de fora para dentro). A principal preocupação, do professor, é provocar e manter a atenção dos alunos, minimizando e controlando todas as possibilidades de distração, ou seja, utiliza meios que preconizem a atenção, como são os casos do método expositivo, demostrativo e interrogativo, onde consiga transferir o seu conhecimento que, posteriormente, será avaliado, de forma

quantitativa, medindo o desvio entre o que o professor propõe e o que o aluno desenvolve, durante o seu percurso.

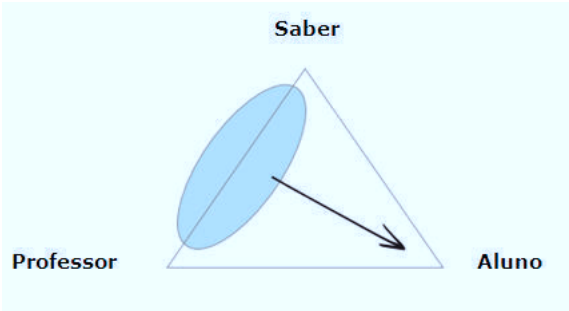


Figura 2 – Modelo Diretivo (centrado no professor) – *in* Gouveia, *et al*. (2007)

- *Modelo não diretivo*, privilegia a aprendizagem em relação ao ensino, ou seja, valoriza o processo em vez do produto, as competências e não os conteúdos, tendo o professor, o papel de facilitador da aprendizagem. A palavra-chave deste modelo é "educando-se" (Gouveia, *et al*., 2007:13). Os impulsionadores desta pedagogia são Carl Rogers e Abram Maslow, defendem que o processo educativo deve centrar-se no desenvolvimento da pessoa e nos seus resultados de aprendizagem. O professor assume um papel de orientador de crescimento pessoal, em oposição de transmissor de conhecimento. É, igualmente, um facilitador de relações interpessoais (Figura 3). Afirmam que, a aprendizagem verdadeira e duradoura é aquela que:

> "o aluno faz por si próprio, com autonomia e um elevado nível de independência; o ambiente deve ser tão livre quanto possível e ausente de controlos exteriores que condicionam e oprimem a mente humana […] ninguém ensina ninguém. O importante não é o ensino, mas sim a aprendizagem […] O papel do professor não é provocar mudanças comportamentais, mas sim ajudar o aluno a conhecer as suas necessidades e a autodirigir a sua educação em direção do seu potencial humano […] a tarefa do professor […] construção de um ambiente empático, onde haja comunicação livre e onde todos possam comunicar com autenticidade e sem medos e sem pressões" (Marques, 2000:132).

Este modelo segue o regime *laissez-faire*, ou seja, "deixa fazer", neste sentido, o professor acredita que "o aluno aprende por si mesmo […] ensinar prejudica o aluno […] ninguém pode ensinar ninguém, pode tentar transmitir, pode tentar mostrar […] acho que a pessoa aprende praticamente por si" (Becker, 2008:48), ou seja, o aluno é o gestor do seu processo de aprendizagem, (em Portugal verifica-se este tipo de pedagogia nas escolas do Movimento da Escola Moderna – MEM).

Já Gouveia, *et al.* (2007:16), reforça que o aluno é um "sujeito activo e não um objecto de formação". O essencial é a utilização de "atitudes de compreensão" (Gouveia, *et al.*,2007:16), isto é, o desenvolvimento do aluno implica que se aceite a opinião do mesmo, não a rejeitando, para tal, é necessário que o professor se aceite a si próprio: "A pedagogia não directiva baseia-se nisto mesmo - a personalidade do outro encerra, ainda que de forma latente, uma capacidade de auto-organização, sendo o papel do formador o de a fazer emergir e desenvolver." (Gouveia, *et al.*,2007:16).

As dimensões do saber valorizadas, são o "saber-ser, saber tornar-se, saber viver, saber dizer, saber compreender, saber comunicar, saber fazer, saber-adquir, saber mudar, saber informar-se" (Gouveia, *et al.*,2007:13). Nestas práticas, existem poucas tarefas, são menos precisas que, por sua vez, exigem poucos objetivos, pois tudo se constrói de acordo com o aluno, ou seja, a motivação é intrínseca.

O método expositivo, interrogativo e o demonstrativo, não se adequam à prática não-diretiva, logo, as metodologias utilizadas são as ditas ativas, principalmente aquelas que valorizam o processo de aprendizagem, desta forma, os alunos serão, evidentemente avaliados de forma qualitativa e formativa, pois as dimensões valorizadas não são possíveis de avaliar quantitativamente.

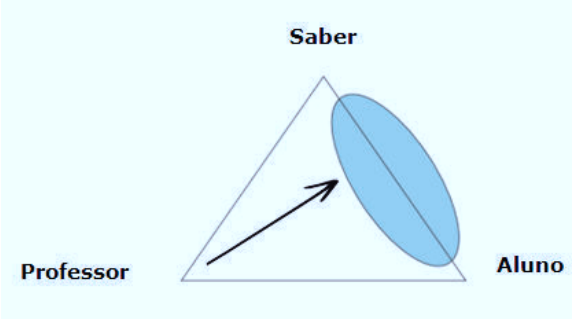


Figura 3 – Modelo Não-Diretivo (centrado no aluno) – *in* Gouveia, *et al.* (2007)

- *Modelo interativo* é inspirado em teorias cognitivo-desenvolvimentistas de aprendizagem, privilegiam a aprendizagem por descoberta autónoma e orientada. Os impulsionadores são Piaget e Kohlberg, também pode ser designado por modelo construtivista:

> "O professor assume o papel de facilitador e de dinamizador de situações de aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem realiza-se através do envolvimento dos alunos em projetos nos quais há oportunidade para a construção do conhecimento […] privilegiam o desenvolvimento de relações

> sociais na sala de aula, quer como objetivo quer como metodologia e estão quase sempre relacionados com modelos ideais de sociedade" (Marques, 2000:122).

O professor que opta por esta modalidade acredita, no ensino que valorize tudo o que o aluno já construiu até ao momento, para em modo assimilação e acomodação, construa um novo conhecimento (rutura do senso comum, segundo Bachelard), ou seja, descobre por construção, daí a designação de construtivismo. Desta forma, tal como Becker (2008: 50) explica, o professor e o aluno constroem novos conceitos mutuamente (Figura 4), assim sendo, o professor, com o seu saber já construído (formalizado), age de acordo com um modelo relacional onde concebe o aluno como possuidor de conhecimentos, tanto cognitivos como sociais, (ao contrário da conceção da *tábua rasa*), ajudando-o a encontrar uma nova aprendizagem significativa, ou seja, a aprendizagem é construída ao longo da vida, nunca tendo um fim.

Este tipo de sala de aula, "não reproduz o passado pelo passado, mas debruça-se sobre o passado porque aí se encontra o embrião do futuro" (Becker, 2008:53), valorizando a dimensão (do saber) saber agir nos contextos específicos de aprendizagem, atribuindo "importância às preocupações e aos problemas das pessoas, utilizando-os como base de trabalho" (Gouveia, *et al*.,2007:19). Assim sendo, o saber deverá ser mobilizado em situações específicas em resposta a um problema concreto, de forma criativa, eficaz e integra, exigindo constantemente uma reflexão teoria-prática e/ou pensamento-ação.

Quanto aos métodos, utilizados na sala de aula, segundo Gouveia, *et al. (2007*), afirma que não existe nenhum totalmente especifico para esta modalidade pedagógica. A única exigência é "assegurar que ocorra o trabalho de desestruturação-reestruturação do conhecimento do real, a partir de um referencial teórico e científico disponibilizado pelo formador, a formação deve centrar a acção nas situações do quotidiano social e profissional dos indivíduos em formação" (Gouveia, *et al*.,2007:21), logo, trabalhos de grupo, estudos de problemas, mapas conceptuais e a metodologia de trabalho de projeto são boas opções para o desenvolvimento de trabalho colaborativo. Como resposta às competências preconizadas por este modelo, a avaliação da aprendizagem deve ser diversificada e rica, utilizando diversos instrumentos e modalidades avaliativas.

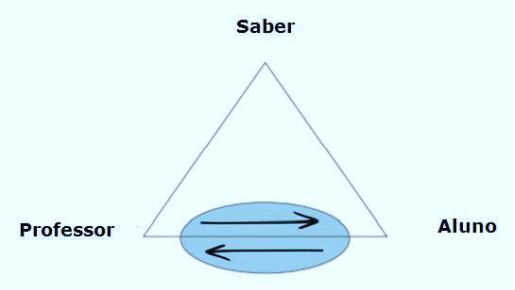


Figura 4 – Modelo Interativo (centrado no aluno e no professor) – *in* Gouveia, *et al.* (2007)

Refere-se, desta forma, que não existe uma prática com uma pedagogia pura. O importante é encontrar as vantagens de cada uma das modalidades e praticar uma boa intervenção pedagógica. Os professores deverão, assim, conciliar os interesses e saberes prévios dos alunos, planificar de forma flexível a sua prática, tendo em conta as necessidades dos alunos, para que aprendam significativamente. De acordo com Nóvoa, "é preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico" (Nóvoa, 1992: 28). Assim, no decorrer da aprendizagem os alunos deverão experimentar aprendizagens transmitidas e orientadas pelos professores e noutros casos desenvolvidas pelos próprios alunos.

I.II.II – A conceção construtivista

Após termos feito referência sobre os modelos pedagógicos, consideramos que a conceção construtivista (incluída no modelo interativo ou relacional) é a que mais se adapta às exigências do século XXI, pois, tal como demonstraremos ao longo deste trabalho, a tarefa de ensinar não é fácil. Desta forma, os professores não têm que se restringir apenas aos aspetos relacionados com os problemas de sala de aula, mas também à gestão e às relações humanas no ambiente da escola. Neste sentido, é preciso saber estar numa escola logo, acreditamos que esta visão seja a mais ajustada no que toca ao processo de ensino aprendizagem.

Solé e Coll (2001) defendem que a conceção construtivista oferece um conjunto de princípios articulados que permitem diagnosticar, formar juízos e decidir de forma fundamentada acerca dos processos de ensino. Assim, será uma peça fundamental para os processos de planificação, desenvolvimento e avaliação do ato educativo. A teoria e a prática (ação) devem estar em constante articulação de forma interativa e dialética, de modo a encontrar uma solução para o problema. Porém, as

teorias não determinam a ação, funcionam antes como guias, pois há sempre que contar com os imprevistos e dificuldades que aparecem constantemente, logo a responsabilidade da ação é determinada pelo professor, exclusivamente. Em suma, "precisamos de teorias que nos sirvam de referentes para contextualizar e tornar prioritárias metas e finalidades; para planificar a actuação, para analisar o seu desenvolvimento e para ir modificando em função dos acontecimentos, e para tomar decisões acerca da adequação de tudo isto" (Solé e Coll, 2001: 11), contudo temos consciência que ensinar não é uma atividade estática, e, que um plano de aula raramente é fechado. Como tal, necessitamos de instrumentos de análise e reflexão (ver capítulo II) sobre a prática, sobre o que se aprende e como se ensina, assim como, as pistas futuras para próximas intervenções (ver capítulo III).

Passando agora ao ato de aprendizagem, propriamente dita, considera-se que este processo

> "não é entendido como o relato ou transmissão de verdades estabelecidas aos alunos, mas sim como proporcionando-lhes experiências relevantes e oportunidades de diálogo, de modo a que a construção de significados possa emergir. […] não se entendem os currículos escolares como documentos contendo informações importantes mas sim como um conjunto de acontecimentos e actividades de aprendizagem através dos quais alunos e professores […] elaboram conjuntamente conteúdo e significados" (Arends, 1995:4-5)

Este processo exige uma permanente formação pessoal, que vai sendo construída ao longo da carreira, sendo esperado que o professor tome decisões inteligentes e proporcione atividades significativas de modo a proporcionar uma educação de qualidade, ou seja, onde seja possível "planificar, proporcionar e avaliar o currículo óptimo para cada aluno, no contexto de uma diversidade de alunos que aprendam" (Solé e Coll, 2001: 14) e também as decisões que se referem a aspetos mais gerais como as opções curriculares e organizativas.

Esta conceção construtivista é aconselhada no Decreto-lei nº. 240/2001 de 30 de agosto, relativo aos perfis gerais de competência, sendo mencionado, no capítulo III, relativo à dimensão de desenvolvimento do ensino da aprendizagem, onde o professor

> " […] promove aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam.[…] a) Promove aprendizagens significativas no âmbito dos objectivos do projecto curricular de turma, desenvolvendo as competências essenciais e estruturantes que o integram; b) Utiliza, de forma integrada, saberes próprios da sua especialidade e saberes transversais e multidisciplinares adequados ao respectivo nível e ciclo de ensino;

> c) Organiza o ensino e promove, individualmente ou em equipa, as aprendizagens no quadro dos paradigmas epistemológicos das áreas do conhecimento e de opções pedagógicas e didácticas fundamentadas, recorrendo à actividade experimental sempre que esta se revele pertinente; […] f) Promove a aprendizagem sistemática dos processos de trabalho intelectual e das formas de o organizar e comunicar, bem como o envolvimento activo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo; g) Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, conducentes ao sucesso e realização de cada aluno no quadro sócio-cultural da diversidade das sociedades e da heterogeneidade dos sujeitos, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos; […] j) Utiliza a avaliação, nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação."

Para finalizar, esta pequena abordagem, salientamos o conceito de aprendizagem significativa, acima mencionado, visto ser um termo defendido nesta perspetiva, sendo diversas vezes mencionados nos normativos que orientam a prática docente. Solé e Coll (2001) referem que aprender significativamente é

> "construir um significado próprio e pessoal para um objecto de conhecimento que existe objectivamente […] que leve […] à integração, modificação e estabelecimento de relações e coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, dotados de determinada estrutura e organização que varia, em vínculos e relações, em cada aprendizagem realizada" (Solé e Coll, 2001: 19).

O professor na sua planificação, deve ter em conta que os alunos já trazem consigo conhecimentos, porém há que torná-los explícitos, no ato de ensino, para que possa avaliá-los. Este processo nunca está terminado, pois, é sempre necessário aperfeiçoar o conhecimento. O essencial é que, o que foi aprendido fique armazenado de forma significativa e que seja aplicado no seu quotidiano, ou seja, seja utilizado de forma funcional e útil.

I.II.III Professor reflexivo

Em seguimento dos assuntos abordados, anteriormente, faz todo o sentido realizarmos um pequeno apontamento acerca dos desafios colocados ao profissional reflexivo, visto esta abordagem ser defendida ao longo de todo este trabalho. Ao relembrarmo-nos dos pontos que mencionamos anteriormente, compreendemos que a conceção construtivista é a mais apropriada à realidade dos nossos dias, logo a atitude reflexiva/investigadora também é a considerada como a mais adequada, pois, tal como é reportado na Comissão Internacional da Educação, é um desafio para a Educação do século XXI

> " a necessidade de os sistemas educativos […] se ocupem agora da equidade da educação, oferecendo experiências de aprendizagens adaptadas às necessidades dos alunos que apresentam aptidões muito variadas […] elaboração de programas de ensino mais ricos, de acordo com os talentos e necessidades diversas de todos os alunos, de modo a que todos realizem as suas possibilidades e que os talentos excecionais possam ser mantidos e cultivados". (Fernandes, 2011: 31)

De facto, atualmente a "concepção actual de currículo e de gestão curricular reclamam que o professor seja não um mero executor de currículos previamente definidos ao milímetro, mas um decisor, um gestor em situação real e um intérprete crítico de orientações globais" (Alarcão, 2001:15).

Este conceito apresenta como defensores, Stenhouse, Dewey, Schön, Katz e a nível nacional Nóvoa, Roldão e Alarcão. Embora cada um apresente os seus ideais, que serão abordadas em capítulos seguintes, todos consideram, que o professor ao ter esta responsabilidade está preocupado com a qualidade do ensino. Desta forma, e, através da investigação-ação, em que o docente observa, investiga, aplica, avalia e reflete, compreende a realidade que o envolve, encontrando os modelos, os métodos e os processos de aprendizagem que mais se adequam à sua aula, pois, tal como Stenhouse (1975) defende: a sala de aula é "um laboratório e cada professor um membro da comunidade científica" (Stenhouse citado por Alarcão, 2001:17), em suma, o professor investiga o seu ensino.

A clarificação deste conceito apareceu na década de 80, devido a Donald Schön, que em linhas gerais defendeu que o saber dos professores é "um campo de saber e de acção de extrema complexidade" (Roldão, 1999:105), frisando a importância da reflexão sobre e na ação como princípio de um saber em constante construção e reconstrução, tornando desta forma o professor um profissional competente, ou seja, " capaz de agir, de analisar e avaliar a sua acção e de modificar fundamentalmente a sua ação em desenvolvimento, desembocando na produção constante de um saber reflexivo e renovado" (Roldão, 1999: 105).

Porém, embora esta atitude esteja presente nos planos de formação de professores, por vezes, não é utilizada com o seu verdadeiro sentido, pois tal como será evidenciado ao longo deste trabalho, a prática reflexiva exige bastante de um professor, tendo este que lidar com conflitos, confusões e incertezas, denominados por emoções cognitivas, pois " é impossível aprender sem ficar confuso […] Só se pode ter uma nova prespectiva sobre alguma coisa após nos termos afastado dela". (Schön, 1992: 85).

Em suma, tal como defende Schön, um professor reflexivo "tem a tarefa de encorajar e reconhecer, e mesmo dar valor à confusão dos alunos, mas também faz das suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão" (Schön, 1992: 85), em que o essencial é nunca pensar em algo como certo, definindo e terminado pois "o grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única." (Schön, 1992: 85)

I.III Normativos Legais do 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico.

I.III.I Objetivos Gerais do Ensino Básico

Os objetivos do Ensino Básico vêm prescritos na LBSE (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, alterada pela Lei nº 49/2005, de 30 de agosto). Segundo este documento, a educação básica apresenta um caráter obrigatório e gratuito, e, de acordo o artigo 7.º deverá, *"*assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses*"*. Este nível de ensino é abrangido por nove anos de escolaridade, englobando todos os indivíduos, de forma homogénea, evitando desta forma, discriminações. Assim, o EB é uma etapa que contribui para aprofundar a democratização da sociedade, pois permite incutir, a cada aluno, valores de cidadania e de outra natureza (desenvolvimento global e harmonioso da personalidade), permitindo que futuramente apresentem uma intervenção responsável e útil na comunidade.

Os objetivos, enunciados na LBSE, devem ser assegurados gradualmente ao longo dos anos de escolaridade básica, e, embora este nível de ensino esteja dividido em três ciclos, não existem objetivos específicos para cada um, pois pretende-se que exista uma sequência e uma aprendizagem integradora, mas obviamente, deverá ser tido em conta os estádios de desenvolvimento dos alunos de acordo com as idades em que se encontram. Existem também metas finais (relativas às aprendizagens), que deverão apresentar planos de estudos diferentes para cada etapa, tendo em conta a progressão dos ciclos, contudo, não deverão perder uma linha orientadora, que as conduzem aos mesmos objetivos gerais. Salientamos igualmente, que estes objetivos desenvolvem competências que, estão definidas no Currículo Nacional do Ensino Básico.

I.III.II Estrutura Curricular do Ensino Básico

A organização e a gestão do currículo vêm expressas no Decreto-Lei n.º6/2001 de 18 de janeiro, no artigo 3.º, onde se destacam as seguintes alíneas que consideramos importantes para a fundamentação deste relatório, pois resume a organização geral do EB: a)"Coerência e sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e a articulação destes com o ensino secundário; b)Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem; c) Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos através da articulação e da contextualização dos saberes; d) Integração, com caráter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares; e) Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas em particular, e com caráter obrigatório, no ensino das ciências, promovendo a integração das dimensões teórica e prática; f)Racionalização da carga horária letiva semanal dos alunos; g) Reconhecimento da autonomia da escola no sentido da definição de um projeto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu contexto e integrado no respetivo projeto educativo; h) Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino atividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspetiva de formação ao longo da vida; i) Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, de forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes e definidas para cada um dos ciclos e concluir a escolaridade obrigatória."

I.II.III Organização curricular do 1.º CEB

De acordo com a informação expressa pelo Ministério da Educação, o 1.ºCEB é constituído por quatro anos de escolaridade. É neste ciclo, que os alunos iniciam a escolaridade básica, com 6 anos de idade (desde que completem até 15 de setembro ou, se requerido pelo encarregado de educação, até 31 de dezembro). O horário semanal dos alunos integra: a) áreas curriculares; b) áreas curriculares não disciplinares; c) área transversal: Educação para a Cidadania; d) atividades de enriquecimento curricular (Anexo II.I).

O 1.º CEB é lecionado por um único professor, em regime de monodocência, ou em alguns casos, o professor titular de turma poderá ser cooperado por outros docentes nas áreas das expressões. Segundo o Despacho nº19 575/2006 de 25 de setembro, cabe ao professor titular, a gestão do tempo letivo de forma flexível de modo a trabalhar todas as áreas. Desta forma, e de acordo com o Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de agosto, à Língua Portuguesa são destinadas oito horas semanais, com uma hora diária para a leitura, sete horas para a Matemática e cinco horas para o Estudo do Meio (sendo metade destas dedicadas ao Ensino Experimental das Ciências). Nos outros tempos, pode-se trabalhar as áreas das expressões ou então para reforçar as outras áreas curriculares (alguns aspetos foram alterados no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, contudo as alterações só entrarão em curso no ano letivo 2012-2013).

I.II.IV Organização Curricular do 2.º CEB

Segundo a informação retirada do ME, o 2.ºCEB é constituído por dois anos de escolaridade (5º e 6º ano de escolaridade). Tal como no 1º ciclo, a sua organização curricular engloba: a) áreas curriculares; b) áreas curriculares não disciplinares; c) área transversal: Educação para a Cidadania (Anexo II.II).

Neste ciclo, já não está presente o regime de monodocência, existindo um professor por cada área. A carga horária estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 94/2011, de 3 de agosto, está organizada em períodos de 90 minutos, no entanto, as escolas poderão propor uma diferente organização dos horários. Contudo, deverão obedecer os tempos totais por área, desta forma, apresento o tempo semanal total para cada área: a) Línguas e Estudos Sociais - Língua Portuguesa, História e Geografia de Portugal, Língua Estrangeira) - doze horas; b) Ciências Exatas e da Natureza - Matemática e Ciências da Natureza – nove horas; c) Educação Artística e Tecnológica - Educação Visual e Tecnológica e Musical – seis horas; d) Educação Física - três horas; e) Formação Pessoal e Social - Desenvolvimento Pessoal e Social ou Religião Moral e Religiosa Católica ou de outras confissões - 1 hora; f) a Formação Cívica deve ser desenvolvida em articulação com as áreas disciplinares. A Área de Projeto e o Estudo Acompanhado são assegurados por dois professores de áreas científicas diferentes. (alguns aspetos foram alterados no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, contudo as alterações só entrarão em curso no ano letivo 2012-2013). Além disto, os

professores devem incluir nos alunos a utilização das tecnologias da informação e da comunicação, e caso seja utilizado, deve ser constatado no Projeto Curricular de Turma.

I.II.V Objetivos específicos do 1.º e 2.º CEB

Tal como foi mencionado anteriormente, o 1.º e 2.º CEB são sequenciais. A articulação entre os dois ciclos atende a uma progressão, atribuindo a cada ciclo a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, para que no final exista uma unidade global, o EB.

Os objetivos específicos, de cada ciclo, estão incluídos nos objetivos gerais enunciados anteriormente mas, estão adequados a cada desenvolvimento etário. Desta forma, e de acordo com a LBSE, no artigo 8.º, para o 1.º CEB: "O desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social, das expressões plástica, dramática, musical e motora". No 2.º CEB, é suposto que seja desenvolvida

> "A formação humanística, artística, física, e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica, visando habilitar os alunos a assimilar e interpretar crítica e criativamente a informação, de modo a possibilitar a aquisição de métodos e instrumentos de trabalho e de conhecimento que permitam o prosseguimento da sua formação, numa perspetiva do desenvolvimento de atitudes ativas e conscientes perante a comunidade e os seus problemas mais importantes".

Estes pressupostos são evidenciados no programa das metas de aprendizagem (http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/), que salientam que no 1.º CEB, se estruturam as "bases fundamentais para a compreensão do mundo, a inserção na sociedade e a entrada na comunidade do saber", e, que se desenvolverão nos ciclos seguintes. A organização do ensino e da aprendizagem deverá dispor, de forma integrada, todos os conhecimentos, sendo que a organização e a gestão curricular deverá implicar a mobilização de forma relacionada a problemas ou situações problemáticas, através de estratégias e sequências de aprendizagens providas de intencionalidade pedagógica. É objetivo deste Ciclo, a preparação equilibrada para o Ciclo seguinte, assim como a progressiva especialização dos saberes, característica da etapa seguinte. No 2.º CEB, existe uma articulação vertical, onde se estabelecem, no currículo, áreas mais específicas do saber, no entanto, deverão ser integradoras de mais do que um saber disciplinar. Tendo em conta, a

definição de educação, mencionada anteriormente, nestes dois anos, é necessário uma gradual perceção da especialidade dos conhecimentos.

I.III Perfil do professor do 1.º e 2.º CEB – articulação entre os dois ciclos

De acordo com o Decreto-Lei 43/2007, o Governo atribuiu prioridade às políticas educativas que tinham como objetivo superar os défices de qualificação da população portuguesa, quer pelo combate ao insucesso e abandono escolar, como pela atribuição da escolaridade obrigatória até ao 12.º ano. Para cumprir estes desafios é preciso que exista um corpo docente de qualidade e qualificado, de modo, que garantam estabilidade, ou seja, uma qualificação na formação dos educadores e professores. Deste modo, e com este Decreto-lei, a habilitação para a docência passa a ser exclusivamente a habilitação profissional, o que não se verificava quando ocorreu a massificação do acesso ao ensino. Assim, pretende-se que com as novas habilitações seja possível uma mobilidade dos docentes entre os ciclos.

Com esta mobilidade, é possível que os professores acompanhem os alunos por um período de tempo mais alargado, neste contexto surgem os tão criticados professores com dupla habilitação para a docência que, tal como o nome indica, encontram-se habilitados para exercer a lecionação conjunta para vários níveis de ensino. No nosso caso, interessa-nos o perfil 4, ou seja, o docente que poderá lecionar conjuntamente o 1.º e 2.ºCEB. Esta continuidade visa, igualmente, a neutralização das transições bruscas existentes, no que toca à relação dos alunos com os novos espaços das escolas, as áreas e tempos de trabalho e finalmente com a preocupação dos professores para desenvolverem gradualmente as competências esperadas ao longo da Educação Básica. Este modelo permite articular a exigência da competência disciplinar de acordo com o crescente desenvolvimento do conhecimento, sem deixar para segundo plano, o vínculo pedagógico da relação de pessoalidade e do conhecimento interpessoal que, a atual organização do ensino termina, com a entrada dos alunos no 2.º CEB

De facto, o contraste existente, que de certo modo é violento e repentino, no que diz respeito ao regime de monodocência do 1.º CEB e o de pluridocência do 2.º

CEB promove um contraste mais acentuado pelos diferentes modos de trabalho escolar e pelas diferenças de personalidade dos professores do 2.º CEB. Pois, enquanto, os professores do 1.º CEB olham para o ensino como uma missão centrada nas aprendizagens fundamentais dos alunos, os do 2.º CEB vêm-se apenas como docentes de uma disciplina escolar.

Para terminar, e de acordo com o Decreto-Lei 240/2001, salientamos algumas dimensões sobre o perfil do professor, que fazem todo o sentido, no que diz respeito à fusão do 1.º com o 2.º CEB:

> -"O professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada."
> -O professor promove aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam.
> -O professor exerce a sua atividade profissional, de uma forma integrada, no âmbito das diferentes dimensões da escola como instituição educativa e no contexto da comunidade em que esta se insere.
> - "O professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais".

CAPITULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

> "Não posso conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se questione perante o insucesso de alguns aluno, que não faça dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de aula, que não leia criticamente os manuais ou as propostas didáticas que lhe são feitas, que não, se questione sobre as funções da escola e sobre se estas estão a ser realizadas. Ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão […] é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intelectualmente e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução" (Alarcão, 2001: 18).

II.I Tipos de Estudo

Tendo em conta os objetivos/ finalidades e competências deste estágio - o conhecimento, intervenção nas duas valências de acordo com o contexto, realidade e grupo de alunos onde ocorreu a prática pedagógica - houve a necessidade e a oportunidade de experimentarmos alguns procedimentos metodológicos ligados à investigação que nos permitiram compreender a realidade educativa e, em alguns casos, melhorar a mesma, de forma a construirmos a nossa profissionalização como docente com dupla habilitação, de forma consciente.

Assim, conseguimos conhecer e compreender o essencial de toda a intervenção educativa nos seus distintos momentos, como o planeamento a organização, intervenção e avaliação, transformando-a num processo intencional, e proporcionador de distintos momentos de aprendizagens significativas.

Neste sentido, além de realizarmos constantemente a observação do grupo de alunos, que "é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objeto para dele retirar informações" (De Ketele citado por Santos, 1985:11), efetuou-se um estudo de natureza qualitativa, que segundo vários autores, entre os quais salientamos Bogdan & Biklen (2010) é o mais apropriado para o trabalho investigativo em educação, no sentido de a maior preocupação ser o processo em vez do produto. Contudo, houve necessidade de utilizar algumas técnicas quantitativas (como iremos demonstrar de

seguida), como complemento do estudo. Como tal, foram recolhidos dados no ambiente natural – investigação naturalista - através de várias tipologias de registos, de caracter intensivo nas duas valências.

Porém, tendo em conta que todos os processos realizados tinham em conta uma ação, atrevemo-nos a referir que todo o trabalho obedeceu a princípios característicos de uma investigação-ação, pois observamos, planeamos, agimos e avaliamos para que posteriormente, se necessário, reformular alguns pontos do processo, ou seja, "os participantes continuam a rever, a avaliar e a melhorar a sua prática" (Bell, 1997:21).

II.II Amostra

O Universo do estudo são as instituições onde foram realizados os estágios. Relativamente à amostra dos estudos realizados, esta é composta por dois grupos.

O primeiro grupo é a turma do 1.º ano do 1.ºCEB composta por 23 alunos - treze do sexo masculino e dez do sexo feminino- residentes a grande maioria na Área Metropolitana do Porto, pertencentes a famílias de classe média/alta. A maior parte dos pais possuem habilitações académicas ao nível do ensino superior. Este grupo apresenta um aluno com NEE com relatório de observação e avaliação psicológica devido à identificação de várias dificuldades por ele demonstradas, tendo sido referenciado no ano letivo 2009/2010 segundo os critérios da *CIF-CJ*., e usufruindo por este motivo de um PEI, desde essa data (ver ponto III.I.II e Anexo III.I, para uma descrição mais detalhada).

O segundo grupo é a turma do 6.º ano do 2.ºCEB composta por 24 alunos – quinze do sexo masculino e nove do sexo feminino – residentes a grande maioria na Área Metropolitana do Porto, pertencentes a famílias de classe média/alta. A maior parte dos pais possuem habilitações académicas ao nível do ensino secundário. Este grupo não apresenta alunos com NEE (ver ponto III.I.II e Anexo III.II, para uma descrição mais detalhada).

Como estudo complementar, no sentido de compreender como é que os professores utilizavam as TIC, nas salas de aula, efetuou-se um estudo de análise quantitativa aos professores do 1.ºCEB, sendo esta amostra (grupo III) constituída pelos professores da instituição do primeiro grupo, composta por 8 elementos, todos

do sexo feminino com idades compreendias entre os 20 e 50 anos. De acordo com a sua habilitação académica, todos apresentam o grau de Licenciatura ou de Mestrado. Alguns possuem pós-graduação (ver Anexo III.III para uma descrição mais detalhada). Este estudo, não apresentou continuidade na Instituição B, devido à falta de recursos informáticos dentro da sala de aula (Anexo VIII e XVI), logo a aplicação do mesmo não faria sentido.

II.III Instrumentos e Procedimentos

Durante o percurso realizado neste estágio, tal como será evidenciado de seguida, houve vários momentos de investigação, que exigiram diferentes tipos de atividades e de posturas por parte do estagiário. Contudo, e, depois de revermos toda a informação teórica sobre este tipo de investigação, sentimos a necessidade de optar pelas técnicas mais adequadas às situações do dia-a-dia com as quais nos íamos deparando, tentando obter os resultados esperados no final do estágio, tal como menciona Bell (1970: 22)

> " a investigação-acção precisa de ser planeada da mesma forma sistemática que qualquer tipo de investigação, dependendo dos métodos selecionados para recolha de dados da natureza da informação pretendida […] abordagem que se revela particularmente atraente para os educadores devido à sua enfase prática na resolução de problemas, devido ao facto de serem profissionais[…] a levarem a cabo a pesquisa e esta visar um maior entendimento e aperfeiçoamento do desempenho".

Em jeito de organização, e tal como temos vindo a mencionar, este estágio foi um percurso, assim, tal como em todos os percursos, iremos seguir uma ordem cronológica das etapas ocorridas ao longo destes dois momentos. Inicialmente, após sabermos as instituições onde iriam ocorrer as intervenções, a primeira preocupação, foi proceder de imediato à leitura e análise dos documentos orientadores das instituições. Neste sentido, as nossas práticas foram adequadas aos contextos onde estávamos inseridos, e, de certo modo para que, a nossa intervenção fosse coerente e obviamente mais consciente, indo ao encontro dos ideais dos mesmos. Independentemente das realidades das instituições serem distintas (ver ponto III.II), conseguimos compreender a organização destas duas valências, através da análise dos documentos, conseguindo compreender, relacionar e confrontar estas realidades distintas, que de grosso modo traduzem, os diferentes modos de organizações com os quais teremos que ter bem presentes, para aplicarmos futuramente como profissional com dupla habilitação.

De seguida, após termos conhecido as características da instituição, foi necessário o conhecimento do grupo das crianças, para tal recorremos a diferentes técnicas. Na instituição A (1.ºCEB) como o grupo pertencia ao 1.º ano de escolaridade, não havia nenhuma caracterização dos alunos nem PCT, logo procedemos à observação aliada a conversas informais com a professora cooperante e a educadora de infância de alguns membros do grupo. Já na instituição B (2.ºCEB) tivemos acesso ao PCT, relatórios de alguns alunos, conversas informais com os professores cooperantes e obviamente, tal como na instituição A, diferentes registos de observação (Anexo V, VI e XV).

Já verificamos que a observação esteve presente nos momentos iniciais como técnica de conhecimento do grupo, mas também, esteve sempre presente ao longo de todo estágio. De facto, a observação teve um papel de destaque nesta investigação. Todavia, este processo será detalhado ao longo do capítulo III. Numa investigação, nomeadamente aplicada às ciências sociais, mais especificamente à educação, ajuda-nos a obter o primeiro sentido da realidade, "captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos" (Quivy e Campenhoudt, 2005: 196), servindo igualmente para retirar conclusões e sobretudo para refletir e avaliar todo o processo de intervenção, ou seja, serviu como o alicerce de toda a intervenção.

Tratando-se de um estudo com características de investigação-ação, tal como foi mencionado anteriormente, em que é suposto que o sujeito apresente um papel ativo, a observação realizada, a maior parte das vezes, foi a observação participante. Esta foi realizada ao longo do período de estágio e no contexto onde estivemos inseridos. É considerada, de igual modo, como sendo uma observação direta, pois é, " aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados" (Quivy e Campenhoudt, 2005: 164), revelando muitas informações que através da observação indireta não se consegue transmitir. Contudo, houve um momento em que se aplicou a observação indireta, quando aplicamos um inquérito por questionário (anexo VII), a um grupo de professores, pois dirigimo-nos "ao sujeito para obter a informação procurada" (Quivy e Campenhoudt, 2005: 164).

Relativamente aos instrumentos utilizados, estes foram surgindo de acordo com as finalidades da observação, sendo todos posteriormente analisados, de modo a retirar o maior benefício e apropriação, para toda a intervenção. Neste sentido, na instituição A utilizamos o preenchimento de grelhas de avaliação de leitura (Anexo

VI.III) e realização de trabalhos de casa (Anexo VI.V, registo de observação nº4), registos contínuos de alunos relativamente aos comportamentos e desempenho dos mesmos - observação estruturada – (Anexo VI.I e VI.II), registos e diários de campos - observação não estruturada – (Anexo VI.III, VI.IV e VI.V), registo fotográfico (Anexo V) aplicação de um inquérito por questionário e o respetivo tratamento e análise dos dados na folha de cálculo do programa *Excel* (Anexo VII e Anexo XV). Na instituição B, utilizamos o preenchimento de grelhas de observação (Anexo VI.VIII), registos de incidentes críticos (Anexo VI.VII), listas de verificação (Anexo VIII.IX,), registo fotográfico (Anexo XV.II) e tal como na instituição A os registos e diários de campo (Anexo VI.VI).

Outro aspeto que importa salientar é o papel das reflexões (Anexo IX) que foram elaboradas ao longo do estágio. Estas reflexões acompanharam-nos durante todo o percurso, verificando todo o processo evolutivo do estagiário (capitulo III). As mesmas foram feitas antes, durante e após a ação, sendo muitas delas avaliadas pelos supervisores, nos diferentes momentos de supervisão pedagógica e orientação tutorial. Estes momentos foram úteis pois, conseguimos analisar e avaliar o nosso desempenho, de forma a melhorar o mesmo, ganhando coragem para ultrapassar todas as etapas deste percurso cheio de oscilações.

Por fim, mas não menos importante, convém mencionar o preenchimento das grelhas de acompanhamento da prática profissional (Anexo XVII), Estas eram preenchidas pelos supervisores, pelos professores cooperantes e pelos próprios estagiários. As grelhas eram utilizadas, posteriormente, nos momentos de avaliação - supervisão pedagógica - com os supervisores e os de orientação com os Professores Cooperantes.

CAPÍTULO III

> "É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão critica sobre a sua utilização. A formação passa por processo de investigação, directamente articulados com as práticas educativas" (Nóvoa, 1992: 28).

CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Neste capítulo, damos a conhecer o processo completo da intervenção realizada nos dois contextos educativos – 1.º e 2.º CEB. Encontra-se, desta forma, dividido em três subcapítulos.

Em primeiro lugar, realizamos uma breve caracterização dos dois contextos onde ocorreu a intervenção, tendo por base os documentos orientadores das instituições analisando sua organização educativa.

De seguida, será descrito o processo de intervenção, ao nível da observação, planeamento, intervenção educativa e avaliação.

Por fim, será abordado o processo de avaliação de aprendizagens conseguidas pelos alunos ao longo deste trajeto.

III.I Caracterização do contexto

III.I.I As instituições

Os estágios, realizados na prática pedagógica, ocorreram em instituições diferentes, com contextos igualmente distintos. Enquanto, o estágio do 1.º CEB (instituição A) ocorreu num estabelecimento de ensino particular, o estágio do 2.ºCEB (instituição B) ocorreu num estabelecimento de ensino particular de propriedade de um Centro de Caridade, funcionando como regime de IPSS. Desta forma, serão analisados os dois contextos tendo por base os documentos organizadores das instituições – PE, RI, PCE e no caso da instituição A o Ideário da Instituição (MiVE) –

de modo que se consiga compreender os seus aspetos organizativos a nível pedagógico e curricular.

O primeiro contexto (instituição A) é um estabelecimento do ensino particular, de caráter religioso, situado na zona noroeste da cidade do Porto. Está inserido num meio urbano, cujas atividades económicas predominantes são a indústria, o comércio e os serviços. Relativamente à habitação existem diversas tipologias habitacionais (desde habitação individual antiga até construções mais recentes). No que toca às acessibilidades, o centro encontra-se bem servido no que diz respeito a transportes públicos (autocarros, metro e camionetas). Os alunos que frequentam o colégio são, na maioria, provenientes de famílias com nível sócio - económico médio/alto. A instituição compreende dois níveis de ensino: Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB. Inclui um internato que se destina a meninas em situação de risco de estatuto próprio como IPSS. O centro não apresenta fins lucrativos, as despesas são asseguradas pelas famílias dos alunos, pois optam livremente ao seu acesso, no entanto, os pais podem candidatar-se e serem abrangidos pelos Contratos de Desenvolvimento/Contratos Simples da DREN (Anexo V.I)

O segundo contexto (instituição B) é um estabelecimento de natureza privada de propriedade de um Centro e Caridade que funciona como uma IPSS, situado na freguesia de Bonfim que é uma das maiores freguesias da cidade do Porto. Encontra-se inserido numa zona heterogénea, pois possui diversas estruturas comerciais, industriais, bibliotecas, estabelecimentos de ensino, infantários e hospitais. Relativamente à habitação, e sendo um meio heterogéneo, é confrontado com áreas com um bom nível de vida (vivendas e bairros polifamiliares) e zonas degradadas (bairros sociais). Ao nível das acessibilidades, apresenta uma boa rede viária com intenso trânsito, contudo, encontra-se muito bem servida ao nível de redes de transportes públicos, como autocarros, camionetas e o metro do porto que por sua vez realiza a ligação com a rede ferroviária. Os alunos que frequentam esta instituição, são provenientes de vários estratos sócio - económicos e culturais, devida a heterogeneidade já mencionada. A instituição abrange os níveis desde educação pré-escolar até ao 3º ciclo, apresentando um centro de dia para idosos e cursos técnico profissionais para o Ensino Secundário. Existindo, deste modo, o contacto entre estas gerações que frequentam e constituem o centro de caridade, contudo o externato desenvolve todas as atividades pedagógicas de forma autónoma (Anexo V.II)

No que diz respeito à organização e gestão escolar da instituição, a Instituição A considera, dois órgãos de direção distintos mas interligados: Direção Administrativa que é constituída pela Superiora da Comunidade, cumulativamente Diretora Administrativa, pela diretora Pedagógica e pela responsável da Secretaria. A Direção Pedagógica (órgão de coordenação e orientação educativa da escola) é constituída pela diretora e subdiretora, apresentado como principal função a orientação e acompanhamento dos alunos, e, na formação inicial e contínua de pessoal docente e não docente. Ainda na área pedagógica, existe o órgão de Coordenação Escolar, que se subdivide em dois conselhos: o Conselho Pré-Escolar (constituído pelas educadoras do pré-escolar) e o Conselho Escolar, constituído pelos docentes do 1ºCEB. Por outro lado, o órgão da Direção Administrativa tem como finalidade deliberar a matéria administrativo-financeira da escola, como investimentos necessários, seleção e contratação de pessoal, etc. A Estrutura Administrativa subdivide-se em dois grupos: os Serviços Administrativos (secretaria, tesouraria, contabilidade) e os Serviços de Apoio (cozinha, refeitório, portaria, bar).Por último, existe um Gestor da Qualidade, que tem como função o acompanhamento de todas as diligências efetuadas no âmbito do processo e Certificação da Qualidade (Anexo IV.I).

Na Instituição B, relativamente aos órgãos de organização e gestão escolar, apresenta uma Direção Pedagógica, constituída por um Diretor Pedagógico, nomeado pela Direção do Centro. As funções do Diretor Pedagógico, além de todas as responsabilidades técnicas e pedagógicas, e, suas relações externas deverá prestar à Direção do Centro de Caridade, “todas as informações solicitadas relativamente ao funcionamento pedagógico da escola” (RI da instituição). Relativamente aos Órgãos de Orientação Educativa, este é formado pelos seguintes setores: Conselho Pedagógico, formado pelo Diretor Pedagógico, Diretores de Turma, Coordenador do 1.º CEB e dois representantes dos professores (um do 1.ºCEB e outro do 2.ºCEB ou do 3.º CEB). Está encarregue de todas as funções de carácter pedagógico (como aprovação do RI, acompanhamento da elaboração do PEE, parecer da proposta do PAA, entre outros); Conselho de Professores, formado por todos os professores da escola, cuja função principal é o acompanhamento de toda a atividade pedagógica da escola; Departamento Curricular que define as medidas e desencadeia as ações que reforçam a qualidade cientifica, pedagógica e didática das áreas curriculares, assegurando a articulação entre Projeto Curricular do Externato com a articulação interdisciplinar. No externado existem: o Departamento de Línguas, de Ciências e o das Artes e Desporto; Os DTs designados anualmente pelo Diretor Pedagógico,

apresentam uma função imprescindível na escola, sendo os elementos de ligação (com funções especificas) entre os alunos, os professores, os encarregados de educação e tarefas administrativas; Conselho de Turma, constituído por todos os professores e pelos Delgados da respetiva turma. Este conselho reúne no final de cada trimestre ou quando convocados pelo Diretor pedagógico; Coordenador do 1º CEB, designado pelo Diretor Pedagógico; Fazem parte do Conselho Escolar todos os professores do 1.ºCEB reunindo quinzenalmente, debatendo vários aspetos relativos a todo o funcionamento do 1.ºCEB e a elaboração do PAA em articulação com o 2.º e 3.º CEB e sua respetiva avaliação; por fim o Conselho de Alunos (que não aparece na instituição A) constituído pelos dois delegados de cada turma, que se reúnem uma vez por trimestre e apresentam como funções a pronunciamento dos problemas escolares existentes e sobre o PAA da escola (Anexo IV.II).

No que toca a números, a Instituição A, no externato conta com 275 alunos (Pré-Escolar e 1.º CEB), 20 professores e 10 auxiliares de educação. No internato existem 60 meninas (com idades superiores a 3 anos) e 6 auxiliares de educação. Além dos professores e alunos, existe a comunidade religiosa que é composta por 20 irmãs que se dedicam às atividades do Centro. A Instituição B, tendo em consideração o PE da mesma, conta com 216 alunos (do 1.º ao 3.º CEB), 26 professores e 7 funcionários. Relativamente à valência do pré-escolar e ensino secundário não são apresentados números no PE.

Ao nível da importância dos documentos da Instituição é essencial salientar o MiVE (Missão e Visão Educativa) presente na Instituição A, o Projeto Educativo, o Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades, o Projeto Curricular de Escola e mais especificamente o Projeto Curricular de Turma.

O MiVe (presente apenas na Instituição A) é o Ideário da Instituição, pois, define o conjunto de ideias, princípios, características e valores sobre os quais se constrói toda a estrutura e atividades da Escola. É a partir deste documento, que emergem outros documentos preponderantes: o PE, o PC, o PAA e o projeto de aula que cabe aos professores o seu desenvolvimento na sua tarefa educativa.

O PE, relativamente à Instituição A apresenta a data de 2008, cujo lema é “Servir Educando”, visa a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em conta a sua inserção na sociedade para se tornar num adulto autónomo, livre e solidário. Como é uma escola católica, a referência é a Pessoa de Jesus Cristo e o

espírito franciscano, ou seja, o desenvolvimento de um cidadão alicerçado nos valores evangélicos inspirados pelo Colégio. Já na instituição B, o PE apresenta a data de 2009, cujo lema é " ninguém educa ninguém mas todos nos autoeducamos em confronto", que promove a "formação integral dos alunos, contribuindo para a sua realização pessoal e comunitária de acordo com os valores subjacentes ao espírito da Congregação dos Missionários Redentoristas em que o Externato se insere" (PE instituição B) ou seja, valores como a solidariedade, a família, o amor a Deus, respeito pela individualidade, justiça e Paz para que cada um se sinda feliz consigo próprio num clima de abertura e de exigência e responsabilização de cada um no seu trabalho individual e em grupo, são valorizados nesta Instituição.

O RI, visa, não só definir e disciplinar a atividade das duas instituições, como também, coordenar e regular a participação de toda a comunidade educativa, integrada por alunos, pais e encarregados de educação, professores, funcionários não docentes e a administração. O Regulamento foi elaborado tendo em conta o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos, apresentando ser um instrumento pedagógico, definindo os princípios essenciais do funcionamento de uma instituição escolar, visando a sua melhoria através da participação de todos os membros da comunidade educativa.

Em relação ao PAA este representa um instrumento de planeamento que define as atividades a desenvolver ao longo do ano letivo, a sua organização e recursos, de forma a concretizar os princípios e os objetivos presentes no Projeto Educativo de Escola.

Por fim, o Projeto Curricular de Turma caracteriza a turma e surge como um instrumento de flexibilidade do currículo, pois está adaptado às necessidades da turma referida. Este deve promover relações constantes entre conhecimento empírico e científico, dando voz ativa aos alunos, permitindo que estes construam aprendizagens realmente significativas, ao nível das dimensões do saber, do saber-estar e do saber-fazer.

Ao nível da relação estabelecida entre a Instituição e as outras entidades, a instituição A considera que *"*A Escola não é uma entidade isolada, sofre influências do mundo que a rodeia aos mais diversos níveis e não pode viver entre os muros da sala de aula, alheada ou indiferente ao que se passa no mundo exterior" (PE instituição A). Desta forma, a instituição estabelece uma relação próxima com os pais, promovendo reuniões de pais, sessões de reflexões e debate sobre questões do âmbito educativo e

social. Existe, também, atendimento individualizado por parte dos professores e da Direção e, convidam as famílias para a participação e organização de eventos. A família e a escola são pontos de apoio e portanto "quanto melhor for a parceria entre ambas, maior será a probabilidade de se alcançarem resultados positivas no percurso educativo do aluno" (PE Instituição A).

A relação com a comunidade apresenta-se como objetivo da formação integral dos alunos, que requer a colaboração de toda a comunidade educativa, desenvolvendo um clima de aceitação e respeito mútuos. Esta relação é visível nas duas instituições tal como foi mencionado anteriormente.

III.I.II Os grupos

Depois de analisarmos as Instituições, parece-nos importante caracterizar os grupos com quais trabalhamos, durante do período de estágio. Tal como mencionamos no capítulo anterior, o primeiro grupo pertencia a uma turma de 1.º ano do 1.ºCEB, por sua vez, o segundo grupo pertencia a uma turma do 6.º ano do 2.º CEB logo, à partida, apresentam características completamente distintas. Desta forma, sentimos necessidade de realizar uma pequena abordagem aos estádios de desenvolvimento de cada grupo, pois, na intervenção tivemos que intervir de acordo com as suas características e necessidades. Porém, importa salientar que independentemente desta breve caracterização, não podemos considerar que todos os alunos, de cada grupo, se encontravam nestes estágios, visto que, cada aluno é um individuo com ritmo próprio e com um percurso de desenvolvimento diferente do outro que se encontra no mesmo estágio. Desta forma, acrescentamos que é uma caracterização generalista, mas, de certa forma, irá ajudar a visualizar, mais concretamente, estes grupos de alunos.

No primeiro grupo, incluído na Instituição A, as crianças apresentavam idades compreendidas entre os 5 e 7 anos, contudo os alunos com 5 anos completaram 6 anos até dezembro. Estes alunos, tal como verificamos em Papalia, Olds & Feldman (2001:391), encontram-se nos designados "anos escolares" visto que, a escola é a experiência central nesta fase da vida, promovendo um grande desenvolvimento quer ao nível físico, como cognitivo e psicossocial, sendo considerado um dos períodos em que as crianças desenvolvem mais competências em todos os seus domínios. Como não assistimos a nenhuma aula de Educação Físico – Motora, não conseguimos

realizar uma descrição ao nível de desempenho físico, contudo nos tempos observados nos intervalos, verificamos que nenhum aluno mostrava alguma irregularidade e todos apresentavam um desenvolvimento físico de acordo com a idade. Contudo, uma aluna apresentava excesso de peso, o que levava a que, em algumas brincadeiras nomeadamente nas corridas, ficasse aquém dos outros alunos. A nível de problemas de saúde, destacamos uma aluna com epilepsia que a impedia de dormir tranquilamente, o que afetava o seu desempenho nos dias de aula, sendo uma criança muito parada " enquanto, estava a observar a atividade de Estudo do Meio, a T, que se encontrava na fila da frente, adormeceu enquanto ouvia a explicação da tarefa" (Anexo VI.I) Um aluno apresentava gaguez, aumentando o nível de repetições silábicas quando ficava alterado. O aluno que apresenta NEE, além do seu diagnóstico apresenta problemas de audição, que nomeadamente o levaram a uma intervenção cirúrgica. Quatro alunos apresentavam problemas de visão contudo, não os prejudicava a nível de aprendizagem. Outro aspeto que poderemos salientar é a falta de controlo esfincteriano que alguns alunos apresentavam no princípio do ano letivo, o que levava a várias interrupções nas aulas, contundo ao longo do estágio só um aluno é que continuava com este problema agravando-se nas situações em que se sentia mais ansioso

> "Já todos tinham terminado os exercícios relativamente à letra C, e no fundo da sala, o M olhava para os amigos, mexendo no cabelo de forma contínua, não terminando o exercício. Passado alguns minutos, por baixo da sua cadeira, havia uma mancha, resultante da urina do mesmo. Decidi ir ter com ele e falei (em voz baixa). Como tinha tocado para o intervalo, os alunos saíram e nós mudamos o M e acalmamos o mesmo, para que a situação não o deixasse constrangido" (Anexo IV.II).

A nível cognitivo e de acordo com Piaget, os alunos encontram-se no período das operações concretas. De acordo com Papalia, Olds & Feldman (2001: 458) os alunos "são menos egocêntricos do que anteriormente e são mais eficientes em tarefas que requerem raciocínio lógico" – distinguir fantasia da realidade, classificação, dedução e indução, pensamento espacial, conservação, operação com números, entre outros – no entanto, este grupo, como estávamos no inicio do ano letivo, os alunos eram muito lentos em todas as tarefas necessitando o apoio e o incentivo constante do adulto sendo alguns "muito imaturos nos trabalhos que realizam e têm um ritmo de trabalho lento" (PCT instituição A), porém o sentido de autonomia foi sempre valorizado, verificando um grande avanço por parte da maior parte da turma, salvo alguns casos mais problemáticos. Porém, a um nível geral os alunos são

> "interessados e trabalhadores. Acompanham com facilidade as matérias lecionadas e manifestam curiosidade de saber sempre mais […] Existem porém alguns alunos que se destacam, quer de forma negativa quer de forma positiva do grupo turma […] destacam-se positivamente pela boa capacidade organizativa, pelo empenho e participação constante em tudo o que diz respeito à vida escolar dentro e fora da aula, bem como em casa" (PCT Instituição A).

Ao nível das dificuldades de aprendizagem, além do caso do aluno com NEE, alguns alunos apresentam problemas na Área da Língua Portuguesa e da Matemática (Anexo XII.I). Ao nível da Língua Portuguesa, a maioria dos alunos compreendia a mensagem oral, respondendo corretamente aos enunciados elaborados pelos professores. No que toca à oralidade, os alunos elaboravam frases com a sintaxe cada vez mais completa porém, ainda apresentavam algumas lacunas, como por exemplo "não cabeu" ou o uso constante das conjugações "porque" e "mas" para iniciar as frases. Na iniciação à escrita, reparamos que os alunos apresentaram uma grande evolução, desde os primeiros grafismos até às primeiras frases. Para estas aprendizagens, destaco o papel dos pais, pois foi imprescindível para o acompanhamento dos alunos "Com estes registos de observação, pude compreender a importância dos trabalhos de casa e do *feedback* que pode haver entre Professor/Aluno/Pais, para que os alunos consigam um melhor rendimento escolar" (Anexo V.V). No que compete à leitura, valorizamos o uso do método de *Jean Qui Rit*, pois facilitou o processo de leitura, pois poucos alunos manifestaram dificuldades na leitura de palavras, de frases e mais na fase final de pequenos textos, pois de forma dinâmica associavam o gesto ao fonema, facilitando a leitura (Anexo V.IV).

Ao nível da Matemática, os alunos apresentavam maior dificuldade ao nível da lateralidade, na elaboração de sequências e no início da formalização das operações principalmente ao nível da subtração. Porém, os conceitos de ordinalidade, cardinalidade, o próprio conceito de número, as relações espaciais, conservação do número e sua representação na reta numérica, foram facilmente introduzidos. Nas provas de avaliação, alguns alunos sentiam dificuldade na execução da tarefa sozinhos, demonstrando falta de autonomia, já mencionada.

Este grupo sentia menos dificuldade, ao nível do Estudo do Meio pois, os conteúdos estavam ligados ao conhecimento de si mesmo, dos outros e do espaço.

No que compete às expressões, esta era a área menos trabalhada. O que não significa, que os alunos não demonstrassem agrado e facilidade na execução de algumas técnicas relacionadas com a plástica. Ao nível da dramatização, foram

realizadas pequenas representações, mas os alunos apresentavam dificuldades na exposição à turma.

Finalmente em relação ao comportamento, os alunos "são cumpridores das regras de sala de aula e de convivência. Acatam bem as orientações da professora, bem como de qualquer outro funcionário da instituição. São crianças não conflituosas que se relacionam com facilidade com os outros" (PCT instituição A).

O segundo grupo, inserido da instituição B, é uma turma do 6.º ano de escolaridade com alunos com idades compreendidas entre os 11 e 12 anos, ou seja, já entraram na adolescência. De acordo com Papalia, Olds &Feldman (2001:503), a aparência dos alunos muda, devido às combinações hormonais da puberdade e a transformação do jovem em adulto. Além destas transformações físicas, tudo muda para estes jovens como os seus pensamentos -pensamento abstrato e hipotético- e os seus sentimentos. A identidade pessoal também assinala este período, sendo o autoconceito do adolescente, fundamental para a resolução de situações futuras. Resumidamente, os adolescentes, "incorporam a sua aparência, drasticamente alterada, os seus desejos físicos confusos e as suas novas capacidades cognitivas no seu sentido do *self* […] o grupo de pares serve para testar as ideias dos adolescentes acerca da vida e de si próprios" (Papalia, Olds&Feldman, 2001:503).

O grupo era constituído por alunos com crescimento físico e psicológico normal, embora existissem casos que mereciam mais atenção. Existia um caso de hiperatividade, outro de apneia do sono, sendo o caso mais grave um de foro psicológico devido a problemas familiares. Dois alunos com plano de recuperação do 4º ano ao nível de Matemática e Língua Portuguesa e por fim um aluno com uma ligeira paralisia cerebral (o aluno realiza fisioterapia) que o leva a alguma dificuldade em controlar os esfíncteres.

De acordo com Piaget, estes alunos encontram-se no estádio das operações formais - estádio final do desenvolvimento cognitivo - caracterizado, principalmente, pelo pensamento de forma abstrata. Tendo em conta estas características e as situações assinaladas anteriormente, o grupo de alunos apresentava alguns cuidados que requeriam, por parte do professor, a máxima atenção de modo, a atender, eficazmente, às necessidades da mesma. Esses problemas são apontados no PCT, dos quais salientamos os seguintes:

> "Dificuldades de concentração, por parte de alguns alunos; Irrequietude e

> imaturidade em alguns alunos, que leva a dificuldades no cumprimento das regras da sala de aula; heterogeneidade relativamente aos interesses e motivação dos alunos; Falta de hábitos, métodos de trabalho e de estudo, por parte de alguns alunos" (PCT instituição B).

Em termos gerais, os alunos apresentam um bom aproveitamento a todas as disciplinas, sendo as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa as áreas disciplinares mais problemáticas. A turma apresentou, como resultado final, três reprovações (Anexo XIII.II).

No que toca à Língua Portuguesa, deparamo-nos com um pequeno grupo de alunos com um bom desenvolvimento da expressão oral e escrita, que se opunha a um grande grupo bastante fraco, ao nível destas competências. Contudo, todos os alunos apresentam alguma dificuldade na elaboração na produção das diversas tipologias textuais, sendo esta competência bastante trabalhada na sala de aula "Hoje vamos trabalhar a expressão escrita, como sabem vocês têm que escrever muito, olhem que sai um exercício destes no exame" (Anexo VI.VI).

Na Matemática, salientava-se a dificuldade que o grande grupo apresentava na resolução de exercícios. O grande objetivo a ser desenvolvido ao longo do ano, e que de facto era muitas vezes trabalhado nas aulas, era o raciocínio abstrato, porém os resultados dos testes nem sempre eram os mais positivos, em comparação com as outras disciplinas.

Relativamente às Ciências da Natureza, esta era uma das áreas curriculares disciplinares com menos resultados negativos. Os alunos encontravam-se motivados, mostrando grande curiosidade e interesse pelas temáticas abordadas. De acordo com o PCT, o essencial era desenvolver a competência de observação pois, era considerado um dos aspetos menos desenvolvidos neste grupo.

Finalmente, ao nível da História e Geografia de Portugal, tal como as Ciências a Natureza, era uma disciplina que apresenta resultados na sua maioria positivos. Ressaltamos que os alunos apresentavam alguma dificuldade em memorizar certos acontecimentos. Todavia, quando entramos em intervenção pedagógica e foram abordados os conteúdos relacionados com século XX, os alunos conseguiam fazer comparações com o estado atual da sociedade, mostraram-se muito interessados com as questões da ditadura, acabando por procurar saber informações sobre o Holocausto. Logo, e tendo em conta o PCT, era esperado que os alunos apresentassem a formação de valores, consideramos que os mesmos conseguiram

atingir essa meta final.

III.II Intervenção Educativa

Apresentamos, de seguida e de forma evidenciada, os factos que consideramos mais importantes (dado o limite de paginação), acabando por descrever, sucintamente, o percurso realizado ao longo de toda a intervenção educativa (nos dois contextos).

Antes de mais, gostaríamos de nos pronunciar sobre alguns aspetos, relevantes, e, que de alguma maneira, acabaram por sustentar toda a nossa intervenção. Tendo em conta que o nosso objetivo foi sempre a realização de um ensino eficaz, apresentamos, de seguida, um esquema (Figura 5) que reúne os pontos que consideramos fundamentais para uma prática com estas características.

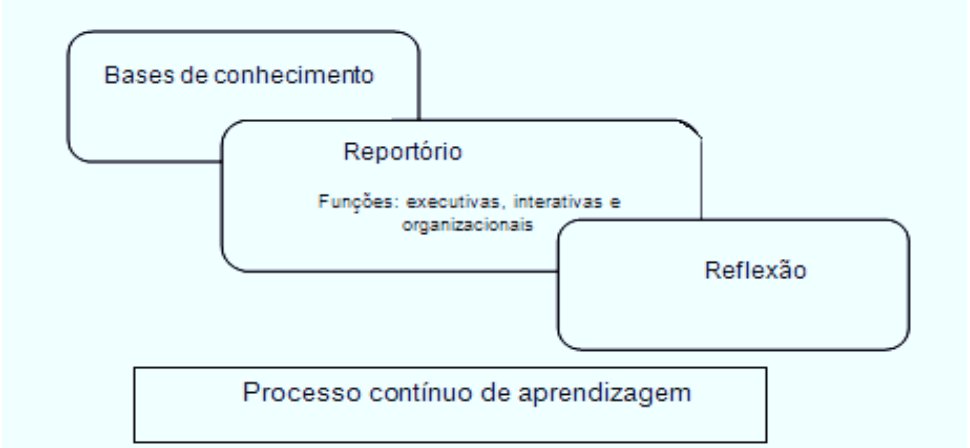


Figura 5 – Uma perspetiva sobre o ensino eficaz – *in* Arends (1995: 10-14)

De acordo com Arends (1995:10) e tendo em conta o esquema, acima representado (Figura 5), o ensino eficaz é aquele que "requer indivíduos academicamente capazes, proficientes nas matérias que devem ensinar, e que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens". Deste modo, é fundamental que os professores " sejam capazes de obter resultados, essencialmente os respeitantes aos resultados escolares e aprendizagem social dos alunos" mas, tudo isto é insuficiente para obter um ensino com os requisitos desejados. Neste sentido, os professores devem dominar um conjunto de conhecimentos relativos ao ensino e à prática, utilizando-os como um guia, ou por outras palavras, como uma "arte da prática docente". Para tal, devem dominar um reportório de práticas educativas – modelos,

estratégias e procedimentos – de modo a utilizá-lo no ensino, adequando sempre ao contexto, apresentar uma atitude reflexiva para a resolução de problemas e finalmente, considerar a "arte de ensinar" como um processo contínuo "dotados da atitude e competências necessárias à otimização das suas capacidades docentes e das escolas."

Reportando-nos, agora às opções metodológicas observadas e realizadas (nos dois contextos), verificamos que para intervir é necessário: preparar, planificar, intervir e avaliar (estes aspetos poderão não estar pela mesma ordem, visto estarem todos inter-relacionados), tendo por base a observação.

III.II.I Observar

Iremos ser breves neste ponto, pois já evidenciamos algumas referências sobre o ato de observação, em capítulos anteriores. Ressalvámos, deste modo, que a observação "é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos" (Bogdan e Bicklen, 2010:91), logo, deve estar constantemente presente no processo educativo. Porém, se um professor estiver sempre a observar, por si só, este não vai apresentar dados suficientes para atuar da forma desejada. Pois, para tal, será necessário registar! Ou por outras palavras, recolher informação, refletir, problematizar e evidentemente avaliar, com o objetivo de aperfeiçoar a prática e tendo em conta as aprendizagens dos alunos.

Relativamente ao que foi elaborado na prática educativa, uma das primeiras necessidades sentidas, foi o conhecimento da instituição (através da análise dos documentos) tendo em conta o seu funcionamento e organização, o conhecimento dos alunos e das práticas dos professores cooperantes. Assim, durante as primeiras semanas, observamos as instituições (Anexo V), os professores cooperantes (Anexo VIII.IV, VIII.VI e VIII.IX), par pedagógico através de notas de campo (Anexo VI.I) e por fim, os alunos através de vários registos (Anexo VI.I, VI.II, VI.III, VI.V e VI. VII). Todos estes instrumentos serviram para a compreensão e orientação relativamente ao modo como deveríamos agir, tornando o nosso trabalho mais consciente, mais especificamente, em relação à observação dos alunos. Poderemos acrescentar que a

observação serviu como diagnóstico, ou seja, permitiu obter algumas noções acerca das competências dos alunos (Anexo VI.III), pois foi muito importante para aplicarmos essas considerações nos nossos planos de aula.

Além das situações de recolha de informação, melhoramento da prática profissional, do diagnóstico dos alunos, a observação permitiu avaliar os alunos, dentro de uma perspetiva de avaliação formativa, ou seja,

> "Para gerir a progressão das aprendizagens, não se pode deixar de fazer balanços periódicos das aquisições dos alunos […] não dispensam absolutamente uma observação continua, da qual uma das funções é atualizar e completar uma representação das aquisições dos aluno […] nada substitui a observação dos alunos no trabalho, quando se quer conhecer suas competências […] não basta conviver em aula com um aluno para saber observá-lo […] é importante que o professor saiba determinar, interpretar e memorizar momentos significativos…" (Perrenoud, 1999: 49).

Para terminar este ponto, acrescentamos que o facto de trabalharmos em par pedagógico, contribuiu, em grande parte, para procedermos aos diversos momentos de observação, servindo, igualmente, para a partilha de olhares e interpretação das diversas realidades.

III.II.II Planear/Planificar

Sabendo que, neste ponto, nos iremos debruçar sobre a planificação, e tudo o que dela provém, iremos salientar algumas considerações que deveremos ter em conta em qualquer preparação, planificação e avaliação de qualquer intervenção educativa. Essas considerações resumem-se em três palavras: Currículo, Programa e Programação.

Entende-se por Currículo o

> "conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano. E, supostamente, é a razão de cada uma dessas opções*"* (Zabalza, 2000:12).

Por Programa: *"*podemos entender o documento oficial de caráter nacional ou autonómico em que é indicado o conjunto de conteúdos, objetivos, etc. a considerar em um determinado nível. (…) é o conjunto de prescrições oficiais, relativamente ao ensino, emanado do Poder Central"(Zabalza, 2000:12).

E finamente, por programação *"*para nos referimos ao projeto educativo-didático específico desenvolvido pelos professores para um grupo de alunos concreto, numa situação concreta e para uma ou mais disciplinas*"* (Zabalza, 2000:12).

Com estas definições podemos constatar que "Programa e Programação são pois, aspetos que não se excluem. No desenvolvimento da atividade docente, cada uma destas realidades cumpre uma função que lhe é própria, complementando-se e fechando o círculo do que constitui o projeto curricular a desenvolver na aula" (Zabalza, 2000:12).

Reportando agora às salas de aula observadas, referimos que o professor ao planificar deve ter em conta o Currículo Nacional do Ensino Básico e os respetivos Programas, refletindo sobre as competências que o aluno deverá adquirir e articular as mesmas com as suas áreas curriculares.

A planificação pode ser feita a longo, médio e a curto prazo. A planificação a longo prazo apresenta como objetivo a delineação da ação a ser realizada ao longo do ano letivo. Deve conter os objetivos gerais estipulados, assim como, as atividades nucleares a serem desenvolvidas. Um exemplo é o Plano Anual de Atividades. A planificação a médio prazo são os planos de uma unidade de ensino, ou seja, de um período de aulas. Este tipo de planificação é elaborado mensalmente com os professores titulares ou a equipa pedagógica. A planificação a curto prazo é o plano de aula elaborado pelos professores titulares. É uma planificação realizada diariamente, focalizando-se, muito particularmente, com os objetivos das atividades. Porém, é importante salientar que esta planificação não deve ser rígida, ou seja, deve ser flexível pois terá que obedecer às necessidades dos alunos.

Segundo Estrela (1986: 27- 30), antes de planificar e intervir de modo fundamentado, o processo de observação e problematização aparece em primeiro plano. O professor deve sentir-se implicado nas suas "investigações" de campo, de forma a recolher criteriosamente a informação, para posteriormente relacionar a teoria com a prática (prática pedagógica) e pensar na sua ação. Devido a estas razões é que observamos a sala, as estratégias dos Professores Cooperantes, para depois aplicarmos nas nossas planificações. Tal como Maria do Céu Roldão evidencia, os professores tornam-se os "principais especialistas do currículo" (Roldão, citado por Alarcão, 2001: 5) pois, "pensar curricularmente significa tão só assumir conscientemente uma postura reflexiva e analítica face ao que constitui a sua prática

quotidiana, concebendo-a como campo de saber próprio a desenvolver e aprofundar e não como normativo que apenas se executa sem agir sobre ele" (Roldão, citado por Alarcão, 2001: 5).

No caso da instituição A, a Professora Cooperante forneceu-nos as Planificações Anuais (Anexo X.I) no início do ano letivo. A partir desta planificação, conseguimos compreender os conteúdos que iriam ser abordados e as competências que eram necessárias serem desenvolvidas, até ao final do ano letivo. Todas as planificações eram planeadas, em conjunto, com uma professora titular de outra turma do 1.º ano. Desta forma, sabíamos, semanalmente, que conteúdos é que iriamos abordar. O conhecimento dos conteúdos era conhecido através de conversas informais e na reunião de avaliação e de orientação de estágio que ocorria semanalmente. Relativamente à Instituição B, todos os Professores Cooperantes forneceram-nos as Planificações Anuais (Anexo X.II), quando iniciamos os estágios. Da mesma forma, como na instituição anterior, semanalmente, determinávamos os conteúdos que iriam ser planificados, definindo os que ficariam pela responsabilidade do Professor Cooperante e os nossos. Seguindo o procedimento do primeiro estágio, nas reuniões de avaliação semanal e na orientação de estágio debatíamos os conteúdos a abordar, apontando algumas sugestões que deveríamos ter em conta para que, o nosso plano de aula fosse o mais completo possível e adequado à realidade do grupo.

Neste sentido, todas as planificações e estratégias de ensino e aprendizagem, para estarem adaptadas à turma e às atividades desenvolvidas, durante o ano letivo, eram planeadas previamente, com a finalidade de o professor se debruçar sob os métodos e as estratégias que iria utilizar, para conseguir atingir os objetivos que estipulou para as atividades preparadas.

Por estes motivos é que a planificação é útil, e principalmente no início de carreira, pois com a mesma, os professores poderão controlar uma aula, focalizando-se realmente no que é essencial e fundamental para o desenvolvimento da atividade/aula.

Segundo Zabalza (2000), a planificação serve para o professor satisfazer as suas necessidades pessoais, determinar os objetivos a serem alcançados e para estipular as estratégias de atuação durante o processo educativo, ou seja, reflexão sobre a organização dos alunos, operacionalização e avaliação. Bris (2002:13)

salienta que, uma das justificações mais pertinentes para utilizar a planificação está relacionada com a necessidade de responder, eficazmente, a todos os desafios e situações que se vão produzindo dentro das instituições educativas.

As metodologias e os recursos que o professor poderá adotar, são outros aspetos a considerar. As metodologias (métodos pedagógicos: expositivo, interrogativo, demonstrativo e ativo, modelos de aprendizagem e modelos pedagógicos) e recursos (manuais, TIC, visitas de estudo, e entre outros) que os professores podem adotar, nas suas aulas, apresentam como objetivo principal a promoção de aprendizagens significativas.

Nas duas instituições, todas as planificações foram revistas pelos Supervisores de Estágio e por todos os Professores Cooperantes para que, o plano de aula estivesse correto, adequado ao grupo, verificando, desta forma, se os conteúdos se encontravam articulados com os objetivos, com os recursos, com os procedimentos metodológicos e a avaliação dos mesmos. No caso da Instituição B, além de todo este apoio, tínhamos orientação tutorial por parte de docentes de cada área científica da ESEPF. Assim, apresentávamos uma maior segurança no ato da intervenção, pois, sentíamos que tínhamos uma boa base de trabalho e de orientação para que, a intervenção tivesse sucesso.

Todas as planificações foram elaboradas em tabela (Anexo X.III e X.IV). Na Instituição A, o modelo de planificação foi sendo alterado, ao longo do estágio, de modo que, se tornasse mais útil para a execução do plano, "verificarmos outras formas de planificar e por vezes mais práticas do que as nossas […] conseguimos avaliar as nossas práticas, reestruturando as nossas planificações " (Anexo IX.II.III). Já na Instituição B, os modelos variavam de acordo com as exigências de cada Professor Cooperante. Contudo, em todas foram introduzidos alguns aspetos que não se verificavam nas planificações do 1.º CEB – número da lição, sumário e forma de social de trabalho- visto, o 2.ºCEB apresentar uma forma distinta de organização de trabalho (Anexo X.IV). Importa salientar que, em todas as planificações foram realizados apontamentos (os necessários) sobre alunos que necessitavam algum cuidado especial, realizando desta forma, diferenciação pedagógica "irei aplicar estratégias de intervenção individual com um aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem" (Anexo IX.III.I).

Desta forma, planificar é um conjunto de ideias, conhecimentos e experiências que, de forma sequenciada, projetam atividades com uma finalidade/meta a atingir, ou seja, é deste modo um fio condutor, que nos indica o rumo a seguir. Pode-se referir igualmente que, a planificação é vista como uma previsão do procedimento da tarefa a realizar assim como um instrumento de avaliação e reflexão.

Tanto na Instituição A como na Instituição B, consideramos sempre a importância da planificação como um guia, fundamental tanto para o professor como para os alunos, mas como os mesmos não tinham acesso à planificação, realizávamos momentos em que indicávamos os conteúdos que iriam ser abordados. Assim, na Instituição A, aproveitávamos os primeiros momentos da manhã para indicar o que iriamos fazer durante o dia, para que os mesmos conseguissem idealizar as tarefas. Já na Instituição B, no início de cada aula os professores escreviam o sumário da aula e os alunos copiavam para o caderno diário, rotina que estes consideravam fundamental.

Evidentemente, reforçando a ideia já mencionada anteriormente, a planificação deve ser entendida como um guia, como tal deve ser flexível, logo, em muitas ocasiões tivemos que adaptar as mesmas na altura, quer por níveis de dificuldade sentida pelo grupo quer por nível de ausência de material ou até mesmo pelo comportamento dos alunos.

III.II.III Agir/Intervir

Acreditamos, que é no processo de intervenção que demonstramos o nosso modo de estar e a nossa visão sobre a Educação. Tudo isto é visível, através da pedagogia, das metodologias e das estratégias que privilegiamos. Tendo em conta a nossa posição que defendemos no capítulo I – Enquadramento Teórico – e tendo por base o perfil dos professores do 1.º e 2.º CEB (Decreto – Lei nº240/2001), consideremos que o professor, independentemente da metodologia que utilizar, deve promover a qualidade do contexto escolar, combatendo a exclusão e a discriminação das crianças, manifestando, deste modo, com os alunos uma capacidade relacional e de verdadeira comunicação.

Relativamente à preparação das atividades, estas devem indicar os objetivos, para que sejam claras e concisas. Além disso, devem ser adaptadas de acordo com o

programa da área curricular, com as competências e os resultados esperados por parte dos alunos, assim como, as ações desenvolvidas pelos professores (já mencionadas na planificação).

Todas as atividades devem ser adaptadas ao grupo, de acordo com os seus interesses e necessidades, de modo a promover um desenvolvimento harmonioso e completo em todas as dimensões.

Para evitar a rotina das atividades, de modo que os alunos não fiquem desmotivados, o professor deverá criar uma diversidade de atividades, conduzidas de forma diferente utilizando, igualmente, vários recursos. As atividades podem ser organizadas de diferentes modos (individuais, pares ou em grupo) influenciando as interações existentes na sala de aula e o modo como os alunos se envolvem na atividade e nas aprendizagens. O professor deverá apresentar o papel de moderador e colaborador, ou seja, a presença do professor é indispensável.

As relações com os alunos devem ser imparciais, no entanto, por muito que o professor se esforce não consegue ser imparcial, ou seja, cria expectativas que posteriormente são decisivas nas relações que mantém. No entanto, o professor deve esforçar-se para oferecer as mesmas oportunidades a todos os alunos, de modo, que todos consigam atingir os "mesmos" resultados de aprendizagem. De acordo com Perrenoud (1999), o professor não pode ser solitário, ou seja, deve partilhar todos os seus conhecimentos com a turma, manifestando o seu desejo de ensinar e gosto para trabalhar com as crianças. Assim, o professor, não deverá deixar as crianças na margem, deve empreender o seu conhecimento e estar sempre em constante formação (aprendizagem ao longo da vida) de modo a melhorar a sua atividade, estando sempre disposto a novas aprendizagens.

Desta forma, iniciaremos uma breve descrição dos aspetos fundamentais ocorridos ao longo dos estágios, nas diferentes instituições.

Na Instituição A, realizávamos a intervenção em semanas alternadas, durante três dias - de segunda a quarta-feira - (Anexo XVIII.I). As primeiras semanas foram dedicadas à observação, contudo como já tínhamos trabalhado em anos anteriores com a Professora Cooperante, esta permitiu que tivéssemos mais contacto com os alunos, deixando participar de imediato em algumas atividades, para que, quando passássemos a intervenção, propriamente dita, os alunos não sentissem tanta diferença com os nossos métodos de ensino.

Como era uma turma do 1.º ano do 1.ºCEB, os dias apresentavam geralmente uma rotina. A primeira atividade, e, como era uma instituição de cariz religioso, iniciávamos o dia com as orações realizadas por um aluno. Saliento que estes momentos eram importantes, pois serviam para acalmar os alunos, sendo um momento de partilha do aluno para com a turma e os professores.

Como o grupo se encontrava nos processos de aprendizagem de leitura e de escrita, quando o conteúdo era uma nova letra do alfabeto, esta era uma das primeiras atividade do dia. O método utilizado era o método de *Jean Qui Rit* – adaptado - como tal iniciávamos o processo, sempre com uma motivação (neste caso era a canção da letra e a utilização das TIC) e depois o treino da caligrafia (a nível individual) tendo sempre em atenção os alunos com maior dificuldade. Nos dias seguintes procedíamos à consolidação da mesma letra através de leitura de palavras que posteriormente evoluíram para frases e pequenos textos, através da resolução de fichas de trabalho e fichas do manual de Língua Portuguesa. Neste grupo, como as principais atividades eram a escrita e a leitura, em todos os espaços mortos, a estagiária, como estratégia de remediação, trazia consigo sempre palavras e frases que colocava no quadro para que os alunos lessem, em voz alta, procedendo deste modo à observação do desempenho dos alunos, fazendo por vezes despiste de algumas situações que passavam despercebidas (Anexo X.III – operacionalização das atividades).

As aprendizagens dos conceitos novos de Matemática, geralmente aconteciam durante as manhãs. Como eram conceitos que os alunos quase todos dominavam, como a escrita dos numerais até 10, contagens simples, relações espaciais, os exercícios desta área normalmente não causavam dificuldades ao grupo. Evidentemente, os professores percorriam a turma, ao longo dos exercícios, verificando, deste modo, as dificuldades individuais de cada aluno. Quando iniciamos a formalização das operações de subtração e adição, alguns alunos demonstravam alguma dificuldade, contudo, tentávamos desconstruir o conceito de operação simbólico, com operações concretas, por exemplo com contagem de canetas, ou qualquer outro material escolar. Aliás, qualquer conceito mais abstrato em que se notava, no grupo, que havia falta de compreensão, era de imediato desconstruído com alguma situação mais concreta, como por exemplo os sinais <,> eram o “senhor comilão”. Nesta fase, tal como mencionamos anteriormente, quando houvesse tempo morto, eram colocadas igualmente algumas operações – as contas – no quadro, para os alunos resolverem individualmente no lugar.

As aprendizagens de Estudo do Meio ocorriam sempre na parte de tarde, assim como, as atividades dedicadas às Expressões mais especificamente à plástica. Relativamente ao Estudo do Meio, as aprendizagens como eram relativas à descoberta de si, dos outros e do meio que os rodeia, a maioria dos alunos conseguia compreender, tal como referimos anteriormente. As atividades consistiam na resolução de fichas de trabalho elaboradas pelas estagiárias e em exercícios do manual de Estudo do Meio. Por vezes, existiam conteúdos onde era possível realizar manipulação de objetos, e de facto, essas experiências eram muito apelativas para alunos (Anexo X.III, primeira planificação). Quanto à expressão plástica, os alunos realizavam pinturas e desenhos, quer orientados quer livres.

Importa mencionar, que a maioria das atividades apresentavam motivação, e tentávamos sempre ir ao encontro dos interesses das crianças, tendo em conta os conhecimentos prévios do grupo. A partir daí, pensávamos em situações didáticas, contextualizadas, de modo a promover aprendizagens diferenciadas e significativas. Neste sentido, acrescento que o grupo como tinha ritmo de trabalhos diferentes, pensámos em introduzir "pequenas atividades de trabalho autónomo" (anexo IX.II.II) mas essa implementação não funcionou, pois como alguns alunos não tinham maturidade e autonomia suficiente, uns ficavam ansiosos porque não realizavam trabalho autónomo outros interrompiam as atividades, pois necessitavam de apoio na resolução das atividades Desta forma, enquanto o idealizado era não haver confusão nos tempos mortos, desenvolveu-se um clima de aula confuso e desorganizado, por isso a tentativa de implementação de trabalho autónomo foi retirada. Outra situação que gostaria de mencionar, foi a tentativa de realizar "ditados mudos para a escrita" (anexo IX.II.II), para elevar o grau de dificuldade dos alunos, contudo embora a tarefa só fosse realizada uma vez, não obteve o sucesso esperado, devido mais uma vez aos diferentes ritmos de trabalho.

Outra preocupação foi a realização de atividades interdisciplinares, como os conteúdos do 1.º ano são muito simples, apenas conseguimos realizar uma, relacionada com Natal,

> "Na elaboração da carta ao Pai Natal, os alunos em primeiro lugar tinham que copiar uma frase do quadro (Língua Portuguesa), pintar o Pai Natal (Expressão Plástica), recortar imagens de presentes de revistas de brinquedos (Expressão Plástica), selecionar e colar os brinquedos num retângulo em branco (Expressão Plástica e Matemática: estruturação espacial). Com esta atividade, consegui envolver três áreas e indiretamente falei de alguns valores do Natal, sem ser a parte mais material, logo a religião e moral também foi explorada" (Anexo IX.III.III).

Na Instituição B, tal como na anterior, realizávamos intervenção quinzenalmente, alternando com o par pedagógico. No entanto, esta intervenção era diferente da anterior, enquanto, na Instituição A, a intervenção pedagógica ocorria ao longo de três dias (dois dias completos e uma manhã), nesta intervenção tínhamos apenas que realizar intervenção em algumas aulas das áreas curriculares ao longo da semana (45 minutos a Ciências da Natureza e a História e Geografia de Portugal e 90 minutos a Matemática e a Língua Portuguesa, para que no final realizássemos quatro blocos de 90 minutos em cada área curricular), partilhando a semana com os Professores Titulares (Anexo XVIII.III). Este horário apresentou convenientes, pois conseguíamos abordar as áreas todas numa só semana. Relativamente aos inconvenientes, destacamos a falta contacto com os alunos pois, quando o Professor Cooperante ou o par pedagógico se encontravam a lecionar, a estagiária ficava no fundo da sala a observar a aula, e, como as intervenções eram muito espaçadas, acabávamos por não apresentar uma sequência dos conteúdos lecionados.

Tal como na Instituição A, as duas primeiras semanas foram dedicadas à observação. De seguida, realizámos a intervenção de acordo com o horário da turma (Anexo XVIII.II). Tal como mencionamos anteriormente, todas as nossas ações tiveram em conta o conhecimento prévio dos alunos e as necessidades das mesmas, o que nesta turma foi um pouco mais complicado devido à divisão da mesma em dois turnos em Língua Portuguesa e Matemática. Esse facto estava relacionado com os resultados de avaliação, de modo a oferecer mais atenção a estas áreas que, são as que apresentam piores resultados académicos. Estes turnos eram completamente diferentes, logo, tínhamos, ao nível de intervenção, tomar atitudes diferente, ou seja, não intervínhamos apenas numa turma, mas sim em três (no 6.ºA, no 6.ºA1 e no 6.ºA2).

Relativamente à área da Língua Portuguesa, realizámos a análise da obra “O Rapaz de Bronze “ de Sophia de Mello Breyner Andresen, nos seus diversos domínios – leitura, interpretação, análise textual, análise gramatical e produção textual (Anexo XIII.I) Introduzimos o conteúdo de poesia e as suas características, analisando e interpretando textos, neste conteúdo também elaborámos um poema visual. Como motivação para este conteúdo levámos gravações áudio e músicas, visto ser um conteúdo que apela a sensibilidade (Anexo XIII.II). No final da intervenção realizámos uma pequena ficha de trabalho com diversas tipologias textuais, visto ser uma área

que os alunos no seu geral apresentam grande dificuldade – a produção textual – tal como mencionamos anteriormente (Anexo XIII.IIII)

Ao nível da Matemática, introduzimos o conceito de volume levando para a sala materiais manipuláveis, para que, experimentalmente, os alunos concretizassem a noção de volume e a sua forma de cálculo. O resultado esperado consistia que, na resolução de exercícios conseguissem resolver as situações problemáticas com menor dificuldade (Anexo XIII.IV). Elaborámos testes em conjunto com a professora Cooperante, assim como a cotação dos mesmos (Anexo XI.I). Realizámos fichas de trabalho, de acordo com os modelos sugeridos pela professora, aplicámos desafios com exercícios semelhantes ao exame nacional de 6.º ano e por fim efetuámos a correção os dois testes de avaliação na aula que, era um ótimo momento para realizar uma revisão e limar algumas lacunas que os alunos apresentavam "tive a preocupação na realização de revisões sobre os conteúdos que o teste alcançava, para que, ao mesmo tempo que realizasse a correção, chamar a atenção dos alunos sobre aspetos importantes e que fazem parte do conteúdo das provas de final de ciclo" (Anexo VIII.III.I).

Em História e Geografia de Portugal, lecionámos aulas do domínio da História e outras do domínio da Geografia. Como os conteúdos eram relativos ao século XX, ou seja, Estado Novo e 25 de Abril, tentámos sempre, como motivação trazer para a aula vídeos, imagens, textos e canções para compreender melhor este período visto ser uma realizada próxima e que muitos familiares a vivenciaram, logo, a partilha de experiencias familiares foi um marco sempre presente nas aulas (Anexo XIII.V). Também realizámos a correção de um teste oralmente, elaborado pela Professora Cooperante. Além das estratégias de motivação, tentamos sempre analisar imagens, textos e documentos históricos, explorando totalmente o manual da disciplina.

Finalmente, ao nível das Ciências da Natureza, abordámos temas um pouco problemáticos – sexualidade e as drogas - para a faixa etária do grupo, devido à curiosidade natural que é característica da adolescência. Tentámos abordar, sempre, os conteúdos de forma séria e segura de modo a não provocar muitos distúrbios a nível de comportamento nas aulas. Nas aulas sobre as drogas, obtivemos ajuda de uma Assistente Social da Câmara Municipal de Matosinhos, que nos ofereceu informação e materiais para disponibilizarmos aos alunos como complemento de informação e sensibilização para o tema, realizando indiretamente prevenção para o consumo das mesmas (Anexo XIII.VI). Além destes temas, abordámos os micróbios e

as plantas. Como eram temas mais simples, tentámos elaborar experiências, relativamente aos micróbios só mostrámos os resultados da experiência (Anexo XIII.VII) e no segundo caso realizámos a experiência na aula, seguindo o método experimental (Anexo XIII.VIII). Nestas aulas, também experimentámos a elaboração de testes, a construção de matrizes e a própria correção de provas globais dos alunos (Anexo XI.II). Importa salientar, que em todas as intervenções eram dadas aos alunos fichas de apoio, aos alunos com maior dificuldade, que posteriormente, eram corrigidas e avaliadas pelas estagiárias (Anexo XIII.IX).

Além das aulas, participámos numa Visita de Estudo ao Parque Biológico de Vila Nova de Gaia. Este foi considerado um momento importante, pois enfortecemos a relação com os alunos, conhecendo-os melhor num contexto fora do espaço da escola. Participámos na Feira dos Minerais, criando atividades, em conjunto com o par pedagógico, para os alunos do 5.º e 6.º ano da Instituição. As atividades englobavam as áreas das Ciências da Natureza, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal, acabando por ser este o momento de excelência de interdisciplinaridade (Anexo XIV).

III.II.IV Avaliar

Além dos pontos mencionados, anteriormente, existe outro que na nossa opinião será o mais importante, ao longo da intervenção educativa que é a avaliação de todo este complexo processo (ensino-aprendizagem), pois permitiu a regulação do mesmo. De acordo com o Decreto-Lei nº240/2001, o professor "utiliza a avaliação, nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação".

Voltando a salientar o papel da "reflexão sobre e na acção" defendido por Schön como um "gerador de saber em permanente reconstrução dialética […] tornando o professor efetivamente competente […] capaz de agir, de analisar e avaliar a sua ação e de modificar fundamentalmente a sua acção em desenvolvimento, desembocando na produção constante de um saber reflexivo e renovado" (Roldão, 1999:105). Destacamos, de seguida, os vários momentos em que se procederam à avaliação da intervenção educativa.

Durante todo o estágio, em ambas as Instituições, ocorreram momentos de avaliação diária realizada pela própria estagiária, ou seja, todos os dias eram refletidos

os pontos fortes e fracos da intervenção, de forma a estruturar a planificação, os recursos e as estratégias a utilizar nas próximas intervenções (Anexo IX.III.II). Importa salientar, que na Instituição B, após todas as intervenções, os Professores Cooperantes e a Supervisora realizavam a avaliação da intervenção, a chamada avaliação a "quente", que permitia que, de imediato, tivéssemos consciência do que tinha ocorrido durante a aula, servindo, igualmente, para justificar as alterações que realizávamos, nas planificações, ou seja, as estratégias de remediação. Salientamos duas situações em que a avaliação surgiu por parte dos alunos, ou seja, no final de uma aula pedimos que os alunos preenchessem uma ficha de autoavaliação (Anexo XI.II) e outra que o professor cooperante de Ciências da Natureza pediu que os alunos realizassem um pequeno texto sobre o nosso percurso em estágio, com esses textos conseguimos obter uma visão dos principais intervenientes do processo educativo – os alunos –servindo, deste modo, para verificar a nossa atuação (Anexo XII.III).

A nível semanal, reuníamos em ambas as instituições com os Professores. No caso da Instituição A com a Professora Cooperante e na Instituição B com os diferentes Professores Cooperantes das respetivas áreas curriculares. Esta avaliação semanal era realizada no sentido de nos guiar para o melhor caminho a percorrer com os alunos, verificando a consistência das atividades propostas, assim como, as estratégias utilizadas, nomeadamente as que envolviam diferenciação pedagógica.

Ainda a nível semanal, reuníamos com supervisor da ESEPF, ou seja, nas orientações tutoriais, avaliando o nosso desempenho através do preenchimento de grelhas e notas de observação da aula (Anexo XVII.III) No caso do estágio ocorrido no 2.ºCEB, reuníamos igualmente com os professores da ESEF da área científica que nos ofereciam apoio em todas as fragilidades que apresentávamos a nível científico. A avaliação do par pedagógico, ou heteroavaliação, também realizada semanalmente pelo preenchimento de grelhas de observação de aulas (Anexo XVII.II).

No que toca a elaboração de reflexões semanais relacionadas com a prática pedagógica. Na Instituição A, refletíamos semanalmente sobre temas relacionados com a prática, todas as reflexões foram alvo de correções e de momentos de *feedback* por parte do supervisor (Anexo IX.II) Já na Instituição B, refletíamos sobre todas as intervenções ocorridas (Anexo IX.III.III) e semanalmente sobre aspetos gerais da intervenção estas reflexões eram igualmente corrigidas por parte do supervisor.

Em jeito de conclusão, deste tópico, consideramos que o estagiário, ao desenvolver uma atitude ativa e reflexiva, ou seja, apresentar uma atitude questionadora face ao processo de intervenção relacionado todos os processos, descritos anteriormente - observação, preparação, planificação, intervenção e avaliação - está a caminhar para construção de uma escola reflexiva, ou seja, uma "organização que continuadamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização, e se confronta com o desenrolar da sua atividade de um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo" (Alarcão, 2001: 25).

III.III Avaliação das Aprendizagens

"A avaliação é o eco da acção" (Barlow, 2006:14).

O conceito de avaliação, segundo Gouveia (2008a) não apresenta apenas uma definição, como tentativa de explicação deste conceito, serão evidenciados os dois paradigmas que marcam a avaliação: O psicométrico de caráter positivista, preocupado com medida e objetividade, utiliza a docimologia (ciência de exames) e as regras para a elaboração de instrumentos sumativos (testes). O construtivista surgiu num contexto em que se queria substituir os chavões de verdade e objetividade por validade e de pertinência, ou seja, noções como: avaliação contínua, diversos momentos e instrumentos de avaliação, foram aparecendo, dando origem a uma nova abordagem da avaliação. Surge desta forma, em 1967, por Scriven, a avaliação formativa que ofereceu um novo olhar sobre a avaliação, atribuindo-lhe um caráter mais humanista que até então pensava-se que não era possível. Segundo o Ministério da Educação, "constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico", sendo também "um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens (Despacho Normativo nº1/2005 de 5 de janeiro).

Desta forma, o ideal é que num processo formativo, exista um primeiro momento para a interpretação dos dados da situação, ou seja, um diagnóstico

(avaliação diagnóstica), de seguida um momento de regulação acompanhado e corrigindo os processos de elaboração, tendo em vista a melhoria (avaliação formativa), e no final para verificação dos objetivos alcançados, atribui-se uma classificação (avaliação sumativa). De acordo com os estágios, na instituição A, verificamos a existência de avaliação formativa – diversos trabalhos elaborados pelos alunos – e sumativa – fichas de avaliação – porém, os resultados das mesmas eram apresentados de forma qualitativa, visto estarem no 1.º ano, logo o valorizado era processo de aprendizagem. Na instituição B, os professores tinham em conta vários aspetos como a participação, a assiduidade e pontualidade, a realização dos trabalhos de casa e comportamento na sala de aula, contudo era dado maior peso à cotação dos testes, procedendo desta forma à média dos mesmos, servindo os outros aspetos para valorizar as notas dos alunos.

O ideal seria utilizar os três tipos de avaliação no processo de aprendizagem: avaliação diagnóstica com o objetivo de saber se os alunos apresentam os conhecimentos e capacidades necessárias para novas aprendizagens, normalmente realizada no início de cada aprendizagem com a função de prognóstico; avaliação formativa com o objetivo de regular e proporcionar *feedback* (professor e aluno), realizada durante todo o processo de aprendizagem, com a função de regulação e a orientação (Anexo VI.V); avaliação sumativa que oferece um balanço de determinada etapa, realizada no final da aprendizagem com a principal função a certificação.

Assim sendo, o essencial da avaliação consiste na relação do que existe e do que é esperado, entre um comportamento observado e um a ser atingido, entre o desempenho real do formando e o que é esperado, ou seja, entre a realidade e o modelo desenhado como o ideal.

Para melhorar a qualidade da avaliação, segundo Gouveia (2008b) é necessário pensar nas intencionalidades formativas. Assim, no sentido de educar com sentido (pensando no que se pretende e no que se obtém) é necessário ter em atenção os cuidados/princípios básicos para a formulação dos objetivos pedagógicos: formando, verbo e produto**.** Com tudo isto, os objetivos devem estar definidos do lado do aluno porque é ele que desenvolve conhecimentos, devem implicar uma ação e por fim estarem enunciados para o final do processo e não para o seu decurso. Se os objetivos estiverem bem formulados, verificamos que são imprescindíveis, visto que, o professor consegue escolher estratégias e recursos, conceber meios e pensar em estratégias avaliativas (este aspeto é verificado nas planificações realizadas). Os

alunos, ao conhecerem os objetivos sentem-se mais motivados sabendo qual o rumo a seguir, permitindo igualmente que estes estabeleçam uma relação mais articulada com o professor e consigo próprios (autoavaliação). Pode-se dizer que em educação utilizamos os objetivos para os nossos propósitos.

Então, chegando a este ponto, questionamo-nos: avaliamos em função de quê? Como resposta pode-se verificar que, inicialmente na era da psicometria, a avaliação era normativa, ou seja, consistia em comparar os indivíduos uns com os outros. Progressivamente falou-se em avaliação criterial, baseada em critérios, que descreve aquilo que um aluno é capaz de fazer, não comparando com outros e, em alguns casos nomeadamente em educação especial, realiza-se a avaliação ipsativa que compara o aluno com ele próprio. A partir dos anos 60, foi marcado um processo de verificação contínua em que a certificação deixa de ser o único propósito da avaliação. Atualmente, ainda se fala na medida, mas com a implicação da continuidade, ou seja, o importante é que os alunos saibam utilizar os seus conhecimentos e habilidades nas tarefas da vida diária. A este fenómeno dá-se o nome de competência. Os métodos de avaliação exigem que se acompanhe a progressão dos alunos e não apenas o produto final. Neste processo, há que ter em conta a integração da avaliação na aprendizagem e a autoavaliação. Neste contexto, surge a palavra *assessment* que traduz uma atitude de aproximação da avaliação no processo de ensino - aprendizagem.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (2003: 133-155), o sistema educativo, atualmente, promove o desenvolvimento de competências que implicam a conceção de novos programas de estudos que preparam os alunos para desenvolverem os seus conhecimentos em situações realistas, sendo esperado a integração de saberes provenientes de várias disciplinas e multidimensionais (taxonomia de Bloom). Logo, é essencial que os métodos de avaliação sejam reajustados, para que se realize uma autêntica apreciação do desempenho. Verificamos esta situação quando elaborámos os testes de avaliação de Ciências da Natureza em que tínhamos que obedecer a critérios para cada domínio cognitivo, ou seja, tínhamos um determinado número de perguntas do âmbito do conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação (Anexo XI.V). Neste sentido, a avaliação torna-se num espaço de comunicação por excelência, onde existem momentos de regulação interativa, *feedback* e autoavaliação.

De seguida, e após terem sido abordadas as questões de avaliação, objetivos e competências, serão indicados os instrumentos que estão ao serviço da avaliação. Existem inúmeros instrumentos de avaliação de aprendizagens, segundo Gouveia (2008c) e Ribeiro e Ribeiro (2003) cabe ao professor realizar a escolha relativamente à sua função tendo em conta as suas limitações e vantagens. Porém, convém referir que o primordial é saber que tipo de alunos estarão presentes na sala de aula, e, saber quais são as suas necessidades para poder realizar uma melhor escolha. Não existe um instrumento que reproduza o conhecimento do aluno por completo, assim, o professor deverá jogar com os instrumentos de modo a avaliar os seus alunos de várias maneiras.

De acordo com Gouveia (2008c) os testes são um exemplo tradicional de instrumentos de avaliação, mas hoje em dia já são utilizados com finalidades formativas. Por norma, estão associados a aulas expositivas em que o professor pretende avaliar, de forma quantitativa, o grau de retenção da exposição. Antes de aplicar um teste deve-se ter conta o que se pretende avaliar, assim como os objetivos. De seguida, deverá ter-se em conta os tipos de testes e as suas respetivas vantagens e desvantagens. Existem diferentes tipos de testes, os de resposta aberta ou subjetivos (testes de resposta livre e orientada) e os de resposta fechada ou objetivos (testes de resposta curta e completamento, verdadeiro/falso, associação, resposta múltipla). Todos, os testes (resposta aberta e fechada) devem ser claros, devem avaliar as aprendizagens significativas (o que é relevante), devem apelar a diversos níveis cognitivos e proporcionais aos mesmos, as perguntas não devem estar dependentes umas com as outras para que, os alunos não sejam excessivamente penalizados. Em ambos os estágios verificamos a presença de testes. No caso da instituição A, os testes de Língua Portuguesa e Matemática não eram elaborados pela Professora Cooperante, sendo retirados dos respetivos manuais que continham uma pasta com fichas de avaliação. Já os testes de Estudo do Meio eram elaborados pela mesma, com exercícios semelhantes aos realizados nas aulas. Na Instituição B, tivemos contacto com diversos testes. Os de Língua Portuguesa eram os mais extensos, obedeciam formalmente à estrutura dos exames nacionais (Anexo XI.I.I) Os de Matemática apresentavam perguntas que abarcavam todos os domínios cognitivos, apresentando exercícios semelhantes aos dos exames nacionais (Anexo XI.I.II). Os testes de História e Geografia de Portugal, embora fossem concebidos para 45 minutos acabavam por ocupar mais tempo, pois tinham perguntas de resposta aberta e algumas de resposta curta, contudo era o teste onde os alunos escreviam sempre

mais, devido também à natureza da disciplina (Anexo XI.I.III) Os testes de Ciências da Natureza, na minha opinião, eram os testes mais dinâmicos, apresentavam diversas tipologias de perguntas, desde verdadeiro ou falso, escolha múltipla, análise de gráficos, legendas, resposta curta e longa, ou seja, estava de tal maneira equilibrado que um aluno que estivesse minimamente dentro dos conteúdos conseguia tirar pelo menos, nota mínima para conseguir a positiva através das perguntas de resposta fechada (Anexo XI.I.IV).

Passamos, assim, às grelhas de avaliação descritivas que são instrumentos que analisam um produto que pretende ser avaliado. Cada grelha apresenta critérios bem definidos baseados em situações concretas relacionadas com o objeto avaliado. São elaboradas por equipas de docentes ou estudantes, nunca estão terminadas, pois em qualquer momento se pode tornar a grelha mais rica e adequada aos propósitos em questão. Não existe um número correto de critérios, embora estes devam estar adequados ao objeto avaliado. Os critérios devem estar descritos em níveis definidos numa escala qualitativa (desempenho insuficiente, excelente e intermédio). Com a descrição dos níveis, os avaliadores avaliam os formandos de modo a evitar discrepâncias, pois para cada nível está definido o desempenho do tipo de aluno em questão, tentando deste modo, combater a subjetividade implícita na avaliação.

A única grelha, que utilizamos, foi na Instituição A, para a avaliação de leitura realizada pela Professora Cooperante (Anexo VI.III). Esta grelha apresentava níveis que poderiam estar melhor definidos, uma vez que se traduziram na dificuldade de aplicação da mesma, ou seja, critérios como “lê alto” ou “lê com rapidez”, poderiam ter diferentes interpretações, o que levaram a que tivesse sido feita uma avaliação normativa. Se na altura de aplicação da grelha tivesse os conhecimentos que obtivemos numa unidade curricular no final do corrente semestre na ESEPF, no que compete à elaboração de grelhas descritivas, poderíamos tê-la alterado para que a descrição dos níveis fosse clara e objetiva, levando a que tivesse sido feita uma intervenção mais oportuna e direcionada aos alunos. Relativamente aos outros instrumentos de avaliação, com os exercícios feitos nas aulas ou mapas concetuais (Anexo XI.III) conseguiu-se compreender a utilização dos mesmos e finalmente compreender o porquê da utilização de certos instrumentos como resposta às necessidades de que queremos avaliar.

Como conclusão, acrescentamos que a avaliação

> "dos percursos de aprendizagem dos alunos no contexto das salas de aula só tem significado se estiver fortemente articulada com a aprendizagem e com o ensino. Dificilmente se poderão fazer progressos assinaláveis num domínio tão intrinsecamente pedagógico como é o da avaliação, sem investigar as suas relações com a aprendizagem, com o ensino e com as dinâmicas e ambientes existentes na sala de aula. A compreensão e a conceptualização destas relações é relevante para que se possam melhorar as práticas, nomeadamente através de tarefas que possam ser utilizadas para aprender, para avaliar e para ensinar" (Alves e De Ketele, 2011:133).

De seguida apresenta-se um esquema (Figura 6), que retrata a ideia anterior, destacando os elementos mediadores e que deveremos ter em conta se quisermos melhorar a nossa prática e os resultados do ensino aprendizagem, tendo em conta a avaliação. De facto, se analisarmos bem as nossas práticas, verificamos que é verdade o que se costuma afirmar "Diz-me como avalias, dir-te-ei como formas" (Gouveia, 2008: 23).

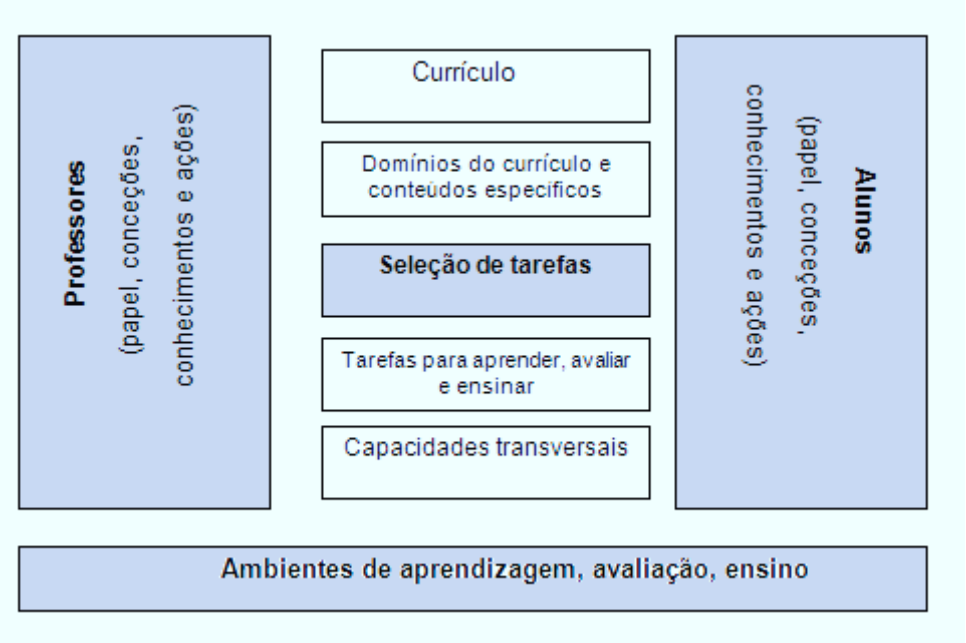


Figura nº6 – dimensões a considerar no estudo e na análise da mudança de práticas de ensino – *in* Alves e De Ketele (2011:137)

CAPÍTULO IV

REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

> " A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma "nova" profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas […]A formação deve estimular uma perspectiva critica-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional" (Nóvoa, 1992: 24-25)

Neste capítulo, apresentaremos uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo da intervenção educativa, evidenciado desta forma, a construção da profissionalização, tendo em conta todos os altos e baixos com os quais nos deparamos, ou seja, todo o processo que nos fez crescer a nível profissional.

Com a realização deste estágio, quer na valência de 1.ºCEB quer no 2.ºCEB, vivenciamos uma verdadeira experiência de intervenção educativa. Pudemos compreender, através da prática, o que é ser professor nestas duas valências e a importância do papel do docente no processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente na preparação, planificação, intervenção e avaliação das aprendizagens.

Quando chegamos à instituição, depois de analisarmos o contexto organizacional, fomos confrontados com os modelos de intervenção dos Professores Cooperantes. Reparamos que estes optam por conjugar os pontos fortes de cada modelo pedagógico, ou seja, não utilizam um método puro. Contudo, em todos os casos, as atividades são todas sugeridas e planificadas segundo o professor. No caso da professora do 1.º CEB e a maioria dos professores do 2.ºCEB as atividades seguiam a ordem do manual. No entanto, todos, na intervenção apresentavam atenção à diferenciação pedagógica de forma a ir ao encontro de certos alunos e interesses dos mesmos.

O nosso papel como estagiários mudou muito, passamos de observadores a interventores. A nossa responsabilidade perante a turma foi incomparável. Tendo em

conta o estágio vivido na *Iniciação à Prática Profissional I,* notaram-se as diferenças, quer a nível de postura dentro e fora de aula como a relação com os alunos. Mesmo dentro deste estágio, sofremos um grande crescimento, por exemplo ao nível da linguagem utilizada, os alunos do 2.º CEB estão habituados a uma linguagem mais científica e elaborada, enquanto os do 1.ºCEB, especialmente os do 1.º ano necessitam de uma linguagem mais simples e próxima, para compreender os conteúdos mais simples, visto que estão a ouvi-los pela primeira vez.

Durante todo o estágio, tivemos oportunidade de experimentamos aulas expositivas, práticas, formais e menos formais. Sentimos "na pele" o sentimento de segurança de uma aula expositiva e a incerteza de uma aula mais prática. Salientamos que as atividades que mais agrado nos ofereceram e, o que realmente valeu o esforço foi, a nível do 1.º CEB, o receio/satisfação de ensinar a ler e escrever "colocar um grupo de alunos que apenas sabem pronunciar letras (vogais e consoantes) e no final da manhã já conseguirem ler palavras e frases" (Anexo IX.II.I), e, elaborar e corrigir um teste, traduzindo-o numa nota, no 2.º CEB. Evidentemente, além de todas as atividades descritas em capítulos anteriores, acrescentámos que, uma das nossas vitórias (que na nossa opinião era uma das principais preocupações) foi a questão de domínio do grupo, desde cedo, de modo a conseguir gerir o tempo das atividades

> "convém referir alguns positivos, como a gestão do tempo, ou seja, tive que adaptar a planificação ao tempo selecionando os conteúdos mais pertinentes e que deveriam ser trabalhados obrigatoriamente na aula. Utilizei uma boa entoação de voz e uma postura corporal ajustada, que permitiu o controlo da turma. Controlei a turma, logo desde o início da aula, o que para mim foi uma vitória pois o tema era sugestível a comentários paralelos e menos agradáveis por parte dos alunos. Respondi de forma correta e clara às questões extra aulas que os alunos foram realizando ao longo da aula e que não faziam parte do conteúdo lecionado em aula" (Anexo IX.III.II)

No caso do 1.ºCEB, sentimos uma dificuldade, que foi a regulação do tempo "as atividades foram realizadas muito rapidamente, terminando quase sempre antes do tempo proposto. No entanto, tinha presente atividades de leitura e escrita, sempre prontas para aplicar nestes acontecimentos" (Anexo IX.II.II). No caso do 2ºCEB, planificávamos quase sempre atividades a mais para o tempo da aula, porém este facto permitiu realizar estratégias de remediação, verificando qual a atividade que faria maior sentido seguir, tendo em conta o seguimento da aula e as necessidades dos alunos "tive que adaptar a planificação ao tempo selecionando os conteúdos mais pertinentes e que deveriam ser trabalhados obrigatoriamente na aula, pois como a

aula foi partilhada com a professora titular, esta ocupou mais do que 45 minutos logo tive menos tempo para dar a aula" (Anexo IX.III.IV).

Com o passar do tempo de intervenção e de observação "fui capaz de compreender algumas problemáticas que inicialmente me passaram despercebidas" (Anexo IX.II.II) Por exemplo, os diferentes tempos de realização das atividades que os alunos apresentavam, ou seja, enquanto uns ainda estavam a meio de uma atividade outros já tinham terminado. Este facto levava a distrações (nos dois grupos) que não eram favoráveis para o decorrer da aula (conversas paralelas, impaciência, idas às casas de banho propositadas e diminuição do tempo de concentração). Outra problemática é sem dúvida, a tentativa de responder a todos os alunos da sala, e como a heterogeneidade é sentida na sala, torna a tarefa mais dificultada, não permitindo dar *feedback* a todos, como desejávamos, e, por último, as medidas que deverão ser tomadas com os maus comportamentos. No entanto, estas vivências durante o processo de intervenção levaram a que houvesse uma reflexão pessoal sobre as práticas exercidas, na tentativa de encontrar soluções/pistas para o melhoramento das mesmas.

Desta forma, passamos para a fase de reflexão, para encontrarmos algumas estratégias, de modo a que nas próximas intervenções, conseguíssemos limar alguns pontos mais fracos, ou seja, passamos a refletir na nossa ação, tal como defende Schön. Acrescentamos que, o facto de estarmos constantemente a refletir e a problematizar, contribuiu para compreendermos a nossa prática. Tudo isto é evidenciado nas reflexões realizadas, daí o título atribuído a este relatório. De facto, estes momentos de reflexão, em que passamos para o papel os acontecimentos, os sentimentos, enfim, tudo aquilo que interferiu na nossa prática, contribuíram, em grande parte, para nos apercebermos do profissional que somos, ou seja, contribuiu para a construção da nossa profissionalização.

Pensamos que foi a partir desde momento, que o processo observar/planificar/avaliar se tornou fundamental para a intervenção. Para planificar, é imprescindível observar a fim de adaptar as atividades ao grupo de alunos da turma, assim como a avaliação, para alterar/reestruturar as planificações e práticas futuras. Um dos exemplos, que se poderá evidenciar, foi um caso de um aluno do 1.ºCEB,

> "Este aluno nas atividades que exigiam cópia de frases do quadro mostrava dificuldades na cópia: omitia letras/sílabas das palavras assim como não seguia a ordem das palavras na frase. Desta forma, ao observar este acontecimento avaliei

> e pensei numa estratégia para melhorar o desempenho do aluno. A solução encontrada e implementada, nas seguintes planificações, foi entregar uma folha com as frases escritas em letra manuscrita ao aluno, para que este, em vez de copiar do quadro, copiar da folha. Quando implementei esta estratégia verifiquei que o aluno conseguiu melhorar a ortografia e a caligrafia." (Anexo IX.II.III)

Outro aspeto que gostaríamos de mencionar, e que consistiu num dos nossos objetivos foi a tentativa de promover a interdisciplinaridade nas atividades. No caso do 1.ºCEB, deparamos-mos com uma turma do 1.º ano de escolaridade, onde é complicado elaborar uma atividade que envolva muitas áreas, visto que, os alunos ainda se encontravam numa fase muito limitada na realização de algumas atividades. No caso do 2.ºCEB destacamos as atividades planificadas pelas estagiárias a serem realizadas na festa da primavera, relacionada com a feira dos minerais. Esta atividade envolveu todas as áreas, tanto para os alunos do 5.º como para o 6.º ano da Instituição B.

Relativamente aos colegas estagiários, gostaríamos de destacar os momentos de partilha de planificações que se demonstrara, uma experiência "útil e muito enriquecedora" (Anexo IX.I). Em primeiro lugar, pela troca de planificações que serviu para verificarmos outras formas de planificar, e por vezes, mais práticas do que as nossas. Em segundo lugar, para compreendermos o trabalho realizado noutros anos de escolaridade, que envolvem atividades e estratégias completamente distintas das nossas e em último lugar, para refletirmos nas nossas práticas, ou seja: ao observar as planificações e correções dos nossos colegas, conseguimos avaliar as nossas práticas, reestruturando as nossas planificações.

Passando agora ao nível da relação pedagógica, refiro que conseguimos obter uma relação mais próxima com os alunos. Esse facto é importantíssimo para obter um nível de relações interpessoais positivas, cabendo ao professor a promoção de qualidade no contexto escolar, combatendo, assim, a exclusão e a discriminação dos alunos, manifestando sempre capacidade relacional e de comunicação Neste sentido, para desenvolver estas competências o docente deverá promover atividades com diferentes organizações (pares, grupos e individuais) para o desenvolvimento destas competências sociais. Na nossa opinião, a maior dificuldade de ser professor, é a capacidade de liderança e gestão da sala de aula, ao mesmo tempo que temos de tentar captar o interesse e atenção dos alunos para a aprendizagem, pois numa turma a heterogeneidade é bastante visível o que provoca uma dificuldade acrescida. Voltando a um exemplo de estágio salientamos uma situação de um aluno do 2.ºCEB,

> " O G surpreendeu-me, finalmente senti a sensação de "ganhar um aluno"[…] apoiei-o na elaboração de uma ficha de trabalho, dando-lhe sugestões sobre a maneira como ele deveria estudar em casa […] no dia seguinte […] questionou-me se poderia realizar o mesmo apoio para o restante da ficha, pois tinha compreendido muito bem os esquemas realizados, no dia anterior" (Anexo VI.VII).

No que se refere à instituição, a nível dos professores, o acompanhamento foi bem-sucedido, assim como, o apoio dos supervisores de estágio. Relativamente aos professores foi destacado, logo, um bom acolhimento. Os momentos de participação de atividades que envolviam os professores como a preparação de campanhas, as festas e atividades, foram bons no sentido de unir os professores com os estagiários. A nível dos alunos, sentimos que é necessário manter uma relação de empatia regrada com os mesmos, ou seja, criar laços mostrando que, antes de sermos professores somos um amigo mas, no tempo de aulas é necessário que reconheçam o nosso papel e ter sempre presente que ser professor é ser um modelo, logo, é necessário que se consiga ter uma boa relação pedagógica para manter a qualidade no contexto escolar.

No final do estágio, sentiu-se um crescimento, tendo em conta todos os obstáculos que foram contornados, servindo para compreender que é esta profissão certa, e que os medos sentidos se tornaram uma motivação, para querer fazer sempre melhor, de modo que as crianças aprendam, e, sobretudo ensinar com qualidade, que é tão esperada nos dias de hoje."O estágio é um caminho marcado por momentos. […] teve lacunas, agora terei que aprender com as mesmas, encontrar soluções e estratégias para que consiga desenvolver um trabalho mais sólido e que me permita transformar num bom profissional da educação." (Anexo IX.III.III).

Para finalizar, no que toca ao desenvolvimento profissional, e sendo adepta da aprendizagem ao longo da vida, nomeadamente "pelas características da sociedade atual que colocam novas exigências ao saber, ao saber-fazer e, sobretudo, ao saber como fazer profissionais" (Moreira e Macedo, 2002: 130). Pretendemos apostar num próximo Mestrado ou Pós-Graduação ligados à supervisão pedagógica, para posteriormente, realizar um Doutoramento no âmbito da avaliação ou gestão escolar. Esta seleção, além do gosto pelas temáticas, consideramos ser fundamentais para o aumento da eficácia do ensino pois, há que apostar na formação de um corpo docente qualificado, para construir uma escola com qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste relatório, e tendo em conta o percurso que foi realizado neste estágio, quer a nível prático como teórico, destacamos a palavra "consciência". Além do crescimento, que todos sentimos, finalmente, ao longo do nosso percurso académico, sentimos na primeira pessoa o que é dar uma aula, ou seja, ficamos conscientes de todos os métodos, técnicas, instrumentos que são necessários para planificar uma aula, agir de acordo com a mesma e no final avaliá-la.

De acordo com a fundamentação teórica e os modelos pedagógicos, salientamos que ainda não foi encontrado o modelo com o qual nos identificamos, totalmente. Em primeiro lugar, pelo facto de termos seguido os modelos que as instituições idealizavam e o que os Professores Cooperantes acreditavam, e, em segundo lugar, pela simples razão de serem as nossas primeiras intervenções. Logo, não identificamos todas as nossas fraquezas, por isso, considero que se voltássemos ao início do estágio, realizaríamos e utilizaríamos metodologias diferentes nas intervenções, de modo a responder de melhor forma ao ato educativo.

Tendo em conta as aprendizagens que foram realizadas, gostaríamos de citar Maria do Céu Roldão, que resume num parágrafo aquilo em que acreditamos ser uma boa prática educativa, em que o essencial

> "é saber organizar-se para ensinar de outro modo, criar estratégias de organização de trabalho que façam cada aluno aprender, por si, com materiais adequados e tarefas exigentes, com interações preparadas e orientadas para o que se pretende, promover trabalho com pares sobre assuntos em estudo, proporcionar a síntese sistematizadora que o professor faz, orientar e guiar os percursos de aquisição e consolidação de competências assentes em saberes compreendidos e atuante…entre muitas outras coisas…" (Roldão, 2003:49).

Deste parágrafo, saliento novamente a expressão "entre muitas outras coisas" pois, o caminho da educação nunca está terminado, e cabe a nós traçá-lo da melhor maneira possível, questionando sempre "que alunos temos?", "Como poderemos conjugar esta atividade com as suas necessidades, tendo em conta aquilo que já sabem?", "Qual será a melhor técnica/instrumento/material tendo em conta a atividade que pretendemos desenvolver?", "como vamos aplicar em contexto de sala de aula?" e no final e o mais importante "como correu? o que poderemos realizar para próxima intervenção".

Como profissionais habilitados para a docência do âmbito do 1.º e 2.ºCEB, temos a obrigação de compreender as características de cada etapa dos alunos, identificando aquilo que já sabem, pensando sempre naquilo que é suposto alcançar, de forma a encontrar os melhores meios para atingir os fins, preconizados pelas metas de cada etapa do EB.

Para finalizar este trabalho, gostaríamos de relembrar uma das expectativas que apresentávamos no início do estágio

> "é necessário acreditar e ter consciência que o futuro, do perfil 4, depende da nossa turma, pois somos nós que vamos "dar a cara" como os primeiros profissionais diplomados com este mestrado, logo temos que demonstrar que somos capazes e que este perfil faz sentido, de forma a combater o preconceito que muitos professores apresentam relativamente ao profissional com dupla habilitação" (Anexo IX.I.I).

Chegando agora ao final desta etapa, consideramos, que não foi este estágio que permitiu definir as nossas capacidades, como profissionais com dupla habilitação mas, sim aquilo que vamos fazer nas nossas salas, com os nossos alunos, tendo sempre em consideração, que a nossa sala é um laboratório. Assim, nunca poderemos aceitar nada como definido e como certo, há que problematizar tudo e sobre tudo, refletindo sobre toda prática, de modo a sermos construtores ativos de uma escola de qualidade. Para tal, nunca deveremos esquecer a prática de observação, não desvalorizando a planificação e sobretudo a reflexão contínua, que é essencial para uma intervenção intencional e consciente…Pelo menos, é este o nosso objetivo!

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, I. (2001), *Professor -investigador. Que sentido? Que formação?* Revista Portuguesa de Formação de Professores. Ministério da Educação: Inafop.

ALARCÃO, I. (2001), *Escola reflexiva e nova racionalidade.* Porto Alegre, Artmed Editora.

ALVES, M.P. & KETELE, J.M. (2011), *Do Currículo à Avaliação, Da Avaliação ao Currículo,* Porto: Porto Editora

ARENDS, R. (1995), *Aprender a Ensinar,* Lisboa: McGraw-Hill.

BARLOW, M. (2006), *Avaliação Escolar Mitos e Realidades*, Porto Alegre: Artmed.

BECKER, F. (2008), *Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos in* KARKOTLI, G.(Org.) DACOREGGIO, M., BECKER, F. *et al.,* (2008), *Metodologia: Construção de uma Proposta Cientifica,* Curritiba: Camões.

BELL, J. (1997), *Como realizar um projeto de investigação,* Lisboa: Gradiva

BOGDAN, R., BIKLEN,S. (2010), *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos,* Porto: Porto Editora.

BRIS, M. (2002), *Planificación de centros educativos, organización y calidad*. Barcelona. Praxis.

CABANAS, J., (2002), *Teoria da Educação – concepção antinómica da educação*, Porto: Edições ASA

COLL,C., MAURI, T.,MIRAS, M.ONRUBIA,J.SOLÉ, I.ZABALZA,A. MARTÍN,E. *et al*., (2001), *O construtivismo na sala de aula: novas perspectivas param a acção pedagógica,* Porto: Porto Editora.

COMÉNIO, J. (1966), *Didáctica Magna : tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

ESTRELA, A. (1986), *Teoria e prática de observação de classes*. Lisboa: instituto nacional de investigação científica.

.

FERNANDES, P. (2001), *O currículo do Ensino Básico em Portugal: politicas, perspectivas e desafios,* Porto: Porto Editora.

GOUVEIA, J (Org.),OLIVEIRA, M,MACHADO,C, *et al*. (2007), *Métodos, Técnicas e Jogos Pedagógicos- Recurso Didático para formadores*, Braga: Expoente.

GOUVEIA, J. (2008a)*, Saber Avaliar,* Texto Policopiado.

GOUVEIA, J. (2008b)*, Intencionalidades Educativas,* Texto Policopiado.

GOUVEIA, J. *(2008), Saber Construir Testes,* Texto Policopiado

MARQUES, R. (2000), *Dicionário Breve de Pedagogia*, Lisboa: Editorial Presença.

MOREIRA, A.; MACEDO, E.(org.) (2002), *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades,* Porto: Porto Editora.

NÓVOA, A., (1992), *Formação de professores e profissão docente*, i*n* NÓVOA, A. (coord.), Os *professores e a sua formação*, Lisboa: Nova Enciclopédia, (p.15-31)

PACHECO, J. (2008).*Organização Curricular Portuguesa.* Porto. Porto Editora.

PAPALIA, E., OLDS,S. e FELDMAN, R. (2001), *O Mundo da Criança,* São Paulo: McGraw-Hill.

PERRENOUD, P. (1999), *Dez novas competências para Ensinar,* Porto Alegre: Artmed.

QUIVI, R., VAN CAMPENHOUT, L. (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva

RIBEIRO, A., RIBEIRO, L. (2003), *Planificação e Avaliação do Ensino – Aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.

ROCHA, F. (1988). *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*, Aveiro: Editora Estante

ROLDÂO, M. (1999), *Os professores e a Gestão do Currículo – Perspectivas e Práticas em Análise,* Porto: Porto Editora.

SANTOS, M., KETELE,J. (1985), *Observar para avaliar,* Coimbra: Livraria Almedina.

SCHÖN, D., (1992), *Formar professores como profissionais reflexivos*, *in* NÓVOA, A. (coord.), Os *professores e a sua formação*, Lisboa, Nova Enciclopédia, (p. 79 – 91)

TRINDADE, R. (2002), *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem - Novas práticas pedagógicas,* Porto: Edições Asa.

ZABALZA, M.. (2000) *Planificações e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Edições Asa

SITOGRAFIA

. http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/, consultado em 02 de junho de 2012

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro de 2007;

Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de outubro de 1986;

Decreto-Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto de2005;

Despacho 19575/2006, de 25 de setembro de 2006;

Decreto-Lei nº94/2001, de 3 de agosto de 2001;

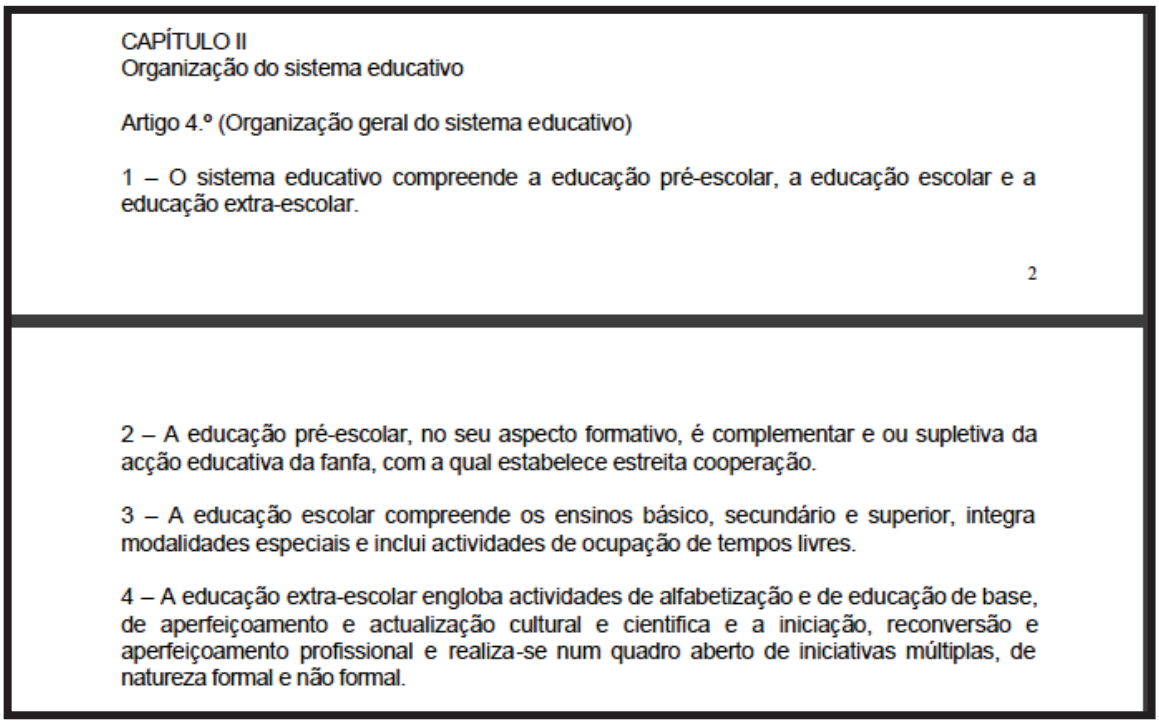
Decreto-Lei nº139/2012, de 5 de julho de 2012;

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto de 2001;

Despacho Normativo nº1/2005 de 5 de janeiro de 2005

ANEXOS

Anexo I: Organização do sistema educativo



CAPÍTULO II
Organização do sistema educativo

Artigo 4.º (Organização geral do sistema educativo)

1 – O sistema educativo compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extra-escolar.

2

2 – A educação pré-escolar, no seu aspecto formativo, é complementar e ou supletiva da acção educativa da fanfa, com a qual estabelece estreita cooperação.

3 – A educação escolar compreende os ensinos básico, secundário e superior, integra modalidades especiais e inclui actividades de ocupação de tempos livres.

4 – A educação extra-escolar engloba actividades de alfabetização e de educação de base, de aperfeiçoamento e actualização cultural e cientifica e a iniciação, reconversão e aperfeiçoamento profissional e realiza-se num quadro aberto de iniciativas múltiplas, de natureza formal e não formal.

Anexo II: Estrutura Curricular do Ensino Básico

II.I: Organização Curricular do 1.º CEB

ANEXO I

1.º ciclo

Componentes do currículo		
Educação para a cidadania . . .	Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória: Língua Portuguesa; Matemática; Estudo do Meio; Expressões: Artísticas; Físico-Motoras.	
	Formação pessoal e social	Áreas curriculares não disciplinares (*a*): Área de projecto; Estudo acompanhado; Formação cívica.
		Total: 25 horas.
		Área curricular disciplinar de frequência facultativa (*b*): Educação Moral e Religiosa (*b*).
		Total: 1 hora.
		Total: 26 horas.
		Actividades de enriquecimento (*c*).

(*a*) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma.
(*b*) Nos termos do n.º 5 do artigo 5.º
(*c*) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º, incluindo uma possível iniciação a uma língua estrangeira, nos termos do n.º 1 do artigo 7.º

II.II: Organização Curricular do 2.º CEB

ANEXO II

2.º ciclo

Componentes do currículo			Carga horária semanal (*a*)					
			5.º ano		6.º ano		Total do ciclo	
			× 45 min.	× 90 min.	× 45 min.	× 90 min.	× 45 min.	× 90 min.
Educação para a cidadania.	Áreas curriculares disciplinares:							
	Línguas e Estudos Sociais		(*b*) 12	(*b*) 6	(*b*) 12	(*b*) 6	(*b*) 24	(*b*) 12
	Língua Portuguesa. Língua Estrangeira. História e Geografia de Portugal.							
	Matemática e Ciências		(*c*) 9	(*c*) 4,5	(*c*) 9	(*c*) 4,5	(*c*) 18	(*c*) 9
	Matemática. Ciências da Natureza.							
	Educação Artística e Tecnológica		6	3	6	3	12	6
	Educação Visual e Tecnológica (*d*). Educação Musical.							
	Educação Física		3	1,5	3	1,5	6	3
	Formação pessoal e social	Educação Moral e Religiosa (*e*)	1	0,5	1	0,5	2	1
		Área curricular não disciplinar	3	1,5	3	1,5	6	3
		Estudo acompanhado (*f*). Formação cívica.						
		Total	33 (34)	16,5 (17)	33 (34)	16,5 (17)	66 (68)	33 (34)
		Actividades de enriquecimento (*g*)						

(*a*) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de sala e está organizada em períodos de 45 e de 90 minutos, de acordo com a opção da escola, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo. Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente organização da carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.
(*b*) Do total da carga, no mínimo, metade para a Língua Portuguesa.
(*c*) Do total da carga, no mínimo, 6 × 45 minutos ou 3 × 90 minutos são para a Matemática.
(*d*) A leccionação de Educação Visual e Tecnológica estará a cargo de dois professores.
(*e*) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º
(*f*) O estudo acompanhado é assegurado por uma equipa de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.
(*g*) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

Anexo III: Caracterização da amostra, segundo os PCT e inquérito por questionário

III.I: Grupo I

Excerto da caracterização da turma:

"É uma turma do 1º ano composta por 23 alunos, treze rapazes e dez raparigas. Uma aluna e um aluno têm ascendência brasileira […] Há quatro alunos que apresentam problemas visuais, mas que não os impede de atingirem os conhecimentos desejados.

Há um aluno com NEE, […], criança com *Relatório de observação e avaliação psicológica* devido à identificação de dificuldades várias por ela demonstradas, tendo sido referenciada no ano letivo 2009/2010 segundo os critérios da *CIF-CJ*., e usufruído por este motivo de um PEI, desde essa data.

As dificuldades acima referenciadas têm comprometido de forma marcante o processo de aprendizagem e de sociabilização do aluno supracitado.

Quando frequentou o ensino pré-escolar, beneficiou das medidas apoio pedagógico personalizado e adequações no processo de avaliação.

Durante o ano passado, a conselho da psicóloga que o acompanha e a pedido dos pais à DREN, repetiu a frequência no ensino pré-escolar (turma dos 5 anos), ingressando pela primeira vez neste estabelecimento de ensino.

Após o início do trabalho em sala de aula, no 1º ano de escolaridade, é possível constatar que esta criança apresenta também alguns sintomas de Hiperatividade e Défice de Atenção (D.H.D.A.). Tudo isto está descrito de forma pormenorizada, no Programa Educativo Individual (PEI) elaborado para este aluno. É pouco autónomo nos trabalhos que realiza e não reage bem aos erros que às vezes executa, mas mesmo com estas dificuldades tem acompanhado as aprendizagens realizadas. Este ano letivo, […]irá manter-se com um PEI. […]

No geral, são crianças cujo comportamento se destaca positivamente, ou seja são cumpridoras das regras de sala de aula e de convivência. Acatam bem as orientações da professora, bem como de qualquer outro funcionário da instituição. São crianças não conflituosas que se relacionam com facilidade com os outros. Os alunos[…], por vezes, revelam alguns problemas de comportamento recorrentes em diversas situações.

São alunos interessados e trabalhadores. Acompanham com facilidade as matérias lecionadas e manifestam curiosidade de saber sempre mais.

Existem porém alguns alunos que se destacam, quer de forma negativa quer de forma positiva do grupo turma. Os alunos […] destacam-se positivamente pela boa capacidade organizativa, pelo empenho e participação constante em tudo o que diz respeito à vida escolar dentro e fora da aula, bem como em casa.

Há alunos que revelam algumas dificuldades de aprendizagem. Essas dificuldades de aprendizagem revelam-se essencialmente nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. São muito imaturos nos trabalhos que realizam e têm um ritmo de trabalho lento, o que por vezes, a prejudica.

Estão a ser acompanhados pela psicóloga do colégio, e a ter um acompanhamento pedagógico acrescido por parte da professora em horário específico […] "

Gráfico nº1 – Idade dos alunos

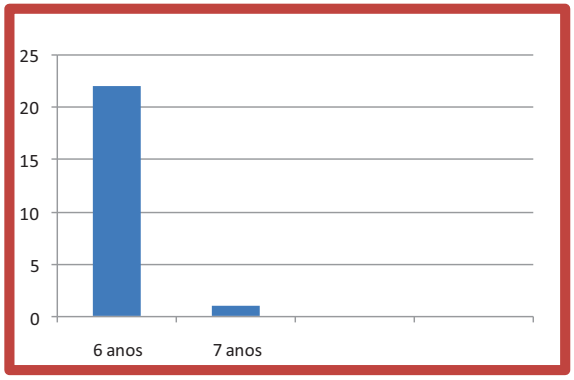


Gráfico nº2 - Com quem vivem os alunos

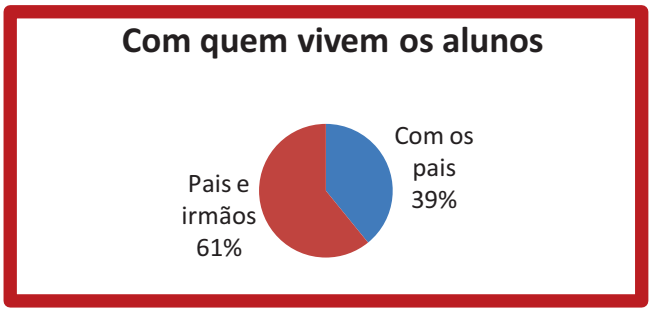


Gráfico nº3- Número de irmãos

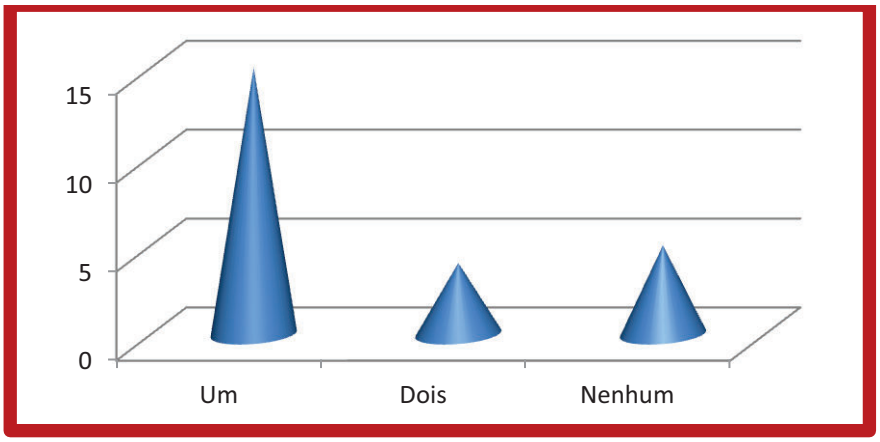


Gráfico nº 4 – Residência dos alunos

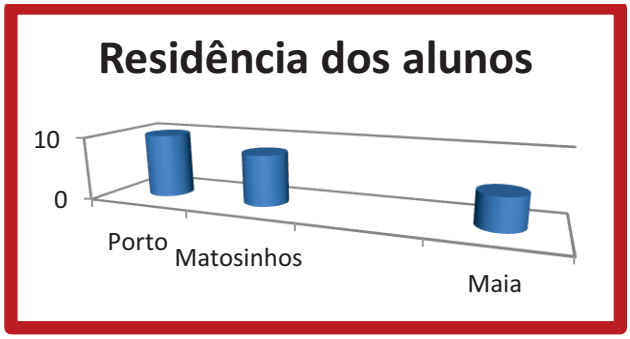


Gráfico nº5 – Modo como se deslocam

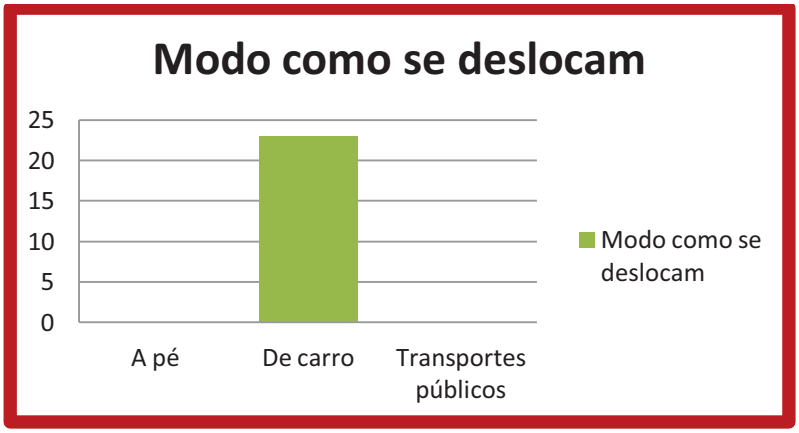


Gráfico nº6 – Atividades extracurriculares

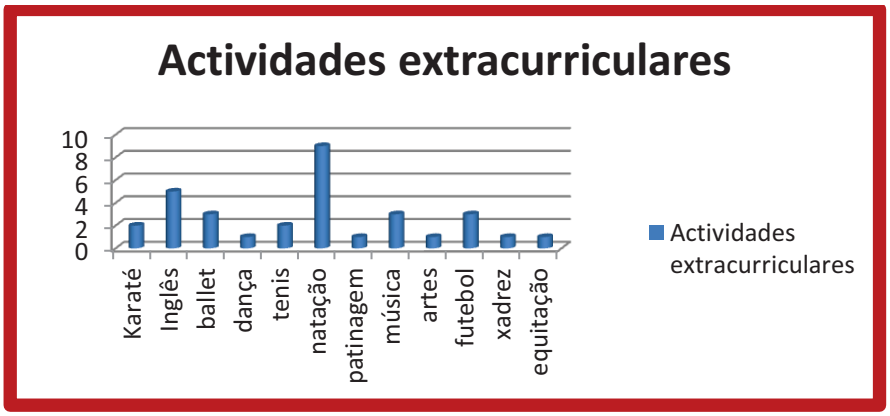


Gráfico nº7- Habilitações literárias dos pais

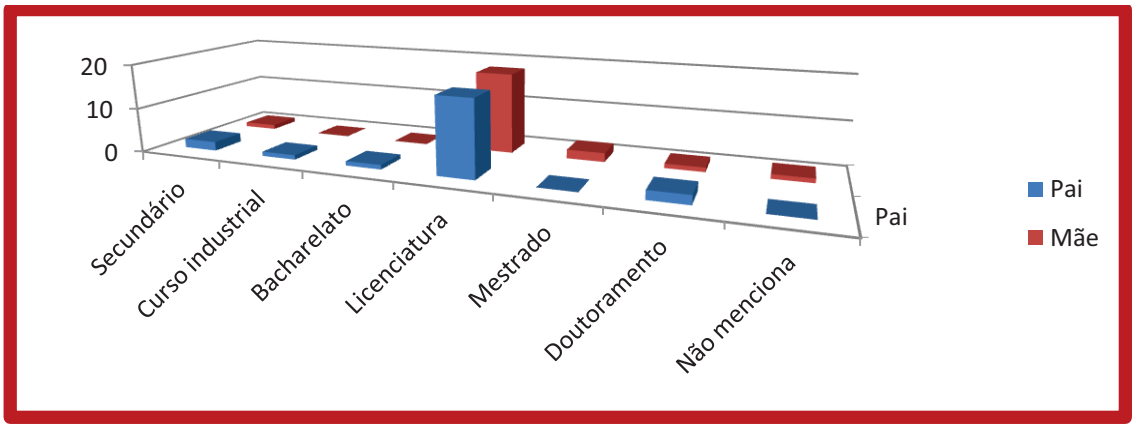


Gráfico nº8- Profissões dos pais

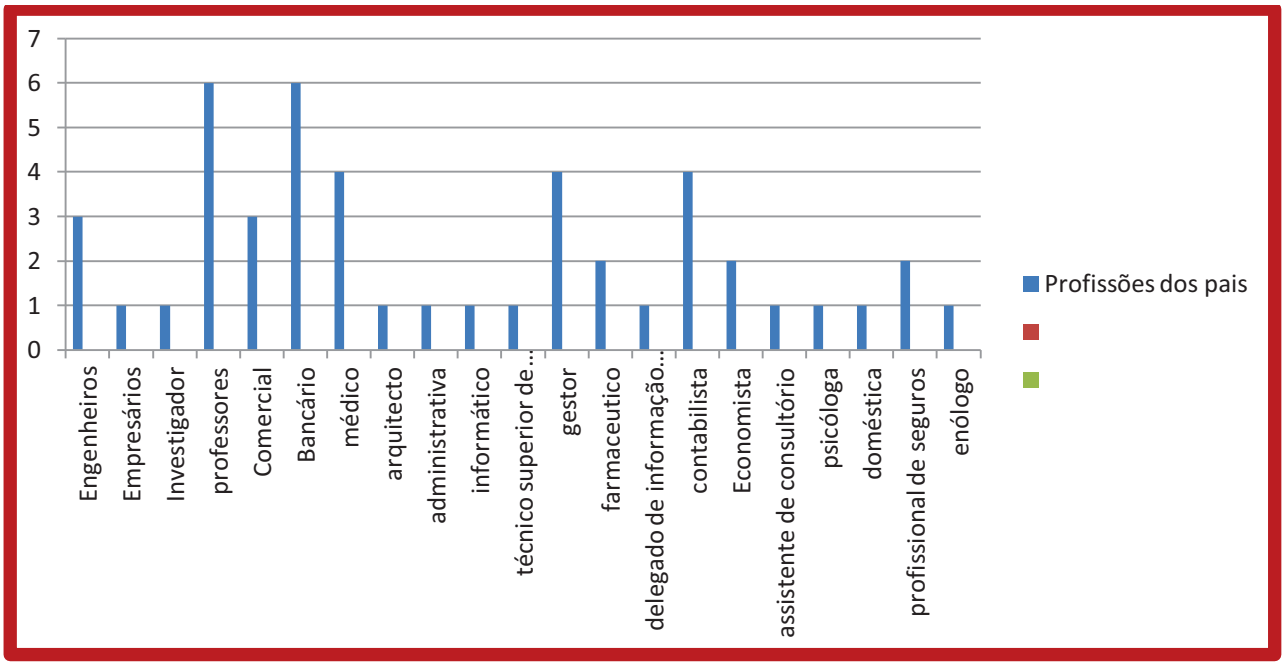
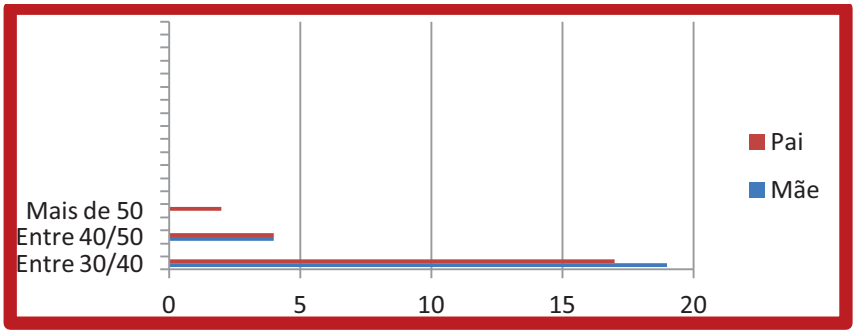


Gráfico nº9- Idade dos pais



III.II: Grupo II

Gráfico nº1- Idade dos alunos

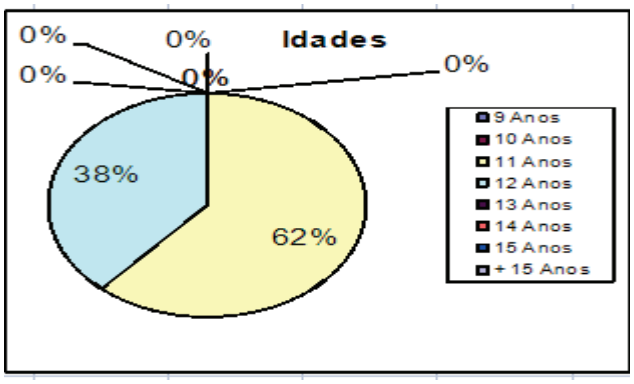


Gráfico nº2 – Profissões dos pais

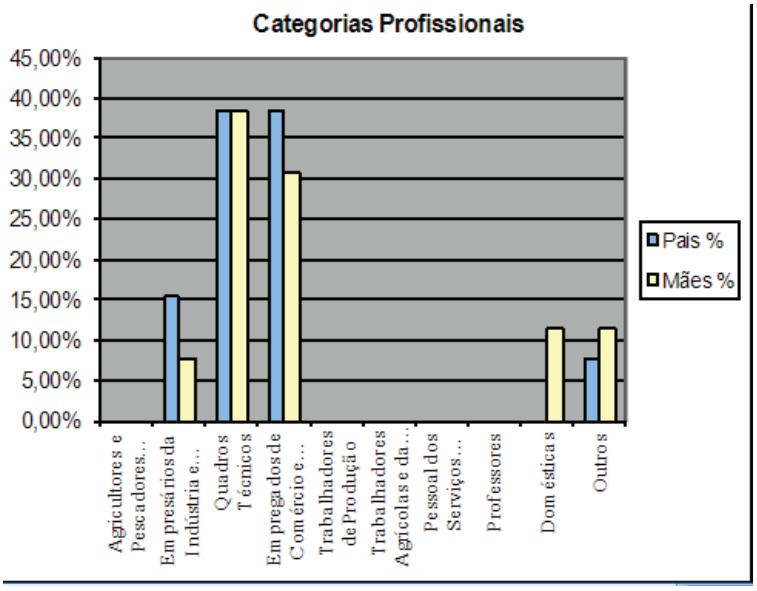


Gráfico nº3 – Habilitações académicas dos pais

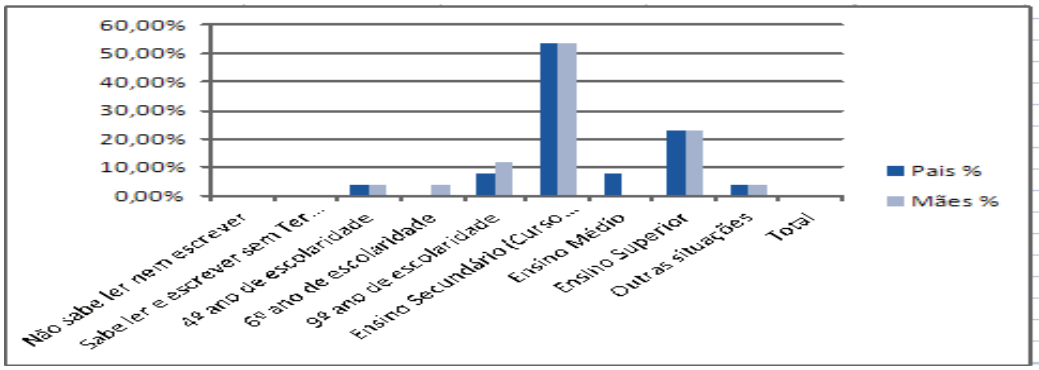


Gráfico nº4 – Situação laboral dos pais

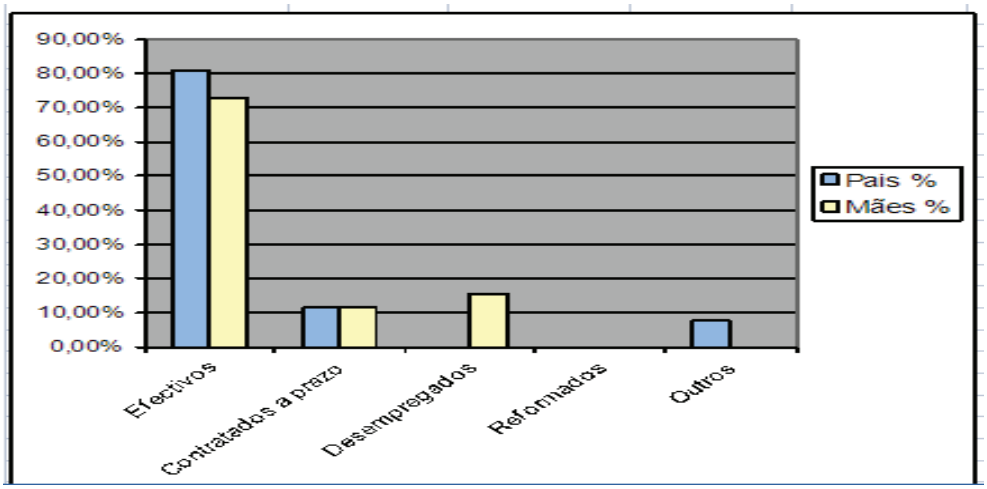
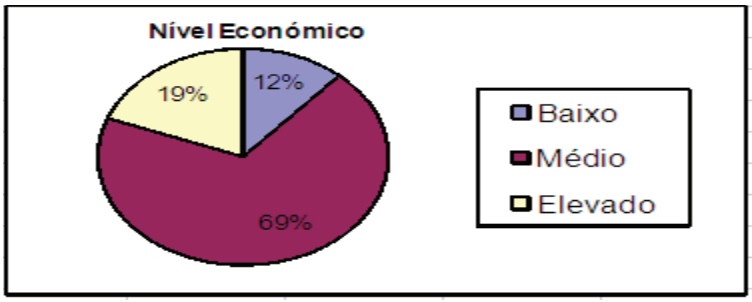


Gráfico nº 5



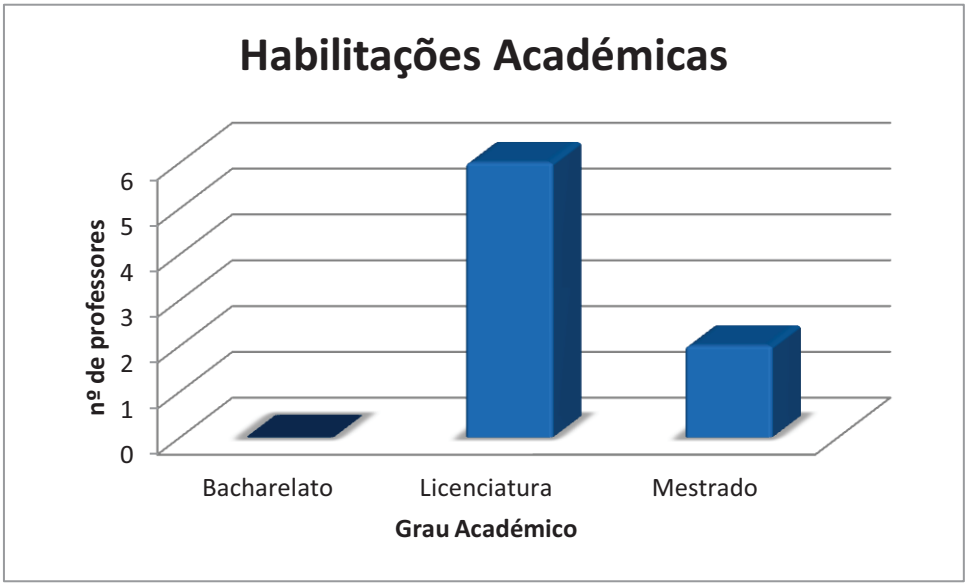
III.III: Grupo III

A técnica de recolha de informação (inquérito por questionário) que foi aplicada aos professores, apresenta como objetivo compreender como é que os professores utilizam asTIC na sala de aula, no 1º ciclo do Ensino Básico. Foram aplicados oito inquéritos por questionário

Sexo e Idade

Os professores inquiridos são todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e 40 anos, tendo mais de 50% dos inquiridos entre 20-30 anos.

Habilitações académicas



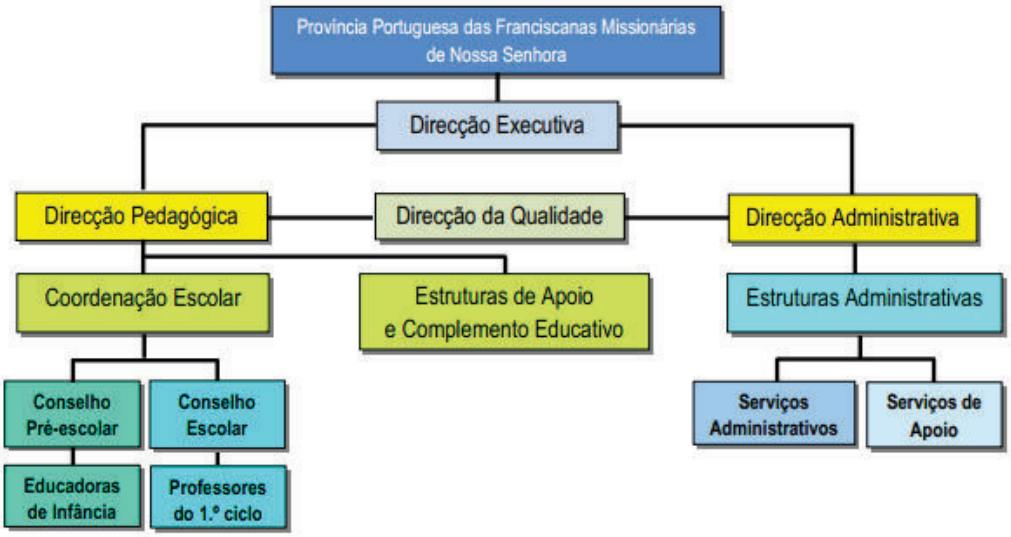
Relativamente às habilitações académicas 75% dos inquiridos apresentam o grau de licenciado, enquanto 25% da amostra apresenta grau de mestre.

Cursos que frequentaram na área das TIC

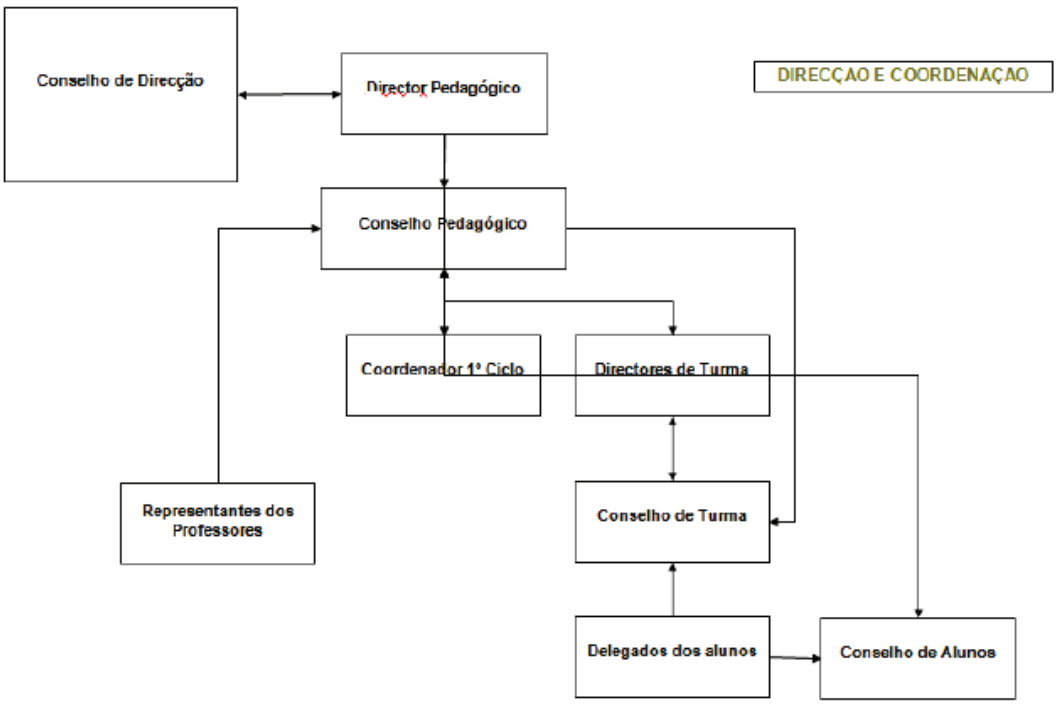
A maior parte dos professores frequentou um curso na área das TIC (62,5%). Apenas 25% dos inquiridos frequentou 2 cursos de formação, enquanto 12, 5% não frequentou nenhum curso.

Anexo IV: Organigramas dos Órgãos de Direção e Coordenação das Instituições

IV.I: Instituição A



IV.II: Instituição B

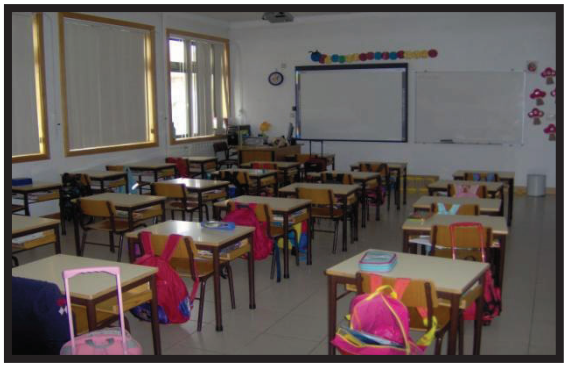


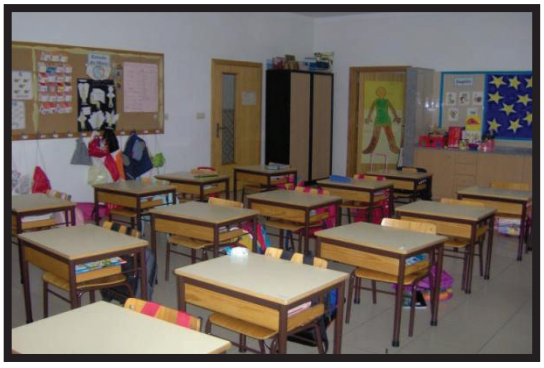
Anexo V: Registo Fotográfico das Estruturas Externas e Internas das Instituições

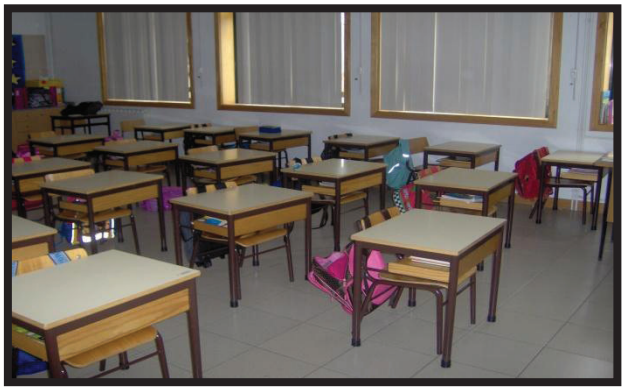
V.I: Instituição A

Espaço Exterior:

Sala de Aula:





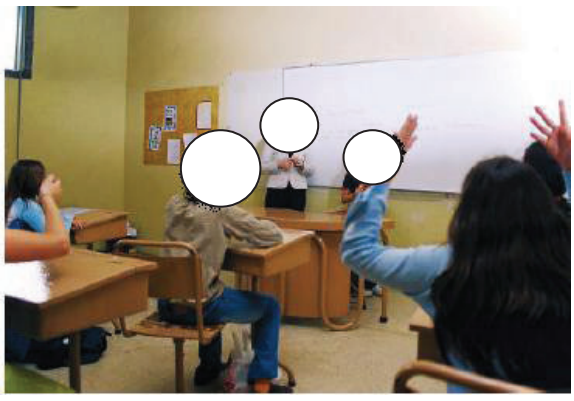


V.II: Instituição B

Espaço Exterior

Laboratório de Ciências

Sala de Aula



Sala dos Professores

Anexo VI: Exemplos de Registos de Observação

VI.I: Registo de Incidente Critico

" Na parte de tarde, as aulas continuaram sob responsabilidade do meu par pedagógico. Assim, enquanto a estagiária, orientava a atividade, eu sentei-me ao lado da Professora Cooperante, de modo a apoiar o JM. Enquanto, estava a observar a atividade de Estudo do Meio, a T, que se encontrava na fila da frente, adormeceu enquanto ouvia a explicação da tarefa. Quando acordou, manteve-se com um ritmo muito lento. Voltando a fechar os olhos com frequência."

VI.II: Registo de Incidente Critico

"Já todos tinham terminado os exercícios relativamente à letra C, e no fundo da sala, o M olhava para os amigos, mexendo no cabelo de forma continua, não terminando o exercício. Passado alguns minutos, por baixo da sua cadeira, havia uma mancha, resultante da urina do mesmo. Decidi ir ter com ele e falei, em voz baixa, sobre a situação. Como tinha tocado para o intervalo, os alunos saíram e nós mudamos o M e acalmamos o mesmo, para que a situação não o deixasse envergonhado"

VI.II : Registo de Observação

Dia: 02/11/2011

Hora: 11h:00m até 12h:15m

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 5 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Indicadores	Posicionamento da voz			Ritmo			Articulação de palavras		
	Baixa	Normal	Alta	Lento	Normal	Rápido	Deficiente	Razoável	Boa
T	x			x			x		
R		x		x			x		
S	x				x			x	
A		x			x				x
F			x			x			x

Comentário: Com esta tabela, consegui verificar algumas dificuldades das crianças. Compreendi igualmente que em grande grupo as crianças leem facilmente e algumas poderão fazer por imitação. No entanto, não poderei ignorar que algumas pudessem ter uma prestação mais fraca, devido à pressão de estarem a ler individualmente. Como forma de tentar colmatar algumas dificuldades, desenhamos uma tabela com as letras com palavras iniciadas pelas respetivas consoantes. Assim, os alunos ao lerem e sentirem dificuldade olhavam para o desenho e associavam o fonema à letra correspondente.

VI.IV: Reflexão (Método Jean Qui Rit)

Registo de observação

Dia: 26/09/2011

Hora: 9h:00m

Local: Sala de aula

Nº de crianças envolvidas: 23 alunos

Nº de adultos envolvidos: Professora titular da turma.

Descrição

Tal como no ano letivo anterior, a professora iniciou, novamente, dia de aulas com a oração realizada por um aluno. De seguida, e como era segunda-feira, os alunos disseram as novidades do fim-de-semana.

Eram nove horas da manhã, a professora indicou, aos alunos, para se colocaram na posição de ouvir, referindo que iriam aprender a primeira letra, a letra "i". Em primeiro lugar, indicou que "todas as letras têm uma história, uma música e um gesto". Desta forma, mostrou uma cartolina com a imagem de uma menina com o dedo indicador no canto da boca. Atrás dessa cartolina tinha uma história, contou-a referindo que o gesto da letra "i" era o que a menina estava a fazer na imagem. De seguida, a professora foi dizendo as palavras começadas pela letra "i" da história, ao mesmo tempo que ia fazendo o respetivo gesto, corrigindo simultaneamente as incorreções dos alunos. Quando terminou, colocou um CD que tinha uma canção sobre uma iguana. Os alunos ouviram, e cantaram apenas com a versão instrumental. Ainda na exploração da letra"i", a professora perguntou aos alunos se sabiam outras palavras começadas por "i", das quais surgiram nomes (Ivo, Igor, Ismael…) países (Itália…) animais (iguana…), no entanto alguns alunos indicaram palavras que não começavam com "i", como: Helena, elefante, hipopótamo, Eduardo… Neste sentido, a professora, não aceitou as palavras dizendo que estas "tinham um truque".

Posteriormente os alunos estiveram a treinar a escrita da letra "i" (letras minúsculas e maiúsculas, tanto na forma manuscrita como de imprensa), em primeiro lugar desenharam na mesa, de seguida escreveram no quadro (branco e interativo) e

no final realizam exercícios do manual. Ao longo destes exercícios tanto a professora como as estagiárias ajudaram os alunos na correção da escrita da letra. (…)

Comentário

A iniciação à leitura e à escrita é um processo complexo que o professor deve gerir de forma adequada. Para tal, é necessário que conheça os diferentes modelos/métodos de iniciação à leitura e escrita, os processos linguísticos e cognitivos que lhes são subjacentes, assim como as distintas metodologias de cada um.

O método de leitura, referido, anteriormente, foi o de Jean Qui Rit, que é um método corporal e gestual, ou seja, serve-se dos gestos para facilitar a pronúncia e a memorização das letras, assim como a apropriação do movimento do corpo para a realização de uma leitura dinâmica. Este método é agradável pois o aluno aprende através dos gestos que correspondem aos diferentes sons da língua. No caso prático, descrito, compreendeu-se que os alunos conseguiram aprender o fonema [i] articulando sem dificuldades o gesto da letra com a "leitura" da palavra.

O único aspeto que poderá ter causado mais confusão aos alunos, foi o facto de a professora não ter aceite as palavras "elefante" ou "hipopótamo", visto que apresentam, o mesmo som. Na minha opinião o caso de as crianças terem pronunciado estas palavras, só revelou a presença de consciência fonológica. Se a atividade fosse da minha responsabilidade iria aceitar as palavras e após terem aprendido as cinco letras, realizava-se um exercício de sistematização das mesmas, ou então, explicava-se que a letra "i" é apenas uma das formas de representar este som e que mais tarde vão aprender outras. Porém compreendo a posição da professora, pois estava a trabalhar principalmente o nome da letra e não exclusivamente o som.

Segundo vários autores,

"quando o sistema linguístico de encontra em desenvolvimento nos primeiros anos de vida da criança, o único recurso a que esta tem acesso é à evocação auditiva (…) À entrada na escola, (…) No sentido de rentabilizar as aprendizagens, o professor deve fazer uso desta experiência linguística da criança para promover a iniciação à leitura e à escrita." (PNEP, 2007: 21).

No entanto e como foi referido anteriormente,

"trabalhar a oralidade e a escrita isoladamente significa treinar competências linguísticas distintas. Trabalhar a forma como a oralidade é representada na escrita

significa criar consciência das especificidades de cada modo e das relações que estes estabelecem entre si" (PNEP, 2007:22).

Em forma de conclusão, evidencio que o método utilizado na escola é bom, as crianças aprendem a ler e escrever de forma dinâmica, no entanto deferia-se prestar mais atenção, ou até fazer mais exercícios de consciência fonológica para que não se criem confusões, de modo que as crianças aprendam corretamente a ler e a escrever.

Referências bibliográficas:

PNEP (2007), O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência fonológica, Ministério da Educação,

VI.V: Reflexão (a importância do feedback)

Registo de Observação 1:

Dia: 26/10/2011

Hora: 9h:00m até 10h:30m

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 23 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Descrição: …e assim ao ensinar a letra "T", consegui que os alunos juntassem esta letra com as vogais, formando sílabas, e com a consoante aprendida anteriormente, "P", começando a ouvir a leitura das primeiras frases. Todos em conjunto, liam em voz alta, articulando a leitura com os gestos das letras, muitos trocavam o som "U" com o "O" mas quase todos faziam esta atividade sem dificuldade.

Registo de Observação 2:

Dia: 31/10/2011

Hora: 11h:45m até 12:15

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 3 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Descrição: No final das atividades planificadas, coloquei algumas palavras no quadro. De seguida, chamei o A, que leu a palavra sem hesitar, articulando corretamente os fonemas existentes nas palavras. De seguida, o R que não conseguir ler a palavra, não identificando as letras (consoantes e vogais), mostrando desconcentração (olhar para os colegas) e nervosismo (chorou enquanto estava no quadro). No final chamei a T que embora identificasse as letras, não conseguia ler corretamente as palavras, ou seja, não conseguia juntar as sílabas.

Comentário: Neste dia, a professora titular referiu que iríamos fazer uma avaliação individual de leitura para os alunos. Verificando desta forma, as dificuldades dos mesmos. Além disso, referiu que iria enviar para casa, fichas de leitura de modo que os pais lessem com os filhos, no final de cada ficha os pais deveriam colocar um comentário sobre a leitura do seu educando.

Registo de Observação 3:

Dia: 02/11/2011

Hora: 11h:00m até 12h:15m

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 5 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Indicadores	Posicionamento da voz			Ritmo			Articulação de palavras		
	Baixa	Normal	Alta	Lento	Normal	Rápido	Deficiente	Razoável	Boa
T	x			x			x		
R		x		x			x		
S	x				x			x	
A		x			x				x
F			x			x			x

Comentário: Com esta tabela, consegui verificar algumas dificuldades das crianças. Compreendi igualmente que em grande grupo as crianças leem facilmente e algumas poderão fazer por imitação. No entanto, não poderei ignorar que algumas pudessem ter uma prestação mais fraca, devido à pressão de estarem a ler individualmente. Como forma de tentar colmatar algumas dificuldades, desenhamos uma tabela com as letras com palavras iniciadas pelas respetivas consoantes. Assim, os alunos ao lerem

e sentirem dificuldade olhavam para o desenho e associavam o fonema à letra correspondente.

Registo de Observação º4

Dia: 07/11/2011

Hora: 08h:30 até 08:45

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 5 alunos

Nº de adultos envolvidos: Professora titular de turma

	Trabalho de casa	Leu em casa	Comentou a Leitura
T	✓	✓	✓
R	✓		
S	✓	✓	
A	✓	✓	✓
F	✓	✓	

Registo de Observação º5

Dia: 07/11/2011

Hora: 9h:00m até 10:30

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 5 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Descrição: …ao realizar os exercícios de leitura, pude verificar algumas melhorias no que compete à prestação dos alunos T, S e A. Porém, as dificuldades mantém-se nos outros alunos, salvo uma exceção do aluno F, que embora não tenha feito o trabalho de casa, consegue ler fluentemente todas as palavras indicadas.

Comentário: Com estes registos de observação, pude compreender a importância dos trabalhos de casa e do *feedback* que pode haver entre Professor/Aluno/Pais, para que os alunos consigam um melhor rendimento escolar.

Registo de Observação º6

Dia: 21/11/2011

Hora: 11:30 até 12:30

Local: Sala de aula

Nº de alunos envolvidos: 23 alunos

Nº de adultos envolvidos: Estagiária

Descrição: … nos exercícios de leitura, os alunos leram em conjunto as frases. De seguida e como forma de avaliar individualmente alguns alunos, fui chamando alguns ao quadro. Mas fazia de forma intercalada, ou seja, chamava um aluno que lesse bem e outro que lesse menos bem, neste exercício jogava igualmente com o tamanho e dificuldade das palavras, pedindo aos alunos que têm mais dificuldade para lerem palavras mais fáceis. Ao longo da atividade, observei que os alunos ao lerem, seguiram as nossas dicas para se lembrarem da letra, como o "p" de pato, o "t" de teia, o "d" de dado, etc., recorrendo igualmente ao quadro de cortiça para observarem qual o animal representante da letra, de forma a se lembrarem do som. Notou-se uma melhoria em todos os alunos, mostrando que o trabalho que foi desenvolvido ao longo deste tempo (escola e casa) tem tido resultados, no sentido de evolução e autonomia da leitura.

VI.VI: Nota de Campo

Eram 8:30, estavam quase todos os alunos na sala, exceto o C, que novamente chegou atrasado. A professora, depois de resolver alguns assuntos relativos à Direção de Turma, falou com um tom subtil, no entanto olhou os alunos com firmeza e disse, antes de escrever o sumário: "Hoje vamos trabalhar a expressão escrita, como sabem vocês têm que escrever muito!... Olhem que sai um exercício destes no exame, e lá não têm a professora para ajudar nas vossas dúvidas". De seguida, abriu o livro de ponto e ditou o sumário. Os alunos estavam com um ar cansado e ainda não tinham começado as atividades"

VI.VI:Incidente Critico

Enquanto estava a observar uma aula de matemática, em que os alunos tinham que realizar uma ficha de trabalho, o G surpreendeu-me, finalmente senti a sensação de "ganhar um aluno". Ele veio para o meu lado, e reparei que ele tinha dificuldades na resolução de exercícios. Desta forma, apoiei-o na elaboração de uma ficha de trabalho, dando-lhe sugestões da maneira como ele deveria estudar em casa. No dia seguinte, enquanto estava a observar a aula de Língua Portuguesa, o G, questionou-me se poderia realizar o mesmo apoio para o restante da ficha, pois tinha compreendido muito bem os esquemas realizados, no dia anterior.

VI.VIII :Grelha de Observação de aula (realização de atividades)

Acompanha a entrada dos alunos na sala de aula	A professora fica na porta à espera que os alunos entrem na sala.
Verifica se os alunos realizaram o trabalho de casa e faz a sua correção	No início, pergunta quem fez o trabalho de casa e corrige-o oralmente.
Qual a função do trabalho de casa?	Consolidação de conhecimentos.
Efetua a articulação dos conteúdos com aprendizagens anteriores	No início da aula faz um resumo da matéria e no final mostra um esquema onde articula os conteúdos anteriores e os da aula.
Promove a mobilização de saberes	Relaciona o tempo de crise do seculo XIX, XX e XXI.
Recorre a exemplos pertinentes, durante a explicitação de conteúdos, relacionados com as vivências dos alunos	Recorre a exemplos relacionados com as vivências dos alunos. “No tempo dos vossos avós…”
Como inicia os conteúdos	Como se lembram na aula passada…
Aplica uma pedagogia diferenciada (ex: oferece apoio a alunos que revelem dificuldades)	Faz questões ao longo da aula e quando pede resposta a questionários pede aos alunos para responderem tendo em conta os alunos com mais dificuldades.
Promove métodos de trabalho autónomo junto dos alunos, a aquisição de métodos de estudo e responsabilidade	Trabalho autónomo: “Façam lá as perguntas da página…”; Métodos de estudo: “Sublinhem aquela ideia que está no manual”
Utiliza o método expositivo de	As aulas são todas dadas no método expositivo e realiza

modo adequado, designadamente na realização de sínteses de aprendizagem	sínteses de aprendizagem.
Diversifica o modo de organização, durante a execução de trabalhos na sala de aula (ex: trabalhos de grupo, pares, individual...)	Os alunos estão todos sentados de forma individual nas respetivas mesas, quando algum aluno se esquece do material juntam-se em pares.
Centra o seu trabalho na promoção de situações de aprendizagem	Centra o seu trabalho no método expositivo.
Desloca-se pela sala para estimular a atenção dos alunos e acompanhar a realização das tarefas	Durante as aulas a professora anda pela sala não ficando sempre na frente da sala.
Promove o trabalho cooperativo e a entreajuda entre os alunos	Os alunos em algumas atividades juntam-se em pares para responderem às questões.
Recorre a diferentes materiais na promoção de aprendizagens (materiais inovadores, TIC, …)	Além do quadro utiliza o retroprojetor.
Utiliza recursos didáticos adequados	Ainda utiliza muito o método tradicional e expositivo.
Potencia as possibilidades didáticas de recursos variados (manual, fotocópias, acetatos, mapas...)	Utiliza o manual, o retroprojetor, acetatos, leitor de cds e livros informativos para completar a informação do manual.
Efetua, no final da aula, uma síntese dos assuntos tratados	No final das aulas utiliza um esquema projetado para realizar uma articulação dos conteúdos anteriores e os da

	aula.
Anuncia o assunto da aula seguinte estabelecendo relações com os conteúdos já abordados	Utiliza sínteses projetados no quadro para articular conteúdos e para que os alunos sigam uma articulação lógica dos conteúdos.
Indica as tarefas a realizar em casa	A docente escreve no quadro os trabalhos de casa no início da aula, para que os alunos passem para o caderno as atividades a realizar em casa.

VI.VIX: Lista de verificação

INDICADORES	**1** (não verifiquei)	**2** (verifiquei)	**3** (verifiquei completamente)
Obtém resultados positivos de aprendizagem por parte dos alunos			✓
Revela capacidade para motivar os alunos para as actividades		✓	
Promove a participação activa dos alunos no processo de ensino/aprendizagem			✓
Revela entusiasmo		✓	
Apresenta clareza, fluência e qualidade na sua expressão verbal.			✓
Apresenta clareza, fluência e qualidade na sua expressão não-verbal			✓
Relaciona a teoria com a prática.			✓
Coordena a gestão dos ritmos de ensino/aprendizagem			✓
Utiliza momentos de síntese parciais		✓	
Demostra criatividade na utilização de recursos			✓
Demonstra flexibilidade face a situações não previstas			✓
Utiliza recursos didáctico – pedagógicos de qualidade			✓
Revela capacidade para aproveitar os recursos disponíveis em formatos e configurações inovadoras			✓
Estimula à curiosidade.		✓	
Incentiva a produção de ideias			✓
Promove aos alunos o gosto pela pesquisa			✓
Demonstra abertura a pontos de vista diferentes		✓	
Valoriza o trabalho de pesquisa realizado pelos alunos			✓
Encoraja os alunos à auto – avaliação autónoma ou colaborativa			✓
Promove nos alunos as competências de planeamento, pensamento crítico, de análise, e estratégias de resolução de problemas		✓	

Anexo VII: Inquérito aplicado aos Professores do 1.ºCEB

Inquérito por questionário aos professores

Escolha uma das opções, assinalando com um X a resposta adequada:

1- Sexo: · F ☐ M ☐

2- Idade:

2.1Entre 20 e 30 anos ☐

2.2 Entre 30 e 40 anos ☐

2.3 Mais de 40 anos ☐

3- Habilitações académicas:

3.1 Bacharelato ☐

3.2 Licenciatura ☐

3.3 Mestrado ☐

3.4 Outra

_____

4- Frequentou alguns cursos, na área das tecnologias de informação e comunicação (TIC), nos últimos 5 anos?

4.1 Nenhum ☐

4.2 Um ☐

4.3 Dois ☐

4.4 Três ☐

4.5 Quatro ☐

4.6 Mais de quatro ☐

5- Há quantos anos utiliza os computadores, nas suas aulas?

5.1 Nenhum ☐

5.2 Entre 1 a 3 anos ☐

5.3 Entre 2 a 5 anos ☐

5.4 Mais de 5 anos ☐

6- Em média, por semana, durante quantas horas utiliza o computador com os alunos?

6.1 Nenhuma ☐

6.2 1 hora ☐

6.3 Entre 2 a 5 horas ☐

6.4 Mais de 5 ☐

7- Para além do computador, que outros equipamentos, do âmbito das TIC, utiliza na sua prática (assinale todas as opções válidas):

7.1 CD-ROM ☐

7.2 Quadro interativo ☐

7.3 Impressora ☐

7.4 Scanner ☐

7.5 Outros

_____

8- Quando utiliza um computador, as suas principais tarefas são a nível de... (assinale todas as opções que forem relevantes no seu quotidiano):

8.1 Utilização de correio eletrónico ☐

8.2 Utilização da Internet para pesquisa ☐

8.3 Processamento de texto ☐

8.4 Folha de cálculo ☐

8.5 Apresentações gráficas (ex.powerpoint) ☐

☐

8.6 Gestão de projetos escolares

9- Qual a importância que dá à utilização do computador pelos alunos no desenvolvimento de competências?

9.1 Imprescindível ☐

9.2 Importante ☐

9.3 Útil ☐

9.4 Irrelevante ☐

9.5 Prejudicial ☐

10- Considera que as TIC podem potenciar a transdisciplinaridade?

10.1 Concordo parcialmente ☐

10.2 Concordo ☐

10.3 Discordo ☐

11- Concorda que as TIC podem ajudar a integrar os alunos com necessidades educativas especiais?

11.1 Sim ☐

11.2 Não ☐

12- Quais os principais problemas ou dificuldades que sente, na utilização das TIC durante a realização de trabalhos e projetos com os alunos?

12.1 Falta de equipamento ☐

12.2 Equipamento em mau estado ☐

12.3 Pouco tempo letivo para o desenvolvimento de competências nesta área

12.4 Outros

_____
_____
_____

(adaptado de Leal, 2009)

Obrigada pela colaboração

Anexo VIII: Registo Fotográfico das atividades realizadas com comunidade na Instituição A

Decoração da Sala de aula

Decoração da entrada da Instituição

Prenda dos Pais:

Anexo IX: Reflexões

IX.I: Expectativas de estágio do 2.ºCEB

O motivo da elaboração desta reflexão deve-se ao facto de considerar pertinente ponderar sobre esta nova etapa que se aproxima. Na minha opinião este estágio é um pouco tormentoso, no sentido de ser a nossa última intervenção como estagiários, logo, há que dar o nosso melhor para conseguir adquirir as competências essenciais para nos tornarmos um bom profissional.

O estágio anterior, na valência de 1º ciclo, correu bem, no entanto, ainda me sinto incompleta. Penso que neste estágio, me vou sentir mais realizada, não só por ser na realidade de 2º ciclo, ou pelo desafio de lecionar quatro disciplinas e estar perante uma turma com crianças mais crescidas, ou seja, estou mesmo motivada para iniciar este estágio. Quanto ao local onde iremos realizar o estágio, quando nos indicaram esta escola, criei logo inúmeras expectativas, pois, embora não seja uma escola pública, como eu gostaria de experimentar, é uma IPSS, logo espero encontrar uma turma heterogénea e não um elitismo como tenho vindo a presenciar nos estágios anteriores.

Ao nível da intervenção, considero que vai ser mesmo um desafio. Em primeiro lugar pelo domínio científico, depois pela mudança de conceptualização de umas aulas para as outras e finalmente, ter apenas quatro blocos de 90 minutos para cada área científica, ou seja, resumidamente temos quatro semanas para demonstrar o que valemos, logo os erros não são admissíveis. No ano letivo anterior, gostei da experiência de dar uma aula de História e Geografia de Portugal, no entanto, senti a complexidade de preparar uma aula de 45 minutos. Assim, só espero conseguir cumprir o requisito de preparar quatro planificações semanais não só para 45 minutos mas de 90 minutos, cumprindo os objetivos desta unidade curricular.

Para finalizar acrescento que é necessário acreditar e ter consciência que o futuro, do perfil 4, depende da nossa turma, pois somos nós que vamos “dar a cara” como os primeiros profissionais diplomados com este mestrado, logo temos que demonstrar que somos capazes e que este perfil faz sentido, de forma a combater o preconceito que muitos professores apresentam relativamente ao profissional com dupla habilitação.

Resta agora iniciar o estágio e cumprir cada meta que vai ser apontada e dar o nosso melhor em todos os momentos de intervenção.

IX.II: Reflexões do 1.º CEB

IX.II.I: Reflexão Semanal (1ªsemana)

Esta reflexão é relativa ao tempo inicial de intervenção da prática pedagógica, tendo como objetivos a resposta a questões como: O que sentimos em relação ao 1º ciclo do Ensino Básico e que diferenças encontramos com os outros ciclos (2º ciclo)? Que objetivos defini até agora, proponho-me a atingir o quê? O que aprendi até agora?

Durante este tempo de estágio, o nosso papel mudou radicalmente, passamos de observadores passivos a intervenientes. Embora no ano letivo anterior, tenhamos experimentado a lecionação de uma aula do 1º ciclo, a responsabilidade deste ano é incomparável. No que toca ao 2º ciclo, as diferenças assentam especialmente no modo como fazemos passar a informação/conteúdos, postura dentro e fora de aula e relação com os alunos. Enquanto no 2º ciclo, os alunos estão habituados a uma linguagem mais elaborada e científica, os alunos do 1º ciclo (especialmente os do 1º ano) necessitam de uma linguagem próxima e simples para que consigam compreender os aspetos que para nós são simples e quase sem explicação, mas que para eles são uma novidade, logo há que criar maiores laços afetivos com os mesmos o que quase não é necessário no ciclo seguinte.

No que diz respeito aos objetivos que defini ao longo deste tempo, tenho vindo a cumpri-los todos até agora. Já experimentei aulas expositivas, práticas, formais e menos formais. Já consigo dominar o grande grupo (já com pouca dificuldade) e controlar situações inesperadas com alguns alunos. Com todas estas aprendizagens, já experimentei vários sentimentos, como lidar com o tempo (duração das atividades), a segurança de uma aula expositiva assim como a incerteza de uma aula mais prática e o receio/satisfação de colocar um grupo de alunos que apenas sabem pronunciar letras (vogais e consoantes) e no final da manhã já conseguirem ler palavras e frases. Mas a intervenção ainda agora começou e uma nova etapa se aproxima. O meu grande objetivo é conseguir obter uma maior autonomia, no sentido de conseguir trabalhar os conteúdos de uma forma mais interdisciplinar e não me basear apenas na resolução das atividades do manual e nas tradicionais fichas de trabalho (que é a prática mais frequente no colégio) isoladamente. Fora disso, todos os objetivos que defini até agora aplicam-se para esta nova etapa, no entanto deverão ser mais explorados no sentido de me tornar uma profissional competente, como a professora titular da turma.

Para finalizar a reflexão indico as aprendizagens mais significativas que efetuei até agora. A planificação é um meio e não um produto, sendo desta forma flexível, ou seja, é uma orientação e cabe a nós estagiários saber aplica-la e caso seja necessário, adaptar à realidade vivida. A heterogeneidade da turma é uma realidade e um desafio, cabe ao professor estar atento às crianças que nos chamam a atenção e principalmente àquelas que nos passam despercebidas. A avaliação/reflexão diária é imprescindível para uma melhoria e evolução da prática profissional. Ser professor estagiário é ensinar os alunos mas é sobretudo aprender com eles.

IX.II.II:Reflexão Semanal (2ªsemana)

Para a elaboração desta reflexão, sobre a primeira semana de intervenção completa, foi-nos pedido para refletir sobre a nossa prática pedagógica, no que diz respeito: ao cumprimento dos objetivos, às problemáticas identificadas no processo de planificação/implementação e por fim, as descobertas e conquistas efetuadas neste período.

No que toca aos cumprimentos de objetivos, posso referir que cumpri toda a minha planificação. O único erro que cometi, foi o incumprimento do tempo planificado, pois as atividades foram realizadas muito rapidamente, terminando quase sempre antes do tempo proposto. No entanto, tinha presente atividades de leitura e escrita sempre prontas para aplicar nestes acontecimentos.

Com a intervenção desta semana, fui capaz de compreender algumas problemáticas que inicialmente me passaram despercebidas. A primeira foi os diferentes tempos de realização de atividades que os alunos apresentam, ou seja, enquanto uns ainda estão a meio de uma atividade outras já terminaram. Este facto leva a distrações que não são favoráveis para o decorrer da aula (conversas paralelas, impaciência, idas às casas de banho propositadas e diminuição do tempo de concentração). Outra problemática, é sem dúvida, a tentativa de responder a todos os alunos da sala, e como a heterogeneidade é sentida na sala, torna a tarefa mais dificultada, não permitindo dar *feedback* a todos, como desejava. Por último, as medidas que deverão ser tomadas com os maus comportamentos. No entanto, com estas vivências realizadas durante o processo de intervenção, levou a que houvesse uma reflexão pessoal, sobre as práticas exercidas, na tentativa de encontrar soluções/pistas para o melhoramento das mesmas.

Para finalizar, refiro que nesta semana, consegui realizar algumas conquistas, nomeadamente: maior autonomia na sala de aula, conquista de respeito pelos alunos e domínio do grande grupo. Refiro igualmente que através da minha reflexão, descobri que aplicando algumas estratégias na próxima intervenção, poderei limar alguns pontos fracos desta semana, como a introdução de pequenas atividades de trabalho autónomo, utilização das TIC para a leitura, e ditados mudos para a escrita. Além disso, irei aplicar estratégias de intervenção individual com um aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem

IX.II.III: Reflexão Semanal (3ªsemana)

Para a elaboração desta reflexão, sobre a terceira semana de intervenção completa, foi-nos pedido para refletir sobre a nossa prática pedagógica, no que diz respeito ao processo de observar/planificar/avaliar, elencando uma situação de interdisciplinaridade e partilhar a experiência sobre correção e troca de planificações entre as estagiárias do centro de estágio, de anos de escolaridade diferentes.

Antes de refletir sobre os pontos referidos anteriormente, gostaria de referir, que o processo observar/planificar/avaliar é fundamental para a intervenção. Para planificar, é imprescindível observar para adaptar as atividades ao grupo de alunos da turma, assim como a avaliação, para alterar/reestruturar as planificações e práticas futuras. Um dos exemplos, que poderei evidenciar, é o caso do aluno João Miguel. Este aluno nas atividades que exigiam cópia de frases do quadro mostrava dificuldades na cópia: omitia letras/sílabas das palavras assim como não seguia a ordem das palavras na frase. Desta forma, ao observar este acontecimento avaliei e pensei numa estratégia para melhorar o desempenho do aluno. A solução encontrada e implementada, nas seguintes planificações, foi entregar uma folha com as frases escritas em letra manuscrita ao aluno, para que este, em vez de copiar do quadro, copiar da folha. Quando implementei esta estratégia verifiquei que o aluno conseguiu melhorar a ortografia e a caligrafia.

No que toca à atividade que envolveu interdisciplinaridade, confesso que no primeiro ano de escolaridade é complicado elaborar uma atividade que envolva muitas áreas, visto que os alunos ainda se encontrarem numa fase muito limitada na realização de algumas atividades. No entanto, posso destacar a elaboração da carta ao Pai Natal. Na elaboração da carta ao Pai Natal, os alunos em primeiro lugar tinham que copiar uma frase do quadro (Língua Portuguesa), pintar o Pai Natal (Expressão Plástica), recortar imagens de presentes de revistas de brinquedos (Expressão Plástica), selecionar e colar os brinquedos num retângulo em branco (Expressão Plástica e Matemática: estruturação espacial). Com esta atividade, consegui envolver três áreas e indiretamente falei de alguns valores do Natal, sem ser a parte mais material, logo a religião e moral também foi explorada.

Relativamente à experiência de partilha e correção das planificações entre os diferentes anos de escolaridade, refiro que corrigi as planificações de 3º ano. A primeira experiência foi a correção das minhas planificações e verifiquei que a minha colega corrigiu aspetos formais que nunca tinha reparado, como a utilização de algumas expressões nos textos. A segunda experiência foi a correção da planificação

da minha colega, confesso que nível de conteúdo, não modifiquei nada visto que não estar familiarizada com o ritmo e competências dos alunos deste nível de escolaridade, corrigindo desta forma, apenas incoerências como: adição/soma e subtração/diferença.

Saliento que esta partilha foi útil e muito enriquecedora. Em primeiro lugar, pela troca de planificações que serviu para verificarmos outras formas de planificar e por vezes mais práticas do que as nossas. Em segundo lugar, para compreendermos o trabalho realizado noutros anos de escolaridade, que envolvem atividades e estratégias completamente distintas das nossas e em último lugar, para refletirmos nas nossas praticas, ou seja: ao observar as planificações e correções dos nossos colegas, conseguimos avaliar as nossas práticas, reestruturando as nossas planificações.

Para finalizar, posso referir, que esta semana além de verificar evolução, por parte do grupo e no meu desempenho, o que é normal pelas intervenções mais frequentes, observei que começo a apresentar uma maior flexibilidade na orientação de atividades, mostrando uma maior autonomia face à planificação e aos imprevistos de implementação das mesmas.

IX.III : Alguns exemplos das reflexões do 2.º CEB

IX.III.I:Ciências da Natureza

A minha primeira intervenção de estágio teve lugar, no dia 29 de fevereiro de 2012. Antes de avaliar a intervenção propriamente dita, considero importante referir alguns aspetos relativos à planificação da mesma.

Assim, considero que planifiquei corretamente e de forma adequada ao contexto. Os objetivos estavam de acordo com o programa. Além da aula, preparei uma ficha de recuperação para os alunos com maior dificuldade e um grupo de questões para serem aplicadas no teste de avaliação. Em termos de atividades de avaliação, além da observação pensei no preenchimento de uma grelha de autoavaliação para os alunos preencherem no final da aula. Em termos de preparação da intervenção propriamente dita, tive em conta a revisão científica relativa ao conteúdo que iria abordar, assim como, o cuidado na escolha do material a ser utilizado e as suas respetivas fontes.

No que diz respeito ao desenvolvimento, concretização e implementação do plano de aula, considero que de uma maneira geral a aula correu bem, no entanto apresentei algumas lacunas que pretendo melhorar, tais como:

- Clarificar com os alunos os objetivos a atingir no início da aula;

- Utilizar o material didático e o espaço de uma forma mais consciente, como por exemplo o posicionamento na sala de aula conjugado com a projeção multimédia. Pois alguns alunos, principalmente os das laterais e os do fundo ficaram prejudicados pois não lhes dediquei a devida atenção. Relativamente ao projetor, este estava em más condições levando a que as imagens não estivessem muito nítidas prejudicando a leitura dos diapositivos.

- Correção cientifica e exploração do erro, visto que, houve um erro científico que não foi identificado por ninguém e que ao expor o conteúdo o conceito passou para a turma, no entanto, a situação foi contornada, o erro foi corrigido, no entanto, ao ser confrontada com a situação fiquei demasiado alterada o que prejudicou a minha performance.

Além dos aspetos negativos apresentados, convém referir alguns positivos, como a gestão do tempo, ou seja, tive que adaptar a planificação de acordo como tempo, selecionando os conteúdos mais pertinentes e que deveriam ser trabalhados obrigatoriamente na aula. Utilizei uma boa entoação de voz e uma postura corporal

ajustada, que permitiu, desde início, o controlo da turma. Este controlo, para mim foi uma vitória pois o tema era sugestível a comentários paralelos e menos agradáveis por parte dos alunos. No entanto, respondi de forma correta e clara às questões extra aulas que os alunos foram realizando ao longo da aula e que não faziam parte do conteúdo lecionado em aula.

Desta forma, e fazendo um balanço da aula, considero que para a primeira vez a aula não correu mal, cometi erros e admito que os fiz e aceitei o feedback do professor titular, agora resta não repetir os erros na próxima planificação e intervenção.

Para finalizar, refiro que o estágio é um caminho marcado por momentos. O meu primeiro momento teve lacunas, agora terei que aprender com as mesmas, encontrar soluções e estratégias para que consiga desenvolver um trabalho mais sólido e que me permita transformar num bom profissional da educação.

IX.III.II: Matemática

A minha segunda intervenção de estágio teve lugar, no dia 15 de março de 2012, numa aula de 90 minutos.

Nesta semana, tive a tarefa de planificar uma aula, relativa à correção do teste. Assim, no que toca à planificação não tive que pensar em estratégias muito criativas, pois foi indicado pela professora titular, que a correção deveria ser feita pela estagiária no quadro, tendo os alunos que a copiar para os respetivos cadernos diários. No entanto, tive a preocupação na realização de revisões sobre os conteúdos que o teste alcançava, para que, ao mesmo tempo que realizasse a correção, chamar a atenção dos alunos sobre aspetos importantes e que fazem parte do conteúdo das provas de final de ciclo.

No que toca à intervenção, e tendo em conta que era uma aula que estava dependente, à partida, da minha exposição teórica, tudo indicaria que iria correr muito bem, no entanto, cometi algumas falhas que indicarei de seguida.

Em primeiro lugar, convém mencionar, que estava um pouco receosa, pois a professora titular, tinha prometido entregar os critérios de correção com antecedência, só que apenas me foram facultados no próprio dia, pouco tempo antes, da aula começar. Logo, tive confrontar a minha correção com os critérios no momento de intervenção.

Comecei a correção, tal e qual como estava planeado, só que ao apresentar os resultados, muitos alunos, começaram a indicar outras formas de solução dos problemas que não eram iguais à minha nem aos critérios de correção. Logo, a minha ansiedade, começou a influenciar a aula, e, foi nesse momento que pensei em chamar um aluno ao quadro para ir apresentar a resolução do exercício.

Esta estratégia, prejudicou a minha aula, no sentido, do alunos apresentarem resoluções diferentes, não concordando com a solução do colega, e não aceitando a proposta apresentada. Desta forma, tive que adaptar a correção do aluno aos critérios de resolução e encontrar a resolução mais correta, chamando ao mesmo tempo, atenção aos alunos para os erros cometidos, de forma a evitar os mesmos no próximo teste.

.

Quanto aos pontos positivos, refiro que efetuei uma evolução relativamente à primeira aula. Demonstrei controlo e segurança, tanto a nível de exposição teórica

como a respostas dadas pelos alunos. Controlei a turma durante a aula, pois como estes tinham vindo de uma aula de Educação Física, tive que, primeiramente, acalma-los e explicar os objetivos que teríamos que atingir na aula, logo teriam que estar concentrados para cumprir o plano estabelecido.

Para finalizar, acrescento que efetuei uma evolução no meu desempenho, no entanto, sei que terei que evoluir muito mais, e ter mais cuidado sobretudo com os alunos que apresentam mais dificuldade e naqueles que normalmente passam despercebidos nas aulas, pois poderão não estar atentos ou pensar que nós não lhes oferecemos a atenção merecida.

IX.III.III: Língua Portuguesa

A minha primeira intervenção de estágio teve lugar, no dia 01 de março de 2012. Antes de avaliar a intervenção propriamente dita, considero importante referir alguns aspetos relativos à planificação da mesma.

Assim, considero que planifiquei corretamente e de forma adequada ao contexto. Os objetivos estavam de acordo com o programa, no entanto, considero que pensei em demasiados objetivos que depois não foram possíveis colocar em prática, devido à falta de tempo, o que não invalida que as atividades não estivessem cientificamente corretas. Em termos de atividades de avaliação só pensei na observação e na avaliação dos trabalhos realizados pelos alunos. Para preparar a aula, tive em conta a revisão científica relativa ao conteúdo que iria abordar, assim como a consulta de gramática e obras complementares no sentido de compreender melhor a obra literária de Sophia de Melo Breyner.

No que diz respeito ao desenvolvimento, concretização e implementação do plano de aula, considero que de uma maneira geral a aula correu bem, no entanto apresentei algumas lacunas que pretendo melhorar, tais como:

- Clarificar com os alunos os objetivos a atingir no inicio da aula;

- Utilizar o material didático e o espaço de uma forma mais consciente, como por exemplo a leitura realizada à frente dos alunos e não como realizei percorrendo o espaço da sala de aula, embora a minha intenção fosse criar um ambiente mais próximo com os alunos, acabou por prejudicar a leitura. Exploração do texto de forma mais analítica, como a escrita de certos pormenores analisados na aula e que não ficaram registados.

- Realizar as atividades de forma mais interligada uma vez que o ensino da Língua Portuguesa não é estanque, ou seja, os conteúdos estão todos relacionados entre si, logo haverá uma necessidade de realizar uma abordagem e uma revisão sistemática dos pontos abordados na planificação. Nesse sentido, apresentei dificuldades uma vez que não tinha realizado uma revisão da matéria toda, o que poderia causar uma situação complicada se algum aluno tivesse levantado alguma questão e que não estivesse preparada para a resposta da mesma.

- Demonstrar mais controlo e segurança, visto que estava muito nervosa e que me prejudicou, em primeiro lugar pela leitura incorreta de uma frase, que no papel estava correta mas ao ler disse e repeti 1ª pessoa do singular em vez de 3ª pessoa do

singular. E depois na escrita de uma frase no quadro, também apresentei um erro ortográfico na troca da letra r, no entanto, estes erros não foram graves porque foram detetados, no entanto não se poderão repetir.

Além dos aspetos negativos apresentados, convém referir alguns positivos, como a gestão do tempo, ou seja, tive que adaptar a planificação ao tempo selecionando os conteúdos mais pertinentes e que deveriam ser trabalhados obrigatoriamente na aula. Utilizei uma boa entoação de voz e uma postura corporal ajustada, que permitiu o controlo da turma.

Desta forma e fazendo um balanço da aula, considero que para a primeira vez a aula nem correu de forma desastrosa, cometi erros e admito que os fiz e aceitei o feedback da professora titular, agora resta transformar os pontos fracos em situações de aprendizagem para que não repita os erros na próxima planificação e intervenção.

Para finalizar refiro que o estágio é um caminho marcado por momentos. O meu primeiro momento teve lacunas, agora terei que aprender com as mesmas, encontrar soluções e estratégias para que consiga desenvolver um trabalho mais sólido e que me permita transformar num bom profissional da educação.

IX.III.IV :História e Geografia de Portugal

A minha primeira intervenção de estágio teve lugar, no dia 02 de março de 2012. Antes de avaliar a intervenção propriamente dita, considero importante referir alguns aspetos relativos à planificação da mesma.

Assim, considero que planifiquei corretamente e de forma adequada ao contexto. Os objetivos estavam de acordo com o programa. Propus atividades estruturadas de acordo com a realidade da turma. Em termos de preparação a aula, tive em conta a revisão científica relativa ao conteúdo que iria abordar, assim como o cuidado na escolha do material a ser utilizado. Ao nível da avaliação pensei apenas na observação direta das aulas.

No que diz respeito ao desenvolvimento, concretização e implementação do plano de aula, considero que de uma maneira geral a aula correu bem, no entanto apresentei algumas lacunas que pretendo melhorar, tais como:

- Proporcionar uma comunicação interativa, visto que ainda me sentia muito presa à transmissão dos conteúdos, logo, só comuniquei com aqueles alunos que intervieram na aula, “esquecendo” aqueles alunos que normalmente não participam.

- Utilização adequadamente do espaço da aula, pois, tal como referi nas reflexões das outras aulas, ainda me posiciono muito à frente da sala de aula, não utilizando corretamente o espaço da mesma.

Além dos aspetos negativos apresentados, convém referir alguns positivos, como a gestão do tempo, ou seja, tive que adaptar a planificação ao tempo selecionando os conteúdos mais pertinentes e que deveriam ser trabalhados obrigatoriamente na aula, pois como a aula foi partilhada com a professora titular, esta ocupou mais do que 45 minutos logo tive menos tempo para dar a aula. Considero que fui criativa na preparação da aula, pois utilizei livros, vídeos e informação extra que não vinha no manual, de forma a completar o conhecimento dos alunos. Aproveitei a intervenção dos alunos para explicar algumas dúvidas relacionadas com o conteúdo das aulas. Demonstrei controlo e segurança, visto ser a área que me sinto mais à vontade em termos de intervenção pedagógica.

Desta forma, e fazendo um balanço da aula, considero que para a primeira vez a aula não correu mal, cometi alguns erros e admito que os fiz e aceitei o feedback do professor titular, agora resta não repetir os erros na próxima planificação e

intervenção, tendo consciência que os mesmos se deveram a questões de nervosismo e não por falta de domínio de conteúdos.

Anexo IX: Planificações

IX.I :Planificação Anual 1.ºCEB

Áreas / Meses	ESTUDO DO MEIO	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	E.M.R.C.	INGLÊS
	TEMAS/CONTEÚDOS				
SETEMBRO E OUTUBRO	**<u>À Descoberta de si mesmo</u>** **1. A sua identificação** ◊ Nome, endereço, sexo e a sua idade. **2. Os seus gostos e preferências** ◊ Jogos, brincadeiras, animais,… ◊ Lugares, tempos livres… **3. O seu corpo Características** ◊ Características familiares. ◊ Modificações do seu corpo. ◊ Partes constituintes do	**<u>Comunicação Oral</u>** ◊ Grafismos ◊ Vogal i I ◊ Vogal u U ◊ Os ditongos ui e iu ◊ Vogal o O ◊ Os ditongos oi e ou ◊ Vogal a A ◊ Os ditongos ai e au ◊ Vogal e E ◊ Os ditongos eu e ei ◊ A consoante p P ◊ A consoante t T	**<u>Forma e espaço</u>** ◊ Manipulação de objectos ◊ Direita/ esquerda, interior/ exterior, em cima/ em baixo, à frente/ atrás, perto/ longe, antes/ depois, entre, primeiro/ último. ◊ Linhas abertas e linhas fechadas. <u>Números e operações</u> ◊ Invariância da quantidade. ◊ Agrupamentos. ◊ Os números 1, 2 e 3. ◊ Contagens.	**<u>Ter um coração bondoso</u>** ◊ Significado da expressão «ser bondoso». ◊ Fazer o bem, sem olhar a quem. ◊ Ser bom para todos. ◊ Querer o bem dos outros, mesmo que me sejam antipáticos. ◊ O bem que fazemos aos outros é bom para os outros. ◊ A bondade da viúva de Sarepta: 1 Rs 17, 1ss. ◊ A parábola da ovelha perdida: Lc 15, 4-7. ◊ Estar atento a quem precisa da minha ajuda. ◊ Ser prestável.	**<u>Hide and seek</u>** ◊ Greeting people and saying goodbye ◊ Identifying Colin the caterpillar and his friends ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story

	seu corpo. ◊ O seu corpo. ◊ Eu e os outros.				
NOVEMBRO	**4. A saúde do seu corpo** ◊ Normas de higiene do corpo. ◊ Posturas correctas do exercício físico e do repouso para a saúde. ◊ Normas de vigilância da sua saúde. ◊ Normas de higiene alimentar. **5. A segurança do seu corpo** ◊ Normas de prevenção rodoviária. ◊ Normas de prevenção de acidentes domésticos.	**Comunicação Oral e escrita** ◊ Consoante d D ◊ Consoante l L ◊ Consoante n M ◊ Consoante c C ◊ Consoante v V ◊ Consoante r R	◊ Números 4 e 5. ◊ Contagens. ◊ Relações de ordens entre números. ◊ Simbologia >,< e =. ◊ Ordenação de números. ◊ Leitura e escrita de números por ordem crescente e decrescente. ◊ Adição. ◊ O sinal + na representação de somas. ◊ Situações problemáticas. ◊ Somas com duas e três parcelas. ◊ Decomposição e composição de números em soma até 5. **Forma e espaço** ◊ Materiais moldáveis. ◊ Construções.	**Jesus nasceu** ◊ Modos de viver o Natal. ◊ Identificação da(s) razão (ões) da celebração do Natal. ◊ Os símbolos e as tradições de Natal: o presépio, o Pai Natal, a árvore de Natal, a missa do galo, cânticos tradicionais, gastronomia, etc. ◊ A identidade de Jesus.	**Hide and seek** ◊ Singing and acting out the story song ◊ Saying and acting out the rhyme and chant ◊ Counting to five ◊ Asking and saying where people are ◊ Identifying who you can see ◊ Ordening the life of a caterpillar
DEZEMBRO	**6. O seu passado próximo**	◊ Consoante n N ◊ Consoante g G	**Números e operações** ◊ A subtracção. ◊ O sinal – na	◊ Nasceu no Próximo Oriente, na Palestina, na cidade de Belém.	**Hide and seek** ◊ Following instructions

	◊ Sucessão de actos praticados ao longo de uma fase da vida, do dia… ◊ O dia como unidade de tempo. ◊ A semana como unidade de tempo. **7. As suas perspectivas para o futuro próximo** **<u>À Descoberta dos outros e das instituições</u>** **1. Os membros da sua família** Nomes próprios e apelidos.		representação e subtracções. ◊ Situações problemáticas. ◊ Somas e diferenças com números até 5. **<u>Forma e espaço</u>** ◊ Sólidos geométricos. ◊ Figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo. ◊ Traçado das figuras geométricas. ◊ Composições com figuras geométricas. ◊ Uso do tangram, puzzle e do geoplano.	◊ Jesus: aquele que nos veio dizer que Deus é amor e que devemos amar os outros. ◊ Resumo da história bíblica do nascimento de Jesus: evangelhos da infância (Mt e Lc). ◊ Acolher Jesus no coração, manifestando esse acolhimento através de obras.	◊ Associating pictures and meaning ◊ Reviewing and reflecting on learning ◊ Recognising and writing over key words
JANEIRO	**1. Os membros da sua família** ◊ Relações de parentesco. ◊ A sua família.	◊ Consoante b B ◊ Consoante j J ◊ Consoante f F ◊ Consoante s S ◊ Consoante z Z ◊ Consoante h H ◊ Consoante q Q	**<u>Números e operações</u>** ◊ Os números 6, 7, 8, 9 e 0. ◊ Contagens. ◊ Relações de ordens entre números. ◊ Somas e diferenças. ◊ Composição e	**<u>Ser humilde</u>** ◊ Humildade vs altivez, arrogância, sobranceria, soberba, insolência. ◊ Ninguém é mais nem menos que os outros.	**<u>The magic elf</u>** ◊ Identifying toys ◊ Asking for and giving toys ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story

	2. Outras pessoas com quem mantém relações próximas ◊ Os amigos, os vizinhos, os professores, os colegas… **3. A sua escola** ◊ A sua turma, o número de alunos e os horários. ◊ Dinâmica dos trabalhos de grupo. ◊ Funções dos vários elementos da classe e regras do funcionamento. ◊ Organização do trabalho, arranjo e conservação da sala de aula. ◊ Funcionamento da sua escola. ◊ Elaboração de regras e conhecimento dos seus direitos e deveres.		decomposição de números. ◊ Uso de diagramas de setas na representação de relações que envolvam adições e subtracções. **<u>Forma e espaço</u>** ◊ Figuras geométricas.	◊ «Eu» não tenho sempre razão! ◊ Ser humilde é…	◊ Singing and acting out the songs
FEVEREIRO	**<u>À Descoberta das Inter - Relações entre espaços</u>**	◊ Consoante x X ◊ As letras k, w, y ◊ O alfabeto	**<u>Números e operações</u>** ◊ Os números de 10 a 19. ◊ Somas e diferenças. ◊ Compor e decompor	◊ Lc 14, 7 ss: parábola do convidado que ocupa o primeiro lugar no banquete. ◊ Lc 18,9- 14:	**<u>The magic elf</u>** ◊ Saying the colour rap ◊ Identifying colours in the classroom

	1. A casa ◊ Diferentes tipos de casa e seus espaços. ◊ A sua casa. ◊ Funções dos espaços da casa. **2. O espaço da sua escola** ◊ Diferentes espaços da escola e suas funções. ◊ A sua escola. **3. Os seus itinerários** ◊ Os seus itinerários diários. **4. Localizar espaços em relação a um ponto de referência** ◊ Perto/ longe, frente/ atrás, direita/ esquerda.		números. ◊ Tábua da adição. ◊ Ordem entre números. ◊ Dezena. ◊ Decomposição de números em dezenas e unidades. ◊ Contagens de 2 em 2 e de 3 em 3. **<u>Forma e espaço</u>** ◊ Itinerários entre dois pontos.	parábola do fariseu e do cobrador de impostos. ◊ Lc 9, 46-48: o maior dos discípulos. ◊ Ser simples.	◊ Saying your favourite colour ◊ Mixing and making new colours ◊ Following instructions
MARÇO	**<u>À Descoberta do ambiente natural</u>**	◊ Casos especiais de leitura ◊ r / rr	◊ Simetrias. ◊ Números até 20. ◊ Composição e	**<u>Crescer em família</u>** ◊ Os membros da minha família	**<u>The magic elf</u>** ◊ Associating pictures

	1. Os seres vivos do seu ambiente ◊ Os animais domésticos e os animais selvagens. ◊ Cuidados a ter com os animais. ◊ As plantas. ◊ As partes de uma planta. ◊ Manifestações da vida vegetal. ◊ Cuidados a ter com plantas.	◊ s [z] / ss ◊ ça, ço, çu ◊ nh	decomposição de números. ◊ Ordenação de números numa recta graduada. ◊ Contagens.	◊ A relação afectiva, a atenção aos outros e a solicitude. ◊ Funções de cada membro e a sua participação na vida familiar. ◊ Sir 3, 1- 16: deveres dos filhos para com os pais.	and meaning ◊ Reviewing and reflecting on learning ◊ Recognising and writing over key words **<u>Touch your toes!</u>** ◊ Identifying parts of the body ◊ Saying and acting out a rhyme ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story ◊ Singing and acting out the story song ◊ Asking and saying what you want
ABRIL	**2. Os aspectos físicos do meio local** ◊ O tempo que faz. ◊ O dia e a noite. ◊ As estações do ano. ◊ Formas sob as quais a água se encontra na natureza.	◊ Casos especiais de leitura ◊ lh ◊ ch ◊ ce, ci ◊ gue e gui ◊ ge, gi ◊ al, el, il, ol, ul ◊ ar, er, ir, or, ur	**<u>Números e operações</u>** ◊ Números até 29. ◊ Contagens de 2 em 2 e de 3 em 3. ◊ Composição e decomposição de números. ◊ Ordenação de números. ◊ Adições e subtracções. ◊ Relações de	◊ O que é a autoridade dos pais? ◊ O respeito que devemos ter para com eles. ◊ O exemplo de Jesus na família de Nazaré. ◊ Ser bom aluno e seguir as indicações do professor. ◊ As tarefas que cada criança pode	**<u>Touch your toes!</u>** ◊ Counting to ten ◊ Singing and acting out a counting song ◊ Relating parts of the body to your senses ◊ Following instructions ◊ Associating pictures and meaning ◊ Reviewing and reflecting on learning

			grandeza entre objectos. ◊ Alto/ baixo, comprido/ curto, largo/ estreito, pesado/ leve. ◊ Noção de invariância das seguintes grandezas: comprimento, capacidade- volume e massa. ◊ Realização de experiências. ◊ Medições com unidades de medida de escolha livre.	desempenhar na sua família. ◊ Ajudar a minha família.	◊ Recognising and writing over key words **<u>Run, run, run</u>** ◊ Identifying the animals in the story ◊ Saying and acting out a chant ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story ◊ Singing and acting out the story song ◊ Making and responding to a request ◊ Following instructions ◊ Associating pictures and meaning ◊ Listening and identifying colours ◊ Saying what you can do ◊ Saying what animals can do ◊ Reviewing and reflecting on learning ◊ Recognising and writing over key words
MAIO	**3. Identificar cores, sons e cheiros na**	◊ as, es, is, os, us ◊ az, ez, iz, oz, uz	◊ Números até 99. ◊ Contagens de 5 em 5	**<u>Amar a natureza</u>** ◊ A Terra é a nossa	**<u>The enormous</u>**

	natureza ◊ As cores. ◊ Os sons. ◊ Os cheiros. **<u>À Descoberta dos materiais e objectos</u>** **1.Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente** ◊ Comparação de materiais segundo propriedades simples. **2. Realizar experiências com água** ◊ Propriedades físicas da água. ◊ O efeito da água em algumas substâncias. ◊ Materiais que flutuam e não flutuam.	◊ an, en, in, on, un ◊ am, em, im, om, um ◊ br, cr, dr, fr, gr, pr, tr, vr ◊ bl, cl, fl, gl, pl e tl ◊ x ◊ ão, ãos, ães e ões	e de 10 em 10. ◊ Decomposição de números em dezenas e unidades. ◊ Sequências numéricas. ◊ Noções temporais: antes/ entre/ depois; ontem/ hoje/ amanhã; agora/ já; muito tempo/ pouco tempo; ao mesmo tempo. ◊ Dia/ semana. ◊ Dias da semana. ◊ Carácter cíclico de alguns fenómenos e actividades (noite/ dia, refeições, dias da semana…). ◊ Moedas em uso.	casa comum e dádiva de Deus para cada pessoa. ◊ A beleza e a diversidade de vida na Terra. ◊ Atitudes de desrespeito pela vida.	**<u>sandwich</u>** ◊ Identifying food ◊ Asking and saying what the food you like ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story ◊ Singing and acting out the story song ◊ Counting one to ten ◊ Identifying food that grows ◊ Following instructions ◊ Associating pictures and meaning ◊ Reviewing and reflecting on learning ◊ Recognising and writing over key words

JUNHO	**3. Realizar experiências com o som** ◊ Sons do seu ambiente imediato. ◊ Produzir sons. **4. Manusear objectos em situações concretas** ◊ Cuidados na sua utilização e conservação.	◊ O Pinóquio ◊ Os ovos misteriosos ◊ O homem alto, a mulher baixa ◊ O gato cantor	◊ Exploração de todos os conteúdos.	◊ O jardim do Éden: Gn 2, 8-15. ◊ Deus quer a vida na Terra. O sonho de Deus para a Terra: Is 35,1- 2.5-7. ◊ Amar a Terra. ◊ Atitudes que se podem tomar em prol da vida na Terra.	**<u>The three bears</u>** ◊ Identifying the three bears ◊ Recognising the difference between big, small and tiny ◊ Saying and acting out a chant ◊ Listening to and understanding the story ◊ Re-telling the story ◊ Singing and acting out the story song ◊ Responding to things that are great or horrible ◊ Identifying members of your family ◊ Listening and identifying bears that go to sleep in winter ◊ Following instructions ◊ Associating pictures and meaning ◊ Reviewing and reflecting on learning ◊ Recognising and writing over key words

IX.I: Exemplo de um a Planificação Anual 2.ºCEB

Ano letivo 2011/2012

TÓPICOS	OBJETIVOS ESPECIFICOS	NOTAS	Nº BLOCOS
UNIDADE 1 **REFLEXÃO, ROTAÇÃO E TRANSLAÇÃO** • Noção e propriedades da reflexão, da rotação e da translação • Simetrias de reflexão ou simetria axial • Simetria de rotação ou simetria rotacional	○ Identificar, predizer e descrever a isometria em causa, dada a figura geométrica e o transformado. ○ Construir o transformado de uma figura, a partir de uma isometria ou de uma composição de isometrias. ○ Compreender as noções de simetria de reflexão e simetria de rotação e identificar as simetrias numa simetria. ○ Completar, desenhar e explorar padrões geométricos que envolvam simetrias. ○ Identificar as simetrias de frisos e rosáceas. ○ Construir frisos e rosáceas.	✓ Distinguir as noções de direção e de sentido; ✓ Saber a posição relativa de retas; ✓ Classificar triângulos; ✓ Identificar simetrias (reflexão e rotação); ✓ Explorar polígonos; ✓ Conhecer a noção de translação, de rotação, de reflexão e de reflexão deslizante; ✓ Identificar, predizer e descrever uma translação, dada a figura geométrica e o transformado; ✓ Identificar as propriedades das translações; ✓ Noção de rotação; ✓ Identificar, predizer e descrever uma rotação, dada a figura geométrica e o transformado; ✓ Identificar as propriedades da rotação; ✓ Encontrar a imagem de uma figura por uma dada rotação; ✓ Noção de reflexão; ✓ Identificar, predizer e descrever uma reflexão, dada a figura geométrica e o transformado; ✓ Identificar as propriedades da reflexão; ✓ Noção de reflexão deslizante; ✓ Identificar, predizer e descrever uma reflexão deslizante, dada a figura geométrica e o transformado; ✓ Identificar as propriedades da reflexão deslizante; ✓ Identificar simetrias de translação, de reflexão, de reflexão deslizante e de rotação em frisos; ✓ Compreender a noção de simetria axial e identificar as simetrias numa figura; ✓ Encontrar eixos de simetria de um triângulo; ✓ Encontrar eixo de simetria de um ângulo; ✓ Traçar a bissetriz de um ângulo; ✓ Compreender a noção de simetria rotacional; ✓ Identificar simetrias numa figura ✓ Completar e desenhar padrões geométricos que envolvam simetrias; ✓ Identificar simetrias rotacionais; ✓ Construir rosáceas; ✓ Identificar simetrias em frisos e construir frisos.	12
UNIDADE 2 **NÚMEROS NATURAIS** • Multiplicação e divisão de potências • Propriedades das operações e regras operatórias	○ Calcular potências de um número e determinar o produto e o quociente de potências com a mesma base ou com o mesmo expoente. ○ Compreender as propriedades e regras das operações e usá-las no cálculo. ○ Resolver problemas que envolvam as propriedades da adição, subtração, multiplicação e divisão, bem como, potenciação.	✓ Resolver problemas com o conceito de potência; ✓ Identificar base e expoente de uma potência; ✓ Calcular uma potência; ✓ Calcular o valor de expressões numéricas com potências; ✓ Calcular potências de um número e determinar o produto de potências com a mesma base; ✓ Calcular potências de um número e determinar o produto de potências com o mesmo expoente; ✓ Calcular potências de um número e determinar a potência de uma potência; ✓ Calcular potências de um número e determinar o quociente de potências com a mesma base; ✓ Calcular potências de um número e determinar o quociente de potências com o mesmo expoente; ✓ Compreender as propriedades e as regras das potências e usá-las no cálculo; ✓ Resolver problemas que envolvam as propriedades da potenciação.	7
UNIDADE 3 **NÚMEROS RACIONAIS NÃO NEGATIVOS** • Operações multiplicação e divisão	○ Multiplicar e dividir números racionais não negativos representados em diferentes formas. ○ Utilizar estratégias de cálculo para as quatro operações usando as suas propriedades. ○ Compreender o efeito de multiplicar e dividir um número racional não negativo por um número menor que 1. ○ Calcular a potência de expoente natural de um número racional não negativo, representado de diferentes formas. ○ Compreender a noção de inverso de um número.	✓ Relacionar diferentes representações dos números racionais não negativos; ✓ Representar partes da unidade sobre a forma de fração; ✓ Identificar frações equivalentes e irredutíveis; ✓ Comparar e ordenar números racionais não negativos; ✓ Adicionar e subtrair números racionais não negativos; ✓ Adicionar racionais não negativos identificando-os com a unidade; ✓ Multiplicar racionais não negativos em representação fracionária; ✓ Multiplicar números racionais não negativos; ✓ Resolver problemas que envolvam números racionais não negativos; ✓ Multiplicar números racionais em representação decimal; ✓ Calcular a potência de expoente natural de um número racional, não negativo, representado nas suas diferentes formas, ✓ Compreender a noção de inverso de um número; ✓ Compreender o conceito da divisão de números racionais não negativos; ✓ Relacionar a divisão de números racionais com a multiplicação, sua operação inversa; ✓ Resolver problemas que envolvam situações do quotidiano com números racionais não negativos representados de diferentes formas; ✓ Determinar o valor aproximado de um número e estimar a	11

• Valores aproximados	○ Determinar o valor aproximado de um número e estimar a resposta a problemas envolvendo números inteiros e racionais não negativos.	resposta a problemas envolvendo números inteiros e racionais não negativos; ✓ Estimar comprimentos em situações reais; ✓ Usar as medidas do sistema métrico para medir comprimentos; ✓ Resolver problemas usando operações com números racionais;	
➢ Atividades de consolidação			5
▪ Preparação das Olimpíadas da Matemática ▪ Testes de avaliação ▪ Autoavaliação			4
Total de blocos do 1ºPeríodo = 39			
UNIDADE 4 RELAÇÕES E REGULARIDADES • Expressões numéricas e propriedades das operações • Sequências e regularidades • Proporcionalidade direta	○ Compreender o significado dos parênteses e a prioridade das operações numa expressão numérica. ○ Usar expressões numéricas para representar situações e dar exemplos de situações que possam ser representadas por uma expressão numérica. ○ Expressar relações matemáticas através de igualdades e desigualdades. ○ Identificar e dar exemplos de sequências e regularidades numéricas e não numéricas ○ Determinar o termo seguinte (ou o anterior) a um dado termo e ampliar uma sequência numérica, conhecida a sua lei de formação ○ Determinar termos de ordens variadas de uma sequência, sendo conhecida a sua lei de formação. ○ Analisar as relações entre os termos de uma sequencia e indicar uma lei de formação, utilizando a linguagem natural e simbólica. ○ Representar simbolicamente relações descritas em linguagem natural e reciprocamente. ○ Interpretar diferentes representações de uma relação e relacioná-las. ○ Compreender os conceitos de razão, proporção e constante de proporcionalidade. ○ Utilizar proporções para modelar situações e fazer previsões. ○ Resolver e formular problemas envolvendo situações de proporcionalidade direta.	✓ Padrões geométricos; ✓ Investigar regularidades; ✓ Resolver problemas que envolvam o raciocínio proporcional; ✓ Usar tabelas na resolução de problemas que envolvam raciocínio proporcional; ✓ Calcular e usar percentagens; ✓ Compreender o significado dos parênteses e a prioridade das operações numa expressão numérica; ✓ Usar expressões numéricas para representar situações e dar exemplos de situações que possam ser representadas por uma expressão numérica; ✓ Expressar relações matemáticas através de igualdades e desigualdades; ✓ Identificar e dar exemplos de sequências e regularidades numéricas e não numéricas; ✓ Determinar o termo seguinte (ou o anterior) a um dado termo e ampliar uma sequência numérica, conhecida a sua lei de formação; ✓ Determinar termos de ordens variadas de uma sequência, sendo conhecida a sua lei de formação; ✓ Analisar as relações entre os termos de uma sequência e indicar uma lei de formação, utilizando a linguagem natural e simbólica; ✓ Representar simbolicamente relações descritas em linguagem natural e reciprocamente, ✓ Interpretar diferentes representações de uma relação e relacioná-las; ✓ Compreender os conceitos de razão, proporção e constante de proporcionalidade; ✓ Utilizar proporções para resolver situações e fazer previsões; ✓ Resolver e formular problemas envolvendo situações de proporcionalidade direta; ✓ Distinguir situações em que não existe proporcionalidade de situações em existe, determinando, neste caso, a constante de proporcionalidade; ✓ Analisar tabelas e gráficos; ✓ Resolver situações que envolvam percentagens e escalas.	15
UNIDADE 5 VOLUMES • Volume do cubo, do paralelepípedo e do cilindro	○ Resolver problemas que envolvam volumes de cubos, de paralelepípedos e de cilindros. ○ Relacionar as unidades de volume com as de capacidade do SI	✓ Compreender e utilizar as fórmulas para calcular as áreas do quadrado, do retângulo, do triângulo e do círculo; ✓ Determinar o perímetro de polígonos; ✓ Descrever sólidos geométricos e identificar os seus elementos; ✓ Compreender as propriedades dos sólidos geométricos e classificá-los; ✓ Identificar sólidos através de representações no plano e vice-versa; ✓ Compreender a noção de volume; ✓ Resolver problemas que envolvam volumes de um paralelepípedo e de um cubo; ✓ Distinguir entre volume e área de superfície de um	10

		paralelepípedo; ✓Desenhar planificações e construir modelos de paralelepípedos; ✓Resolver problemas que envolvam volumes de cilindros; ✓Determinar o volume de um cubo; ✓Relacionar as medidas de volume com as unidades de capacidade do SI; ✓Calcular volumes.	
➢Atividades de consolidação			5
▪ Preparação do Concurso Canguru Matemático ▪ Testes de avaliação ▪ Autoavaliação			4
Total de blocos do 2ºPeríodo = 34			
UNIDADE 6 **REPRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS** • Formulação de questões • Natureza dos dados • Extremos e amplitude • Gráficos cartesianos	○ Formular questões suscetíveis de tratamento estatístico, e identificar os dados a recolher e a forma de os obter; ○ Distinguir dados de natureza qualitativa de dados de natureza quantitativa, discreta ou contínua; ○ Recolher, classificar em categorias ou classes, e organizar dados de natureza diversa; ○ Construir e interpretar gráficos circulares; ○ Compreender e determinar os extremos e a amplitude de um conjunto de dados; ○ Utilizar informação estatística para resolver problemas e tomar decisões.	✓Identificar e compreender a noção de frequência absoluta; ✓Ler, interpretar e explorar informação apresentada numa tabela; ✓Identificar a moda de um conjunto de dados; ✓Construir gráficos de barras com a informação de uma tabele de frequências; ✓Calcular a média aritmética de um conjunto de dados numéricos; ✓Formular questões suscetíveis de tratamento estatístico, e identificar os dados a recolher e a forma de os obter; ✓Distinguir dados de natureza qualitativa de dados de natureza quantitativa, discreta ou contínua; ✓Recolher, classificar em categorias ou classes, e organizar dados de natureza diversa; ✓Construir e interpretar tabelas de frequências absolutas e relativas, gráficos de barras, de linha e diagramas de caule-e-folhas; ✓Compreender e determinar a média aritmética de um conjunto de dados e indicar a adequação da sua utilização, num dado contexto; ✓Compreender e determinar os extremos e a amplitude de um conjunto de dados ✓Interpretar os resultados que decorrem da organização e representação de dados, e formular conjeturas a partir desses resultados Construir e interpretar gráficos circulares.	7
UNIDADE 7 **NÚMEROS RELATIVOS** • Noção de número inteiro e representação na reta numérica • Comparação e ordenação de números • Adição e subtração com representação na reta numérica	○ Identificar grandezas que variam em sentidos opostos e utilizar números inteiros para representar as suas medidas; ○ Localizar e posicionar números inteiros positivos e negativos na reta numérica; ○ Compreender as noções de valor absoluto e de simétricos de um número; ○ Comparar e ordenar números inteiros; ○ Adicionar e subtrair números inteiros.	✓ Envolver problema que envolve propriedades da adição; ✓ Operar com números naturais; ✓ Identificar grandezas que variam em sentidos opostos e utilizar números inteiros para representar as suas medidas; ✓ Localizar e posicionar números inteiros positivos e negativos na reta numérica; ✓ Compreender as noções de valor absoluto e de simétrico de um número; ✓ Comparar e ordenar números inteiros; ✓ Estabelecer uma relação entre o tempo e os números, ✓ Identificar datas com referência histórica; ✓ Adicionar números inteiros; Subtrair números inteiros	7
➢Atividades de consolidação			4
• Preparação para a prova final • Testes de avaliação • Autoavaliação			6
Total de blocos do 3ºPeríodo = 24			

IX.I: Planificação de um dia no 1.ºCEB

(evolução das planificações)

Instituição A

Professora – **Estagiária:** Carla Carvalho

Ano de Escolaridade _ 1ºB

Data _ 7 de novembro, 2011

Hora _ 8:30 até 16:00

Área	Bloco	Conteúdos	Objetivos	Estratégias/Atividades	Competências a desenvolver/metas de aprendizagem	Recursos Materiais	Avaliação
Língua Portuguesa	Leitura; Escrita; Expressão do Oral.	-Letra maiúscula, minúscula, impressa, manuscrita (letra l); -Letra, palavra e frase.	-Conhecer e aplicar a letra maiúscula, minúscula, impressa, manuscrita (letra l) -Usar a letra "L" na palavra e na frase. - Respeitar a direccionalidade da escrita; -Usar adequadamente maiúsculas e minúsculas, utilizar a linha de base como suporte de escrita; -Escrever legivelmente;	**8:30 até 10:00** -Leitura da história do "L", segundo o método Jean Qui Rit; -Escuta da canção da letra "L" do manual interativo. -Realização do gesto da letra "L" (isolada e depois com as vogais e consoantes). -Treino da letra nas suas diversas representações, no quadro branco. -Realização das páginas 10 e 11 do caderno caligráfico.	-Reconstrói palavras por combinação de sons da fala (fonemas). - Segmenta foneticamente qualquer palavra; - Identifica e escreve letras maiúsculas e minúsculas; -Faz a correspondência som/grafema para letras do alfabeto; -Usa a correspondência letra/som para ler palavras desconhecidas. -Usa o conhecimento das sílabas para decifrar palavras desconhecidas. -Escreve palavras e frases - Copia palavras e frases em letra manuscrita. - Transcreve de letra impressa para letra manuscrita.	- Ficha de trabalho; -Computadores; - Manual de Matemática, Estudo do Meio e Língua Portuguesa; - Material de escrita; - Quadro branco; - Caixa de cartão; - Materiais da sala de aula e espaço exterior.	**Modalidade** Formativa **Técnica** Observação direta **Instrumento** Atividades realizadas e participação dos alunos.
Matemática	Números e Operações;	Operações com números naturais;		**10:00 até 11:30 (com o intervalo de 15 min.)** - Utilizar exemplos com materiais da sala para	- Reconhece os números inteiros e de formas		

			-Compreender a adição no sentido de combinar e acrescentar; -Adicionar, utilizando a representação horizontal; - Representar números na reta numérica;	compreender o sentido de "combinar" e "acrescentar" - Realização os exercícios da página 43, 44 e 45 do manual de Matemática; - Correção dos exercícios é feita gradualmente e em grande grupo.	diferentes de os representar e relacionar - Usa as propriedades das operações em situações concretas, em especial quando aquelas que facilitam a realização de cálculos; - Experimenta as possibilidades expressivas dos materiais, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações. - Usa processos organizados de contagem.		
Informática	Paint		- Utilizar a ferramenta "paint";	**11:30 até ao 12:15** - Pintura de uma imagem, utilizando a ferramenta paint; - O trabalho será realizado em pares;	- Cria, sob orientação do professor, documentos digitais simples como resultado de tarefas de aprendizagem.		
Estudo do Meio	À descoberta dos materiais e objetos	Realizar experiências com alguns materiais e objetos de uso corrente	Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma,	**14:00 até 16:OO** **-** Realização de uma atividade experimental "Consegues identificar objetos sem os ver?" - Realização da página 41 do manual de Estudo do Meio;	- Distingue diferentes materiais segundo as suas propriedades		

			textura, cor, sabor, cheiro…). Agrupar materiais segundo essas propriedades.	- Realização de uma ficha de trabalho, elaborada pela estagiária.			

Operacionalização

-Depois de realizar a oração, a estagiária apresentará a imagem da letra "L", lendo a história e ensinando o gesto da mesma (segundo o método Jean Qui Rit). De seguida, os alunos escutarão a música da letra "L", incluída no manual interativo. Posteriormente, a estagiária começará por juntar as vogais (la, le, li, lo, lu) e no final juntará sílabas das consoantes já aprendidas anteriormente (p, t e d) formando palavras simples como: lata, pala, lado, etc.

- Para treinar a escrita da letra, a estagiária chamará grupos de 5/6 alunos para treinarem o exercício no quadro com o seu acompanhamento, enquanto os outros, que estão no lugar, praticarão o exercício em cima da mesa. Os alunos que terminarem o exercício no quadro iniciam a realização das páginas 10 e 11 dos cadernos caligráficos (anexo A).

- De seguida, na Matemática, a estagiária utilizará materiais da sala de aula (livros, canetas, estojos, mochilas), para explicar aos alunos o que é "combinar" e " juntar" no processo de operação que envolve a adição. No final, e como consolidação, os alunos resolverão as páginas 43, 44 e 45 do manual (anexo B). Nestes exercícios os alunos já exercitam a representação (algoritmo) da adição horizontalmente.

- Antes do almoço, os alunos irão para a sala de informática, pintar um desenho (anexo C) utilizando o "paint", no entanto, para a decoração do mesmo, deverão utilizar outras ferramentas para além das utilizadas nas semanas anteriores.

- Depois do almoço, em Estudo do Meio, a estagiária realizará uma atividade experimental. A atividade consiste em colocar objetos, da sala e do espaço exterior, dentro de uma caixa e fecha-la para que não se veja o conteúdo. De seguida pede-se a alguns alunos que apenas com o tato, tentem identificar qual a forma e a textura do objeto. Quando identificarem as características do objeto, retira-se o mesmo da caixa, confrontando a resposta do colega com a opinião da turma. Para sistematizar esta atividade, os alunos realizarão a página 41 do manual de estudo do meio (anexo D) e uma ficha de trabalho realizada pela estagiária.

- No final da aula, será marcado trabalho de casa para os alunos.

Nota: Caso alguma atividade termine antes da hora planificada, os alunos irão realizar exercícios de leitura com a estagiária.

Instituição A

Professora – **Estagiária:** Carla Carvalho

Ano de Escolaridade _ 1ºB

Data _ 04 de janeiro, 2012

Hora _ 8:30 até 12:15

Área	Bloco	Conteúdo	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos materiais	Avaliação
Língua Portuguesa Matemática EMRC	Leitura Escrita; Números e operações Jesus chama-nos a viver em família	Letra "F": maiúscula, minúscula, impressa e manuscrita; Plano fonológico e plano discursivo; Entoação e ritmo; Direccionalidade da linguagem escrita;	- Reconhecer que a mesma letra pode ser representada através de diferentes formas gráficas; - Ler, respeitando a direcionalidade da linguagem escrita; - Distinguir letra, palavra e frase; - Identificar os sons da palavra; - Ler palavras através da correspondência som/letra; - Escrever, respeitando a direccionalidade de escrita; - Usar adequadamente	**08:30 - 08:45** Acolhimento: oração e novidades **08:45 - 10:00** Resolução das páginas 39 e 40 do livro de fichas de Língua Portuguesa. Correção feita através do quadro interativo. **10:00 - 10:30** Realização de operações envolvendo a subtração e adição, no caderno diário de Matemática. Correção realizada no final dos	- Material de escrita; - Quadro interativo e branco; - Livro de Fichas de Língua Portuguesa; - Caderno diário de Matemática;	<u>Modalidade</u> Formativa <u>Técnica</u> Observação direta <u>Instrumento</u>

		- Operações com números naturais; - Reis Magos	minúsculas e maiúsculas; - Escrever palavras e frases de acordo com um modelo. - Resolver problemas que envolvam a adição e subtração. - Conhecer a comemoração dos Reis	exercícios pela estagiária. **11:45 – 12:15** Diálogo com os alunos sobre os Reis Magos e a comemoração do "Dia de Reis". Pintura de um desenho sobre os Reis Magos.	- Desenho dos Reis.	Atividades realizadas e participação dos alunos.

Operacionalização

O dia de aulas começará com o acolhimento, desta forma um aluno irá realizar a oração, seguindo-se o espaço para os alunos contarem algumas novidades.

A primeira atividade da manhã irá consistir na realização das páginas 39 e 40 do livro de fichas de Língua Portuguesa. Ao realizar os exercícios, alguns alunos irão ser chamados para lerem palavras/frases expressas no livro. De seguida, a estagiária irá indicar algumas operações envolvendo subtrações e adições, no quadro branco. Os alunos terão que copiá-las e resolvê-las no caderno diário de Matemática.

Após o intervalo e a aula de Educação Física, o tempo será dedicado à EMRC, onde se dialogará sobre o tema dos Reis Magos e a comemoração do "Dia dos Reis". Como atividade deste conteúdo, os alunos irão colorir um desenho fornecido pela estagiária.

Eventualidades/precauções: Sempre que as atividades terminem antes do tempo planificado, serão realizados exercícios de leitura com os alunos.

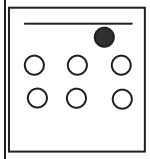
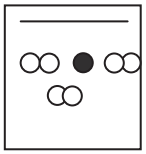
Como resultado de avaliações, realizadas em aulas anteriores, o aluno João Miguel terá um apoio individualizado, especialmente na cópia de frases do quadro, ou seja, será dado ao aluno uma folha, com as frases escritas no quadro, para que este copie diretamente da mesma (letra manuscrita).

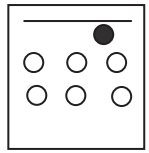
IX.I: Planificações do 2.ºCEB

Instituição B

ção.

Disciplina: Ciências da Natureza	**Unidade didática: Processos vitais comuns aos seres vivos: Como se alimentam as plantas.**	**Ano/Turma**: 6ºA	**Ano letivo:** 2011/2012
Aula nº: 90 **Data:** 30-05- 2012	**Sumário:** Correção do trabalho de casa. Os órgãos de reserva das plantas. Atividade experimental: Que tipos de nutrientes armazenarão as plantas?		
Tempo: 45 minutos	**Professor titular:**	**Professora estagiária:** Carla Carvalho	

Conteúdos programáticos	Descritores de desempenho	Estratégias/Atividades	Tempo	Forma social de trabalho	Recursos	Avaliação
TEMA I **Processos vitais comuns aos seres vivos:** **- Como se alimentam as plantas? (órgãos de reserva)**	- Compreende que as plantas armazenam os nutrientes produzidos em órgãos de reserva; - Identifica alguns órgãos de reserva das plantas; - Reconhece o tipo de nutrientes que esses mesmos órgãos armazenam.	**Correção do trabalho de casa:** Correção dos exercícios da página 121 do manual (P1) de Ciências da Natureza. (revisão dos conceitos da aula anterior) **Motivação:** *Onde armazenarão as plantas o seu alimento?* Breve discussão dos assuntos relativos à questão. Esquematização de conceitos no quadro. **Atividade experimental:** *Que tipos de nutrientes armazenarão as plantas?* Preenchimento de uma ficha de trabalho. *(organização em grupos)*	**10'** **10'** **15'**	 	- Manual P1; - Quadro branco; -Caderno diário; - Material de escrita; - Gobelé; - Água iodada; - Papel absorvente; -conta gotas; - Almofariz; - Batata; - Água do arroz; -Noz; - Amendoim. - Ficha de trabalho.	Pontualidade; Avaliação diagnóstica. Observação das aulas: -Qualidade de intervenção - Concretização das atividades; - Empenho; - Respeito pelos Professores e Pares; Avaliação formativa

		Exposição teórica: Sistematização dos conceitos através da correção da ficha de trabalho.	**10'**			

Operacionalização:

O início da aula será marcado, como habitualmente, pela escrita do sumário no quadro. De seguida, será corrigido o trabalho de casa, marcado na aula passada, da página 121 do manual P1, relativo ao processo de fotossíntese. Com a correção do trabalho de casa, será feita uma revisão dos conteúdos.

Como motivação para o tema da aula, será colocada a seguinte pergunta de partida: *Onde armazenarão as plantas o seu alimento?*
Com a discussão desta pergunta, será esperado que os alunos consigam chegar à conclusão que as células das plantas necessitam dos nutrientes produzidos nas folhas, no entanto, quando não são consumidos são armazenados, em determinados órgãos (órgãos de reserva). Antes de iniciar a experiência, será colocada uma síntese esquemática no quadro, com os conceitos fundamentais para a compreensão do tema. Os alunos deverão passar para o caderno diário o esquema.

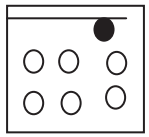
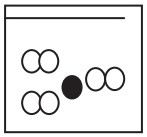
Posteriormente será entregue uma ficha de trabalho, de acompanhamento para a realização de uma atividade experimental. Desta forma, a turma será dividida em 4 grupos de 6 elementos. Os alunos, inicialmente, seguirão o protocolo experimental, e responderão às questões, em grupo, de acordo com as observações verificadas na atividade experimental correspondente. Quando terminarem a atividade, voltarão para os respetivos lugares.

De seguida, será corrigida a ficha de trabalho. Na correção, a estagiária e os alunos dialogarão sobre os resultados experimentais, como forma de sistematização os conteúdos. No final da aula, será acrescentada informação ao esquema realizado no início da aula.

Nota: Alguns alunos levarão para casa ficha de apoio, relacionada com o conteúdo da aula.

Instituição B

Disciplina: Matemática	**Unidade didática:** Volumes	**Ano/Turma**: 6ºA	**Ano letivo:** 2011/2012
Aula nº:	**Sumário:** Volume do cilindro. Resolução de exercícios sobre volumes. **PROPÓSITO PRINCIPAL DE ENSINO:** Desenvolver nos alunos o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão das propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a compreensão de grandezas geométricas e respetivos processos de medida, bem como a utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas em contextos diversos **OBJETIVO GERAL:** • Compreender propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço; • Desenvolver a visualização e o raciocínio geométrico e ser capazes de os usar; • Ser capaz de analisar padrões geométricos e desenvolver o conceito de simetria; • Ser capaz de resolver problemas, comunicar e raciocinar matematicamente em situações que envolvam contextos geométricos		
Data: 19-04-2012			
Tempo: 90 minutos	**Professor titular:**	**Professora estagiária:** Carla Carvalho	

Tópicos	Objetivos específicos	Estratégias/atividades	Tempo	Forma Social de trabalho	Recursos	Avaliação
- Volume do cubo, paralelepípedo e do cilindro. -Unidades de volume.	- Resolver problemas que envolvam volumes de cilindros; - Relacionar as unidades de volume com as unidades de capacidade do sistema SI; - Explicar e justificar os processos, resultados e ideias matemáticos; - Exprimir ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito, usando vocabulário próprio; - Conceber e pôr em prática	- Escrita da lição e do sumário (ditado pela estagiária); Revisões da aula anterior: - Correção do trabalho de casa (anexo A). <u>Motivação</u> "**Que tipo de embalagem escolher?"** atividade realizada em grupos, com a finalidade de encontrar a solução para o desafio proposto sobre volume de dois cilindros. **"O que varia?"** atividade de observação em que os alunos deverão chegar à conclusão sobre a fórmula do volume do cilindro. (anexo B)	5' 10' 25'	 	- Manual P2 - MSI6; - Quadro; -Folhas A4; - Fita-cola; - Réguas, - Caixas de CDs. - Feijões - Recipiente de recolha de materiais para a verificação da capacidade dos	Pontualidade; Avaliação diagnóstica (atividade de motivação); Avaliação formativa Observação das aulas: • Qualidade de intervenção; • Concretização das atividades; • Empenho; • Respeito pelos Professores e Pares;

	estratégias de resolução de problemas, verificando a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados; - Discutir resultados, processos e ideias matemáticos.	<u>Exposição teórica:</u> - Visualização de um vídeo sobre conceito de volume (anexo C). **Exercícios de aplicação:** Resolução de alguns exercícios da página 66 e 67 do manual P2 (anexo D). Correção dos exercícios no quadro.	5’ 45’		«cilindros» construídos. - Calculadora.	

OPERACIONALIZAÇÃO

No início da aula, a estagiária ditará o sumário e a lição, tendo os alunos que passar a informação para o caderno. De seguida, será corrigido o trabalho de casa, neste momento será feita uma sistematização de conteúdos sobre volume (anexo A). Quando terminarem, os alunos deverão juntar-se em grupos.

A atividade de motivação consistirá na colocação de duas questões colocadas na ficha de trabalho apresentada na aula (anexo B). Na atividade 1, os grupos deverão registar a sua opinião e fundamentar corretamente a opção escolhida, para que depois, se discutam os resultados com os respetivos grupos de forma a chegar à conclusão final. Para tal, os alunos terão à sua disposição materiais, que os poderão ajudar a decidir a opção correta. Na atividade 2, os alunos tentarão responder às questões do problema de forma a passar da verificação empírica para determinar o volume do cilindro, para uma verificação matemática, estabelecendo desta forma a fórmula do volume do cilindro.

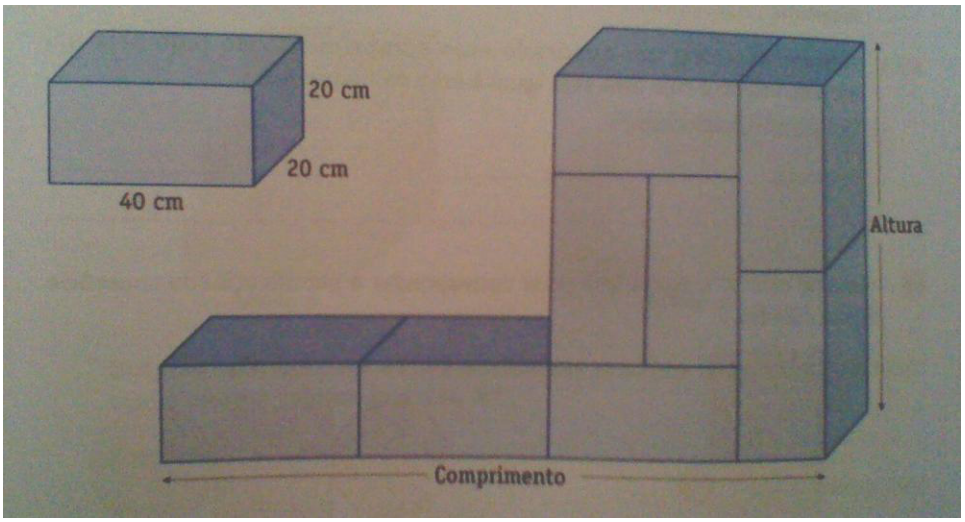
Posteriormente, em jeito de sistematização de conceitos, será apresentado um vídeo relativo ao conceito de volume introduzido nesta aula (anexo C).

Para consolidar os conhecimentos, os alunos resolverão alguns exercícios da página 66 e 67 do manual P2 (anexo D), sendo os respetivos exercícios corrigidos na aula.

Anexo A

O Nuno fez um “castelo” com caixas iguais de forma de paralelepípedos retângulos, como se mostra na figura seguinte.

Cada uma das caixas têm as seguintes dimensões: 40 cm de comprimento, 20 cm de largura e 20 cm de altura.



Calcula:

a) O comprimento do “castelo”.

b) A altura do “castelo”.

c) O volume do “castelo”.

d) A área total da superfície do “castelo”.

Apresenta todos os cálculos que efetuares.

ANEXO B

O Volume do cilindro

1) Que tipo de embalagem escolher?

Os alunos de uma turma do 6.º ano estão a preparar uma oferta para dar aos pais, numa festa de fim de ano. Querem presentear cada familiar com uma pequena caixa de bombons.

Como não podem gastar muito dinheiro, querem fazer as embalagens na escola a partir de folhas de papel, com uma certa espessura e de tamanho A4.

Já decidiram que as embalagens terão forma cilíndrica, mas estão com dificuldades em definir como vão enrolar a folha, pois pretendem a embalagem com menor volume.

Uma parte da turma acha que se a folha for enrolada como mostra a figura 1 terá menor volume, mas outra parte dos alunos acha que é a forma da figura 2.

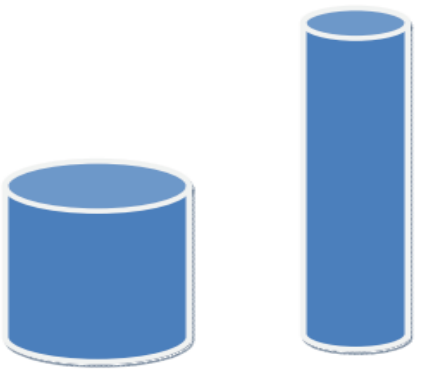


Figura1

Figura 2

Qual é a tua opinião?

Arranja uma estratégia para convencer os outros grupos da tua opinião. Podes usar alguns dos materiais que se encontram à disposição.

2) O que varia

Sobrepõe, um a um, os CDs.

a) O que observas?

b) Como te parece que vai variando o seu volume?

c) Olhando agora para o sólido formado, o que deves ter em conta para calcular o seu volume? Justifica o teu raciocínio.

d) Mantendo a mesma altura, que aconteceria ao volume do sólido, se os CDs a sobrepor tivessem uma área menor? Porquê?

ANEXO C

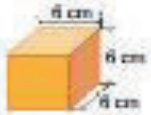
http://brip.portoeditora.pt/page.php/resources/view_all?id=index_20527p2

ANEXO D

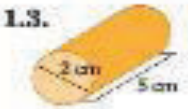
1 Determina a medida do volume de cada um dos sólidos geométricos seguintes (considera $\pi \approx 3{,}14$).

1.1.

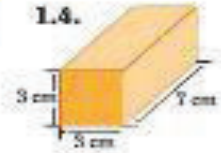
1.2.



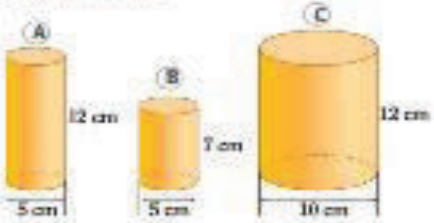
1.3.



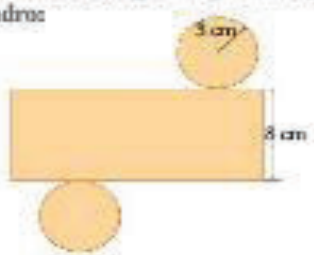
1.4.



2 Calcula a medida do volume de cada um dos cilindros.



3 Considera a seguinte planificação de um cilindro:



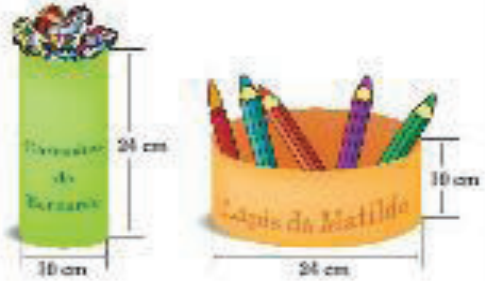
3.1. Qual a altura do cilindro?

3.2. Considerando $\pi \approx 3{,}14$, calcula a área da base.

3.3. Qual o volume do cilindro?

3.4. Investiga que quantidade de papel seria necessária para fazer a planificação deste cilindro. Explica como pensaste.

4 As caixas



A Matilde disse:

– A minha caixa tem maior volume do que a tua!

O Bernardo disse:

– Não vês que as duas têm o mesmo volume!

Com qual dos dois estás de acordo? Apresenta a tua justificação.

5 A Rute colocou água até 12 cm de altura num copo cilíndrico com 6 cm de raio da base. De seguida, colocou uma concha dentro deste copo, o que provocou uma subida de 0,5 cm na altura do nível da água.

5.1. Qual o volume da água?

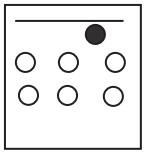
5.2. Qual o volume da concha?

6 Qual das latas contém mais comida para gato?

Instituição B

ção.

Disciplina: História e Geografia de Portugal	**Unidade didática:** O Estado Novo	**Ano/Turma**: 6ºA	**Ano letivo:** 2011/2012
Aula nº:	**Sumário:** Entrega e correção do teste de avaliação. A oposição ao Estado Novo. Resolução de exercícios.		
Data: 16-03-2012			
Tempo: 90 minutos	**Professor titular:**	**Professora estagiária:** Carla Carvalho	

Conteúdos	Competências	Objetivos específicos	Estratégias/Atividades	Tempo	Forma social de trabalho	Recursos	Avaliação
Tema D – O século XX **Subtema:** Os anos da Ditadura. - Oposição ao Estado Novo;	- Reconhece acontecimentos que produziram mudanças significativas em Portugal neste período, sensibilizando-se para os conceitos de interação/causalidade; -Analisa documentos escritos e iconográficos; - Estabelece relações entre passado e presente; - Explicita ideias - base para a construção de conhecimento; -Desenvolve a comunicação oral e escrita expressando ideias e situações e utilizando conceitos e vocabulário específicos.	- Compreender o aparecimento dos movimentos de oposição ao Estado Novo; - Conhecer os movimentos de oposição do Estado Novo;	Entrega e correcção do teste de avaliação. Revisão da aula anterior: - Diálogo com os alunos sobre os conteúdos da aula anterior, relativos às restrições à liberdade. - Elaboração de um esquema no quadro com os pontos essenciais, para ajudar os alunos na compreensão do aparecimento dos movimentos de oposição ao Estado Novo. Exposição teórica: - Análise das imagens, textos e documentos do manual. - Análise do conteúdo da letra de uma canção de Zeca Afonso. - Resolução e correção de	**40'** **15'** **20'** **10'**		- Manual; - Quadro Branco; - Caderno diário; - Material de escrita. -Manual; - Ficha informativa;	Pontualidade; Avaliação diagnóstica (atividade de revisões)) Avaliação formativa; Observação das aulas: • Qualidade de intervenção; • Concretização das atividades; • Empenho; • Respeito pelos Professores e Pares;

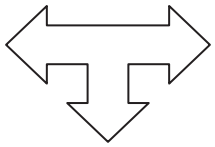
			exercícios do manual da página 118. Preenchimento das fichas de auto-avaliação.	**5'**		-Ficha de auto-avaliação.	

OPERACIONALIZAÇÃO

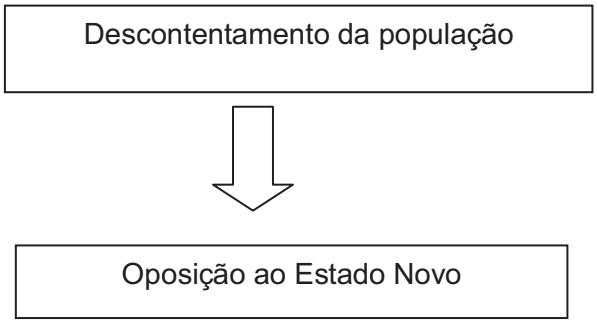
O inicio da aula será marcado pela correção do teste de avaliação. A correção será realizada oralmente pela estagiária. De seguida, antes de iniciar o conteúdo dos movimentos de oposição ao estado novo, será feita uma revisão sobre os tópicos principais da aula anterior, ou seja, sobre as restrições à liberdade. O objectivo deste diálogo consiste no levantamento de pontos que levaram ao aparecimento de movimentos de oposição ao Estado Novo como:

Restrições à liberdade:

- Criação de um partido único;
- Censura prévia;
-Policia politica;
- Legião Portuguesa;
- Propaganda ao Estado Novo;



- Elevada taxa de analfabetismo;
- Más condições de trabalho;
- Pobreza;
- Trabalho infantil



Com estes pontos será feito, no quadro branco, uma síntese esquemática, tendo os alunos que a copiar para o seu caderno diário.

De seguida, dar-se-á lugar a um momento de exposição teórica, através da análise de imagens, documentos, textos do manual e informação extra fornecida pela estagiária. Serão desta forma abordados: o protesto dos trabalhadores; os movimentos da oposição; a candidatura de Humberto Delgado (ficha informativa – anexo B); as revoltas dos estudantes e os intelectuais contra o regime. Neste seguimento, e aproveitando o destaque que o manual oferece aos principais intelectuais contra o regime, será analisada uma letra de uma canção de Zeca Afonso

(ficha informativa – anexo B), que evidencia uma critica clara ao Estado Novo. No final, os alunos realizarão os exercícios da página 118 do manual de História e Geografia de Portugal, que será acompanhada pela respectiva correcção feita pela estagiária.

No final, os alunos preencherão uma ficha de auto-avaliação relativa ao 2º período.

Ficha Informativa

Carta de Humberto Delgado para Américo Tomás

Lisboa, 23 de Junho de 1958.

Ex. Sr. Almirante Américo Tomás.

Num país civilizado e democrático de eleições livres, eu teria enviado a Vª Ex.ª um telegrama de parabéns pela vitória nas eleições (…). Sucede, porém, que eu fui violentamente roubado nas eleições, além de perseguido e vexado (…) [Por isso] muito lamento que Vª Ex.ª se decida a aceitar um cargo obtido por aquela forma.

Porque talvez Vª Ex.ª desconheça, traduzo do *New York Times* de 10 do corrente:

"O General Humberto Delgado, é claro, perdeu por uma larga maioria a favor do candidato escolhido pelo ditador e Primeiro Ministro António Salazar. O nome de vencedor é, por acaso, Almirante Américo Tomás, mas isso não tem qualquer importância. Ele não terá qualquer poder e o Dr. Salazar podia, da mesma forma, ter escolhido o polícia de trânsito mais à mão".

Este passo dá a ideia de que no estrangeiro se pensa da farsa das eleições e da função que a Vª Ex.ª atribuem como o Presidente da República eleito por aquela forma, afrontosa da dignidade humana.

A Bem da Nação,

Humberto Delgado, General – adaptado

Venham mais cinco

Venham mais cinco, duma assentada que eu pago já
Do branco ou tinto, se o velho estica eu fico por cá
Se tem má pinta, dá-lhe um apito e põe-no a andar
De espada à cinta, já crê que é rei d'aquém e além-mar

Não me obriguem a vir para a rua
Gritar
Que é já tempo d' embalar a trouxa
E zarpar

A gente ajuda, havemos de ser mais
Eu bem sei
Mas há quem queira, deitar abaixo
O que eu levantei

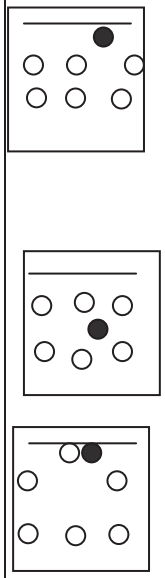
Não me obriguem a vir para a rua
Gritar
Que é já tempo d' embalar a trouxa
E zarpar

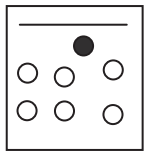
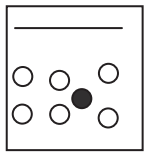
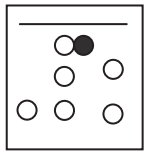
Bem me diziam, bem me avisavam
Como era a lei
Na minha terra, quem trepa
No coqueiro é o rei Canção de Zeca Afonso (excerto), 1973

Instituição B

ção.

Disciplina: Língua Portuguesa	**Unidade didática: Texto não literário: A notícia; O texto narrativo: narração e descrição.**	**Ano/Turma**: 6ºA/1	**Ano letivo:** 2011/2012
Aula nº:	**Sumário: Realização de uma ficha de trabalho sobre: a descrição, a notícia e o texto narrativo.**		
Data: 03-05-2012			
Tempo: 90 minutos	**Professor titular:**	**Professora estagiária:** Carla Carvalho	

Conteúdos programáticos	Descritores de desempenho	Estratégias/Atividades	Tempo	Forma social de trabalho	Recursos	Avaliação
OUVIR/FALAR: **Comunicação oral:** <u>Expressão verbal em interação:</u> - intencionalidade comunicativa; - adequação comunicativa **Comunicação oral regulada por técnicas:** <u>Expressão verbal em interação</u>**:** -intencionalidade comunicativa - pertinência das ideias **Compreensão de enunciados orais:** -sentido global e	Produzir discursos variados, tendo em conta a situação concreta e os participantes: - expor e justificar opiniões; - apresentar sugestões e propostas; - respeitar normas reguladoras da comunicação oral Experimentar diversas técnicas de comunicação e de expressão: - diálogo; Exercitar a compreensão de discursos orais variados:	- Pergunta de partida: ***Quais as características da descrição?*** (diálogo com os alunos e apresentação de um acetato). **Produção textual:** - Elaboração de uma descrição a partir de uma imagem fornecida. (trabalho individual). -Apresentação à turma de alguns trabalhos – apresentação da descrição elaborada pela estagiária. ***Quais as características da notícia?*** (diálogo com os alunos e	**10'** **20'** **10'**		- Retroprojetor; - Acetato. - Retroprojetor; - Acetato; - Ficha de trabalho; -Material de escrita. - Retroprojetor; - Acetato.	Pontualidade; Avaliação diagnóstica (diálogo) Observação das aulas: -Qualidade de intervenção - Concretização das atividades; - Empenho; - Respeito pelos Professores e Pares Avaliação formativa: - Leitura; - Escrita;

pormenores; **LEITURA** **- Leitura recreativa:** - sentido global; - receção afetiva e estética; **ESCRITA** **Tomar consciência progressiva de diferentes modelos de escrita:** <u>Escritas para apropriação técnica e de modelos:</u> - preparação do texto; -exploração do tema; -intencionalidade comunicativa; -adequação comunicativa; -organização das ideias;	-reter informações; -selecionar informação de acordo com um objetivo; -cumprir instruções; - responder a perguntas. Praticar diferentes modalidades de contacto com o texto escrito: - Ler ou ouvir ler textos próprios ou de outros alunos. Experimentar, no âmbito de projetos de trabalho, diferentes tipos de escrita com finalidades e destinatários diversos: - Descrição; -Noticia; Construir textos narrativos em prosa (narração, diálogo):	apresentação de um acetato) - Identificação das características da notícia, através da resolução de exercícios apresentados numa ficha de trabalho. **Produção textual:** - Transformação de uma notícia num texto narrativo. (trabalho individual) -Apresentação à turma de alguns trabalhos – apresentação da narrativa elaborada pela estagiária.	**10’** **25’** **15’**	  	- Retroprojetor; - Acetato; - Ficha de trabalho; -Material de escrita. - Ficha de trabalho; -Material de escrita ;	

-Construção do texto: - exploração do tema; - intencionalidade comunicativa; - adequação comunicativa; - organização das ideias; - Construção do texto: - encadeamento das partes do texto; -construção do parágrafo e da frase; -pontuação; - vocabulário; - ortografia; - Apresentação: - organização gráfica; **Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de**	Praticar o aperfeiçoamento de textos em:					

técnicas de auto e de heterocorreção <u>Aperfeiçoamento de texto</u>	- trabalho individual (autocorreção e heterocorreção);					

Operacionalização:

O início da aula será marcado pela colocação de uma pergunta de partida: *Quais as características da descrição?* Através desta questão, serão relembradas as características do texto descritivo, como forma de sistematização de conhecimentos. As características serão projetadas no retroprojetor (anexo A), sendo analisados alguns exemplos de momentos de descrição. De seguida, será fornecida aos alunos uma ficha de trabalho.

A primeira atividade será a realização de uma descrição através de uma imagem (anexo B). No decorrer da realização a estagiária percorrerá os lugares para tirar as dúvidas dos alunos. No final, serão chamados alguns alunos, que irão ler e apresentar os seus trabalhos à turma (o modelo da estagiária também irá ser apresentado).

Posteriormente, será recordado as características e a estrutura da notícia, tal como o momento anterior, será projetado no quadro, informação para que seja feita a sistematização de conteúdos (anexo C). De seguida, será dada a segunda parte da ficha de trabalho (anexo B). Neste exercício os alunos serão confrontados com uma notícia relativa à imagem que descreveram no exercício anterior, no entanto, nesse momento será pedido que os alunos identifiquem os aspetos estruturais da notícia.

Na segunda parte da aula, os alunos serão confrontados com a elaboração de um texto narrativo. Assim, a partir da notícia, os alunos deverão elaborar uma narrativa tendo em conta as indicações pedidas no enunciado da ficha de trabalho (anexo B). A elaboração da narrativa será apoiada pela estagiária, que andará pelos lugares de forma a colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos. No final, serão apresentados alguns trabalhos (o modelo da estagiária também irá ser apresentado).

Nota: Será entregue uma ficha de trabalho a todos os alunos. As produções textuais serão realizadas na ficha de trabalho, ou numa folha em anexo, pois serão recolhidos e corrigidos pela estagiária.

Caso as atividades terminem antes do tempo planificado, será apresentado o conteúdo do texto expositivo (anexo D).

Anexo XI : Instrumentos de avaliação

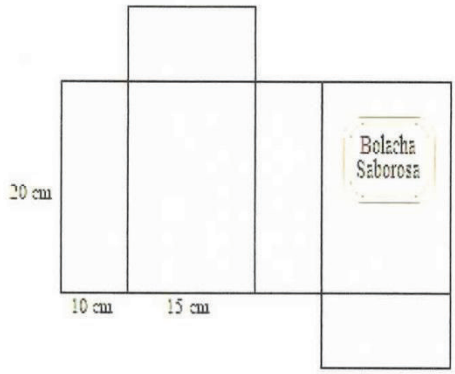
XI.I: Teste de matemática

Nome:.....Nº..... Turma:.....

Avaliação:.....Profª:..... Enc. de Educação:.....

Grupo I

1- Observa a seguinte planificação de uma caixa de bolachas.

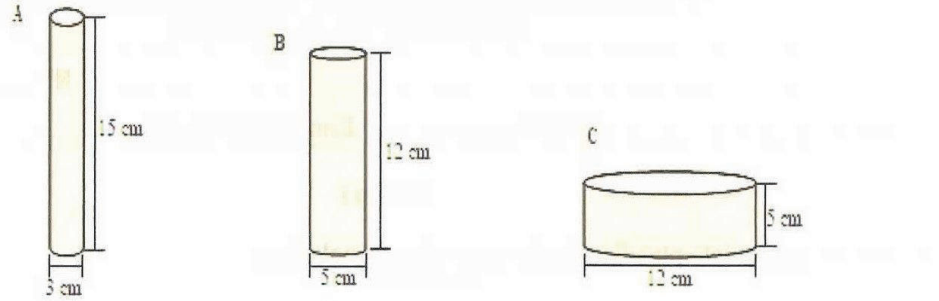


1.1Qual a quantidade de papel, em cm^2, que é gasto a fazer esta caixa de bolachas? Apresenta todos os cálculos que efetuares.

1.2 Qual é o volume da caixa de bolachas? Apresenta todos os cálculos que efetuares.

Versão 2

2- Indica se as latas A, B e C têm a mesma capacidade, justificando a tua resposta.



Grupo II

1. Ao comprar a sua casa, a Manuela pagou por duas vezes. Já tinha dado 8% de 245 mil euros, correspondendo ao sinal que teve de pagar para assegurar a compra da casa, e no dia da escritura pagou 245 mil euros. Por que quantia ficou a sua casa?

1. A Sofia leu no rótulo de um produto de limpeza que, para aplicação em carpetes, este deve ser diluído em água na razão de 4:21.
Se a Sofia pretender obter um balde com 5 litros da mistura, que quantidade de água e de produto deve misturar?

3 1

2. Numa loja de material de informática para revenda, o preço de um rato sem fios é diretamente proporcional ao número de peças vendido. Para facilitar as vendas, o funcionário encarregado das vendas fez a seguinte tabela.

x	3		10	12	
y	12	24			80

3.1 Completa a tabela justificando os teus cálculos.

3.2 Indica a constante de proporcionalidade e o seu significado.

3. Escolhe a única resposta correta:

4.1 O termo geral, termo de ordem n, da sequência 8 , 15 , 22 , 29 , ... , é:

(A) $7n+1$ (B) n^2+6 (C) $2n-2$ (D) n^3-1

4.2 O termo seguinte da sequência 10 , 20 , 40 , 70 , 110 , ... é:

(A) 120 (B) 130 (C) 100 (D) 160

4.3 O 12º termo da sequência de termo geral 5xn-1 é:

(A) 511 (B) 55 (C) 59 (D) 60

Grupo III

1- Determina o valor numérico de cada uma das seguintes expressões, apresentando o resultado sob forma de fração irredutível.

1.1 $\frac{3}{4}+\frac{1}{3}\times\frac{5}{2}$

1.2 $\frac{3}{2}\times\left(\frac{1}{4}+\frac{5}{3}\right)$

Versão 2

1.3 $\left(\frac{1}{2}+\frac{3}{4}\right)\div 3$

2- A Natália adora ler! Na semana passada, de segunda a quinta- feira, leu um livro com 225 páginas.

Na segunda-feira leu $\frac{1}{3}$ do livro, na terça-feira leu $\frac{1}{5}$ e na quarta-feira, como tinha que estudar Matemática, não leu nenhuma página; o restante foi lido na quinta-feira.

2.1 Quantas páginas leu a Natália na terça-feira?

2.2 Determina o número de páginas lidas pela Natália na quinta-feira.

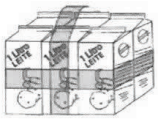
3- A Rita foi para o Algarve passar as férias de Verão com os seus pais. Depois de ter percorrido seis onze avos dos 561 km que separam a sua casa do seu destino de férias, decidiu fazer uma paragem para descansar.

3.1 Quantos metros ainda faltam percorrer para a Rita chegar ao seu destino?

3.2 A Rita vai fazer $\frac{2}{3}$ da viagem em autoestradas. Sabendo que cada quilómetro que percorre na autoestrada tem custo de 11 cêntimos, indica o valor, aproximado às unidades, que a Rita vai gastar para chegar ao seu destino.

Versão 2

4 . A mãe do Francisco e do João comprou 5 pacotes de 1 litro de leite Juvenil.



Todos os dias o Francisco bebe $\frac{1}{2}$ litro de leite e o João bebe $\frac{3}{4}$ de litro de leite.

Os dois juntos, em quantos dias bebem os 5 litros de leite comprados pela mãe?

Explica como chegaste à tua resposta. Podes fazê-lo utilizando palavras, esquemas ou cálculos.

Grupo IV

1. Escreve cada uma das expressões seguintes na forma única de potência.

1.1 $30^4 \div 5^4$

1.2 $3^3 \times 3^4$

1.3 $12^3 \div 4^3$

1.4 $3^3 \times 2^3 \times 6^{12}$

2. Completa os espaços em branco com sinais <,> e =

2.1 $5^3 \times 2^3$_____10×10^2

2.2 $3^2 \div 5^2$_____um ao quadrado

2.3 $2^8 \div 2^2$_____2^{10}

2.4 $3^2 \times 5^2$ _____ 5^2

1. Completa, de modo a obteres afirmações verdadeiras:

1.1 $12^8 \div ___ = 12^3$

1.2 $3^{\cdots} \times 3^5 = 3^9$

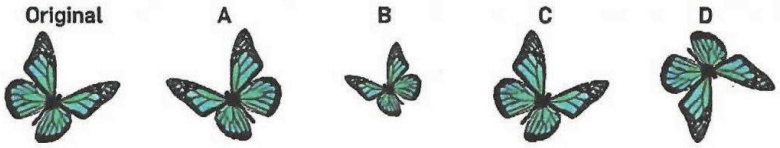
4. A Maria acha que $5^2 \times 5^2 = 5^4$. A Ana, por sua vez, acha que $5^2 \times 5^2 = 25^2$. Qual das duas amigas tem razão? Justifica?

Versão 2

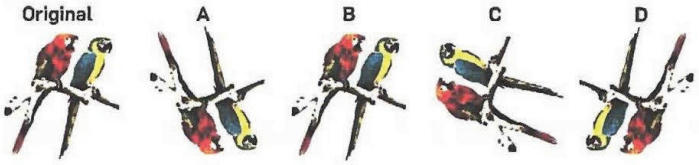
Grupo V

1) Para cada situação, diz qual das figuras A, B, C ou D pode rer obtida por:

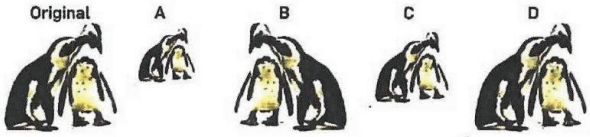
3.1) rotação da figura original



3.2) reflexão deslizante



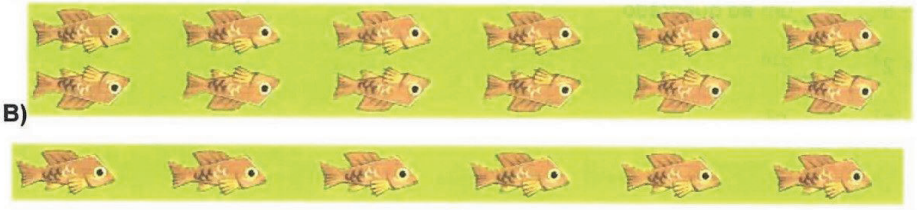
3.3) translação da figura original



2) Observa os frisos seguintes com peixes. Associa cada um deles à identificação das suas simetrias;

A)

B)



E) simetria de translação
F) simetria de reflexão de eixo horizontal e translação

Resposta:.....

Versão 2

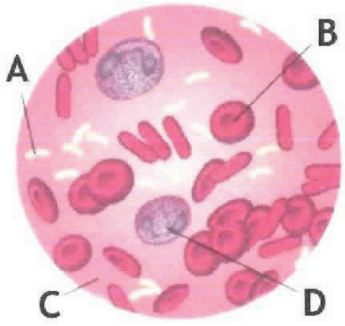
XI.II: Teste de Ciências

Ass. Enc. De Educação: _____

Lê atentamente cada pergunta antes de responder. Não te esqueças de escrever respostas completas.

I

1 – *O João estava a descascar uma maçã e, como estava a brincar ao mesmo tempo, cortou-se num dedo.* A figura ao lado representa uma gota de sangue, quando vista ao microscópio.



1.1 – Legenda a figura.

A - _____

B - _____

C - _____

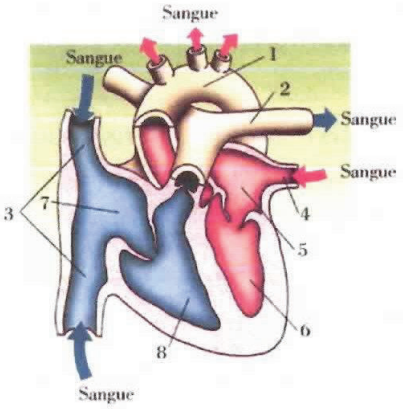
D - _____

1.2 – Indica a letra do constituinte do sangue que vai ajudar o João a:

A – combater os micróbios que entraram no seu organismo? _____

B – coagular o sangue da ferida? _____

2 – *No nosso corpo, incluindo no coração, circulam dois tipos de sangue.*



2.1 – Faz a legenda da figura ao lado.

Artéria Aorta ___ Artéria pulmonar ___

Aurícula Direita ___ Aurícula esquerda ___

Veia pulmonar ___ Veias cavas ___

Ventrículo Direito ___ Ventrículo esquerdo ___

2.2 – Distingue sangue venoso de sangue arterial. _____

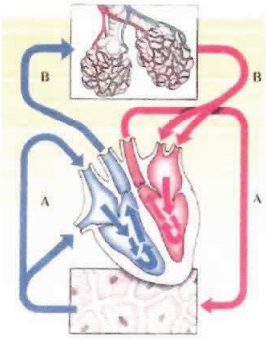
_____

_____

_____

2.2 – Qual o lado do coração onde se encontra o sangue venoso? _____

3 – *O sangue circula, continuamente, no nosso corpo em circuito fechado que passa pelo coração.* Observa com atenção a figura ao lado.



3.1 – Qual das letras A ou B representa a grande circulação? _____

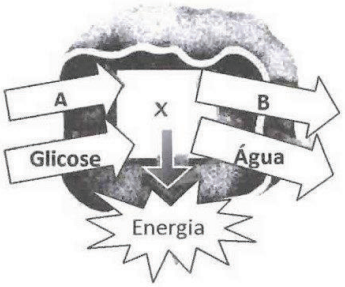
3.2 – Por que razão o sangue passa das aurículas para os ventrículos e não volta novamente para as aurículas? _____

_____

_____

II

1 – Observa a figura que representa o modo através do qual uma **célula** extrai a **energia** dos nutrientes.



1.1 – Nas questões 1.1.1 e 1.1.2, assinala com um ❍ a opção correcta:

1.1.1 – A letra **X** designa-se por:

A – Digestão
B – Hematose pulmonar
C – Respiração celular
D – Absorção

1.1.2 – A letra X é o processo que permite ao organismo:

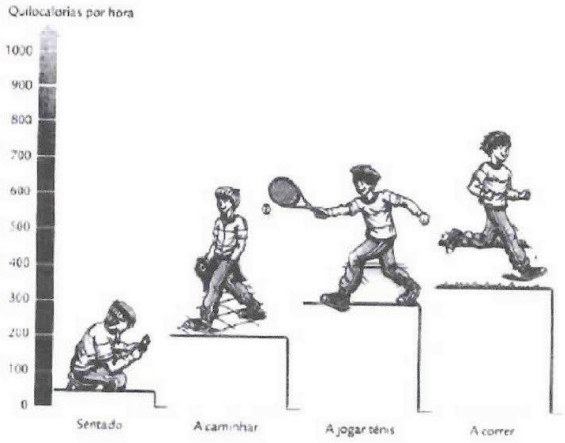
A – Libertar-se das substâncias nocivas
B – Efectuar trocas gasosas
C – Obter a energia contida nos nutrientes
D – Fazer circular o ar

1.2 – Identifica os gases A e B. A - _____ B - _____

1.3 – Refere o nome dos sistemas que permitem a chegada da substância A e da glicose à célula. _____

_____

2 – Observa o gráfico seguinte que representa os gastos de energia do Marco, que variam com os diferentes tipos de atividades que ele realiza.



2.1 – Refere a atividade que consome respetivamente:

A – mais energia. _____

B – menos energia. _____

2.2 – Indica a quantidade de energia gasta pelo Marco se estiver a correr uma hora. _____

_____

2.3 – Mesmo em repouso o Marco despende energia. Justifica esta afirmação. _____

_____

_____

III

No decorrer da actividade celular formam-se uma série de substâncias das quais, umas são necessárias à célula e outras são inúteis ou prejudiciais. A excreção é o processo através do qual ocorre a eliminação dessas substâncias.

1.1 – Explica o que entendes por excreção. _____

_____

_____

1.2 – Completa o seguinte quadro.

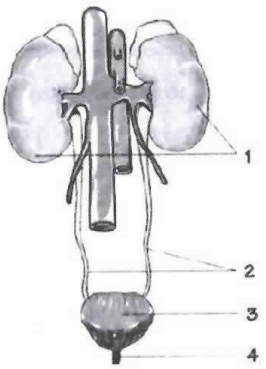
	Sistema urinário	Sistema respiratório	Pele
EXCREÇÕES			

1.3 – Indica um cuidado que devemos ter com a pele.

_____

2 – Na figura ao lado está representado o sistema urinário do ser humano.

2.1 – Estabelece a correspondência correta entre os números da figura e as frases A, B, C, D e E, de modo a descrever o trajecto efectuado pela urina, desde o local onde é formada até ser expulsa para o exterior.



A – A urina sai para o exterior através da uretra	1 - _____
B – O sangue entra no rim através da artéria renal	2 - _____
C – A urina é conduzida pelos ureteres até à bexiga	3 - _____
D – No rim o sangue é filtrado, formando-se a urina	4 - _____
E – A urina acumula-se na bexiga	

IV

1 – *Na puberdade tudo se transforma.*

1.1 – Distingue caracteres sexuais primários de caracteres sexuais secundários.

_____

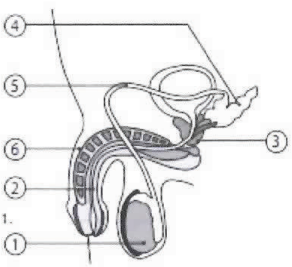
_____

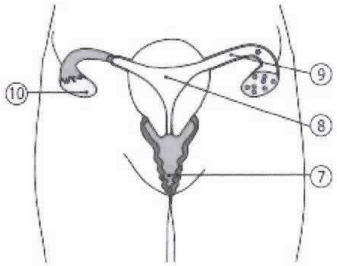
1.2 – Menciona um caracter sexual secundário:

1.2.1 – específico do género feminino. _____

1.2.2 – específico do género masculino. _____

2 – *A reprodução humana é uma característica comum a todos os seres vivos e é através deste fenómeno que os seres vivos dão origem a seres semelhantes.*





2.1 – Faz a legenda da figura.

1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 - _____

5 - _____

6 - _____

7 - _____

8 - _____

9 - _____

10 - _____

3 – Faz corresponder os elementos da coluna I aos elementos da coluna II.

Coluna I	Coluna II
A – Período, geralmente indefinido, que vai desde a puberdade até que o indivíduo é considerado adulto.	1 – Adolescência ___
B – Líquido formado por espermatozoides e substâncias produzidas pelas vesículas seminais e próstata.	2 – Puberdade ___
C – Período da vida em que ocorrem transformações físicas que marcam o início do amadurecimento dos órgãos sexuais.	3 – Trompas de Falópio ___
D – Local onde, normalmente, ocorre a fecundação.	4 – Útero ___
E – Local onde se desenvolve o embrião.	5 – Próstata ___
F – Glândula produtora de um líquido que entra na constituição do esperma.	6 – Testículos ___
G – Órgão produtor de óvulos.	7 – Ovário ___
H – Órgão produtor de espermatozoides.	8 – Esperma ___

III

1 – Numera os parênteses ( ), a partir de 1, de modo a estabelecer o caminho percorrido pelos espermatozoides até encontrarem o óvulo e ocorrer a fecundação.

( ) Vagina ( ) Útero (1) Testículo ( ) Trompas ( ) Uretra ( ) Canal deferente

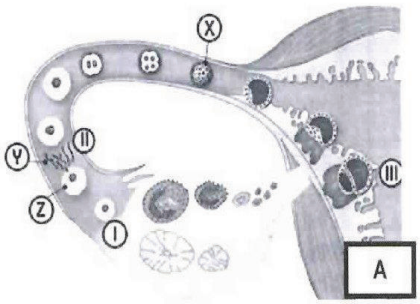
2 – As figuras A e B mostram o desenvolvimento embrionário e fetal no útero materno.

2.1 – Identifica os processos assinalados pelos números romanos I, II, e III da figura A.

I - _____

II - _____

III - _____



A

2.2 – Como se chama a estrutura X? _____

2.3 – Explica o que acontece depois do processo II.

_____

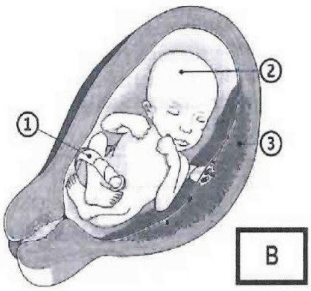
_____

2.4 – Legenda os números 1, 2 e 3 da figura B.

1 - _____

2 - _____

3 - _____



B

2.5 – Qual é a função do órgão nº 1 da figura B?

_____

_____

3 – Distingue embrião de feto.

_____

_____

4 – Indica, usando as letras da chave, as substâncias que passam:

4.1 – da mãe para o feto;

_____

4.2 – do feto para a mãe.

_____

Chave:	
A – Dióxido de carbono	E – Produtos de excreção
B – Álcool	F – Nutrientes
C – Vírus da rubéola	G – Substâncias do cigarro
D – Oxigénio	

4.3 – para o feto e são indispensáveis à vida e ao crescimento do novo ser.

_____

_____

XI.III :Teste de Língua Portuguesa

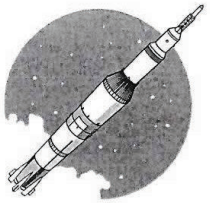
Nome: _____ N.º____ Turma _____ ___/05 /2012

Classificação: _____Prof. _____ Enc. Educação: _____

TEXTO A

Um dia o nosso Duarte

Um dia o nosso Duarte
Que sonhava ir a Marte
Pediu autorização
E foi prá arrecadação.



Pra começar, o Duarte
Com esforço mas sem arte
Soprou forte no balão
Mas continuou no chão.

Então o nosso Duarte
Decidido a ir a Marte
Fez um papel um avião
Que não voou, e com razão.

Pensou melhor nessa parte
Com recortes de um encarte
E pedaços de cartão
Fez um lindo foguetão.

Não conseguiu ir a Marte
Mas não parou, o Duarte
Ouviu o seu coração
E encontrou a solução.

Com pincel e muita arte
Pintou o planeta Marte
Sentou-se no foguetão
Deu asas à imaginação.

Marta Elias, *Lengalenga dos nomes*

1. Seleciona com **X** os adjetivos que melhor caracterizam o sujeito poético.

a) Determinado		f) Fascinante	
b) Educado		g) Desistente	
c) Realista		h) Artista	
d) Curioso		i)Pensativo	
i) Sonhador		j)Metódico	

1.1. Indica se o sentido da palavra "voar" em cada frase é denotativo ou conotativo.

a) O balão **voou** pelo céu. Sentido _____

b) **Voei** para chegar a tempo de ver o foguetão. Sentido _____

2. Identifica qual é o sonho do sujeito poético. _____

3. O sujeito poético para concretizar o seu sonho teve que trabalhar e ser persistente. Explica esta afirmação, por palavras tuas e com base em expressões textuais.

_____

_____

_____

4. Duarte construiu vários meios de transporte. Enumera-os.

_____

_____

4.1. Consideras que Duarte teve sucesso? Justifica a tua opinião.

_____

_____

5. Localiza a ação quanto ao espaço. _____

6. No final, Duarte conseguiu ir a Marte. " Deu asas à imaginação."

Concordas com a afirmação? Justifica a tua resposta.

_____

_____

_____

7. Seleciona com **X** a opção que completa cada frase sobre o texto.

O texto que leste é um texto poético que:

a) Transmite os sentimentos do narrador. ☐

b) Informa o leitor sobre uma aventura. ☐

c) Inicia uma narração de uma aventura. ☐

d) Apresenta os sonhos do narrador. ☐

8. Completa:

a) O poema é constituído por _____ estrofes. Cada uma delas é constituída por _____ versos logo classificam-se como _____.

b) Ao longo do poema encontramos tipo de rima _____.

c) O segundo verso da primeira estrofe tem _____ sílabas métricas.

9. Faz a escansão métrica do último verso do poema.

" Deu asas à imaginação." Este verso tem _____ métricas.

TEXTO B

Kepler-22b é o planeta mais parecido com a Terra alguma vez descoberto

A NASA confirmou a existência de um planeta semelhante à Terra na «zona habitável» do sistema solar Kepler 22, localizado a 600 anos-luz de distância. O Kepler-22b é 2,4 vezes maior do que a Terra, tem uma temperatura de cerca de 22 ºC e é o mundo mais parecido com o Planeta Azul alguma vez confirmado pela NASA.

O Kepler-22b é o primeiro planeta localizado na «zona orbital habitável» – região perto de uma estrela que tem as temperaturas adequadas para que exista água líquida – a ser descoberto e confirmado pela agência espacial norte-americana.

O novo planeta é cerca de 2,4 vezes maior do que a Terra e tem uma temperatura à superfície próxima dos 20 ºC, mas os investigadores desconhecem ainda a sua composição, ficando por saber se é constituído sobretudo por rocha, gás ou líquido. O período orbital do Kepler-22b é mais pequeno do que o da Terra, levando 290 dias a completar uma volta em redor da sua estrela, semelhante ao sol mas mais pequena e fria.

«A sorte sorriu-nos com a deteção deste planeta», afirmou William Borucki, o principal investigador da missão Kepler do Centro de Investigação da NASA localizado em Moffett Field, no Estado norte-americano da Califórnia.

O resultado, que será publicado no *The Astrophysical Journal*, foi anunciado na segunda-feira, na primeira conferência científica sobre a missão da sonda Kepler, a decorrer na Califórnia até dia 9.

A confirmação do Kepler-22b foi divulgada no primeiro dia do colóquio, juntamente com o anúncio da existência de 1094 novos candidatos a planetas. Até ao momento a sonda já identificou 2326 candidatos – 207 dos quais são aproximadamente do tamanho da Terra.

http://tv2.rtp.pt/noticias/index.php?article=506835&tm=94&layout=121&visual=49 (consultado em dezembro de 2011)

10. Seleciona com um **X** a opção correta:

a) O texto que leste é uma notícia logo é um texto objetivo com um tema atual. _____

b) O texto que leste é uma notícia logo é um texto subjetivo com um tema atual. _____

11. Transcreve da notícia três razões pelas quais o planeta agora descoberto é considerado o mais parecido com o planeta Terra.

a) _____

b) _____

c) _____

12. Indica a que se referem os seguintes números.

a) 20ºC _____

b) 290 _____

c) 1094 _____

d) 207 _____

13. Indica quem é William Borucki. _____

14. Completa com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as frases seguintes.

Encontraram um planeta parecido com o planeta Terra, em tudo.	
A descoberta do novo planeta será anunciada na Califórnia juntamente com a descoberta de mais 1094 novos planetas.	
O planeta Terra é 2,4 vezes mais pequeno do que o novo planeta e ainda não se sabe como é constituído.	

3

15. TEXTO C

O concurso *Faça lá um poema* decorrerá entre janeiro e março de 2012, destinando-se a premiar poemas escritos por alunos dos seguintes níveis educativos:

- 1.º Ciclo
- 2.º Ciclo
- 3.º Ciclo
- Ensino Secundário

A participação no concurso é individual, sendo que não serão contemplados trabalhos de pequeno grupo ou de turma.

Calendarização das atividades

A seleção dos trabalhos, devidamente identificados, ficará ao critério de cada agrupamento/escola não agrupada, sugerindo-se, no entanto, que o processo seja dinamizado e coordenado pelo(s) professor(es) bibliotecário(s).

- Seleção dos melhores trabalhos pelas escolas agrupadas (máximo de 1 poema por cada nível de ensino) e respetivo envio para a sede do agrupamento – até 10 de fevereiro de 2012.

A submissão do formulário será feita no Sistema de Informação do Plano Nacional de Leitura (http://sipnl.planonacionaldeleitura.gov.pt/login.jsp) através do preenchimento dos campos de identificação necessários.

Não há qualquer tema obrigatório para os poemas a concurso. No entanto, a extensão máxima de cada texto não poderá ultrapassar os 4000 dígitos (caracteres, espaços).

O formulário do concurso deverá ser devidamente preenchido e submetido por um professor responsável (designado pelo agrupamento/escola não agrupada).

Só serão consideradas válidas as inscrições com os dados de identificação da escola e dos participantes e submetidas dentro do prazo.

Os trabalhos serão validados por um júri de cinco elementos, designados pelo CCB e pelo PNL. O júri terá em conta **a correção da escrita, a riqueza de conteúdo e a originalidade do tema e da linguagem**.

Os trabalhos que não corresponderem às cláusulas do presente regulamento serão desclassificados.

Não haverá recurso das decisões do júri.

Os prémios a atribuir aos três primeiros classificados de cada nível de ensino serão anunciados oportunamente.

As escolas dos alunos premiados serão contempladas com um conjunto de livros.

Os trabalhos premiados serão divulgados no Sítio dos Concursos no Portal do PNL http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/Concursos/ e no sítio do CCB em http://www.ccb.pt

Os premiados serão convidados a apresentar pessoalmente os seus trabalhos na cerimónia pública de entrega dos prémios, a realizar 20 de março de 2012 (Dia Mundial da Poesia), no CCB – Centro Cultural de Belém – Lisboa.

Os encargos com o transporte e o alojamento dos premiados serão da responsabilidade da organização do concurso.

www. Planonacionaldeleitura.gov.pt

Lê o regulamento de um concurso sobre poesia e responde ao que é pedido.

a) Público-alvo do concurso. _____

b) Modalidade de participação. _____

c) Prazo para envio dos textos. _____

d) Tema dos textos. _____

e) Local de divulgação dos vencedores. _____

15.1. Explica a seguinte frase: " Os trabalhos que não correspondam às cláusulas do presente regulamento serão desclassificados." _____

_____

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

16. Liga as frases usando um pronome relativo. Procede às alterações que consideres necessárias.

a) O planeta Kepler é idêntico à Terra. O planeta Kepler foi descoberto recentemente.

_____

17. " O período orbital do Kepler-22b é mais pequeno do que o da Terra."

17.1. Indica o grau em que se encontram flexionados os dois adjetivos da frase.

a) Adjetivo _____ está no grau _____

17.2. Um dos adjetivos é biforme. Reescreve a frase colocando esse adjetivo no grau comparativo de inferioridade. _____

18. Completa a frase com uma das palavras parónimas.

a) Eles _____ o material que precisavam de comprar. (descriminaram/discriminaram).

19. Seleciona com **X** a opção correta, tendo sempre como referência a oração destacada.

a) **Quando recolherem amostras**, terão a resposta a esta pergunta.

Oração subordinada final. ☐ Oração subordinada temporal. ☐

20. Indica qual a relação que as palavras destacadas estabelecem entre si.

a) Há **cem** árvores no meu jardim
A floresta está **sem** árvores. } _____

21. Classifica as palavras que se seguem quanto ao seu processo de formação.

a) Planeta _____

b) Estrelado _____

c) Segunda – feira _____

22. Identifica a função sintática dos constituintes das frases destacados.

a) Aquele astronauta descobriu o planeta. _____

b) O astronauta e o jornalista darão a todos uma conferência de imprensa. _____

c) O astronauta e o jornalista darão a todos uma conferência de imprensa. _____

d) O astronauta foi corajoso. _____

e) O astronauta sorriu-nos. _____

23. Classifica morfologicamente as palavras retiradas das frases anteriores:

Aquele _____
astronauta _____
descobriu _____
planeta _____
todos _____
nos _____

24. Aquele astronauta descobriu o planeta.

a) Reescreve a frase na voz passiva. _____

b) Reescreve a frase colocando a forma verbal no pretérito mais- que- perfeito composto do indicativo.

_____

25. O astronauta e o jornalista darão a todos uma conferência de imprensa.

a) Reescreve a frase substituindo os constituintes sublinhados por pronomes.

_____

26. Completa as frases:

a) Sempre que o Duarte _____ (interviu / interveio), foi para falar sobre o planeta.

b) O Duarte disse à mãe que já não _____ (havia / haviam) foguetões.

27. Lê as frases seguintes e indica a classe a que pertence cada palavra sublinhada e faz a correspondência colocando a letra correspondente à frente de cada frase.

1. Eles **vão** ler a notícia sobre a descoberta do planeta. _____	a) Verbo b) Adjetivo c) Advérbio d) Nome
2. Era apenas um sonho **vão**. _____	
3. Estive a ler o livro no **vão** da porta. _____	

EXPRESSÃO ESCRITA

Imagina que eras um astronauta e que, como tal, foste uma das primeiras pessoas a visitar o planeta Kepler. Redige uma **carta** ao teu melhor amigo ou aos teus pais em que contes:

- A sensação de viajar numa nave espacial;
- A primeira impressão ao veres o planeta Kepler;
- As semelhanças e ou diferenças entre os dois planetas – Terra e Kepler;
- Se era habitado e por quem.

  N.B. : Assina a carta com: "o teu amigo / o vosso filho"

FIM DA PROVA

XI.IV: Teste de História e Geografia de Portugal

NOME: _____

TURMA : ____ NÚMERO : ____ DATA : ___ / ___ / _____ CLASSIFICAÇÃO : _____

ASSINATURA DO (A) ENC. DE EDUCAÇÃO: _____

1.Indica três das razões que levaram à queda da 1.ª República.

_____

_____

_____

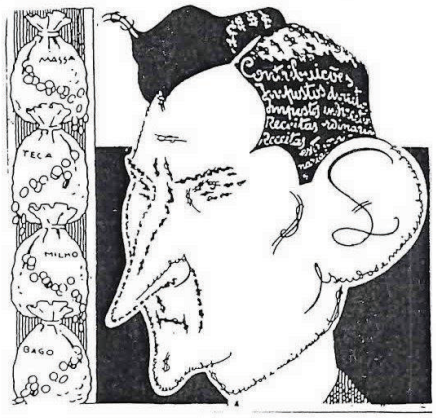
2.Refere o que de mais importante se passou no dia 28 de Maio de 1926.

_____

_____

_____

3.Repara na seguinte figura que representa a caricatura da personalidade que mais marcou o Estado Novo .



3.1.Identifica essa personalidade e diz como chegou ao poder.

_____

_____

_____

_____

4.O Estado Novo afirmou-se com a Constituição de 1933. Caracteriza-a, em termos gerais.

_____

_____

_____

_____

5.Refere as razões que levaram muitos Portugueses a emigrar para o Brasil, França e Alemanha durante o período do Estado Novo.

_____

_____

_____

6.O Estado Novo utilizou diversas formas de propaganda. Indica três.

_____

_____

7.Lê o seguinte texto e depois faz a legenda das imagens, utilizando as expressões ou palavras adequadas.

«O Estado forte nasceria do fortalecimento do poder executivo, da abolição dos partidos e dos sindicatos, da manutenção da censura e da reorganização das forças armadas. (...) Todos os partidos políticos e associações secretas foram proibidos (1935), aceitando-se apenas uma «união de todos os portugueses», a chamada «União Nacional».

A partir de 1936, o «Estado Novo» ganhou novos aspectos com a criação da Legião Portuguesa, milícia destinada a participar na luta contra o comunismo e a Mocidade Portuguesa, organização que, de início, abrangia toda a juventude escolar. (...) A Polícia Política reorganizada na década de trinta, zelava pela segurança do regime. (...) A censura à imprensa foi instituída em 1926 e mantida desde então.»

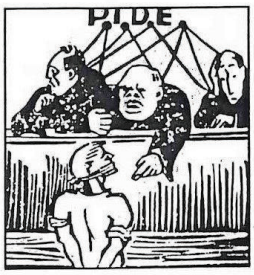
Oliveira Marques, *História de Portugal* (adaptado)

_____

_____

_____

_____

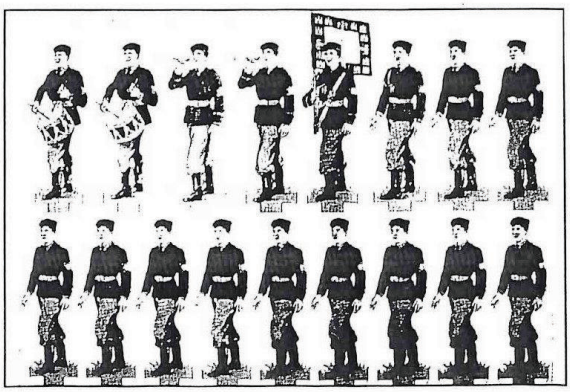


_____

_____

_____

_____



_____

_____

8. Observa os quadros e preenche os espaços em branco do segundo, com as expressões correspondentes a cada afirmação.

Movimento de Unidade Democrático (M.U.D.)
Baladas
Humberto Delgado
PIDE
Colégio Eleitoral
Oposição
Períodos eleitorais

- Contestava a política do Estado Novo, sujeitando-se a perseguições, prisões e maus tratos. _____
- Foi criado pela Oposição para concorrer às eleições de 1945, para a Assembleia Nacional. _____
- General que concorreu às eleições presidenciais de 1958, enfrentando Américo Tomás, candidato apoiado por Salazar. _____
- Novo órgão controlado pelo Estado Novo que passou a escolher o Presidente da República, evitando situações semelhantes à de 1958. _____
- Canções cujas letras defendiam ideias contrárias ao Estado Novo. Muitos dos seus intérpretes foram perseguidos e presos. _____
- Perseguia e prendia quem se atrevesse a criticar o Salazarismo. _____
- Durante os Anos da Ditadura serviram, especialmente, para a Oposição demonstrar o seu descontentamento. _____

9. Diz o que de mais importante aconteceu, em Portugal, em 1949.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

10. Refere quando e onde se iniciou o movimento de luta pela independência das colónias portuguesas.

_____
_____
_____

11. Indica três das consequências da guerra colonial.

_____
_____
_____

12.Observa a figura A e lê o texto B .

A **Símbolo do M.F.A.**

B **O dia da liberdade**

«A partir das 11.30 horas do dia 25 de Abril, o quartel da G.N.R, no Carmo, surge como o centro das atenções de todo o país. Aí se encontra Marcello Caetano e alguns membros do seu Governo. (...) Uma multidão de populares apoia, com incitamentos, a acção das forças militares.

Mais efectivos das forças do Movimento chegam ao largo do Carmo, vindas do Terreiro do Paço, após uma caminhada triunfante (...).»

In *25 de Abril Documento*, Casa Viva Editora

12.1.Indica o significado da sigla MFA.

_____

12.2.Refere quais eram os principais objectivos do MFA.

_____

_____

_____

_____

12.3.Copia do texto B uma frase que mostre que a população civil apoiou o MFA.

_____

_____

12.4.Justifica o conceito de " Revolução " atribuído ao 25 de Abril de 1974.

_____

_____

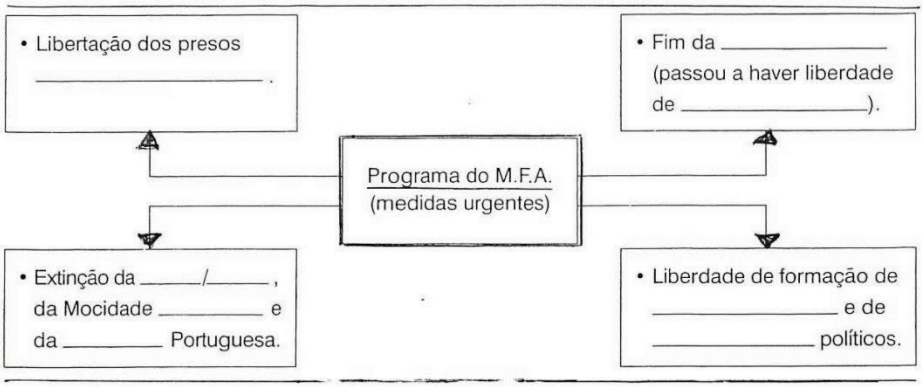
13.Refere três dos princípios defendidos na Constituição de 1976.

_____

_____

_____

14. Completa o esquema.



FIM

XI.V: Autoavaliação de uma aula de Ciências

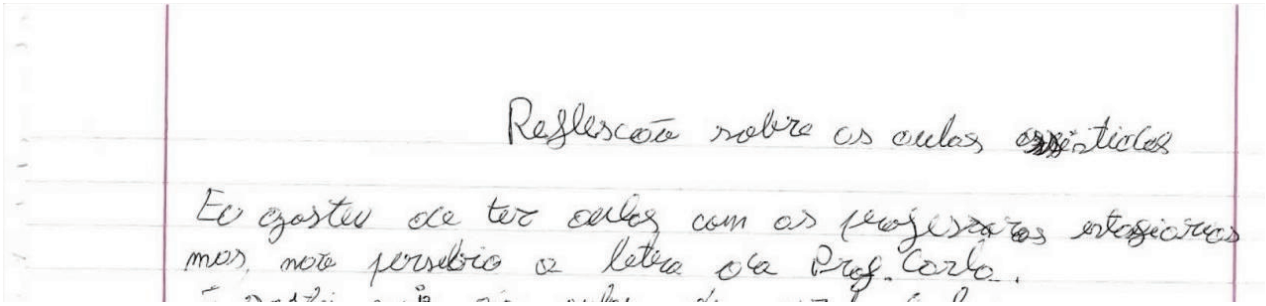
Ficha de Autoavaliação

Nome:_____**Data:**_____

INDICADORES DE APRENDIZAGEM	**Não compreendi**	**Tenho dúvidas**	**Compreendi**
Reconheço a necessidade da reprodução na transmissão de vida.			
Reconheço que os carateres sexuais permitem distinguir rapazes de raparigas.			
Conheço a constituição do sistema reprodutor masculino.			
Conheço a constituição do sistema reprodutor feminino.			

Professora estagiária: Carla Carvalho

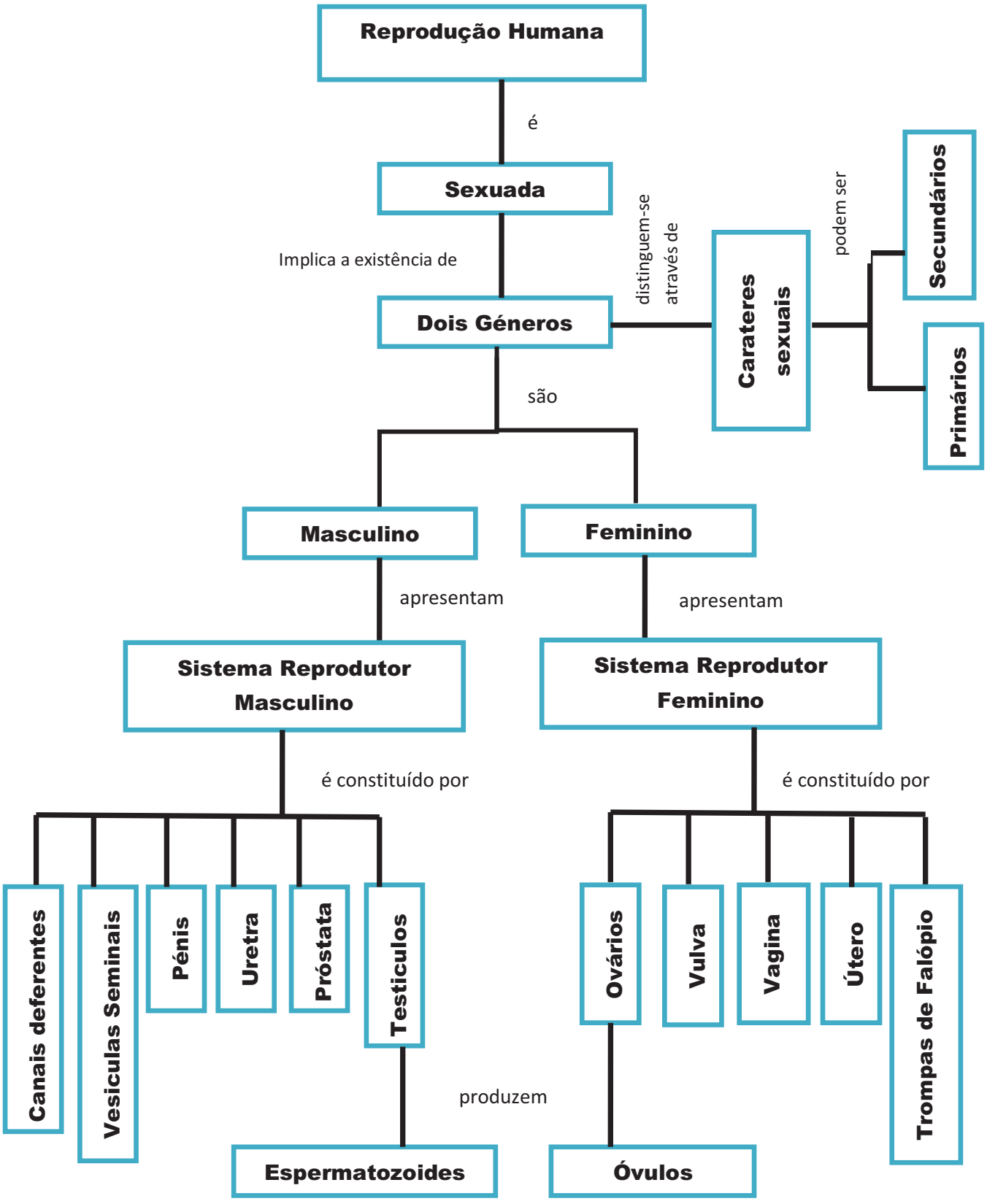
XI.VI: Reflexão de um aluno



Reflexão sobre as aulas ~~práticas~~

Eu gostei de ter aulas com as professoras estagiárias mas, nota positiva a letra da Prof. Carla.

XI.V: Mapa Conceptual



XI.V: Matriz de um Teste de Ciências tendo em conta os Domínios Cognitivos

Grelha - Domínios cognitivos **Teste de avaliação - 3º período**				
Temas	**Conhecer**	**Compreender**	**Interpretar**	**Aplicar**
Respiração celular		1.2	1.1	
Atividade física			2.2 - 2.3	2.1 - 2.4
Aparelho reprodutor	1.1 - 1.2	2.1	2.2	
Micróbios	1.1-1.2-2.1 -2.2-2.3			
Mecanismos de defesa		2		
Vacinação			3	
Higiene		1		
Drogas	3.2	3.1-3.3	2.1 - 2.2	2.3
Poluição		4		
Total	8	7	7	3
%	32%	28%	28%	12%

XI.VI :Grelha de avaliação do desempenho do trabalho experimental

Indicador:	Escala				
	1 (quase nunca)	2	3	4	5 (quase sempre)
Questionar					
1. Participa (m) de modo eficaz na discussão sobre:					
Como a (s) questão - problema pode (m) ser respondida (s)					
O que pode ser necessário para a investigação					
Prever					
2. Faz (em) previsões relacionadas com a questão problema					
Planear					
3.Identifica (m) a variável que deve ser mudada					
4. Identifica (m) o que observar ou medir para obter dados fiáveis que permitam responder à questão - problema					
Recolher Dados ou Evidências					
5. Faz (em) observações focadas em aspetos relevantes para responder à questão-problema					
Interpretar Evidências e Estabelecer Conclusões					
6. Compara (m) os seus resultados com as previsões iniciais					
7. Estabelece (m) uma conclusão consistente com a evidência recolhida					
Comunicar					
8. Usa (m) desenhos, palavras ou modelos para descrever as suas ideias e resultados					
9. Usa (m) tabelas, gráficos ou quadros para organizar, registar e comunicar os resultados					

Anexo XII : Resultados das avaliações de aprendizagem

Anexo XII.I: Avaliação trimestral 1.ºCiclo (excerto)

	Índice de desenvolvimento (%)	Estudo do Meio			Língua Portuguesa				Matemática				Ex.Plástica Exp.Dramática			
		identidade, os seus gostos e preferências	A saúde e segurança do seu corpo	O seu passado próximo e as suas perspectivas para o futuro	Expressão e compreensão do oral	Conhecimento de vocabulario activo	Leitura de enunciados escritos	Reconhecimento de algumas técnicas de escrita	Identificação e representação de números	Domínio de vocabulário activo em relação ao espaço	Comparação de quantidades	Cálculo de somas e subtracções	Desenho e pintura	Recorte e colagem	Exploração do corpo	Exploração da voz
1	80,6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
2	80,6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
3	74,8	5	5	5	5	5	4	4	5	4	5	5	5	5	4	4
4	80,6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
5	78,1	5	5	5	5	5	4	4	5	4	5	5	5	5	5	5
6	80,6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
7	76,1	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	4	4	4	5	5
8	80,6	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

9	**56,8**	4	4	3	3	3	3	3	5	3	5	4	3	3	2	3
10	**80,6**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
11	**71,0**	5	5	4	4	5	4	4	5	4	5	4	4	4	4	4
12	**80,0**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
13	**74,8**	4	5	4	5	5	4	4	5	4	5	4	5	5	5	4
14	**79,4**	5	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5
15	**80,6**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
16	**79,4**	5	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5
17	**80,6**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
18	**78,1**	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	4	4	5	5
19	**80,6**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
20	**78,7**	5	5	5	5	5	4	4	5	4	5	5	5	5	5	5
21	**75,5**	5	5	4	5	5	4	4	5	4	5	5	4	4	5	4
22	**80,0**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
23	**80,6**	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

Anexo XII.II:Avaliação 3.ºPeriodo (2.ºCiclo)

Nº	Língua Portuguesa	História e Geografia de Portugal	Matemática	Ciências da Natureza
1	4	4	4	4
2	2	3	3	3
4	4	4	3	4
5	4	4	4	5
6	3	3	3	3
7	3	3	3	3
8	3	4	3	4
9	2	2	2	3
10	3	4	3	4
11	3	3	3	3
12	2	2	2	3
13	3	3	3	4
14	3	3	2	3
15	2	3	2	3
16	2	2	2	2
18	3	4	4	4
19	5	5	5	4
20	3	4	3	4
21	4	3	4	4
22	4	4	4	4
23	3	3	3	4
24	4	4	5	4
25	3	3	3	3
26	3	3	3	4

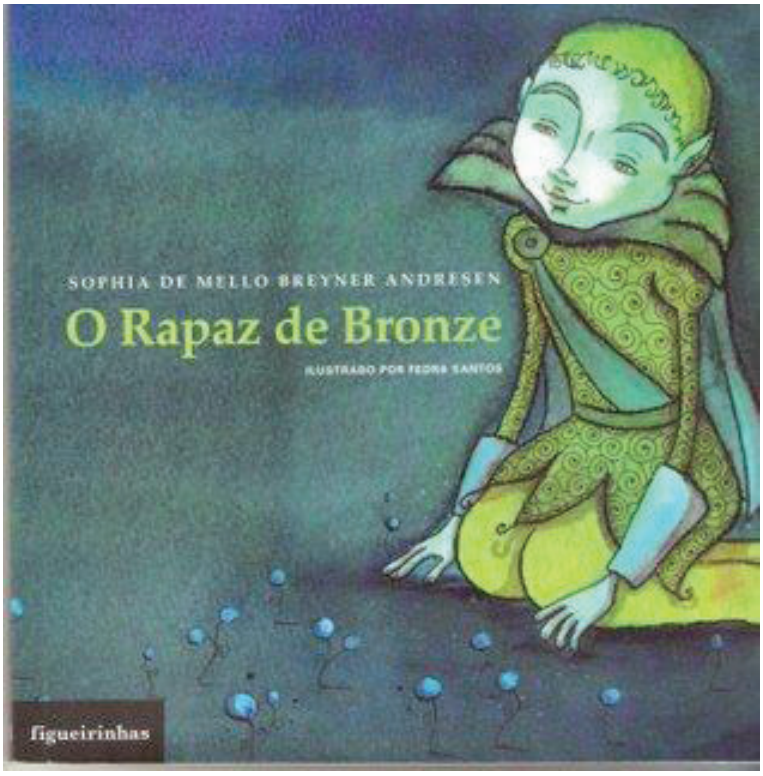
Anexo XIII: Materiais Utilizados em algumas aulas

XIII.I: Guião de leitura

Roteiro de Leitura Orientada

O Rapaz de Bronze

Sophia de Mello Breyner Andresen



Nome:	**Nº:**	**Turma:**
Data:		

Capitulo I

As Flores

- É a introdução da obra (descrição do jardim e apresentação das flores);

- O jardim é um espaço (localização no espaço) maravilhoso, contém:

  - uma grande variedade de flores;

  -pequenos jardins de buxo.

  - ruas compridas rodeadas por muros de camélias.

  - um roseiral, pomar, um pinhal, um campo de trigo e papoilas;

  - um grande parque com plátanos, lagos e grutas;

  - uma estufa.

- As flores e plantas do jardim: tílias, bétulas, rosas, magnólias, buxos, camélias, avencas, papoilas, urze, fetos, gladíolos, orquídeas, begónias, tulipas, nardos, glicínias, girassóis, cravos, flores de tojo e flor do muguet.

- Localização da obra no tempo: incerto/indefinido “Era uma vez”.

- Personagens: As plantas e flores do jardim com destaque dos gladíolos.

- Recursos expressivos mais frequentes:

  - Personificação: “ Nos jardins antigos – diziam os gladíolos – há sempre azulejos.”

  - Enumeração: “ Era uma vez um jardim maravilhoso cheio de grandes tílias, bétulas, carvalhos, magnólias e plátanos.”

XIII.II PowerPoint

O que é para ti a poesia?

A poesia

Se calhar esperavas que eu te dissesse agora aqui o que é (a)_____. Que eu te arranjasse uma definição daquelas cheias de palavras complicadas que deixam as pessoas de (b)_____ e a pensar "Meu Deus! Tanto que ela sabe!". Mas eu não sei definir o que é poesia. E se alguém te disser que sabe... desconfia! (...)

Porque a poesia, apesar de se fazer (c)_____, está muito para além delas. É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no (d)_____. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, (e)_____. (...) É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que (f)_____. (...)

Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre (g)_____, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre (h)_____. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio (i)_____. Há poemas sobre a tristeza e sobre (j)_____. E podemos rir e chorar com eles. Pode-se escrever um poema a propósito (k)_____. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de saber escrever a seu respeito de uma maneira (l)_____, ou seja, de uma maneira que seja (m)_____.

Alice VIEIRA (org.), 2008. *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*. Lisboa: Dom Quixote (texto adaptado e com supressões)

alegria

rimas perfeitas

se sente

com palavras

poesia

crianças e velhos

nosso coração

criativa

boca aberta

tudo

sentimentos

do caminho

só nossa

A poesia

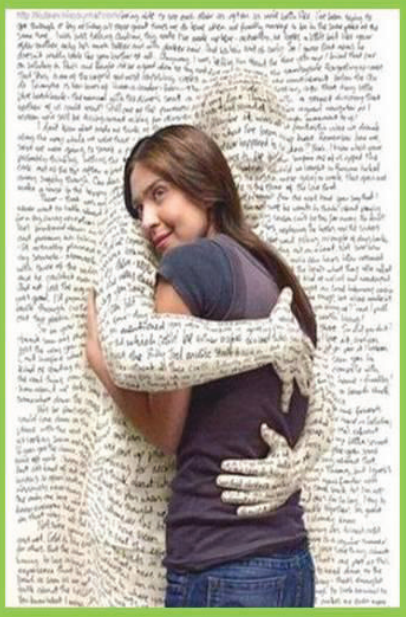
Se calhar esperavas que eu te dissesse agora aqui o que é (a)_____. Que eu te arranjasse uma definição daquelas cheias de palavras complicadas que deixam as pessoas de (b)_____ e a pensar "Meu Deus! Tanto que ela sabe!". Mas eu não sei definir o que é poesia. E se alguém te disser que sabe... desconfia! (...)

Porque a poesia, apesar de se fazer (c)_____, está muito para além delas. É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no (d)_____. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, (e)_____. (...) É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que (f)_____. (...)

Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre (g)_____, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre (h)_____. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio (i)_____. Há poemas sobre a tristeza e sobre (j)_____. E podemos rir e chorar com eles. Pode-se escrever um poema a propósito (k)_____. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de saber escrever a seu respeito de uma maneira (l)_____, ou seja, de uma maneira que seja (m)_____.

Alice VIEIRA (org.), 2008. *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*. Lisboa: Dom Quixote
(texto adaptado e com supressões)

Não tenhas medo, ouve:
É um poema
Um misto de oração e de feitiço
Sem qualquer compromisso
Ouve-o atentamente
De coração lavado
Poderás decorá-lo
E rezá-lo
Ao deitar
Ao levantar
Ou nas restantes horas de tristeza
Na segura certeza
De que mal não te faz
E pode acontecer
Que te dê paz.



Miguel Torga, *Obra Completa*, Coimbra Editora

Texto Poético

O texto poético apresenta-se, habitualmente, em verso e é utilizado, sobretudo, para a expressão de sentimentos ou emoções da entidade a que se chama **sujeito poético** ou **eu poético/lírico**.

No estudo do texto poético existem algumas noções que é necessário ter em conta, em termos de estrutura externa ou apresentação formal.

A cada uma das linhas de uma composição poética dá-se o nome de **verso** e a cada conjunto de versos, separado por um espaço em branco, chama-se **estrofe**.

Estrofes

Tendo em conta o número de versos, as estrofes têm diferentes designações:

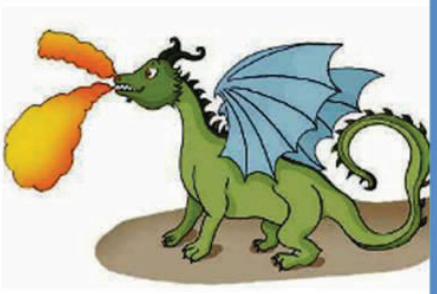
Estrofe com um verso	Monóstico
Estrofe com dois versos	Dístico
Estrofe com três versos	Terceto
Estrofe com quatro versos	Quadra
Estrofe com cinco versos	Quintilha
Estrofe com seis versos	Sextilha
Estrofe com sete versos	Sétima
Estrofe com oito versos	Oitava
Estrofe com nove versos	Nona
Estrofe com dez versos	Décima
Estrofe com mais de dez versos	Irregular

Sílabas métricas

O verso é constituído por um determinado número de sílabas, percetíveis na leitura, que nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais das palavras que o integram. A contagem destas sílabas métricas faz-se até à sílaba tónica da última palavra do verso.

Pe / la / bo / ca / dei / to / chamas (7 sílabas métricas)

Pe / las / na / ri / nas / tam / bém (7 sílabas métricas)



Rima

Num texto poético, temos ainda de considerar a rima. A rima é a correspondência de sons em lugares determinados dos versos, normalmente no final. Dizemos que os versos rimam quando existe correspondência de sons a partir da vogal da sílaba tónica da última palavra dos versos.

De acordo com as combinações, é possível classificar as rimas:

Rima emparelhada	Quando rimam versos seguidos, dois a dois.
Rima cruzada	Quando os versos rimam alternadamente. Por exemplo, o primeiro com o terceiro e o segundo com o quarto.
Rima interpolada	Quando dois versos que rimam são separados por dois ou mais de rima diferente.
Versos soltos ou brancos	Versos que não rimam com nenhum outro.

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar
Ouvi de agora senhores
Uma história de pasmar

Romanceiro, in *Poemas Portugueses para a Juventude*

No belo Planeta Azul
Mesmo entre o Norte e o Sul
Ficava a casa encantada
Onde fiz minha morada
Numa zona montanhosa,
Às vezes fria e ventosa.

Maria Teresa Maia Gonzalez, *A casa com o sol lá dentro.*

Não tenhas medo, ouve:
É um poema
Um misto de oração e de feitiço
Sem qualquer compromisso
Ouve-o atentamente
De coração lavado
Poderás decorá-lo
E rezá-lo
Ao deitar
Ao levantar
Ou nas restantes horas de tristeza
Na segura certeza
De que mal não te faz
E pode acontecer
Que te dê paz.

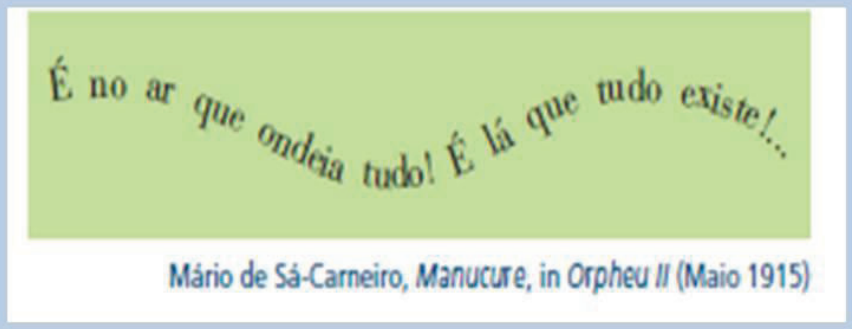
Miguel Torga, *Obra Completa,* Coimbra Editora

POESIA VISUAL

A poesia visual apresenta uma intencionalidade.

É um poema com uma apresentação gráfica diferente.

Teresa Guedes, *Palavromanias*, Porto Editora, 1993



Mário de Sá-Carneiro, *Manucure*, in *Orpheu II* (Maio 1915)

O seu conteúdo é realçado através da sua apresentação

As pedras falam?

As pedras falam? Pois falam
Mas não à nossa maneira,
Que todas as coisas sabem
Uma história que não calam.

Debaixo dos nossos pés
Ou dentro da nossa mão
O que pensarão de nós?
O que de nós pensarão?

As pedras cantam nos lagos
Choram no meio da rua
Tremem de frio e de medo
Quando a noite é fria e escura.

Riem nos muros ao sol,
No fundo do mar se esquecem.
Umas partem como aves
E nem mais tarde regressam.

Brilham quando a chuva cai,
Vestem-se de musgo verde
Em casa velha ou em fonte
Que saiba matar a sede.

Foi de duas pedras duras
Que faísca rebentou:
Uma germinou em flor
E a outra nos céus voou.

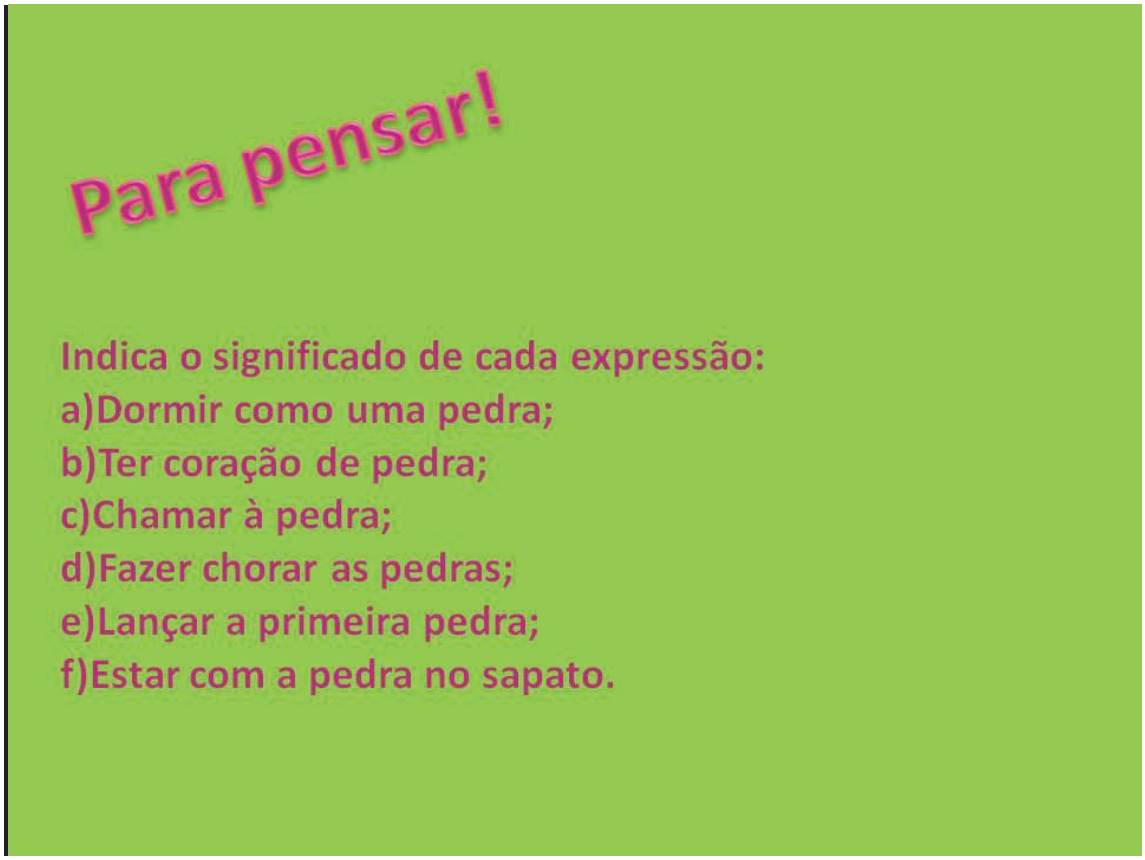
As pedras falam? Pois falam.
Só as entende quem quer,
Que todas as coisas têm
Uma coisa para dizer.

Maria Alberta Menéres, *Conversa com versos*, Afrodite

Para pensar!

Descobre o nome das pedras que se usam nas seguintes situações:

a)Adoçar bebidas;
b)Lavar;
c)Temperar a comida;
d)Refrescar.


Para pensar!
Indica o significado de cada expressão:
a)Dormir como uma pedra;
b)Ter coração de pedra;
c)Chamar à pedra;
d)Fazer chorar as pedras;
e)Lançar a primeira pedra;
f)Estar com a pedra no sapato.

XIII.II: Ficha de Trabalho

Ficha de Trabalho

Nome:_____**Data:**_____

1- Faz a descrição desta imagem.

Não te esqueças de:
- descrever do geral para o particular;
- referir as características dos elementos que compõem a paisagem e as sensações que despertam em ti,
- utilizar adjetivos expressivos
- colocar os verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

2- Lê com atenção a seguinte notícia.

MISTÉRIO. VIAJOU 187 MIL KM

ODISSEIA DE UMA GARRAFA

Uma mensagem lançada ao mar na Escócia apareceu 47 dias depois na Nova Zelândia. Os cientistas não percebem como foi possível.

CLÁUDIA FARIA

Keely com a garrafa que foi até à Nova Zelândia e a carta que recebeu em troca.

A brincadeira de uma menina escocesa de 6 anos está a espantar os cientistas. Há cerca de dois meses, Keely Reid lançou ao mar uma garrafa de plástico com uma mensagem: 47 dias depois a garrafa foi encontrada na praia de Whangamata, na Nova Zelândia, por outra criança da mesma idade, James Wilson, que se apressou a escrever a Keely. "É maravilhoso que a minha garrafa tenha chegado mais longe do que eu alguma vez fui", disse a menina ao jornal *The Independent*.

A garrafa percorreu 187 mil quilómetros em apenas 47 dias. Para chegar tão longe em tão pouco tempo teve de viajar quase 684 quilómetros por dia, o que está a levantar polémica. Um barco de cruzeiros moderno com uma breve paragem no percurso demora cerca de 40 dias da Escócia até à Nova Zelândia.

O oceanólogo Filipe Neves, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, garante que a garrafa só pode ter chegado à Nova Zelândia com ajuda humana. "É improvável que um objeto consiga atravessar o Atlântico Norte e o Atlântico Sul e chegar tão longe em tão pouco tempo. Por muito velozes que sejam as correntes, dificilmente atingem a rapidez de um barco." O mais normal, dizem os cientistas, seria a garrafa ficar presa nas correntes do Atlântico Norte e chegar, no máximo, à costa da Noruega.

Keely Reid foi a única pessoa que não ficou intrigada com o mistério. Há três anos atirou a sua primeira mensagem ao mar no mesmo local. Dois dias depois foi resgatada ao largo da costa alemã.

in revista *Sábado*, novembro de 2006

3- .

1 Relembra as características da notícia e, partindo do texto acima transcrito, elabora o seguinte plano – guia:

- **título**:

- **antetítulo e/ou subtítulo**:

- ***lead:*** Quem?
  O quê?
  Onde?
  Quando?

- **corpo da notícia:** Como?
  Porquê?

2.2. Transforma agora, a notícia numa narrativa, de 140 a 200 palavras, fazendo as alterações necessárias. Na tua história deverás considerar a menina, Keely Reid, como personagem principal.

Não te esqueças de respeitar a linguagem deste tipo de texto e a sua estrutura:

- **Introdução** – situa a narrativa no tempo e no espaço; apresenta e caracteriza a (s) personagem (ns).
- **Desenvolvimento** – narra os acontecimentos/problemas/peripécias.
- **Conclusão** – redige um final adequado para a história.

Depois de escreveres o texto:

- revê-o com atenção;
- certifica-te de que respeitaste o que te é pedido.

XIII.IV : Atividade prática de Matemática

O VOLUME DO CILINDRO

1 - Que tipo de embalagem escolher?

Os alunos de uma turma do 6.º ano estão a preparar uma oferta para dar aos pais, numa festa de fim de ano. Querem presentear cada familiar com uma pequena caixa de bombons.

Como não podem gastar muito dinheiro, querem fazer as embalagens na escola a partir de folhas de papel, com uma certa espessura e de tamanho A4.

Já decidiram que as embalagens terão forma cilíndrica, mas estão com dificuldades em definir como vão enrolar a folha, pois pretendem a embalagem com menor volume.

Uma parte da turma acha que se a folha for enrolada como mostra a figura 1 terá menor volume, mas outra parte dos alunos acha que é a forma da figura 2.

Figura1

Figura 2

Qual é a tua opinião?

Arranja uma estratégia para convencer os outros grupos da tua opinião. Podes usar alguns dos materiais que se encontram à disposição.

2 - O que varia

Sobrepõe, um a um, os CDs.

a) O que observas?

_____

b) Como te parece que vai variando o seu volume?

_____

c) Olhando agora para o sólido formado, o que deves ter em conta para calcular o seu volume? Justifica o teu raciocínio.

_____

d) Mantendo a mesma altura, que aconteceria ao volume do sólido, se os CDs a sobrepor tivessem uma área menor? Porquê?

_____

XIII.V: PowerPoint (Estado Novo)

- Quem é a personalidade representada na Figura 1?
- Com que outra personalidade está a ser comparado?
- Por que motivo foi considerado o "Salvador da Pátria"?

Figura 1 – "Salazar, Salvador da Pátria", postal ilustrado da época

- Qual é o objetivo dos cartazes representados na Figura 2?
- O que é uma constituição?
- De acordo com a mensagem destes cartazes, que ideais são valorizados na Constituição de 1933?

Figura 2 – Cartazes de propaganda da Constituição de 1933

Salazar e o Estado Novo

Uma nova Constituição e um novo regime

http://www.youtube.com/watch?v=W4OrTQMJR10

XIII.V: Acetatos Ciências da Natureza

O que são drogas?

"Toda a substância que **introduzida no organismo**, pode **modificar uma ou mais funções deste**, **provocando dependência** caracterizada pela necessidade de consumo compulsivo de modo continuado, a fim de obter os seus efeitos e por vezes evitar um mal-estar…" (OMS – 1967)

DROGAS

Quanto ao estatuto legal da substância:

- Lícitas (alcóol e tabaco, e medicamentos);
- Ilícitas(outros tipos de drogas).

Quanto à origem:

- Naturais (cocaína, marijuana e morfina);
- Semi-sintéticas (heroína);
- Sintéticas (LSD, ecstasy, barbitúricos e anfetaminas).

Quanto aos efeitos farmacológicos:

- Drogas depressoras/ sedativas (alcóol e heroína)
- Drogas estimulantes (nicotina, ecstasy e cocaína)
- Drogas perturbadoras / alucinogénicas. (LSD)

DEPENDÊNCIA

TOLERÂNCIA

SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA

O PERCURSO HABITUAL

- Consumo esporádico (experimentação)

- Curiosidade
- Afirmação/contestação
- Identificação com o grupo

- Passagem a outro tipo de substâncias (escalada)

- Obtenção de novas sensações de prazer

- Alteração dos comportamentos (Dependência)

- Deterioração pessoal

- Alteração das relações (Toxicodependência)

- Isolamento social

Alcoolismo

- O alcoolismo é uma intoxicação lenta provocada pelo consumo habitual de doses elevadas de bebidas alcoólicas.

- Depois de se ingerir álcool, este atravessa as paredes do estômago e do intestino e, ao fim de 15 a 30 minutos, entra na corrente sanguínea. Uma pequena parte do álcool é eliminada na urina, pelos pulmões e pelo suor, sendo restante acumulado nos diferentes órgãos do organismo humano.

- O alcoolismo prejudica a saúde e as relações familiares e sociais do individuo;

- As consequências do alcoolismo para o organismo humano são graves e variadas.

- A melhor prevenção é não iniciar o consumo de álcool!

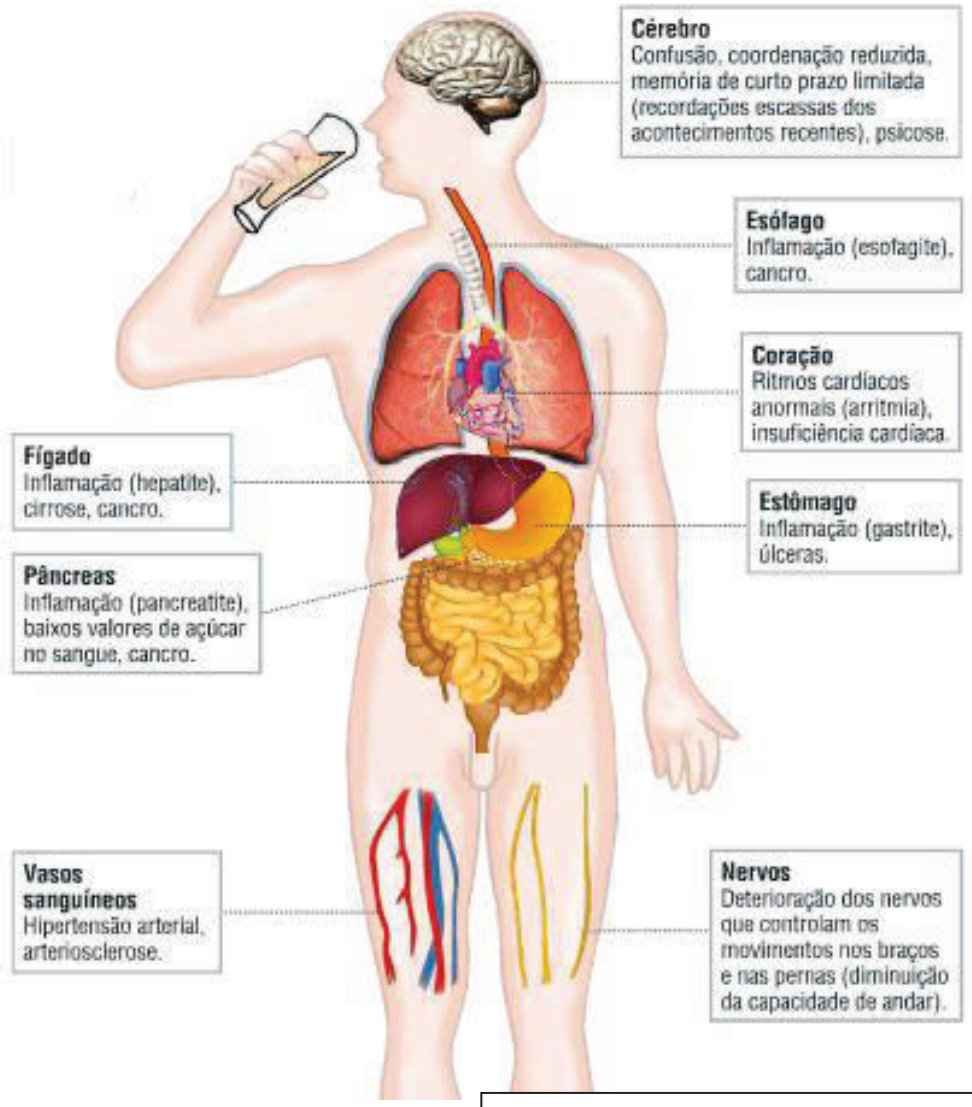


Fig. 1 - Consequências do alcoolismo

Tabagismo

- O tabagismo é desenvolvido com o consumo exagerado de tabaco, provocando uma dependência;

- Segundo a OMS, é considerado uma doença;

- O cancro do pulmão é a principal consequência do consumo do tabaco;

- As pessoas não fumadoras que convivem com os fumadores, ao inalarem o fumo, podem contrair bronquite, asma e também cancro do pulmão, sendo considerados consumidores passivos;

- **A melhor prevenção é nunca fumar!**

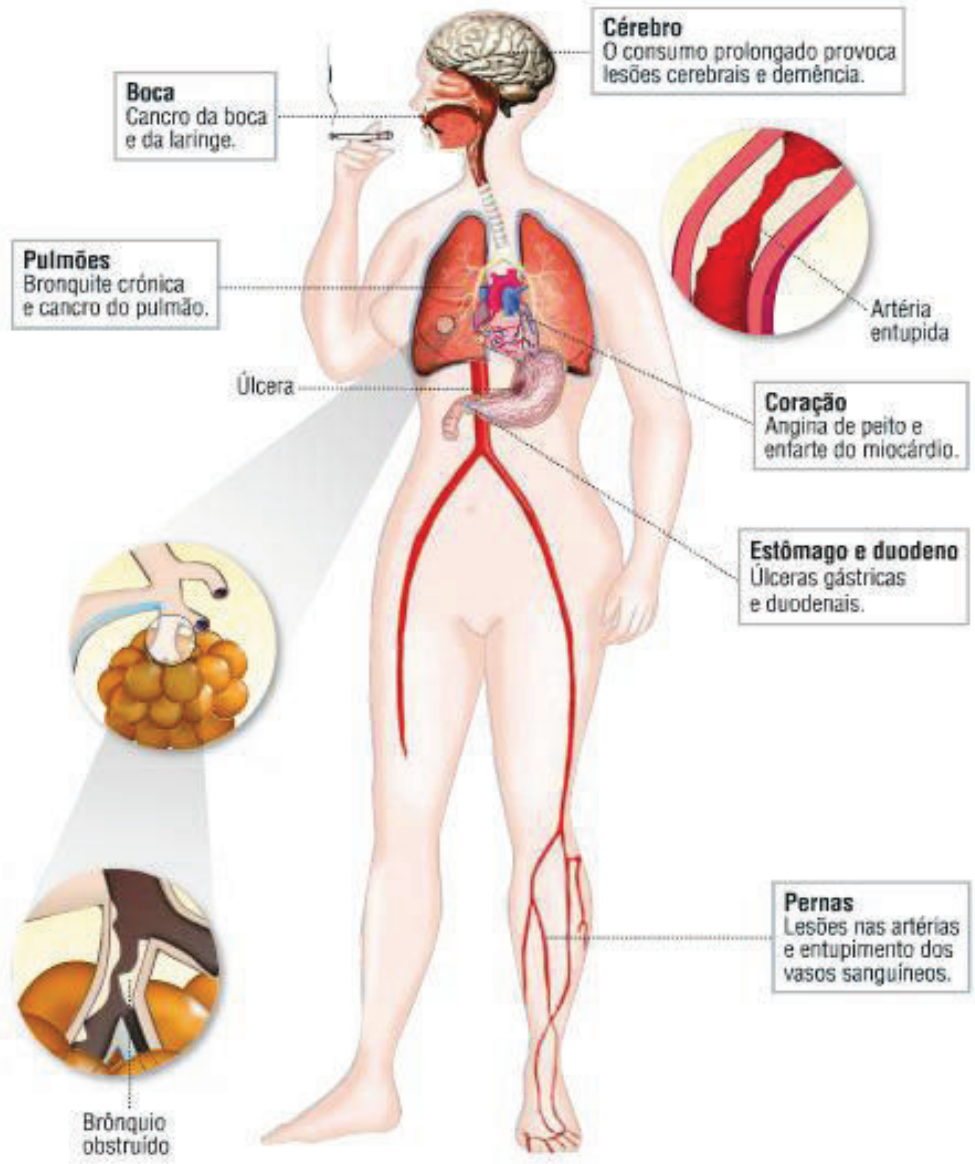


Fig. 1 - Consequências do tabagismo

Que outras drogas existem?

- As drogas ilícitas são todas as substâncias psicoativas cujo uso e venda são interditos por lei;

- O consumo de drogas ilegais é um problema de saúde pessoal, social (transmissão de doenças infeciosas, abandono escolar e comportamentos violentos/antissociais);

- O abuso de drogas conduz à toxicodependência que altera a integridade do organismo.

- A melhor prevenção é NUNCA iniciar o consumo de drogas!

Droga	Alguns efeitos físicos e psíquicos	
	Uso habitual	A longo prazo
Cogumelos mágicos (alucinogéneos)	Alterações na perceção visual e auditiva, desorganização do pensamento, náuseas e vómitos.	Ansiedade, pânico, sintomas paranoides, estados psicóticos*, acidentes por interpretações distorcidas da realidade.
LSD (alucinogéneo sintético)	Alteração das perceções, especialmente visuais, alucinações, pânico.	Pânico, alucinações, psicose*.
Cannabis (marijuana ou haxixe)	Relaxamento, diminuição das inibições.	Debilitação física, desmotivação.
Heroína (opiáceo)	Alívio da dor e da ansiedade.	Letargia, obstipação*, disfunções sexuais, amenorreia, risco de morte.
Cocaína (extraída das folhas do arbusto da coca)	Excitação, autoconfiança, irritabilidade.	Ulceração do septo nasal, psicose, irritabilidade, depressão, alucinações tácteis, insónia.
***Ecstasy*/Pastilhas**	Facilidade de comunicação, aumento da energia, náuseas, aceleração do ritmo cardíaco e tensão arterial, ansiedade, hipertermia*.	Depressão, ansiedade, cansaço e exaustão, perturbações do sono, arritmia* cardíaca, insuficiência renal aguda, hipertensão arterial, intoxicações hepáticas, redução de resistência às infeções virais.

As drogas afetam os processos vitais do organismo.

Prevenção do consumo de drogas: atitudes promotoras de saúde

- Só há uma forma de evitar a dependência da droga**: É DIZER NÃO AO CONSUMO DA DROGA**.

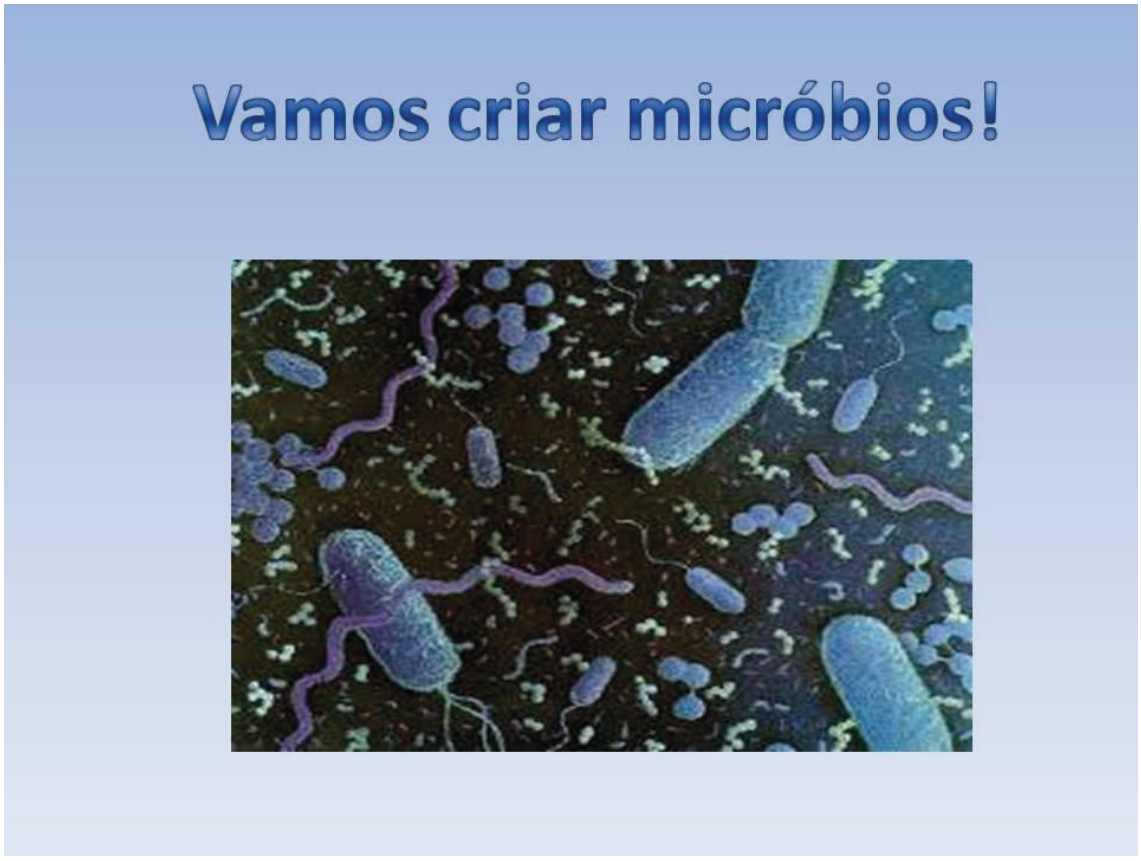
-"O Homem está condenado a ser Livre" *mas se temos que estar condenados a alguma coisa, que seja apenas à nossa Liberdade!

(*Jean-Paul Sartre)

Razões para consumir drogas	Razões para não consumir drogas
• Curiosidade. • Como será? • O que vou sentir? • Prazer. • Porque me fazem sentir bem naquele momento. • Para não ser diferente... todos os meus amigos consomem... • Para pertencer ao grupo. • Para comemorar. • Porque esta vida é uma seca. • Porque me ajudam a perder o medo. • Porque fico menos tímido.	• As drogas não são a solução para os teus problemas. • Os efeitos podem ser inesperados. • Agridem a integridade física e psicológica. • Causam dependência. • Degradam as tuas relações familiares. • Afastam os teus verdadeiros amigos. • É ilegal. • Deixar de consumir é muito difícil. • Causam doenças, como a SIDA, associadas ao consumo de drogas. • Os problemas relacionados com drogas não acontecem só aos outros.

É importante conhecer os factos sobre o uso e abuso de drogas. Toma atenção aos sítios que procuras informação e não confies no "ouvi dizer"…

XIII.VI: PowerPoint Micróbios



Objetivo: Cultivar um tipo de fungo chamado bolor do pão

Materiais:
- Saco plástico transparente com fecho hermético;
-Fatia de pão;
-Conta – gotas.

Procedimento:
-Coloca o pão no interior do saco de plástico;
-Deita 10 gotas de água para dentro do saco;
-Fecha o saco;
-Guarda o saco num local escuro e quente durante 3 a 5 dias;
-Observa o pão através do plástico;
-Depois de levares a cabo as tuas observações, deita fora o saco com o respetivo conteúdo.

Resultados:

- Uma estrutura escura e peluda cresce sobre o pão.

Porquê?

-O bolor é um tipo de fungo;

-O bolor é capaz de crescer e reproduzir-se muito depressa;

-A água, o calor e a escuridão proporcionaram um ambiente adequado ao crescimento do bolor.

Os bolores são umas vezes úteis e outras vezes prejudiciais.

Algumas formas de bolor dão aos alimentos um cheiro e sabor desagradável.

Há alimentos cujo paladar, agradável, depende de bolores…

…Muitos queijos são bolorentos e sabem bem!

O bolor esverdeado que cresce no pão e nas laranjas é usado para o fabrico de um medicamento chamado penicilina.

XIII.VI: Atividade Experimental

Atividade Experimental

Os órgãos de reserva das plantas

Nome:_____**Grupo:**_____

Data:_____

Questão problema: Que tipos de nutrientes armazenarão as plantas?

Na aula de Ciências da Natureza, a turma do 6º A realizou quatro experiências, de acordo com a seguinte tabela.

Grupo	Gobelé	Papel absorvente	Almofariz	Água iodada	Conta-gotas	Batata	Arroz (água)	Noz	Amendoim
1	X			X	X		X		
2				X	X	X			
3		X	X					X	
4		X	X						X

1. **Antes da Experiência:**
   1.1 Levanta o material necessário para a realização da experiência, tendo em conta o teu grupo.

   1.2 Que tipo de nutriente pensas encontrar, no órgão de reserva, ao realizares a experiência?

   _____

2. **Experimentação:**

Procedimento

Grupo 1 – Com o conta - gotas, deita uma gota de água iodada na água de arroz.

Grupo 2- Com o conta- gotas, deita uma gota de água iodada na batata.

Grupo 3 – Forra o almofariz com o papel vegetal absorvente e esmaga o miolo de noz.

Grupo 4 - Forra o almofariz com o papel vegetal absorvente e esmaga os amendoins.

2.1 De acordo com a tua experiência, regista no quadro seguinte o que observaste:

3. Após a experiência:

3.1 Quais os nutrientes encontrados no órgão vegetal utilizado na experiência?

_____
_____
_____
_____

3.2 Qual será a utilidade do armazenamento destes nutrientes?

_____
_____
_____
_____
_____

XIII.VII :Ficha de Apoio

Ficha de Apoio

Nome:_____**Data:**_____

1- O QUE É A REPRODUÇÃO?

Completa o texto que se segue com os conceitos da lista.

A reprodução nos seres humanos diz-se _____, *uma vez que implica a existência de dois géneros:* _____ *e* _____.

Quando uma criança é muito pequena, apenas se detecta o seu sexo através dos _____ _____ *, que são os* _____ _____ .

No entanto, ao atingir a _____, *começam a surgir outras características que distinguem ambos os sexos, as quais se chamam* _____ _____ .

Na adolescência, ocorrem transformações físicas, _____ *e sociais.*

CONCEITOS

- Feminino
- Puberdade
- Carateres sexuais primários
- Masculino
- Carateres sexuais secundários
- Indivíduos
- Órgãos genitais
- Sexuada
- Psicológicas

2- QUE TRANSFORMAÇÕES OCORREM NO MEU CORPO?

Liga, com setas, as alterações ocorridas durante a puberdade, em cada um dos sexos.

• Alargamento dos ombros •

• Alteração da voz (fica mais grave) •

• Aparecimento de pelos púbicos e pelos nas axilas •

• Desenvolvimento dos músculos •

• Aparecimento de barba •

• Alargamento das ancas •

• Desenvolvimento das mamas •

• Produção e emissão de esperma •

• Aparecimento da menstruação •

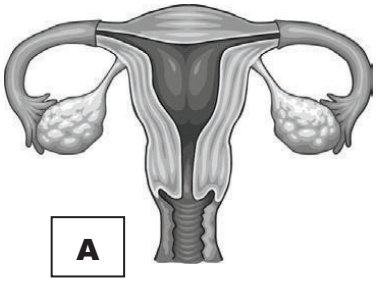
• Crescimento em altura •

• Crescimento de pelos por todo o corpo •

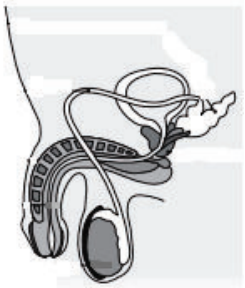
• Desenvolvimento dos órgãos genitais •

3. OS SISTEMAS REPRODUTORES MASCULINO E FEMININOS SÃO BASTANTE DISTINTOS.

Observa as figuras seguintes, com atenção.



A



B

Assinala com um X, na tabela que se segue, os órgãos que estão presentes no sistema reprodutor A e no sistema reprodutor B.

Órgãos	Vagina	Testículo	Trompa de Falópio	Útero	Próstata	Vesículas seminais	Ovários	Canais deferentes	Uretra
A									
B									

Ficha de Trabalho – *Formas e texturas de objetos*

Nome: _____ **Data:** _____

Área: Estudo do Meio

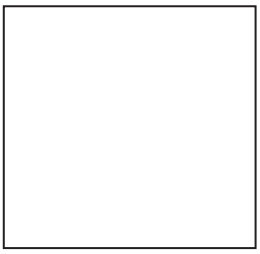
Ano: 1ºano

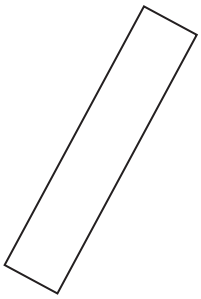
Ficha de trabalho realizada pela professora estagiária: Carla Carvalho

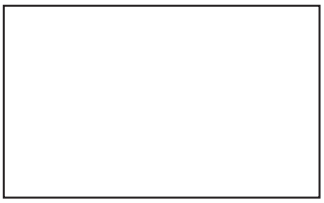
1. Pensa e desenha um objeto que seja:

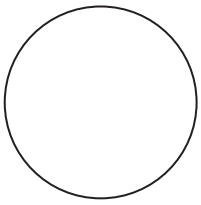
áspero	rugoso
macio	liso

2- Liga os objetos à respetiva forma









Anexo XIV: Atividades da Feira dos Minerais

FESTA DA PRIMAVERA - *OS MINERAIS*

- ATIVIDADES -

Ano de escolaridade: 5º e 6º anos

Número de alunos:

Data: 22 de março de 2012

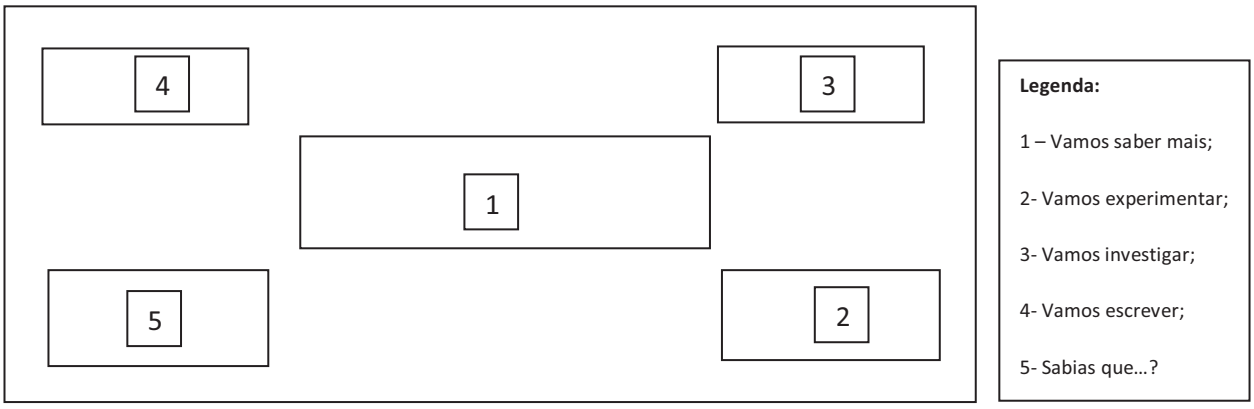
Finalidades:

-Desenvolver, de forma lúdica, conhecimentos de cultura geral alusivos aos minerais e rochas.

- Desenvolver competências interdisciplinares, do âmbito da Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza, em todas as atividades.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES:

Sala de EVT: Nesta sala, decorrerão as primeiras atividades propostas pelas estagiárias. Neste sentido e de forma a gerir os grupos e o espaço, a sala deverá estar organizada com a seguinte disposição espacial:



1- Vamos saber mais!

Descrição: Nesta primeira mesa estarão expostos os materiais essenciais para o desenvolvimento de todas as atividades, ou seja, funcionará como um alicerce interdisciplinar. Desta forma, estarão expostos algumas rochas, minerais, fichas informativas, um mapa

conceptual, mapas litológicos e livros. Com este manancial informativo, serão abordadas algumas considerações sobre os minerais e as rochas, para que todos os alunos tenham uma base de dados comum para conseguirem acompanhar as atividades que se realizarão durante esta manhã.

Objetivos:

- Reconhecer que o estudo das rochas informa o Homem sobre a evolução da terra;

- Distinguir rocha de mineral;

- Identificar algumas rochas e minerais;

-Interpretar dados fornecidos através de observação de paisagens (imagens), rochas e documentos;

- Identificar algumas aplicações de rochas;

- Compreender a sequência de fenómenos envolvidos no ciclo das rochas;

- Reconhecer a localização de diferentes formações litológicas a nível do país.

Recursos materiais:

- Enciclopédia;

- Rochas e minerais (alguns exemplos)

- Mapas;

- Fichas informativas;

Duração: 30/45 minutos (aproximadamente)

2. Vamos experimentar

Descrição: A segunda mesa será dedicada à realização de atividades experimentais. A primeira atividade experimental consistirá na observação macroscópica de rochas e minerais através de uma lupa eletrónica. A segunda atividade será a classificação de rochas através de chaves dicotómicas. Todos os grupos deverão realizar um protocolo experimental (com aproximação a de um relatório).

Identifica e localiza amostra de rochas/minerais:

1. Observa amostras de rochas e minerais que recolheste e investiga as propriedades de cada amostra, consultando o quadro (anexo);
   1.1 Regista as propriedades que observaste em cada amostra. Quanto:

   - Coerência; Estrutura; Dureza; Cheiro; Reação ao ácido; Cor; Textura:

2. Consulta, agora, a chave dicotómica que se segue, para saberes o nome de cada amostra. Não te esqueças de escreveres os números, que segues (anexo):
3. Localiza no mapa da figura, as regiões onde existe cada uma das amostras que identificaste.

Objetivos específicos:

- Observar minerais e rochas através da lupa eletrónica;

- Investigar propriedades de cada amostra;

- Registar as propriedades, resultante da observação e experimentação;

- Classificar as amostras, utilizando uma chave dicotómica;

- Localizar, num mapa, as regiões onde existe o tipo de amostra classificada;

- Realizar um relatório/protocolo experimental.

Recursos Materiais:

- Lupa eletrónica;

- Rochas e minerais;

- Chave dicotómica;

- Vinagre.

- Mapa.

DURAÇÃO: 45 minutos.

3. VAMOS INVESTIGAR

Descrição: A terceira mesa será dedicada à realização de contagens de rochas e minerais, tendo em conta o seu número ou características. Nesta atividade os alunos preencherão uma tabela de frequências (absolutas e relativas) para utilizarem posteriormente na sala de informática para a atividade de análise e tratamento de dados.

Objetivos específicos:

- Realizar contagens simples;

- Construir uma tabela de frequências;

- Calcular frequências absolutas e relativas;

- Preencher uma tabela de frequências.

Recursos materiais:

- Rochas e minerais;

- Material de escrita;

- Calculadora.

Duração: 45 minutos

4. VAMOS ESCREVER

Era uma vez…um mineral!

Descrição da atividade:

A estagiária deverá pedir aos elementos do grupo que observe a caixa com minerais que está em cima da mesa e que escolha e retire um. De seguida, a estagiária deverá propor uma atividade de escrita criativa, ou seja, através da observação do mineral, produzir um texto que responda à seguinte questão: "O que faria com o mineral x?"

Feito isto, a estagiária explicará a segunda atividade. Esta prende-se com o seguinte: os alunos terão à disposição um conjunto de folhas, as quais possuem informações sobre minerais, bem como imagens sobre os mesmos, sendo que a estagiária deverá propor que os alunos elaborem um cartaz com imagens, informações, esquemas acerca dos minerais. Para isso, deverão aplicar técnicas de recorte, colagem, assim como, utilizar diversos materiais de escrita (ex: marcadores, lápis, borracha, lápis de cor, etc.). Por fim, o grupo deverá apresentar aos colegas, o trabalho realizado e expô-lo na sala.

Objetivos específicos:

-Produzir um texto narrativo com base numa pergunta de partida;

-Elaborar um cartaz com informações sobre os minerais, respeitando as regras de elaboração deste tipo de técnica/modelo textual.

Recursos Materiais:

-Minerais;

-Cartolinas;

-Material de escrita (marcadores, lápis de cor, lápis de grafite, borracha);

-Cola e tesoura;

-Fichas informativas;

-Folhas brancas para os alunos escreverem o texto.

Tempo: 45 minutos(aproximadamente)

5. SABIAS QUE…

Descrição: A estagiária deverá explicar ao grupo de alunos que cada um terá de ler um conjunto de fichas informativas sobre a exploração de minerais, sendo que deverão estudá-las durante alguns minutos. Depois, cada aluno deverá lançar o dado e aquele a quem sair o maior número irá começar um jogo. Esse jogo prende-se com o seguinte: o aluno a quem saiu o número maior deverá escolher um dos vários cartões que se encontram espalhados em cima da mesa, os quais contêm perguntas. De seguida, um outro aluno (no sentido dos ponteiros do relógio) deverá retirar o cartão escolhido e fazer a pergunta ao aluno, sendo que deverá virar ao contrário uma ampulheta, pelo que quando esta estiver vazia o tempo de resposta termina. O aluno que leu a pergunta do cartão deverá confrontar a resposta do colega com a solução que se encontra no cartão. Se a resposta estiver errada esse aluno não poderá responder jogar novamente, pelo que outro aluno deverá jogar através do mesmo processo descrito inicialmente. As respostas certas deverão ser registadas numa tabela, sendo que o aluno que conseguir atingir mais rapidamente as 10 respostas certas ganha o jogo.

No segundo tempo, os alunos deverão resolver em conjunto o crucigrama relativo às características e designações das rochas. Para isso, os alunos poderão consultar as fichas informativas.

Objetivos específicos:

- responder a perguntas alusivas a conhecimentos de exploração humana de minerais.

Recursos materiais:

-Cartões com perguntas;

-Um dado;

-Um conjunto de fichas informativas para cada elemento do grupo.

-Uma folha de registo das respostas certas;

-Uma caneta.

-Fichas com crucigramas;

-Uma ampulheta.

Tempo:45 minutos (aproximadamente)

Perguntas:

-Para que é que o homem pré-histórico utilizava o sílex e outras variedades de quartzo?

R: Para a construção de armas (ex: pontas de seta e utensílios de corte).

-O que é um mineral?

R: Constituinte das rochas formado por uma única substância que mantém sempre as mesmas características, em condições idênticas.

-Qual a função de um mineiro?

R: Extrair os minerais das minas.

-O que é uma mina?

R: Local de exploração do jazigo mineral.

-Nas sociedades neolíticas, o que é que o homem utilizava como moeda de troca?

R: O homem usou gemas (minerais utilizados em joalharia e ourivesaria)

-No período da Pré-História, o Homem ainda não tinha desenvolvido a arte da escrita. Nesse tempo, para que é que utilizavam a hematite e óxidos de manganês?

R: Para pintar as paredes das cavernas onde habitava.

-O vidro dos óculos é feito de areia rica num mineral. Qual é?

R: Quartzo.

-Qual a substância que Portugal exportou, em grandes quantidades, para os países envolvidos na 2ª Guerra Mundial?

R: Volfrâmio.

-Qual o mineral utilizado no fabrico do bico do lápis?

R: A Grafite.

-Os Fenícios, os Gregos e os Cartagineses eram povos que se dedicavam ao comércio. Nos locais em que desembarcavam ou se fixavam estabeleciam contactos comerciais com os povos da região. Na Península Ibérica encontram metais. Quais?

R: Ouro, prata, cobre e estanho, necessários para as suas indústrias.

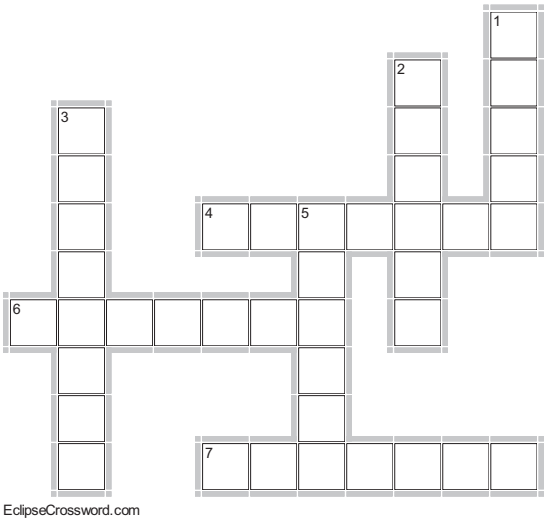
-Antigamente, nas escolas os alunos escreviam num quadro feito de uma rocha escura. Qual é?

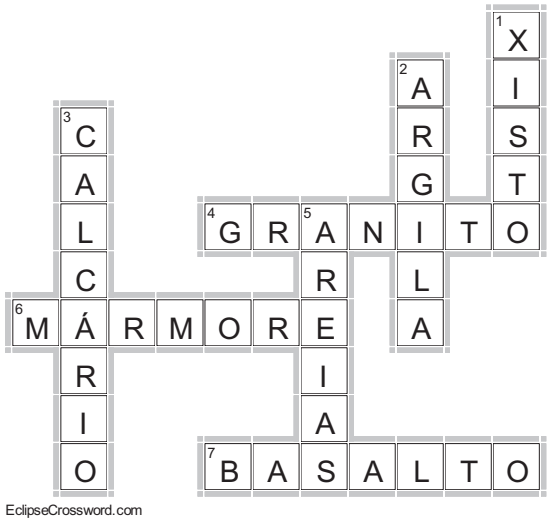
R: Ardósia.

-Qual o mineral natural mais duro que se conhece?

R: O diamante.

Crucigrama





Pistas:

1. Rocha de cor escura (cinzenta, verde ou castanha) e aspeto laminado. Não faz efervescência com os ácidos.

2. Rocha pouco dura, por vezes agregada. Risca-se com a unha. Quando bafejada cheira a barro. Adere à língua. Não faz efervescência com os ácidos.

3. Rocha pouco dura, de cor geralmente clara (pode também apresentar cor negra); faz efervescência com os ácidos.

4. Rocha dura, de cor variável (branco, rosado ou acinzentado) e com cristais bem visíveis; não faz efervescência com os ácidos.

5. Rocha constituída por pequenos grãos de minerais soltos.

6. Rocha de aspeto cristalino. Faz efervescência com os ácidos. Pode apresentar várias cores, do branco ao verde ou rosa.

7. Rocha muito dura, de cor geralmente negra e sem cristais bem visíveis; não faz efervescência com os ácidos.

SALA DE INFORMÁTICA: Nesta sala decorrerão atividades que necessitem a utilização dos computadores.

1- Vamos analisar

Descrição: Através dos dados recolhidos e calculados na tabela de frequências (calculo em Excel), os alunos terão que elaborar diferentes tipos de gráficos e proceder à respetiva análise e interpretação de dados, realizando uma composição matemática.

Objetivos específicos:

- Utilizar o software Excel;

- Analisar gráficos;

- Interpretar os dados obtidos;

- Realizar uma composição matemática.

Recursos materiais:

- Computadores;

Duração: 45 minutos.

2- Onde é que se encontram os minerais?

Descrição: Os alunos deverão abrir o werbsite http://www.arcgis.com/home/webmap/viewer.html?webmap=a5a37519b33c4203955d09343e932f6d que se encontra previamente no ambiente de trabalho do computador (os alunos deverão ficar dois a dois em cada computador), sendo que a estagiária deverá explicar brevemente como funciona o programa, para aqueles alunos que não conheçam bem para que serve e como funciona. Então, a estagiária deverá explicar que os alunos deverão localizar no mapa de Portugal, os locais onde os minerais e as rochas são mais dominantes, com base nas regiões do país selecionados pela estagiária. Os alunos deverão observar essas regiões, copiar imagens e respetivas legendas para um documento Word. Depois de realizada esta atividade, a estagiária pedirá aos alunos que localizem uma determinada zona do mapa, copiem essa imagem para o documento e a interpretem, sendo que de seguida proporá a elaboração de um pequeno texto onde descrevam o trajeto que têm de fazer a partir de um ponto de referência até chegar a um ponto de chegada. Para isso, os alunos têm que indicar direções, sentidos de deslocação, etc.

Rochas	Propriedades	Regiões onde abundam
Granito	Rocha dura, de cor variável (branco, rosado ou acinzentado) e com cristais bem visíveis; não	É muito abundante em todo o país, principalmente no Norte e no Centro.

	faz efervescência com os ácidos.	
Basalto 	Rocha muito dura, de cor geralmente negra e sem cristais bem visíveis; não faz efervescência com os ácidos.	Região de Lisboa (Amadora-Mafra), Madeira e Açores.
Cal 	Rocha pouco dura, de cor geralmente clara (pode também apresentar cor negra); faz efervescência com os ácidos.	Litoral da Estremadura e Algarve.
Areias 	Rocha constituída por pequenos grãos de minerais soltos.	Em quase todas as praias.
Argila 	Rocha pouco dura, por vezes agregada. Risca-se com a unha. Quando bafejada cheira a barro. Adere à língua. Não faz efervescência com os ácidos.	Em geral, abunda um pouco por todo o país.
Xisto		

	Rocha de cor escura (cinzenta, verde ou castanha) e aspeto laminado. Não faz efervescência com os ácidos.	Em muitos locais das regiões de Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo.
Mármore 	Rocha de aspeto cristalino. Faz efervescência com os ácidos. Pode apresentar várias cores, do branco ao verde ou rosa.	Trás-os-Montes (Vimioso), Alentejo (Estremoz, Vila Viçosa, Borba, Vieira do Alentejo).

Objetivos específicos:

- Manipulação e interpretação de mapas do ArcGIS http://www.arcgis.com/home/webmap/viewer.html?webmap=a5a37519b33c4203955d09343e932f6d.
- Localizar no mapa as regiões do país previamente indicadas;
- Interpretar mapas, explicando as orientações geográficas necessárias para atingir um determinado local.

Recursos:

- Werbsite ArcGIS;
- Computadores;

Tempo: 45 minutos (aproximadamente)

Anexo XV: Registo fotográfico das atividades relativas à feira dos Minerais

Exposição dos Minerais e respetiva informação

Minerais observados à lupa eletrónica

Anexo XV: Investigação " A utilização das TIC no 1.ºCEB"

Introdução

(…)

O tema do trabalho é a "Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no 1º ciclo do Ensino Básico". Ao longo deste trabalho, será abordada esta temática, aplicando as metodologias da investigação em Ciências Sociais.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte, dedicada à fundamentação teórica e definição da problemática da investigação, e a segunda parte, de cariz mais prático, será abordada a metodologia aplicada à investigação, assim como a análise dos respetivos resultados.

A escolha do tema surgiu pelo facto do centro de estágio que estou a frequentar, se encontrar apetrechado de instrumentos ligados às áreas das tecnologias, em todas as salas de aula. Em segundo lugar, pela utilização das TIC terem ganho importância nos últimos anos, ao serviço da Educação, assim como, a importância da formação dos professores nesta área, para que se aproveite totalmente as potencialidades das Novas Tecnologias, contribuindo, deste modo, para o aumento da qualidade na educação. Nas escolas, nomeadamente no centro de estágio, as TIC são um elemento constituinte do ambiente escolar, tendo como um dos objetivos o apoio para a aprendizagem de conteúdos e o desenvolvimento de capacidades das crianças. Do ponto de vista do professor, pode-se afirmar que são uma ferramenta essencial devido às possibilidades, alternativas e criativas, que estas fornecem. Assim, surgem várias questões como: Porque aparecem as novas tecnologias na educação? Quais são as suas vantagens? Basta ter uma escola equipada com computadores, para que os alunos usufruam das TIC? Qual o papel do professor? Como exercer uma verdadeira prática de inovação nas escolas?

Como tentativa de entendimento desta realidade, formulou-se uma pergunta de partida que irá ser desenvolvida ao longo deste trabalho, pretendendo igualmente compreender,

Como é que os professores, da instituição utilizam as TIC nas suas aulas?"

De acordo com António Nóvoa (2007), as TIC surgem como uma marca da contemporaneidade, que afeta a sociedade, mas é igualmente uma resposta às necessidades da mesma. O mesmo pensamento se atribui ao processo educativo, ou seja, as TIC são ferramentas utilizadas nas aulas, mas a maioria esquece-se dos desafios que estas colocam, tendo em conta o desenvolvimento de uma nova pedagogia. Assim, termos chave como motivação, escola ativa e autonomia dos alunos fazem todo o sentido neste panorama educativo que levaram à introdução das TIC nas salas de aula. No entanto, é necessário ter em conta que, a formação de profissionais tecnologicamente competentes e motivadores de aprendizagens, é mais importante do que uma escola equipada com as melhores tecnologias. Para tal, há que realizar esta integração, pensando numa nova organização das escolas, baseada principalmente em dois conceitos: a reflexão e compreensão que envolve processos de enorme complexidade, não dependendo apenas do professor, mas de toda a comunidade envolvente.

Em relação à bibliografia, o alicerce deste trabalho é a obra de Raymond Quivy e LucVan Campenhoudt que explica detalhadamente toda a metodologia que está por trás de um trabalho de investigação em Ciências Sociais. No que toca à fundamentação teórica sobre as tecnologias, tive em conta artigos e trabalhos já realizados em Portugal e que estudam precisamente este tema, como Fernando Albuquerque Costa, Helena Peralta, Sofia Viseu, João Pedro da Ponte, entre outros. Não esquecendo também todos os documentos emanados pelo Ministério da Educação relacionados com esta temática.

Para finalizar, gostaria de acrescentar que este trabalho ofereceu bastante prazer na sua realização, devido à sua pertinência e pela complexidade do tema e pela concretização de um trabalho seguindo esta metodologia de investigação. Confesso que apresentei algumas dificuldades, no entanto o trabalho final contribuiu para a compreensão do processo de investigação que è fundamental para a nossa área profissional. Espero que desta forma, que a leitura deste trabalho, seja clara e precisa e que demonstre e prove o objetivo deste trabalho.

1.1.1 TIC: Aspetos gerais

De acordo com Leal (2009), as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), são um conjunto de recursos tecnológicos que ao estarem integrados entre si, poderão proporcionar processos de comunicação existentes em diversas áreas, como por exemplo: educação, economia, politica, pesquisa científica, entre outros. Poderão ser

usadas igualmente para reunir, distribuir e compartilhar informações, como por exemplo na internet e equipamentos informáticos.

As TIC, surgiram no plano da revolução da informação, tendo se desenvolvido com mais intensidade a partir da segunda metade da década de 70 do século XX. Nos últimos anos, têm-se tornado numa realidade, presente no dia a dia de todos, pertencendo igualmente ao nosso vocabulário, como computador, internet, e-mail, etc.

Caracterizam-se pelo facto de através de um único meio eletrónico de comunicação, conseguirem suportar todo o tipo de informação, desde o mais tradicional (documentos) até aos contemporâneos (áudio, imagem e vídeo). Esta introdução, tem vindo a influenciar a sociedade e como tal, acaba por influenciar também a escola. Mas a ideia da introdução das TIC, na escola ainda continua errada. Pois os responsáveis das organizações e instituições, equipa as escolas com tecnologias, mas não produzem novos trabalhos, ou seja, o acesso à informação por si só não basta, é necessário ter um acesso de qualidade e utilização consciente. Desta forma, é necessário assegurar um corpo docente qualificado e competente nesta área das tecnologias da informação e comunicação, capaz de trabalhar a criatividade e a inovação, fundamental na sociedade de conhecimento dos nossos dias.

Nos dias de hoje, a utilização da informática, tem vindo a crescer, como área pedagógica. No entanto, a sua utilização, deve-se desenvolver de forma organizada e de forma que construa nos alunos um pensamento crítico, interesse e curiosidade, fundamentais para o desenvolvimento do seu conhecimento. Na educação, na utilização das TIC, é fundamental que quatro aspetos estejam articulados: O computador, o software educativo, o professor e o aluno. Neste sentido, esta interação, traz benefícios na formação dos alunos. Por outras palavras, o uso do computador (pelo professor), como instrumento pedagógico, pode tornar as aulas mais atrativas e enriquecedoras para os alunos. Porém convém realçar que o *sofware* deverá ser adequado e previamente escolhido para ir ao encontro dos objetivos da sessão, melhorando desta forma o ambiente de aprendizagem.

1.1.2 As TIC na escola

Segundo Ponte (2000), as " tecnologias constituem tanto um meio fundamental de acesso à informação (Internet, bases de dados) como um instrumento de transformação da informação e de produção de nova informação (seja ela expressa através de texto, imagem, som, dados, modelos matemáticos ou documentos multimédia e hipermédia) (…) constituem ainda um meio de comunicação a distância e uma ferramenta para o trabalho colaborativo (permitindo o envio de mensagens, documentos, vídeos e software entre quaisquer dois pontos do globo). Em vez de

dispensarem a interação social entre os seres humanos, estas tecnologias possibilitam o desenvolvimento de novas formas de interação, potenciando desse modo a construção de novas identidades pessoais". Desta forma pode-se afirmar que as TIC são um meio de comunicação e informação essencial para os dias de hoje, e tornar cidadãos competentes nesta área é fundamental.

Nas escolas, tal como foi salientado anteriormente, são um elemento fundamental no ambiente de aprendizagem, pois, além de apoiar na aprendizagem dos conteúdos, ajuda no desenvolvimento de enumeras capacidades, quer através de software educacional como ferramentas de uso corrente. A criação de espaços de interação é outra característica da integração das TIC nas escolas, permitindo um espaço de troca de trabalho entre o professor e o aluno.

Desta forma, o professor ao utilizar as TIC pode transformar o ensino tradicional, numa aprendizagem ativa, facilitando a troca e a valorização das potencialidades de cada aluno, tornando-se estes dois agentes (professor e aluno) parceiros na procura do saber, tendo o professor o papel de mediador e as TIC um facilitador entre o conhecimento e o aluno.

Contudo, para que o acesso das TIC entre na escola é necessário estimular o protagonismo dos professores como intervenientes fundamentais, e como tal, deverão ter uma formação de qualidade nesta área, para que a intervenção seja significativa nas aprendizagens dos alunos.

1.1.3Formação de professores em TIC

Antes de tecer considerações sobre a formação de professores, convém salientar as duas linhas centrais apontadas por Brito, Duarte e Baía (2007) sobre a formação de professores no âmbito das tecnologias. A primeira refere-se sobre a alfabetização informática, ou seja, o contacto básico dos professores com as ferramentas do Office e softwares multimédia. A segunda diz respeito à integração curricular das ferramentas tecnológicas nas áreas curriculares e nos espaços pedagógicos.

Em Portugal, com a definição do currículo básico em TIC, em 2002, com o Plano de Ação eLearnig, houve uma grande tendência para acentuar a dimensão mais tecnológica da formação de professores. Neste seguimento o Ministério da Educação, lançou ações de formação em 2002 sobretudo sobre a alfabetização informática, porém nestes últimos anos, o Ministério tem vindo a sobrevalorizar a segunda dimensão, explicitada anteriormente.

Caracterizando neste momento, a formação inicial de professores, recorreu-se a estudos levados a cabo pelo Ministério da Educação entre 1998 a 2003. No que diz

respeito aos equipamentos, os estudos revelaram que as instituições de encontram devidamente equipadas, o que mostra a importância das TIC na formação. No entanto, apontam que o rácio entre computadores/aluno é assimétrico. Relativamente ao plano de estudos, as disciplinas de TIC estão presentes nos cursos, no entanto o número de créditos é demasiado baixo, para uma disciplina que é importante. Uma conclusão que se poderá fazer é a vulgarização da utilização das TIC, sendo de difícil integração na formação inicial, acrescentando que os alunos demonstram competência nesta na elaboração de atividades escolares.

Ao nível da formação contínua, ou seja, à formação promovida pelos Centros de Formação de Associações de Escolas e nos Centros de Formação de associações profissionais e sindicais, o número de formandos tem vindo a aumentar. Por um lado os equipamentos e o serviço de formação tem vindo a melhorar, segundo estudos

realizados pelo Ministério da Educação, cerca de 95%. As principais formações, apontam para temas como “preocupação em explorar novas utilizações das TIC em contexto educativo” e “motivação para a utilização das TIC na escola” Assim, poderá se concluir que a importância dada a alfabetização informática, começa a desaparecer, tendo neste momento os professores mais interesse e preocupação na integração das tecnologias nas suas práticas. Relativamente ao impacto dos professores, estas formações normalmente são as que apresentam valores mais elevados.

1.2 PROBLEMÁTICA

De acordo, com a informação tecida anteriormente, conseguiu-se compreender que o papel das TIC nas escolas é fundamental, no entanto, depende da formação dos professores. O papel do professor e da escola tem-se vindo a alterar, e embora se saiba que a escola como “instituição” não irá desaparecer, poderá ser reformulada no que toca aos valores e dimensões trabalhadas.

Desta forma as TIC devem estar cada vez mais presentes na formação inicial dos professores, para que se consiga implementar uma pedagogia que promova uma abertura de conhecimentos e permanentemente com uma atitude crítica.

O fundamental é a integração das TIC, nas instituições educativas e nas atividades de ensino-aprendizagem, quer a nível disciplinar e transdisciplinar. Cabe à instituição dar material, apoio e formação para que os docentes consigam exercer boas práticas de integração das TIC.

Neste sentido, surge a minha investigação, sobre a utilização das TIC no 1º ciclo, de seguida será descrito o processo metodológico desenvolvido na investigação, para

que se consiga compreender a realidade das escolas, nomeadamente, numa escola privada com boas condições e equipamentos adequados, para que se possa exercer uma boa prática, nomeadamente com a inclusão das Tecnologias de Informação e comunicação nos planos de aula

PARTE II

METODOLOGIA

O presente estudo, pretende refletir a utilização das TIC no 1º Ciclo do Ensino Básico. O trabalho foi elaborado através da recolha de opiniões de diferentes envolvidos, no qual se utilizou um estudo de abordagem quantitativa.

O estudo surgiu da proposta de avaliação, apresentada pelo docente, desta unidade curricular, apresentando como objetivo a investigação sobre um tema ligado à educação. A temática do trabalho surgiu de um *brainstorming*, onde foi colocado todas as interrogações que tinha sobre alguns temas que poderiam ser investigados e estudados, entre os quais emergiu a utilização das novas tecnologias, pelo facto das escolas nos dias de hoje se encontrarem apetrechadas destas materiais e que por vezes não os utilizam corretamente, ou em alguns casos não as utilizam.

Devido a estas razões é que surgiu a pergunta de partida. *Como é que os professores, da instituição, utilizam as TIC nas suas aulas?"* para tentar compreender a utilização das TIC nas intervenções do1º ciclo, assim como as metodologias, estratégias e opiniões dos professores sobre esta temática.

Desta forma, o fio condutor do trabalho traçou-se, dando inicio às fases de exploração.

No que toca às entrevistas exploratórias, acrescento que não realizei nenhuma em concreto, no entanto, assisti a um seminário dinamizado por docentes da ESEPF sobre esse assunto.

Com a observação deste seminário pude compreender que as TIC, são um conjunto de ferramentas que promovem a aprendizagem, permitindo trabalhar três pilares: comunicação (diferentes meios de comunicação), partilha (wikis, plataformas escolares, e-learning, etc.) e socialização (facebook, Google +, etc.).

Numa escola de 1º ciclo, para uma correta a utilização das TIC, não basta estar equipada com computadores, nem o professor utilizar a sala de informática uma vez por semana. Este trabalho, requer que o professor tenha formação e procure adquirir competências para utilizar estas metodologias, que são por assim dizer consideradas, metodologias alternativas.

Existem diferentes formas de potencializar as aulas, com recursos às novas tecnologias, tornando-as mais atrativas e com vista a melhorar o ambiente de aprendizagem pois, tal como foi referido no ponto anterior, a escola deverá ir ao encontro da sociedade, logo é necessário que através de um processo construtivo, o professor utilize um conjunto de ferramentas para melhorar o seu dia a dia escolar. Desta forma, pode-se acrescentar que as TIC, são um meio facilitador de novas aprendizagens, contudo, apresenta pontos positivos e negativos, há que equilibra-los o que leva a grandes desafios, um deles é a integração nas áreas curriculares.

Neste seminário, fiquei elucidada da existência de um Decreto-lei 6/2001 que indica que as TIC devem estar em todas as áreas, ou seja, formação transversal e não só ligadas à informática, pois trabalham o espírito crítico dos alunos, ou seja, reflexão e não o mero aprender - fazer. Neste DL, vem igualmente mencionado a importância de formação de professores nas TIC, pois a falta de formação é uma realidade existente, assim como a falta de dinamismo de grupo, planos de aula e informação de dados.

O trabalho de leitura foi desenvolvido no mês de outubro e novembro. Em primeiro lugar, deu-se a leitura sobre a metodologia do trabalho de investigação, com o manual de investigação em ciências sociais de Raymond Quivy e LucVan Campenhoudt. De seguida, deu-se a procura de bibliografia sobre a pergunta de partida, que se orientou para as “TIC”, “utilização das TIC no 1º ciclo”, “formação de professores em TIC”, “vantagens e desvantagens das TIC”, “legislação do Ministério da Educação”.

As obras e artigos selecionados conseguiram mostrar que a utilização das TIC, revolucionaram a nossa sociedade. Tendo existido um enorme progresso com várias inovações neste campo, e isto revela-se na presença das TIC nas nossas atividades do quotidiano, nomeadamente na educação. Uma marca da sociedade contemporânea é a exigência constante de conhecimentos e o aumento da esperança média de vida, que leva a que exista uma crescente necessidade de valorização pessoal do desempenho profissional exigente e instável, com o resultado da criação de uma população extremamente competitiva no que toca à empregabilidade. Assim, defende-se que a utilização das TIC no 1º ciclo, permite várias possibilidades de acesso à formação e aprendizagem básica de competências.

Nas nossas escolas, o professor ainda ocupa o papel central no ritmo e aprendizagem dos alunos, o que contraria as tendências das novas pedagogias e da sociedade atual. As escolas apontam igualmente para uma mudança, no entanto os professores ainda mostram uma certa dificuldade na mudança de paradigma educacional.

Com estas leituras, consegui organizar a estrutura e o quadro teórico do projeto de investigação. Selecionando conteúdos fundamentais para a compreensão da temática em questão.

De seguida, deu-se a elaboração de um inquérito por questionário (anexo A), que foi aplicado aos professores do 1º ciclo, para tentar compreender as suas práticas no que toca à utilização das novas tecnologias. A amostra selecionada é constituída por todos os professores titulares de turma do 1º ciclo do Ensino Básico da Instituição. Este estudo deveu-se ao facto de me encontrar a estagiar neste centro de estágio, durante este semestre.

Como tal, utilizou-se para a recolha de informação, inquéritos por questionário, constituídos por 12 questões, sendo elaborado com uma linguagem adequada ao grupo a que se destina. Quanto ao respetivo tratamento de dados, estes foram avaliados com o programa Excel (folha de cálculo). Assim, os resultados do estudo irão ser demonstrados nos seguintes pontos: procedimento metodológico; Universo estudado e caracterização da amostra inquirida; resultados e conclusão de resultados.

2.1 Procedimento metodológico

A metodologia utilizada neste trabalho, teve em conta a resolução que se pretende para análise da pergunta de partida e da problemática em questão, sobre o modo que os professores do 1º ciclo, da Instituição, utilizam as TIC nas suas aulas.

Após a realização da pesquisa bibliográfica e construção do corpo teórico, passei a elaboração e distribuição de um inquérito por questionário (anexo A), de natureza quantitativa aos professores de 1º ciclo da Instituição (titulares de turma), distribuídos e recolhidos em Dezembro do corrente ano letivo. Com as respostas deste inquérito, consegui verificar a realidade e tentar responder às perguntas mais pertinentes do trabalho, qual a importância que os professores atribuem à utilização do computador pelos alunos no desenvolvimento de competências? Quais os principais problemas ou dificuldades que os professores sentem, na utilização das TIC durante as suas aulas?

Com o resultado dos dados, realizou-se o tratamento dos dados, permitindo desta forma a descrição da realidade observada sobre a utilização das TIC no 1º ciclo do Ensino Básico.

2.2 Universo estudado e caracterização do meio

O universo deste estudo é constituído pelos professores titulares de turma do meio em investigação. Esta instituição é um estabelecimento do ensino particular, que pertence ao agrupamento da Província Portuguesa das Franciscanas Missionárias da Nossa Senhora, situado na zona noroeste da cidade do Porto. Está inserido num meio urbano, cujas atividades económicas predominantes são a indústria, o comércio e os

serviços. Relativamente à habitação existem diversas tipologias habitacionais (desde habitação individual antiga até construções mais recentes). No que toca às acessibilidades, o centro encontra-se bem servido no que diz respeito a transportes públicos (autocarros, metro e camionetas). Os alunos que frequentam o colégio são, na maioria, provenientes de famílias com nível sócio - económico médio/alto. A instituição compreende dois níveis de ensino: Educação Pré-Escolar e o 1º ciclo do Ensino Básico. Inclui um internato que se destina, a meninas em situação de risco e apresenta estatuto próprio como Instituição Particular de Solidariedade Social. O centro não apresenta fins lucrativos, as despesas são asseguradas pelas famílias dos alunos, pois optam livremente ao seu acesso, no entanto, os pais podem candidatar-se e serem abrangidos pelos Contratos de Desenvolvimento/Contratos Simples da DREN.

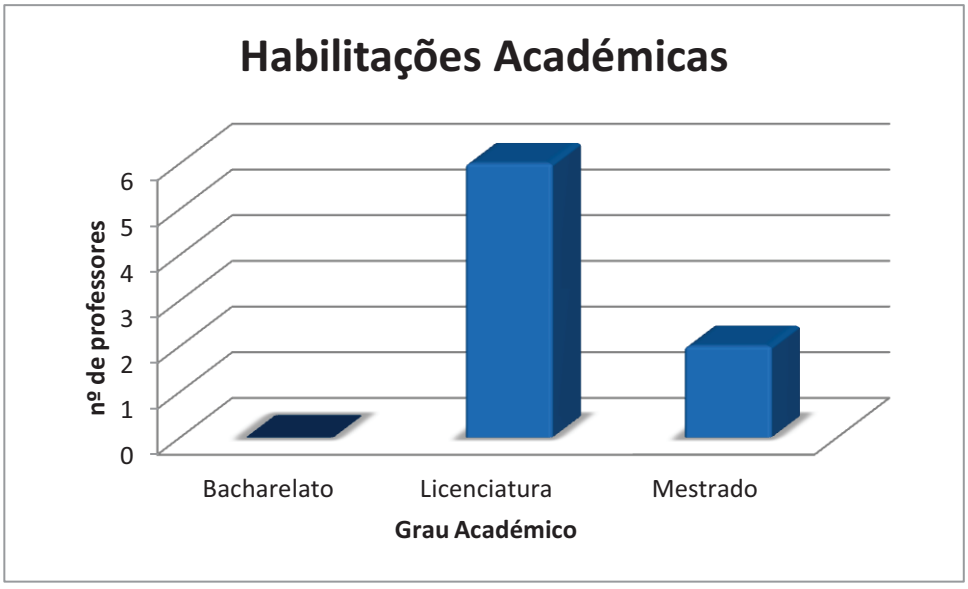
3- Análise de dados

A técnica de recolha de informação (inquérito por questionário) que foi aplicada aos professores, apresenta como objetivo compreender como é que os professores utilizam as TIC na sala de aula, no 1º ciclo do Ensino Básico. Foram aplicados oito inquéritos por questionário

1 Sexo e Idade

Os professores inquiridos são todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e 40 anos, tendo mais de 50% dos inquiridos entre 20-30 anos.

2 Habilitações académicas



Relativamente às habilitações académicas 75% dos inquiridos apresentam o grau de licenciado, enquanto 25% da amostra apresenta grau de mestre.

3 Cursos que frequentaram na área das TIC

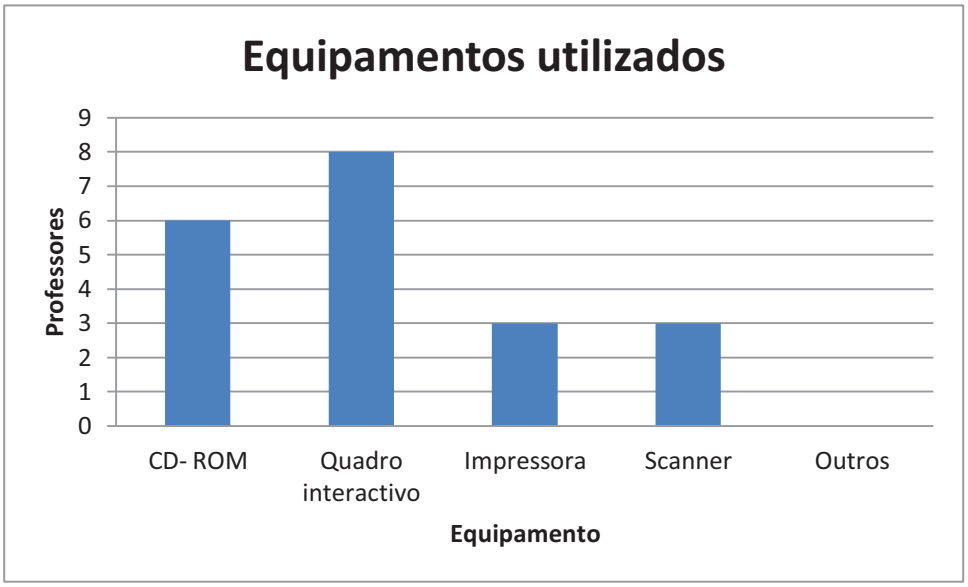
A maior parte dos professores frequentou um curso na área das TIC (62,5%). Apenas 25% dos inquiridos frequentou 2 cursos de formação, enquanto 12, 5% não frequentou nenhum curso.

4 Número de anos que utilizam o computador

Todos os inquiridos utilizam o computador nas aulas há mais de 5 anos.

5 Média de horas, por semana, que utilizam o computador com os alunos

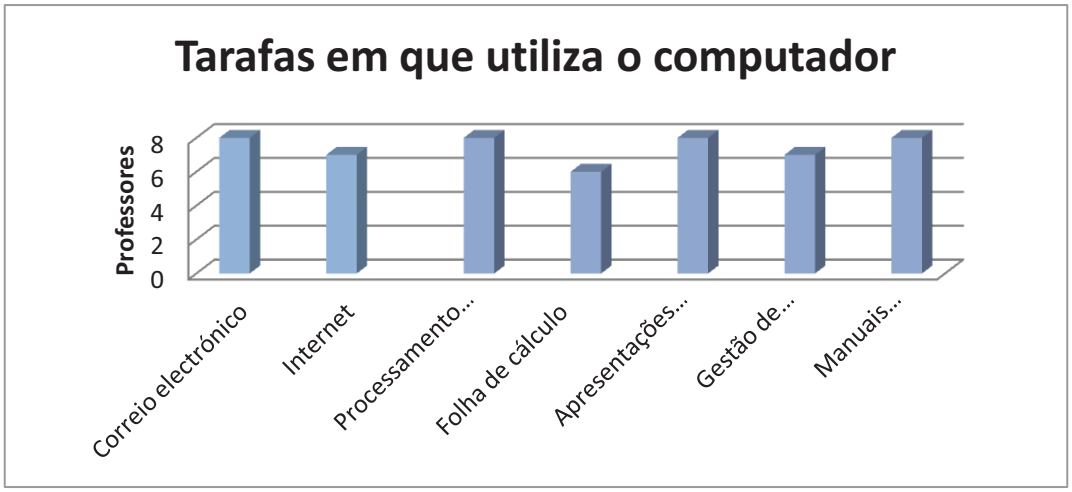
Sobre o número de horas semanais que os professores utilizam o computador nas suas aulas, 25% afirma utilizar apenas 1 hora semanal, enquanto 37, 5% utiliza entre 2 a 5 horas assim como mais de 5 horas.



6 Outros equipamentos, no âmbito das TIC, que utilizam para realizar as tarefa

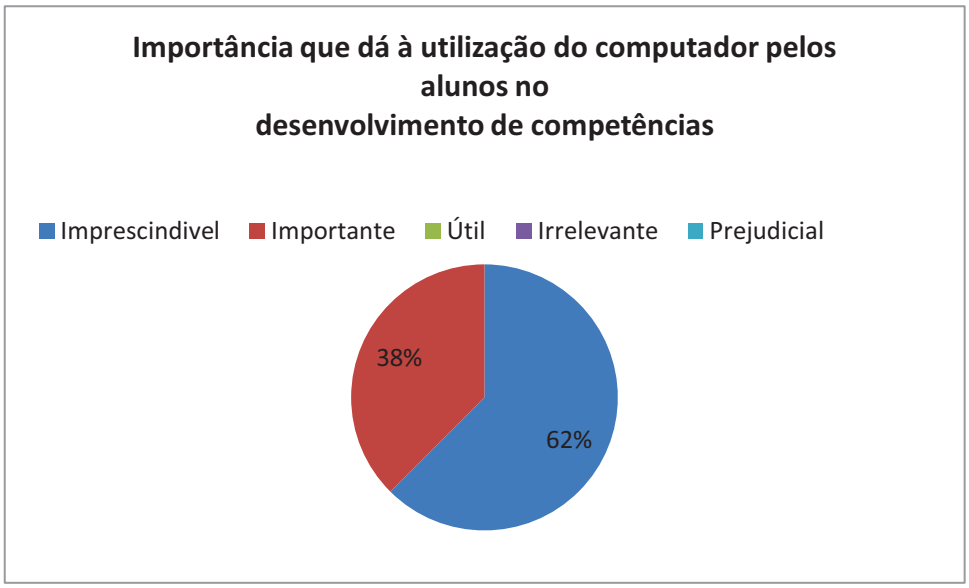
Nesta questão, a totalidade da população inquirida respondeu que utilizam o quadro interativo, de seguida encontra-se o CD- ROM (75%) e finalmente apenas com 37,5% a impressora e o scanner.

7 Principais tarefas, quando utiliza o computador



De acordo com o gráfico, os professores utilizam quase todas as atividades elencadas, no entanto, a pesquisa da internet, utilização de folha de cálculo e a gestão de projetos escolares, apresenta um menor número de utilização.

8 Importância que dá à utilização do computador pelos alunos no desenvolvimento de competências



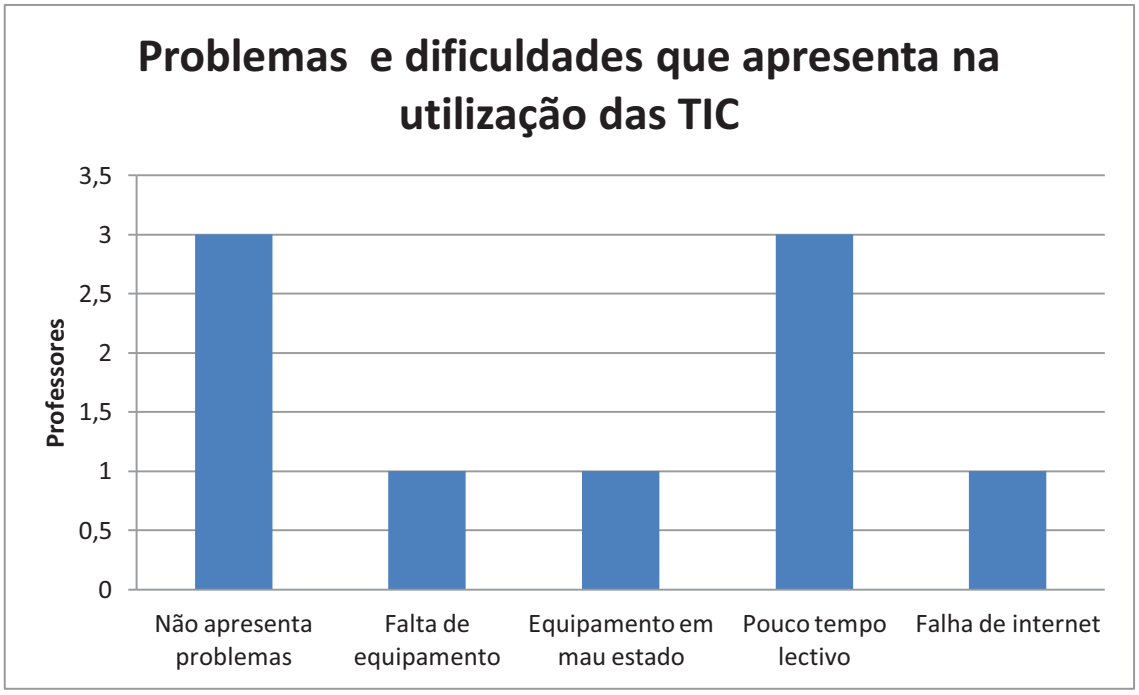
De acordo com os dados do gráfico, a maioria dos professores considera imprescindível, a utilização dos computadores pelos alunos, no que diz respeito ao

desenvolvimento de competências, enquanto 38% considera apenas importante a sua utilização.

9 Transdisciplinaridade das TIC e integração dos alunos com NEE

Todos os inquiridos concordam que as TIC podem potenciar a transdisciplinaridade, assim como podem ajudar a integração dos alunos com necessidades educativas especiais.

10 Dificuldades na utilização das TIC, durante a realização de trabalhos e projetos com os alunos



O maior problema apontado, pelos docente, é o pouco tempo letivo que existe para desenvolver competências, no entanto 37,5% dos inquiridos apontam que não apresenta problemas. Os restantes problemas, como a falta e mau estado do equipamento e falha de internet, afetam apenas 12,5% dos inquiridos.

2.3 Resultados

Com os dados retirados do inquérito, conseguiu-se retirar algumas conclusões, relacionadas com a utilização das TIC no 1º ciclo do Ensino Básico.

A primeira, consiste na faixa etária em que os professores se encontram, ou seja, de acordo com os dados, os professores apresentam uma idade em que trabalhar com as TIC oferece poucas dificuldades, assim como, apresentarem formação académica relacionada com as TIC, o que facilita o trabalho com as mesmas.

No que toca à utilização de computadores e outros equipamentos, verificou-se que os professores utilizam pelo menos 1 hora por semana os computadores assim como todos utilizam o quadro interativo. Esta utilização destes materiais, promove que as TIC, embora não sejam utilizadas como refere o ministério, podem potencializar e facilitar as aprendizagens das crianças.

Esta utilização das TIC, refletem a opinião que os professores apresentam relativamente a esta área, visto que todos consideram como importante e/ou imprescindível para a o desenvolvimento de competências nos alunos, assim como consideram que é um meio de transdiciplinaridade e promotor de possíveis integrações de crianças com NEE (necessidades educativas especiais).

Porém, existem alguns obstáculos e dificuldades indicados pelos professores. A maioria os problemas, são se origem externa desde o mau estado dos esquipamentos até à falha de rede na internet, no entanto existem professores que consideram que não existe tempo letivo suficiente para o desenvolvimento de competências relacionadas com as TIC nos alunos.

Para finalizar e realizando uma leitura geral sobre o panorama da investigação, pode-se concluir que os professores apresentam formação na área das TIC e acreditam nas potencialidades das mesmas, no entanto a escola não se encontra preparada para a integração total das novas tecnologias nas salas de aula, mesmo em escolas equipadas, como é o caso da Instituição.

CONCLUSÃO

Com a elaboração deste trabalho, consegui compreender e aplicar a metodologia de investigação ligada às ciências sociais, assim como vivenciar as dificuldades da realização de uma investigação nesta área, nomeadamente a educação.

Hoje em dia, as tecnologias têm vindo a ser cada vez mais incluídas na nossa sociedade e a educação não foge a esta tendência. Assim, e tendo a educação o importante papel que apresenta na formação de cidadãos activos, logo, tecnologicamente competentes, o professor apresenta um novo papel neste novo paradigma educacional. Desta forma, caso não apresente formação suficiente, deve procurá-la para que consiga transmitir e realizar uma prática significativa para que os alunos desenvolvam competências essenciais. Assim, o professor deverá apresentar um papel motivador, e impulsionador no processo de ensino aprendizagem. Contudo, as TIC ainda são vistas como uma ameaça para o professor, encarando-as como substitutos do docente, o que é uma ideia errada, pois o papel do professor é fundamental e imprescindível.

Com a aplicação e análise dos inquéritos por questionário, consegui verificar que os professores utilizam as TIC (principalmente o computador), considerando-as importantes no que diz respeito às aprendizagens dos alunos. Porém, e, tal como foi referido anteriormente, existem sempre limitações que impossibilitam a implementação desejada por parte dos professores e pelo Ministério da Educação.
Para finalizar considero que a realização deste trabalho foi importante, e útil no que diz respeito ao desenvolvimento de competências na área da investigação, que é fundamental na nossa futura profissão, como docente.

BIBLIOGRAFIA:

COSTA, Fernando Albuquerque; PERALTA, Helena; VISEU, Sofia (org.), (2007), *As TIC na Educação em Portugal – Concepções práticas*, Porto Editora, Porto.
Decreto-lei 6/2001

LEAL, Vitor (2009), *As TIC como actividade de enriquecimento curricular no 1º ciclo do ensino básico – projecto de investigação*, ESEPF, Porto
ME (2001), *As tecnologias de informação e comunicação nas escolas: condições de equipamento e utilização*, Editorial do Ministério da Educação, Lisboa.
PONTE, Joao Pedro da (2000), *As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores*, Universidade de Lisboa, Lisboa
QUIVY, Raymond;CAMPENHOUDT, LucVan (1995), *Manual de Investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa
SANCHO, Juana M, (1998), *Para uma tecnologia educacional*, Artmed, Porto Alegre

Anexo XVII: Grelhas de Avaliação

XVII.I: Grelhas de Autoavaliação

Instituição B		
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II - LÍNGUA PORTUGUESA		
ESTUDANTE	CARLA ALEXANDRA TEIXEIRA CARVALHO	
Elisabete Alcobia		PROF. COOPERANTE
SUPERVISOR ESEPF	ANA GOMES	

O período de Intervenção Educativa é determinante na formação dos estudantes, enquanto experiência de uma descoberta continuada de competências básicas à sua profissionalização, ao nível do grupo, instituição e comunidade. Neste sentido, a Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti solicita a sua apreciação do desempenho do(a) estudante, dando atenção às exigências contidas nos resultados de aprendizagem e às competências definidas para este estágio.
A partir dos resultados de aprendizagem aqui apresentados, por favor avalie em que medida estas competências foram sendo desenvolvidas pelo estudante, fazendo um comentário fundamentado sobre os aspetos propostos, classificando, qualitativamente e quantitativamente, cada uma delas.

Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom	Excelente
0-9	10-13	14-16	17-18	19-20

Competências transversais:

- Ética e valores / Comunicação / Pensamento crítico

Competências específicas:

1. Carateriza o estabelecimento de ensino do 2º Ciclo através da análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão e atua em conformidade
2. Aplica de forma integrada os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa
3. Domina métodos e técnicas relacionadas e adequadas ao processo de ensino/aprendizagem
4. Planifica, concretiza e avalia a intervenção educativa.
5. Recorre a metodologias de investigação em educação para compreender e analisar práticas educativas;
6. Reconhece a necessidade da continuidade pedagógica entre o 1º e o 2º Ciclo do EB;
7. Compara o contexto do 1º Ciclo do EB e o contexto do 2º ciclo do EB, refletindo sobre as semelhanças e diferenças de uma intervenção educativa adequada.

Apreciação do desempenho do estagiário relativamente às seguintes competências:

1. **Carateriza o estabelecimento de ensino do 2º Ciclo através da análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão e atua em conformidade**
    a. Atua respeitando os ideários e valores da instituição colaborando de forma efetiva na dinâmica institucional.
    b. Colabora em iniciativas no contexto local e comunitário

No início do estágio, tive em conta a leitura do Projeto Educativo do Externato, para que, todas as minhas atividades respeitassem os valores da mesma. Embora os conteúdos das aulas de Língua Portuguesa nunca pusessem em causa os ideários da instituição, tive sempre em conta a minha postura como "representante" da mesma. No que toca às iniciativas do contexto comunitário e local, participamos no projeto da Feira dos Minerais.

Classificação	Qualitativa	Quantitativa
	Muito Bom	17

2. **Aplica de forma integrada os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa.**
    a. Intervém numa perspectiva curricular, tendo em conta uma pedagogia diferenciada, gerindo recursos e organizando o ambiente educativo de acordo com os princípios da aprendizagem activa e participativa.
    b. Utiliza estratégias pedagógicas que promovam o sucesso escolar

Neste ponto, penso que utilizei diversos materiais e estratégias na minha intervenção educativa. Utilizei meios multimédia, música, acetatos e fichas informativas. Embora os resultados, nem sempre fossem como esperava, tentei sempre promover aprendizagens ativas e participativas dos alunos. Tive sempre em conta as aprendizagens passadas para colmatar as lacunas nas aulas seguintes.

Classificação	Qualitativa	Quantitativa
	Bom	16

3. **Domina métodos e técnicas relacionadas e adequadas ao processo de ensino/aprendizagem.**
    a. Desenvolve experiências pedagógicas que promovam aprendizagens activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam o direito ao sucesso escolar de cada aluno

Durante todas as aulas de estágio, tirando as aulas de correção do teste, tentei fazer sempre alguma atividade diferente, como tentativa de realizar aprendizagens significativas para os alunos. Experimentei trabalhos em grupo, trabalhos em pares e trabalhos individuais. Utilizei diversos materiais na tentativa de promover atividades ativas. Contudo, tenho noção que tenho ainda muito que aprender nesta área, pois apresenta uma dinâmica completamente distinta das outras disciplinas, para que garanta o sucesso dos alunos, porém tenho consciência que dei o meu melhore que com a prática esta insegurança acabe por desaparecer.

Classificação	Qualitativa	Quantitativa
	Bom	15

4. Planifica, concretiza e avalia a intervenção educativa.

a. Planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível
b. Age como intencionalidade
c. Reflete de forma a adequar e reformular a acção educativa

Quanto à planificação, considero que planifiquei corretamente as aulas, inicialmente realizava planificações mais detalhadas, mas ao longo do tempo senti a necessidade em tornar, mais objetivo o plano de aula. Porém, senti mesmo a flexibilidade de uma planificação, pois embora tivesse pensado em estratégias na sala de aula senti quase sempre necessidade de adaptar e reformular algum aspeto. No entanto, agi sempre intencionalmente de forma a cumprir o objetivo geral proposto para a aula em questão, refletindo sempre de modo a ultrapassar as lacunas para não aplicar nas aulas seguintes

Classificação	Qualitativa	Quantitativa
	Bom	15

5. Recorre a metodologias de investigação em educação para compreender e analisar práticas educativas.

a. Utiliza técnicas e instrumentos de observação, registo, documentação e avaliação do processo de ensino/aprendizagem
b. Reflete e expressa as dimensões do desenvolvimento pessoal e profissional, implicados na referida análise.

Classificação	Qualitativa	Quantitativa
	Muito Bom	17

Relativamente às metodologias de investigação em educação, recorri, nas aulas observadas, às notas de campo, preenchimento de grelhas e *checklist,* assim como registos individuais de alguns alunos. Na intervenção recorri mais à observação, e registos de alguns incidentes como forma de avaliação dos alunos. Todos estes registos contribuíram para compreender melhor a turma em questão e para adaptar a minha intervenção às necessidades da mesma.

Refira, por favor, as competências que o estudante pode melhorar tendo em vista o perfil desejável de profissional da educação do 2º ciclo do Ensino Básico:

- Envolvimento com a comunidade educativa (organização de eventos, visitas de estudo, etc.);
- Atender às necessidades individuais de todos os alunos da turma;
- Promover mais atividades significativas, ativas.
- Integrar os conteúdos da aula e do programa de forma mais sistemática.

3º Semestre: Classificação do Orientador Cooperante (40%) – média aritmética simples

	ASSINATURA	06/06 /2012
ESTUDANTE	Carla Carvalho	

XVII.II: Grelha de Heteroavaliação

Em cada um dos itens abaixo proposto, assinale com uma cruz na coluna adequada, de acordo com os seguintes critérios:

- 1 e 2 são níveis negativos – a aplicar quando o aluno revela ausência ou dificuldades;
- 3,4 e 5 são níveis positivos e gradativos;
- N0 , não observado

Planificação / Preparação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	N0
Planifica corretamente e com adequação ao contexto				X		
Apresenta objetivos exequíveis e de acordo com o programa					X	
Propõe tarefas bem estruturadas e adequadas aos alunos				X		
Revela correção científica na formalização do plano					X	
Revela correção ortográfica na formalização do plano						X
Propõe estratégias de avaliação adequadas				X		
Planifica atividades de diagnóstico						X
Corrige os erros cometidos/apontados em planificações anteriores						X

Desenvolvimento / Concretização / Implementação	1	2	3	4	5	N0
Clarifica com os alunos os objetivos a atingir				X		
Cria um clima de aula positivo, de organização, liberdade, responsabilidade e cooperação					X	
Utiliza adequadamente o espaço e o material didáctico				X		
Revela originalidade e diversifica os meios auxiliares de ensino na elaboração de estratégias				X		
Revela capacidade de adaptação a situações imprevistas ainda que tal possa inviabilizar o cumprimento do plano						X
Realiza corretamente a programação estabelecida					X	
Constrói o ensino com base nos conhecimentos prévios dos alunos				X		
Formula questões que desenvolvem o pensamento a diferentes níveis cognitivos						X
Formula questões diversificando os respondentes			X			
Domina a pronúncia da língua em uso				X		
Adequa a linguagem ao nível dos alunos				X		
Utiliza uma entoação de voz adequada				X		
Proporciona uma comunicação interativa					X	
Utiliza gestos, expressões faciais, olhares e posição corporal ajustada				X		
Demonstra controlo e segurança				X		
Estimula os alunos no sentido de melhorar o seu empenhamento						X
Utiliza técnicas e/ou instrumentos de avaliação adequadas(os)						X
Utiliza corretamente os conhecimentos científicos					X	
Dá tempo aos alunos para pensar						X
Explora corretamente as situações de erro						X
Aproveita as intervenções dos alunos e dá-lhes *feedback* adequado				X		
Planifica estratégias que promovam a mudança concetual						X
Revela progressos em relação à(s) aula(s) anterior(s)						X

Avaliação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	N0
Faz uma autocrítica consciente e adequada à aula tendo a noção exata do que não corresponde às expectativas e porquê						
Revela abertura de espírito, aceitando outros pontos de vista						
Utiliza argumentos corretos com calma e ponderação						
Perspectiva soluções para obviar as suas falhas						
Melhora, em aulas posteriores, a maioria dos erros apontados						

(A preencher aquando da visita do professor orientador)		1	2	3	4	5	N0
TOTAL(AIS)	PARCIAIS				0		
	TOTAIS						

O(A) Aluno(a):_____

O(A) Professor(a) Supervisor(a): Carla Carvalho

2011/2012

XVII.II: Grelha de Avaliação dos Supervisores e Professores Cooperantes

BÁSICA

MESTRADO EM ENSINO DO 1º E 2º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II

DISCIPLINA		**CICLO**	2º CICLO
ESCOLA		**LOCALIDADE**	
ESTUDANTE		**DATA AULA**	/ / 2012

Em cada um dos itens abaixo proposto, assinale com uma cruz na coluna adequada, de acordo com os seguintes critérios:
- 1 e 2 são níveis negativos – a aplicar quando o aluno revela ausência ou dificuldades;
- 3,4 e 5 são níveis positivos e gradativos;
- N0 , não observado

Planificação / Preparação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	N0
Planifica correctamente e com adequação ao contexto						
Apresenta objectivos exequíveis e de acordo com o programa						
Propõe tarefas bem estruturadas e adequadas aos alunos						
Revela correcção científica na formalização do plano						
Revela correcção ortográfica na formalização do plano						
Propõe estratégias de avaliação adequadas						
Planifica actividades de diagnóstico						
Corrige os erros cometidos/apontados em planificações anteriores						

Desenvolvimento / Concretização / Implementação	1	2	3	4	5	N0
Clarifica com os alunos os objectivos a atingir						
Cria um clima de aula positivo, de organização, liberdade, responsabilidade e cooperação						
Utiliza adequadamente o espaço e o material didáctico						
Revela originalidade e diversifica os meios auxiliares de ensino na elaboração de estratégias						
Revela capacidade de adaptação a situações imprevistas ainda que tal possa inviabilizar o cumprimento do plano						
Realiza correctamente a programação estabelecida						
Constrói o ensino com base nos conhecimentos prévios dos alunos						
Formula questões que desenvolvem o pensamento a diferentes níveis cognitivos						
Formula questões diversificando os respondentes						
Domina a pronúncia da língua em uso						
Adequa a linguagem ao nível dos alunos						
Utiliza uma entoação de voz adequada						
Proporciona uma comunicação interactiva						
Utiliza gestos, expressões faciais, olhares e posição corporal ajustada						
Demonstra controlo e segurança						
Estimula os alunos no sentido de melhorar o seu empenhamento						
Utiliza técnicas e/ou instrumentos de avaliação adequadas(os)						
Utiliza correctamente os conhecimentos científicos						
Dá tempo aos alunos para pensar						
Explora correctamente as situações de erro						
Aproveita as intervenções dos alunos e dá-lhes *feedback* adequado						
Planifica estratégias que promovam a mudança conceptual						
Revela progressos em relação à(s) aula(s) anterior(s)						

Avaliação da(s) aula(s)	1	2	3	4	5	N0
Faz uma autocrítica consciente e adequada à aula tendo a noção exacta do que não corresponde às expectativas e porquê						
Revela abertura de espírito, aceitando outros pontos de vista						
Utiliza argumentos correctos com calma e ponderação						
Perspectiva soluções para obviar as suas falhas						
Melhora, em aulas posteriores, a maioria dos erros apontados						

(A preencher aquando da visita do professor orientador)		1	2	3	4	5	N0
TOTAL(AIS)	PARCIAIS						
	TOTAIS						

O(A) Estudante (a):_____

O(A) Supervisor (a):_____

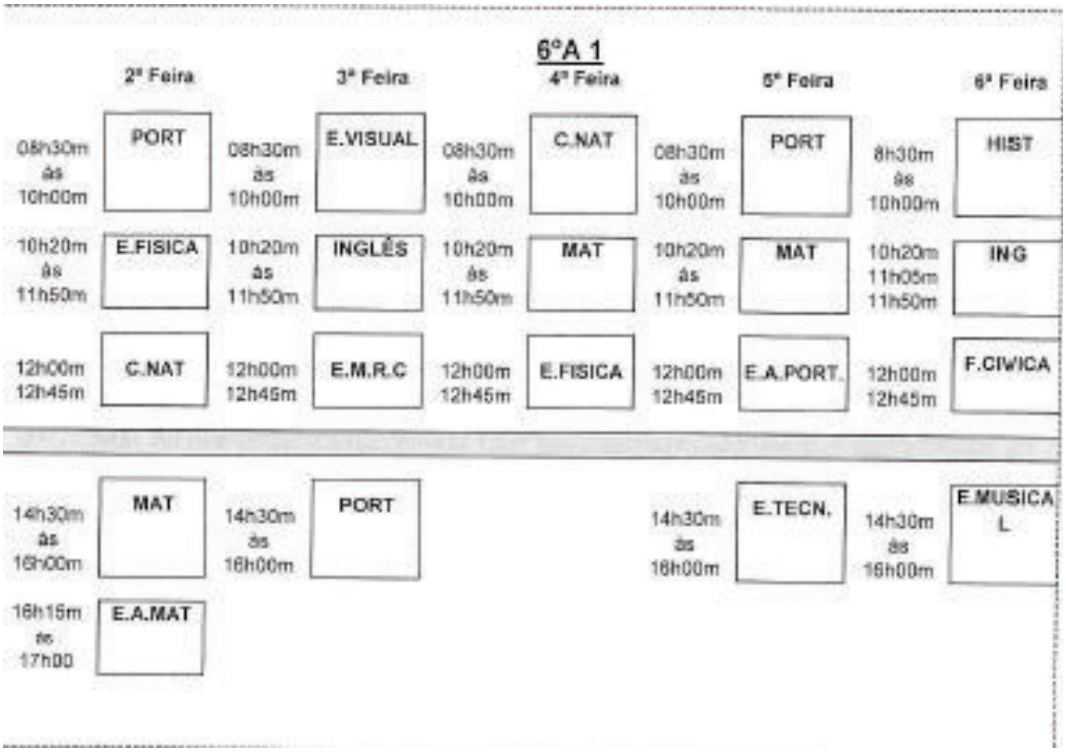
2011/2012

Anexo XVIII: Horários

XVIII.I: Horário da turma do 1.ºCEB

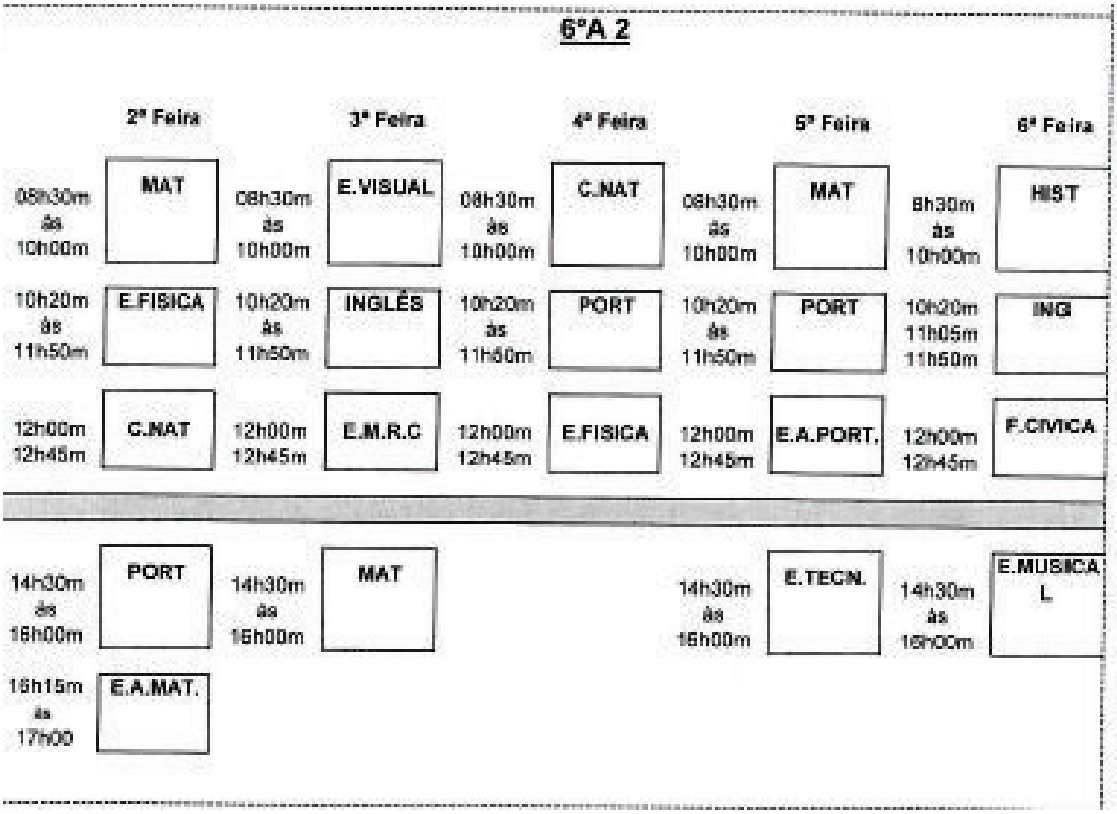
<table>
<tr><th colspan="6">Horário - 1º Ano - Turma B</th></tr>
<tr><th></th><th>Segunda-Feira</th><th>Terça-Feira</th><th>Quarta-Feira</th><th>Quinta-Feira</th><th>Sexta-Feira</th></tr>
<tr><td>08:30-09:15</td><td rowspan="2">Língua Portuguesa</td><td rowspan="3">Matemática</td><td rowspan="2">Língua Portuguesa</td><td rowspan="3">Língua Portuguesa</td><td rowspan="3">Matemática</td></tr>
<tr><td>09:15-10:00</td></tr>
<tr><td>10:00-10:30</td><td>Matemática</td><td>Matemática</td></tr>
<tr><td>10:30-10:45</td><td colspan="5">Intervalo</td></tr>
<tr><td>10:50-11:00</td><td rowspan="4">Matemática</td><td rowspan="4">Língua Portuguesa</td><td>EMRC</td><td rowspan="4">Língua Portuguesa</td><td>Matemática (10H45/11H15)</td></tr>
<tr><td>11:00-11:30</td><td rowspan="2">Exp. e Ed. Físico-Motora</td><td rowspan="3">Exp. e Ed. Musical (11H15/12H15)</td></tr>
<tr><td>11:30-12:00</td></tr>
<tr><td>12:00-12:15</td><td>EMRC</td></tr>
<tr><td>12:15-14:00</td><td colspan="5">Almoço</td></tr>
<tr><td>14:00-14:45</td><td rowspan="2">EM</td><td rowspan="2">EM</td><td>EMRC (até às 14h30)</td><td rowspan="2">EM</td><td rowspan="2">Inglês (1h)</td></tr>
<tr><td>14:45-15:15</td><td>EM (até às 15h)</td></tr>
<tr><td>15:15-16:00</td><td>Form. Cívica</td><td>Estudo Acomp.</td><td>Exp. Dram.</td><td>Informática</td><td>Exp. Plást. (1h)</td></tr>
</table>

XVIII.II:Horário da turma do 2.ºCEB



6ºA 1

	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
08h30m às 10h00m	PORT	E.VISUAL	C.NAT	PORT	HIST
10h20m às 11h50m	E.FISICA	INGLÊS	MAT	MAT	ING
12h00m 12h45m	C.NAT	E.M.R.C	E.FISICA	E.A.PORT.	F.CIVICA
14h30m às 16h00m	MAT	PORT		E.TECN.	E.MUSICAL
16h15m às 17h00	E.A.MAT				



6ºA 2

	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
08h30m às 10h00m	MAT	E.VISUAL	C.NAT	MAT	HIST
10h20m às 11h50m	E.FISICA	INGLÊS	PORT	PORT	ING
12h00m 12h45m	C.NAT	E.M.R.C	E.FISICA	E.A.PORT.	F.CIVICA
14h30m às 16h00m	PORT	MAT		E.TECN.	E.MUSICAL
16h15m às 17h00	E.A.MAT.				

XVIII.III: Horário de Intervenção Pedagógica relativa ao 2.º CEB

3ª SEMANA - 4ª SEMANA															
TEMPOS	SEGUNDA			TERÇA			QUARTA			QUINTA			SEXTA		
	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.
8:30 - 9:15							CIÊNCIAS N.			PORT. 6A 1			HISTÓRIA		
9:15 - 10:00							CIÊNCIAS N.			MAT. 6A 2			HISTÓRIA		
10:20 - 11:05										PORT. 6A 2					
11:05 - 11:50										MAT. 6A 1					
12:00 - 12:45															

27 de Fevereiro - 9 de Março

5ª SEMANA - 10ª SEMANA															
TEMPOS	SEGUNDA			TERÇA			QUARTA			QUINTA			SEXTA		
	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.
8:30 - 9:15										PORT. 6A 1					
9:15 - 10:00										MAT. 6A 2			HISTÓRIA		
10:20 - 11:05										PORT. 6A 2					
11:05 - 11:50										MAT. 6A 1					
12:00 - 12:45	CIÊNCIAS N.														

12 de Março - 18 de Maio

11ª SEMANA - 12ª SEMANA															
TEMPOS	SEGUNDA			TERÇA			QUARTA			QUINTA			SEXTA		
	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.	DISCIPLINA	SALA	SUP.
8:30 - 9:15															
9:15 - 10:00													HISTÓRIA		
10:20 - 11:05															
11:05 - 11:50															
12:00 - 12:45	CIÊNCIAS N.														

21 de Maio - 01 de Junho